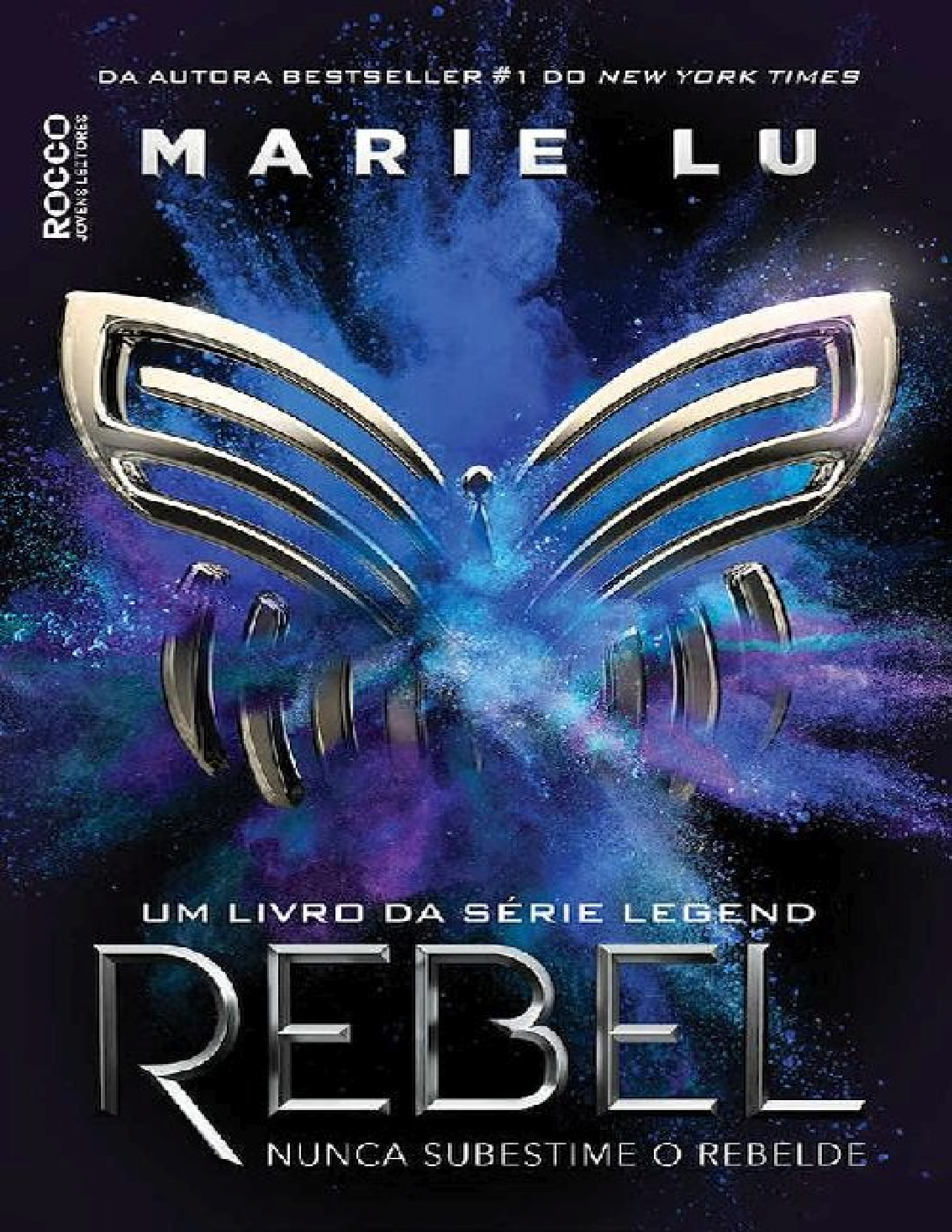
DA AUTORA BESTSELLER #1 DO *NEW YORK TIMES*

ROCCO
JOVENS LEITORES

MARIE LU



UM LIVRO DA SÉRIE LEGEND

REBEL

NUNCA SUBESTIME O REBELDE

UM LIVRO DA SÉRIE LEGEND

REBEL

NUNCA SUBESTIME O REBELDE

MARIE LU

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI

ROCCO
JOVENS LEITORES

A todos que estão trilhando seus próprios caminhos e aos que possibilitam isso aos outros

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Epígrafe

Ross City, Antártida

Capítulo 1: Éden

Capítulo 2: Daniel

Capítulo 3: Éden

Capítulo 4: Daniel

Capítulo 5: Éden

Capítulo 6: Daniel

Capítulo 7: Éden

Capítulo 8: Daniel

Capítulo 9: Éden

Capítulo 10: Daniel

Capítulo 11: Éden

Capítulo 12: Daniel

Capítulo 13: Éden

Capítulo 14: Daniel

Capítulo 15: Éden

Capítulo 16: Daniel

Capítulo 17: Éden

Capítulo 18: Daniel

Capítulo 19: Éden

Capítulo 20: Daniel

Capítulo 21: Éden

Capítulo 22: Daniel

Capítulo 23: Éden

Capítulo 24: Daniel

Capítulo 25: Éden

Capítulo 26: Daniel

Capítulo 27: Éden

Capítulo 28: Daniel

Los Angeles, República da América

Capítulo 29: Éden

Capítulo 30: Daniel

Capítulo 31: Éden

Capítulo 32: Daniel

Capítulo 33: Éden

Capítulo 34: Daniel

Capítulo 35: Éden

Capítulo 36: Daniel

Capítulo 37: Éden

Capítulo 38: Daniel

Capítulo 39: Éden

Capítulo 40: Daniel

Capítulo 41: Éden

Capítulo 42: Daniel

Capítulo 43: Éden

Capítulo 44: Daniel

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Leia também

Que nunca esqueçamos a dor que nossos ancestrais sofreram e ainda sofrem por todo o mundo. Que nunca esqueçamos a luta entre a tirania global e a democracia que nos levou a fundar esta nação livre da Antártida, onde todas as pessoas têm a chance de crescer do nada e onde a tecnologia, não o ego e o erro humano, governa o sucesso que você pode ter. Nosso sistema de Níveis pode parecer um jogo, mas é bem mais justo do que isso. É uma ferramenta usada para ajudar cada um a viver a vida que merece. E vai se tornar o motivo para a Antártida ser a maior nação da Terra.

ESTADO DA UNIÃO

NAÇÃO DA ANTÁRTIDA
2050 d.C.

ROSS CITY

ANTÁRTIDA
2142 d.C.

ÉDEN

SE ME PEDISSEM PARA FALAR SOBRE MIM, A PRIMEIRA COISA QUE EU DIRIA É QUE gosto de entender como as coisas funcionam.

Sempre gostei. Sou curioso desde pequeno: abro dispositivos velhos e espalho as peças internas de um rádio quebrado, de um relógio ou de uma torradeira, sentindo prazer no quebra-cabeça de fazer uma coisa nova a partir de uma coisa velha. E não precisa ser uma máquina feita pelo homem. Amo observar formigas marchando em fila até um pedaço de comida para parti-lo em pedaços e os carregar em fila de volta até o formigueiro. Amo o jeito como as flores se abrem e murcham, o fato de podermos preservá-las para sempre simplesmente pressionando-as entre as páginas de um livro.

Gosto de descobrir as coisas, o como e o porquê.

Minha mãe me chamou uma vez de pequeno alquimista, me disse que acreditava que eu era capaz de transformar ferrugem em ouro, e que eu tagarelaria sobre todos os pequenos detalhes que formam alguma coisa até ficar sem ar. Pulei os últimos semestres na minha escola de ensino médio e me tornei um dos melhores alunos na Universidade de Ciências de Ross, a faculdade mais bem colocada do mundo, e estou prestes a me formar com diploma avançado depois de sete anos, que deveriam ter sido dez. Já tenho um estágio encaminhado na República e, em dois meses, viajarei para lá para uma sessão de orientação.

Mas a maioria das pessoas não me conhece assim. Elas dizem:

Este é Éden Bataar Wing, irmão mais novo de Daniel.

É esse que eu sou para os outros.

Entendo o motivo, claro. Posso ser excelente aluno, bom em descobrir coisas… mas meu irmão é Daniel Altan Wing.

Dez anos atrás, ele era conhecido como Day, o garoto das ruas que

liderou uma revolução que salvou a República da América. O nome dele era grafitado em prédios, o perfil desenhado em panfletos rebeldes e em pôsteres de procurado. Ele passou de criminoso notório a herói nacional no intervalo de um ano. Há documentários sobre o que ele fez durante a guerra entre a República e as Colônias, sobre tudo que ele sacrificou. Pelo país, e por mim, ele quase morreu.

Pois é. Meio difícil fazer melhor do que isso.

Depois que a guerra terminou, nos mudamos para Ross City, Antártida, e, durante essa época, terminei a escola, e Daniel se tornou agente no Serviço de Inteligência da Antártida. Daniel, pelo menos, está ansioso para deixar nosso passado para trás. Mas isso não quer dizer que esqueceram o nome e o rosto dele. Ainda há ocasiões em que somos parados nas ruas ou ouvimos pessoas murmurando quando passamos.

Aquele é Day, Daniel Altan Wing, uma lenda. E aquele é o irmãozinho dele, Éden.

Ao longo dos anos, deixei que isso se tornasse a versão de mim que todo mundo conhece. Éden, o irmãozinho. E não Éden, o curioso, o inventor. As pessoas não sabem como sou fascinado por entender o funcionamento das coisas, nem que tive pesadelos quase todas as noites desde que a guerra da República acabou. Não, minha identidade está permanentemente atada à do me irmão, independentemente do que eu faça ou pense.

Não conto para a maioria das pessoas sobre quem sou. Não falo sobre as perguntas que permeiam minha mente nem sobre os pesadelos que me mantêm acordado à noite. As pessoas sabem instintivamente que devem evitar uma pessoa que carrega um peso tão grande no peito quanto o meu. Assim, a maioria dos que me conhecem só veem o sorriso rápido e o rosto sincero, só ouvem a tagarelice sem fôlego sobre o funcionamento das engrenagens de uma máquina. Elas não veem o garoto que acorda assustado com o som de fogos de artifício lá fora, convencido de que é o trovão de tiros de soldados invadindo nossa casa. Elas não veem o garoto que se obriga a ficar acordado por mais uma hora toda a noite, pois isso significa uma hora a menos chamando pela mãe nos sonhos. Pois isso significa evitar o constrangimento de ainda não ter superado a morte dela.

Gosto de mostrar meu lado alegre porque deixa as pessoas à vontade.

Éden, que vai ser igual ao irmão quando crescer. Nem Daniel parece perceber quem eu sou de verdade. Quando finjo que estou bem, meu irmão fica feliz. E quando ele fica feliz, consigo acreditar que também estou.

Mas, à noite, meus sonhos são tomados de cenas da República. Penetram em todos os cantos da minha visão, todas as lembranças boas e as horríveis, se misturando tanto que às vezes não consigo mais diferenciar umas das outras.

Será que Daniel tem pesadelos? Se tem, nunca mencionou para mim.

A República, o meu passado… são coisas que ainda não consegui entender como funcionam, que ainda não consegui compreender. Talvez seja por isso que acabei me candidatando a um estágio em Los Angeles. Porque quero melhorar a cidade transformando os estádios das Provas em hospitais, universidades e museus.

Mas também porque ela assombra meus sonhos, com suas ruas velhas e lembranças desbotadas. Porque não consigo parar de pensar nela quando está escuro e silencioso. No irmão que Daniel e eu perdemos. Na mãe que nunca mais vamos ver. No pai que não conheci. Os fantasmas deles caminham pelo meu mundo do sono e me chamam de volta para casa.

Penso na República o tempo todo. Fico imaginando como era quando eu era pequeno. Repasso sem parar as poucas lembranças fragmentadas que tenho. Leio todos os artigos sobre a República que consigo encontrar. É o buraco no meu passado, a parte que não faz sentido para mim, e sou obcecado por entendê-lo. Preciso compreender o que aconteceu na minha infância. Como consegui sobreviver a um dos momentos mais sombrios da nossa história.

Mas talvez seja besteira, sabe? Porque às vezes é impossível compreender como uma coisa funciona. Às vezes, as coisas acontecem sem motivo.

A família que perdemos. A guerra que engoliu nossas vidas. Não tem nada para entender, não tem como nem por quê.

Às vezes, as coisas só *acontecem*.

✪✪✪

Para entender Ross City, meu lar, você precisa visitar as duas metades separadas. Vamos começar pelos Andares do Céu, o lugar onde Daniel e eu

moramos.

Ross City é a capital da Antártida, uma das nações mais avançadas do mundo. Em comparação à República da América, é uma utopia total. Os prédios gigantescos vão até o céu e ficam isolados em segurança em um biodomo que mantém as temperaturas agradáveis e simula um ciclo regular de dia e noite durante os longos meses de verão e de inverno. Não me pergunte como funciona. Pesquiso on-line sobre isso há anos e cansei meu irmão com perguntas, mas ainda é um mistério fascinante e um tanto frustrante para mim.

Daniel e eu moramos em um dos setores mais ricos: os Andares do Céu, a metade de cima dos arranha-céus, onde tem luz do sol, estrelas e ar fresco, onde os prédios são interligados como uma teia por passarelas longas cobertas de hera verde. Lá em cima, cada andar é feito de lares luxuosos, lojas, restaurantes chiques, escolas… Não há uma única rachadura no chão, nenhuma flor e nenhum arbusto fora do lugar. Um caleidoscópio de comerciais virtuais e murais ilumina cada lateral de cada arranha-céu, todas as imagens em estado constante de rotação. Olhar para a cidade de cima é como olhar para um mar de arco-íris. No inverno, o céu se ilumina com a aurora austral, as luzes do sul, que pintam as noites com faixas brilhantes de turquesa e dourado. No verão, o biodomo simula a noite para nós e temos o mesmo efeito com painéis virtuais.

Para as pessoas que moraram aqui a vida toda, é um bairro completamente normal empoleirado no céu. Para mim, é um país das maravilhas multicolorido, um lugar tão estranho quanto as Colônias da América.

E é onde estou agora: na Universidade de Ross, no andar mais alto do Prédio 23 no centro de Ross City, e estou tentando descobrir a melhor maneira de escapar do complexo antes de todo mundo ser dispensado da aula.

Boto a cabeça para fora da sala de aula e olho os corredores vazios. A universidade é uma maravilha neoclássica. A Antártida gosta de fazer homenagem às grandes civilizações do passado, como os romanos e os egípcios. Nunca aprendi sobre essas sociedades quando morava na República. Nem sabia o que *neoclássico* queria dizer até pouco tempo atrás;

não é o tipo de coisa que minha velha terra natal estava interessada em mostrar: como os prédios eram antes da República existir. A universidade é cheia de espaços geométricos bem iluminados e colunas retas, no momento, adornadas com murais virtuais em movimento elaborados por alunos de artes, e quando os corredores estão tranquilos como agora, dá para ouvir os chafarizes do lado de fora da entrada principal. Depois dela, há passarelas ligando esse andar ao mesmo andar dos prédios próximos, de forma que tudo parece uma colmeia de pontes interligadas.

Alguns outros alunos caminham pelos corredores, mas, fora isso, estou sozinho.

Perfeito.

Espero mais um segundo, baixo os olhos, puxo a mochila mais alto nos ombros e ando na direção da entrada principal tão rápido quanto possível. Com sorte, não vou esbarrar em nenhum conhecido até chegar ao lado de fora, onde minha amiga Pressa deve estar me esperando.

Imagens virtuais e textos pairam sobre partes da minha visão, mudando conforme caminho. Há títulos como QUÍMICA ORGÂNICA e FÍSICA TEÓRICA acima das salas de aula. Um Nível virtual paira acima da cabeça de cada pessoa no corredor. Nível 64. Nível 78. Nível 52. Botões virtuais interativos flutuam sobre as plantas em vasos no corredor. Dizem:

ÁGUA | +1 PONTO

Outros botões pairam sobre as salas de aula.

PROVA FINAL DE QUÍMICA ORGÂNICA
A | +100 PONTOS
B | +50 PONTOS
C | +10 PONTOS
D | -50 PONTOS
F | -100 PONTOS

Tudo isso — os letreiros nas salas de aula, os pontos que você pode ganhar por molhar as plantas ou fazer provas, o Nível a que cada um de nós pertence — faz parte do sistema de Níveis da Antártida. Todo mundo que mora aqui tem um chip implantado sob a pele, logo atrás da orelha esquerda. Nesse chip há uma tecnologia que sobrepõe imagens virtuais à visão.

Ele rastreia as nossas ações ao longo do dia. Atribui um Nível com base nessas ações. E esse Nível flutua acima da sua cabeça, para que todo mundo possa ver.

Tudo que você faz aqui conquista pontos que levam ao seu Nível. Quanto mais coisas boas você fizer — tirar nota alta numa prova, ajudar alguém a atravessar a rua e assim por diante —, mais pontos você ganha para o seu Nível. Quanto mais coisas ruins você fizer — colar em prova, roubar, arrumar briga —, mais pontos você perde.

Quanto maior for seu Nível, mais privilégios você conquista. No Nível 7, você ganha o direito de usar o ônibus, o trem e os elevadores públicos da cidade. Você pode alugar uma casa.

No Nível 10, você pode comprar produtos frescos, assim como certos tipos de comida e entrar em certos restaurantes.

Para botar o pé aqui em cima, nos Andares do Céu onde Daniel e eu moramos, você precisa ter, no mínimo, Nível 50.

É assim que Ross City usa o sistema de Níveis como incentivo. É para encorajar as pessoas a fazerem coisas boas e desencorajar a serem ruins. Aparentemente, é o governo mais justo já elaborado, criado depois que a Antártida percebeu que o resto do mundo estava empacado, sofrendo nos mesmos ciclos de tirania e ditadura repetidamente.

Tipo, eu sou da República. Sei bem a que a Antártida está se referindo.

Mas, enquanto ando rapidamente pelos corredores na direção da entrada, só consigo pensar que, por mais virtuoso que o sistema seja, algumas pessoas não querem saber de serem boas.

Sem falta, uma voz familiar atrás de mim me provoca arrepios.

— Ei, é o Wing. *Ei!*

Droga. Murmuro um palavrão, encolho os ombros e acelero o passo. Meus óculos deslizam pelo nariz enquanto ando. Eu os empurro para cima

com nervosismo e acabo sem querer sujando uma lente com o dedo. Apesar da tecnologia avançada da Antártida, o chip na minha cabeça não consegue consertar meus olhos, que foram danificados pelas pestes da República muito tempo antes, e por isso os óculos ainda são parte da minha vida.

Atrás de mim, a voz se aproxima. Agora, ouço as batidas de outros passos junto.

— Ei, Wing, mais devagar. Aonde vai com tanta pressa?

Alan. Emerson. E Jenna. É tarde demais para evitá-los. Então respiro fundo e tento parecer calmo quando me flanqueiam.

Temos todos a mesma idade, só que eles estão no último ano da graduação e eu estou no programa de mestrado. O primeiro deles, Emerson, sorri enquanto diminui o passo para acompanhar o meu ritmo.

— Você está sempre saindo todo esbaforido — diz ele, botando a mão casualmente na minha mochila e segurando a alça de cima. Ele me puxa para trás.

Eu dou de ombros e mantenho os olhos direcionados para a frente.

— Só vou me encontrar com uma amiga — respondo. Para meu alívio, minha voz fica firme e leve.

— Amiga? — diz Jenna do meu outro lado. — É a Pressa, né? A assistente de zeladora?

Minha amiga Pressa não estuda na faculdade. Não tem Nível alto o suficiente. Ela cuida da manutenção dos robôs que varrem os corredores e deixam tudo limpo de manhã e à tarde.

Ouço o som da minha mochila sendo aberta atrás de mim antes que eu possa fazer algo a respeito.

— Você é incrível, Wing — comenta Alan, o terceiro estudante, fingindo admiração. — Todos os nossos livros são baixados nos nossos sistemas virtuais, mas você ainda carrega livros físicos de ciências por aí?

Emerson tira um exemplar da minha mochila.

— Isso é porque ele não os usa pra estudar — diz ele, abrindo o livro.

Eu puxo minha mochila.

— Tome cuidado com isso.

Mas ele já está sacudindo o livro. De dentro caem flores delicadamente prensadas (solidagos, tremoceiros, delicados lírios de inverno) que eu tinha

colocado com cuidado entre as páginas.

Eu inspiro fundo quando vejo, e me abaixo apressadamente para recolhê-las. Várias já se desfizeram com a queda, deixando pétalas arruinadas espalhadas no piso de mármore. Minhas bochechas ficam vermelhas quando ouço risadinhas acima de mim. A camada leve de suor no meu nariz faz meus óculos deslizarem de novo, e os empurro para cima, odiando o gesto desajeitado.

— Eu não sabia que você era um florista tão talentoso — diz Jenna.

Tento ignorá-la, pego o resto das plantas secas e as coloco de volta entre as páginas. Agora, outras pessoas no corredor estão me olhando enquanto trabalho. Amo flores: suas cores, sua fragilidade, o jeito como crescem, o cheiro. Eu ia desidratar essas e colocar em molduras. Mas fico constrangido demais para dizer.

Prensar flores não é o tipo de hobby que meninos podem ter. Não é o tipo de interesse que atrai amigos. Meu irmão não faria esse tipo de coisa nem morto.

— Precisa de ajuda? — pergunta Emerson, se abaixando até minha altura. Quando se inclina, ele pisa de propósito nas flores que ainda estão no chão.

Uma onda de raiva destrói minha calma e eu o empurro para trás.

— Sai de cima — digo para ele com rispidez. Mas as flores já estão estragadas.

AGREDIR UM COLEGA | -10 PONTOS

O texto surge no meu campo de visão antes que eu possa me controlar, e os pontos negativos brilham em vermelho na minha conta.

Emerson finge uma expressão de choque.

— Ah! Desculpe… Não vi que estavam aí. — Ele levanta as mãos. — Foi sem querer. Não precisa exagerar.

É assim que eles me tratam todos os dias. É um tipo cuidadoso de bullying, que não dispara o sistema de Níveis. Eles não estão dizendo nada nitidamente cruel para mim. Não estão me empurrando ou coisa do tipo. Dessa maneira, o sistema de Níveis não consegue flagrar um delito e não

deduz pontos por assédio.

Emerson me devolve o livro e bate duas vezes no meu ombro.

— Bom, espero que você se divirta com a zeladora. — A voz dele permanece simpática e calorosa. — Se encontrar seu irmão, diga que mandei um oi.

Jenna se anima ao ouvir sobre Daniel.

— Diga que mandei um oi também.

Na última vez que Daniel foi me ver na universidade, Jenna corou feito um tomate e era toda risadinhas perto do meu irmão. Emerson e Alan o encheram de perguntas sobre como era ser campeão de uma nação. Daniel, como sempre, deu respostas educadas e distantes, mas isso não mudou como me senti, parado ali, largado de lado.

Olho para as flores secas na minha mão, me sentindo um idiota. Como Daniel se sairia aqui, na Universidade de Ross? Ele nunca foi do tipo estudioso porque nunca precisou ser. Daniel é *Day*. Ele consegue subir correndo pelas laterais de prédios. Consegue escapar da polícia. Pular por uma janela de quarto andar.

Eu? Sou o nerd com vista ruim que gosta de construir coisas e emoldurar flores. Quando falo, minha voz sai mais aguda e mais suave que a do meu irmão. Ele é o herói que não tem mais pesadelos. Eu sou o caladão esquisito que ele ainda trata como criança.

Enfio as flores esmagadas na mochila e as amasso ainda mais ao botar o livro lá dentro, em cima delas. A raiva ferve sob minha pele, junto com o constrangimento.

— Ei!

Pressa está na entrada principal, encostada em uma árvore, me esperando. Tem um rosto redondo, suave e moreno claro, o formato dos olhos é estreito, e quando ela abre aquele sorriso fácil, vejo que um dos dentes é adoravelmente torto.

O sorriso dela some assim que vê a minha expressão.

— O que aconteceu com você? — pergunta ela quando me aproximo.

Conheci Pressa quando comecei a chegar bem cedo na faculdade todas as manhãs para trabalhar nas minhas invenções. Ajudei-a a acelerar o seu trabalho instalando códigos adicionais nos robôs de limpeza. Ficamos

amigos desde então. Em uma universidade cheia de hostilidade, ela tem sido um conforto solitário.

Penso em contar a ela tudo o que acabou de acontecer. Se alguém entende como é lidar com certos formandos, essa pessoa é Pressa. Mas as palavras entalam na minha garganta e se recusam a sair. Homens de verdade não prensam flores nos livros. Não despejam as inseguranças nas amigas. Daniel não me conta sobre todas as coisas que aconteceram com ele no passado. Homens de verdade engolem o choro e mudam de assunto até seus corações murcharem e virarem pó dentro do peito.

Portanto, eu enfio as palavras de volta na mente e sorrio.

— Nada — respondo. — Só estou feliz de ter saído da aula.

Ela me olha de soslaio, como se não acreditasse em mim, mas não força a barra. Só passa o braço pelo meu.

— Ainda quer ir pra Cidade Inferior? — pergunta ela.

Eu faço que sim enquanto andamos para os elevadores.

— Estou pronto o dia inteiro — respondo.

Pressa sorri e dá uma piscadela que ela sabe que sempre melhora meu humor.

— Que bom. Porque tem uma corrida de drones que vai acontecer no fim desta semana com pelo menos cem mil corras esperando pra que alguém as ganhe. Achei que podíamos ir fazer nossas apostas.

Corridas de drones. Apostas. Essas são atividades perigosas na parte mais decadente de Ross City, mas é o único lugar onde me sinto bem com quem sou. Sorrio para ela e admiro a maneira como as pontas de seu cabelo curto formam uma linha reta junto ao maxilar. Então, deslizo a alça da mochila por um dos ombros e enfio a mão lá dentro, retirando um tubo pequeno e circular.

A boca de Pressa forma um O enquanto ela observa.

— É o que estou pensando? — sussurra ela.

Eu abro um sorrisinho.

— Se está pensando que é um motor de drone, você está certa — respondo. — Estou trabalhando nele há semanas. — Que bom que Emerson não revirou além das flores secas. — Desta vez, não temos que só fazer uma aposta. Podemos participar da corrida.

Pressa balança a cabeça e sorri.

— Às vezes eu me pergunto se seu lugar é aqui, nos Andares do Céu — diz ela. — Você tem bem mais em comum com o resto de nós lá de baixo.

Não respondo enquanto seguimos para o elevador mais próximo e começamos a descer. Talvez ela esteja certa. Não me encaixo aqui em cima, nos Andares do Céu, onde tudo é perfeito até não ser mais. Meu coração pertence aos andares de baixo, à parte deste lugar onde há coisas como corridas de drones e jogatina. A parte que Ross City não anuncia.

A Cidade Inferior.

DANIEL

ÉDEN NÃO ESTÁ ATENDENDO O TELEFONE DE NOVO.

Clico no ícone virtual de ligação, solto um palavrão baixinho e tento ligar mais uma vez.

Talvez o sinal esteja ruim. Afinal, eu *estou* nas ruas esburacadas da Cidade Inferior, encarapitado sobre as sombras do que restou de um letreiro néon virado para uma rua lotada. É o degrau mais baixo de Ross City, o térreo, onde a luz do sol não chega e onde os letreiros néon anunciam a confusão de lojas baratas que ocupam os dois lados da rua.

Não é o melhor lugar para fazer uma ligação para os Andares do Céu.

Ele não atende de novo.

Respiro fundo e tento não me irritar. Quando nos mudamos para a Antártida, eu prometi a mim mesmo que não perderia a cabeça com Éden. Ele sobreviveu a uma maldita revolução. Perdeu nossos pais e quase a vida.

Éden é meu irmãozinho. E nada faria valer a pena ficar com raiva dele, enquanto ele estiver vivo e saudável.

Mas, ainda assim... Bem que o garoto podia retornar a ligação para o irmão de vez em quando. Talvez ele esteja com colegas da faculdade. Não sei muito com quem ele anda agora. Na última vez que o visitei na faculdade, ele pareceu amigo de uns formandos chamados Jenna e Emerson, mas eles estão a caminho de fazer as provas finais do último ano. Isso quer dizer que ele vai sair mais, não?

O conceito da faculdade, de fazer provas sem consequências reais, é tão estranho para mim que tentar entender a vida do Éden atualmente não me leva a nada. June provavelmente o entenderia melhor. Considero por um momento se eu poderia usar isso como desculpa para ligar para ela, para pedir a opinião dela sobre como Éden pode estar se sentindo.

Meus pensamentos se voltam para June. Mexo com um anel de clipes de papel na minha mão esquerda, tento tirá-la à força da cabeça e telefono para o meu

irmão uma última vez.

Ele não atende.

Dou um suspiro, desisto e ligo a geolocalização para rastreá-lo. Essa é outra característica do sistema de Níveis da Antártida. Dá para pelo menos saber onde alguém está.

— Algum sinal dela? — diz uma voz no aparelho no meu ouvido. É da minha colega, agente do SIA, Jessan.

Deixo o geolocalizador do Éden continuar procurando e me concentro no meu trabalho. Meus olhos observam o mercado agitado abaixo de mim.

— Ainda não — murmuro.

Jessan suspira na linha.

— Ela está atrasada. Talvez não venha hoje — diz.

— Espere mais alguns minutos, tá?

— Tudo bem. — Jessan desliga e volto a vigiar.

É bom eu estar agachado nas sombras aqui. As pessoas sempre me reconhecem, por algum motivo. Meu rosto é o que elas já viram no noticiário, nos pôsteres de procurado exibidos nos malditos telões na República da América.

Agora, é o rosto que aparece sempre que se comete um crime contra Ross City. É o que se vê pouco antes de eu prender a pessoa.

Meu nome era Day, o garoto das ruas da República. O fugitivo que começou uma revolução sem querer.

Mas agora sou Daniel Altan Wing, do Serviço de Inteligência da Antártida. Meu trabalho é caçar os piores criminosos de Ross City. Aqui, ao que parece, eu sou a lei.

Bem irônico para mim, não é?

Diferentemente dos outros agentes do SIA, eu meio que sou um ponto fora da curva. Cresci nas ruas sujas e destruídas de Lake. Roubei, briguei e me desentendi com os piores tipos de lá. Eu era o criminoso mais procurado na República, um rato de rua que, de alguma forma, levou o crédito por fazer um governo desmoronar e se reconstruir. Sei como é morar nos piores lugares do mundo.

A maioria dos outros com quem trabalho não cresceu assim. Certamente não minhas colegas agentes, Jessan e Lara. Elas são da Antártida, nascidas e criadas aqui na cintilante, avançada e tecnológica maravilha que é Ross City. Por isso,

costumam me tratar com certa curiosidade e assombro.

Como é, elas perguntam com olhos arregalados, *viver num mundo como a República?*

Eu costumo desviar da questão. A vida na República é um pesadelo que eu preferiria deixar para trás.

Se alguém dos meus dias na República me visse agora, provavelmente soltaria uma bela risada. Não tenho mais a aparência que tinha, o cabelo comprido preso em um coque, o boné bem puxado para esconder minhas feições, as roupas puídas e sujas das ruas. Agora, estou usando um terno preto alinhado e uma camisa preta elegante com sapatos engraxados, meu cabelo está cortado curto e desgrenhado. Ainda não consegui me acostumar e passo as mãos pelo cabelo o tempo todo. No fim do dia, está sempre um desastre.

Fico imaginando o que June pensaria de mim. Por outro lado, fico imaginando o que ela pensaria sobre muitas coisas.

Minha perna está começando a ficar dormente, então mudo de posição e continuo esperando. Hoje, estamos procurando uma mulher que trabalha para Dominic Hann, um dos criminosos mais perigosos da Cidade Inferior.

Eu, Daniel Altan Wing, rastreando um criminoso. Às vezes o pensamento me dá vontade de rir.

Mas Dominic Hann não é nada parecido comigo. Não é uma espécie de justiceiro lutando pelos seus direitos e os de sua família. Ele é um assassino frio e impiedoso.

Nos dois anos anteriores, Hann se tornou o nome mais notório nos círculos de crimes da Cidade Inferior. Ele deixou corpos no meio de cruzamentos, estripados e mutilados. Mantém ringues de corridas ilegais por aqui. Faz empréstimos para qualquer um que não more nos Andares do Céu, para pessoas com Níveis baixos que estão desesperadas e passando fome, depois vai atrás delas e das famílias quando não podem pagar dobrado.

Ninguém que atravessou o caminho de Hann parece querer falar sobre ele. É difícil conseguir informações.

Algumas pessoas perguntam por que escolhi um trabalho tão perigoso depois do que aconteceu comigo. Na verdade, não sei bem. Talvez seja porque a ideia de alguém aterrorizando os pobres daqui de baixo me lembre muito do meu passado. Talvez seja porque esse é o mundo que eu conheço e atravessar o

caminho do perigo seja algo em que sou bom. Não que eu goste de isso tudo ser familiar para mim.

A Cidade Inferior é muito diferente do luxo cintilante dos Andares do Céu. É onde as pessoas mais pobres de Ross City moram. Lixo espalhado e lambretas enferrujadas sem peças sujam as esquinas. Multidões passam embaixo de mim como fileiras de formigas.

Pelo meu visor, vejo seus Níveis virtuais pairando sobre as cabeças. NÍVEL 6. NÍVEL 10. NÍVEL 14.

Meu olhar pousa em algumas pessoas sem-teto agachadas junto às paredes, mendigando por qualquer trocado. Tem Nível 0 flutuando sobre a cabeça deles. As pessoas com Nível 0 não têm direito nenhum. Não podem alugar casas. Não podem pegar trem. Mal têm o direito de descansar nas ruas.

Dá para trabalhar e melhorar de Nível, claro. É esse o objetivo do sistema. Ao longo do tempo, algumas pessoas dos andares inferiores conseguiram chegar aos andares intermediários e ter acesso a comida, alojamento e transporte melhores. Mas subir assim exige uma quantidade avassaladora de trabalho. A maioria não consegue.

Apesar disso, Ross City ainda é um lugar melhor do que a República. Que nação avançada não tem alguma pobreza? Pelo menos aquelas pessoas nunca foram submetidas às Provas e nem às corporações sufocantes das Colônias.

Mas, até onde eu vi, nenhum lugar no mundo trata bem as camadas mais pobres da sociedade. É por isso que odeio estar na Cidade Inferior. A vida é muito parecida com a vida em Lake, de passar fome e dormir nos becos. Cada vez que desço aqui, acabo tendo pesadelos.

As pessoas podem me ver como uma espécie de herói reluzente. Mas, sinceramente? Tudo o que eu queria era proteger minha família.

De repente, fico tenso. Minha postura se empertiga. Meu olhar se fixa numa mulher que acabou de sair da bodega embaixo do letreiro néon. Ela olha furtivamente para trás e se mistura na multidão com um movimento de ombros.

Bato na orelha uma vez.

— Hora de ir — digo para Jessan, desconecto e me levanto.

Encolho-me nas sombras do prédio, desço pelo letreiro e começo a percorrer o parapeito do segundo andar. Abaixo, a mulher está se movendo surpreendentemente rápido. Se eu não a estivesse seguindo, já a teria perdido na

multidão.

Meus pés se movem com a segurança de alguém que já fez isso mil vezes antes. Pulo entre parapeitos para outro prédio, e para outro, sem nunca sair das sombras. Meus dedos procuram instintivamente um apoio em que me segurar nas paredes.

À frente, a mulher entra em uma ruela lateral e atravessa uma feira. Paro antes da esquina e vou pela parte de trás dos prédios, desço do parapeito do segundo andar e caio em um beco que leva para fora da feira.

A fumaça das grelhas a céu aberto paira no ar, criando uma névoa na rua. Mantenho à vista o cabelo castanho-claro da mulher e corro de um beco a outro. Pelo menos as pessoas aqui estão tão preocupadas em obter comida que ninguém repara em um fantasma andando por trás das barracas, uma sombra se movendo entre elas.

Gradualmente, chego mais perto. A mulher olha para trás em intervalos de minutos, como se fosse um gesto mecânico. Depois de um tempo, me apoio numa parede em um beco e vou para o terceiro andar. Minha velocidade aumenta. Uma série de cordas de varal conecta o prédio com o outro, no qual estou; eu piso na corda, me agacho para agarrá-la e uso o impulso para descer para o segundo andar.

Agora, estou só um pouco atrás dela. Seus movimentos mostram-se rápidos e nervosos, como se ela tivesse sentido que alguém a sondava. Meus olhos avaliam rapidamente os prédios ao meu redor. Jessan e Lara devem estar a caminho, fechando a armadilha em volta dela.

A mulher entra abruptamente no que parece ser um beco sem saída. Pulo numa varanda de segundo andar e dobro a esquina atrás dela. Quando chego no beco, vejo-a prestes a entrar em um corredor estreito no final... mas Jessan já está lá, do outro lado. Ela sai das sombras, usando o mesmo traje preto que eu, e aponta a arma para a mulher.

A mulher se vira para tentar correr de volta pelo caminho que tinha feito, mas já estou lá. Em um movimento, pulo da varanda do segundo andar, seguro na beirada de uma placa e desço.

Caio bem na frente dela e fico de pé, as mãos nos bolsos.

— Nem vem que não tem — digo.

Ela tenta me socar, mas chego para o lado e desvio com facilidade. Já estou

com algemas nas mãos; quando ela passa cambaleando por mim, levada para a frente pelo impulso, seguro um dos braços e o puxo para as costas dela. Prendo um lado da algema em um pulso e depois no outro.

— Alexandra Amin? — falo por entre dentes enquanto ela tenta se soltar.

A mulher não responde, mas há um desespero nos movimentos que traem quem ela é.

Permito-me abrir um pequeno sorriso enquanto Jessan e Lara se aproximam. Jessan suspira e bate palmas, enquanto Lara passa a mão pelo coque apertado no alto da cabeça.

— Já estava na hora — murmura Jessan enquanto faz uma ligação para o quartel-general do SIA. — Essa foi difícil.

— Deixa nosso trabalho interessante, né? — digo, erguendo a sobrancelha.

Lara responde com uma gargalhada.

Estamos atrás dessa mulher há um mês. Rumores apontam que ela é assistente pessoal de Dominic Hann, que coleta informações para ele e o ajuda a espalhar mensagens aqui na Cidade Inferior. Nossos informantes nos disseram que eles cresceram juntos e têm mais ou menos a mesma idade.

Ela é bem mais jovem do que achei que seria. Lembro-me dos boatos sobre o próprio Dominic Hann, supostamente o mais jovem senhor do crime de Ross City, e me pergunto que outras fofocas sobre ele podem ser verdade.

Isso vai nos levar um passo adiante em direção à sua captura. Começo a recitar os direitos dela.

— Você tem o direito de ser julgada perante um tribunal de residentes da Antártida, além do sistema de Níveis da Antártida. Antes de ser julgada, tem o direito de...

Ela se vira nas minhas mãos e me olha de um jeito louco e apavorado.

— Eu tenho uma filha — sussurra ela para mim. — O nome dela é Ashley Amin. Não deixe que seja punida por Hann por eu ter sido capturada. Por favor.

Eu pisco, pego de surpresa.

— Nada vai acontecer à sua família — digo. Minha voz fica baixa e firme. Ouço o medo nas palavras dela. — Eu prometo. Nós só precisamos da sua ajuda.

É nessa hora que reparo em uma espuma leve surgindo nas beiradas dos lábios dela. Sua pele está cinzenta e suada, e percebo que o tremor nos membros não é só de medo. Ela volta os olhos escuros e loucos para mim de novo. O olhar

parece me atravessar.

— Não deixe que ele machuque minha filha — diz, ofegante, com cuspe espumado voando. — Não deixe. — Ela fica repetindo as palavras, delirante.

Falo um palavrão e olho para Jessan.

— Chame ajuda — digo. — Ela se envenenou.

Jessan bate em alguma coisa no visor sem hesitar.

Volto a olhar para a mulher. Eu a sacudo uma vez, quando os olhos começam a ficar vidrados.

— Vou proteger sua filha. Onde podemos encontrar Hann? — pergunto. — Qual é o próximo projeto dele?

A cabeça da mulher pende para o lado. Ali perto, Jessan está chamando uma ambulância.

— Corridas de drones — sussurra a mulher, a voz tão baixa agora que quase não escuto.

— Corridas de drones? Onde?

Mas seus olhos rolam para trás e ela fica inerte nos meus braços. Eu a sacudo de novo, mas o corpo parou de tremer. Quando encosto os dedos no pescoço dela, não encontro pulsação.

Cadáveres não são algo que desconheço, claro. Já vi muitos desde que era criança; afinal, fui abandonado como morto pela República e precisei rastejar para fora do necrotério do laboratório quando tinha 10 anos. Banquei o morto durante anos nas ruas de Lake, vi minha mãe e meu irmão serem assassinados, testemunhei várias outras mortes quando a guerra começou de verdade entre a República e as Colônias.

Mas isso nunca me deixou insensível. Sempre que fico cara a cara com a morte nesse trabalho, sinto o mesmo desespero doentio no fundo do estômago. A mesma sensação de repulsa e dor.

É culpa minha. Eu não devia tê-la interrogado tão severamente. Devia ter verificado se ela não estava engolindo algum tipo de veneno. Devia ter impedido.

Agora ela está morta, e quase não obtivemos informações sobre Hann. Coloco a mulher no chão e me levanto lentamente enquanto Jessan e Lara revistam o corpo sem vida.

Que tipo de homem é Hann para provocar tanto medo em seus assistentes a ponto de eles preferirem se matar a serem capturados? O que Hann teria feito

com aquela mulher se ela tivesse sobrevivido?

A sirene da ambulância chega na esquina do beco e, atordoado, vejo duas pessoas vestidas de branco correrem até o corpo. Lara se aproxima de mim com os braços cruzados.

— Corridas de drones, é? — pergunta ela.

Eu faço que sim.

— Se alguém descobrir quando é a próxima — respondo —, não deixe que impeçam de acontecer. Vamos estar lá, se Hann mostrar a cara.

Lara assente.

— Pena essa aí ter acabado assim — diz ela, balançando a cabeça. — Sinto um pouco de pena dela.

— Nós não teríamos que sentir pena se o sistema de Níveis fosse justo — resmungo.

Lara suspira com exasperação.

— Esse papo de novo não.

— Essa gente trabalha para o Hann porque não tem escolha.

— Ei, se você quer discutir sobre isso, vai falar com a Min.

Min Gheren, diretora do SIA. Já toquei no assunto antes... não que queiram me ouvir. Então dou de ombros e olho de soslaio para Lara.

— Se você acha que isso vai adiantar, eu converso com ela. Boto até fantasia e faço uma paródia — digo.

Nós vemos o pessoal do hospital cobrir a mulher com um pano. Pelo menos os mortos aqui são tratados com algo parecido com respeito. Uma lembrança surge na minha mente, o antigo trauma de acordar em um mar de cadáveres, de me arrastar para fora segurando o joelho machucado e sangrando no qual tinham feito experimentos.

— Você está bem, Daniel? — pergunta Jessan enquanto olha meu rosto. Nem percebi quando ela se aproximou.

— Estou — respondo, afastando a lembrança. Já sei quais vão ser meus sonhos hoje à noite. Quanto antes eu puder sair da Cidade Inferior e voltar para os Andares do Céu, melhor. Não suporto mais esse maldito lugar.

Quando damos meia-volta e começamos a voltar para a rua principal, um alerta virtual pisca no meu visor. É um ícone flutuante representando Éden, com um círculo verde luminoso em volta. Quando clico, um mapa aparece com a sua

localização.

Ao que tudo indica, o sistema finalmente encontrou meu irmão.

Eu estaco na hora e aperto os olhos para observar melhor.

— Ah, não, de jeito nenhum — murmuro.

Ao meu lado, Jessan franze a testa.

— "De jeito nenhum" o quê? — pergunta ela.

O pontinho da localização está piscando em um lugar não muito longe de onde nos encontramos. Éden não está nos Andares do Céu. Está aqui, na Cidade Inferior.

ÉDEN

TECNICAMENTE, CORRIDAS DE DRONES SÃO ILEGAIS.

Se você já foi a uma, sabe por quê. Funciona basicamente assim: cerca de uma dezena de competidores, cada um levando sua própria máquina voadora, compete em corridas que acontecem por toda a Cidade Inferior. Os drones disparam no ar pelas ruas estreitas e lotadas aqui embaixo, rápido o suficiente para matar uma pessoa ou destruir a lateral de um prédio. Eles não têm licença para voar. Não têm permissão para fazer uma pista nas ruas. As apostas são todas em dinheiro, de modo que o governo não consiga cobrar impostos e nem rastrear. Ainda assim, é uma visão empolgante. As pessoas se reúnem para vê-los voarem até que o sistema de Níveis perceba (*promoção de comportamento desordenado!*) e a polícia venha acabar com tudo. Mesmo assim, pode ser difícil identificar a linha de partida exata da corrida e pegar os organizadores.

Pressa faz essas apostas há anos. Vários meses atrás, ela me contou sobre as corridas, e fui com ela assistir a uma sem contar para o meu irmão.

Eu me apaixonei na hora: a genialidade caseira, o jeito como os drones costumam ser montados de qualquer maneira, com peças aleatórias, alguns lustrosos e pequenos e velozes, outros grandes e pesados e ameaçadores. Eles percorrem as ruas a mais de 160 quilômetros por hora, e, quando os observo, não consigo deixar de me impressionar por uma coisa tão veloz e perigosa ser feita só com a união de pedaços de metal dos ferros-velhos da Cidade Inferior.

Agora, Pressa e eu saímos do elevador no térreo sujo da Cidade Inferior e seguimos para onde ela mora, um apartamento pequenininho e decrépito acima da botica do pai dela.

— Como seu pai está hoje? — pergunto a Pressa quando passamos por

uma feira livre no caminho. — Nós não vamos incomodar, vamos?

Passamos pela fumaça das grelhas a céu aberto. Acima de cada comida tem um texto virtual dizendo o que está sendo servido. Meu sistema traduz automaticamente os textos estrangeiros. ESPETINHO. CALDO DE CANA. SOPA DE MILHO. BOLINHO FRITO.

Pressa dá de ombros, tentando não parecer preocupada.

— Não liga para isso — diz ela. — Ele está tendo um dia ótimo. Deve estar no térreo, na botica, a essa hora.

Tecnicamente, a botica do pai dela é tão ilegal quanto as corridas de drones, embora Ross City seja indolente demais para fazer alguma coisa a respeito. Se seu Nível fica abaixo de 7, você não tem permissão de usar o sistema de saúde regular. A Antártida alega que, se seu Nível é baixo assim, não é possível confiar que você não vá usar as drogas com propósitos ilícitos.

Por isso, o pai de Pressa tem uma botica onde vende todo tipo de ervas desidratadas e remédios naturais que não são aprovados pelas autoridades. Não é a melhor opção para os pobres, mas é melhor do que nada.

Pressa para em uma ruela que se afasta da feira e nos guia pelo labirinto de paredes grafitadas e piso rachado até sairmos em uma rua diferente.

A botica do pai dela fica na esquina desse cruzamento, a janela protegida com uma grade enferrujada e a porta entreaberta. É um lugar velho e sujo, o tipo de loja que nunca seria vista nos Andares do Céu, onde coisas como pasta de dente, xampu e remédio podem ser entregues na porta da sua casa, bastando você dizer o que quer em voz alta.

Mas ver a botica ainda me faz sorrir. As luzes lá dentro emitem um brilho quente. Quando entro, o familiar cheiro doce e medicinal de alcaçuz se espalha pelo ar. Ao lado de uma planta de bambu em um vaso, há um gato da sorte de porcelana no balcão do caixa, o rosto pintado se balançando para a frente e para trás. Os corredores são cheios de prateleiras de caixas de papelão, cada uma com algo escrito em chinês: acônito cru para tratar artrite, ginseng, talos de efedra, raízes de ruibarbo. E assim por diante.

Seguimos até o balcão, onde um senhor de idade está conversando com vários clientes. Ao lado dele está seu assistente, um garoto magro chamado Marren, que o ajuda a encher um saco de papel com várias ervas. Os clientes dão tapinhas nas costas do homem e desejam-lhe um bom-dia antes de

irem embora.

Marren nos vê primeiro. Ele acena e bate delicadamente no ombro do homem, que levanta a cabeça e observa ao redor antes de seus olhos nos encontrarem. Abre um sorriso.

— Ora — diz ele, dando uma piscadela para mim enquanto Pressa se curva por cima do balcão para dar um beijo na bochecha dele. — É o garoto do céu. Como está, Éden?

Abro um sorriso.

— Bem, sr. Yu — respondo. — Pressa disse que o senhor está ótimo hoje.

— Disse, é? — O homem ergue uma sobrancelha grisalha para a filha. — Você não acha que estou sempre ótimo?

Ela só revira os olhos para o pai.

— Nunca vi um homem doente em tamanha negação — responde Pressa.

O sr. Yu finge uma expressão lamentosa.

— Minha filha me magoa diariamente — diz ele.

Pressa dá um soquinho gentil no braço do pai.

Ele aparenta mesmo estar mais forte do que o habitual hoje. As costas estão menos curvadas e a pele parece um pouco mais corada. Pressa diz que ele tem uma doença que corrói lentamente os músculos, mas é o tipo de coisa que, para tratar adequadamente no hospital, você precisa ter no mínimo Nível 25.

As ervas que o sr. Yu vende não ajudam com o problema dele. É por isso que Pressa participa de apostas. A quantidade de dinheiro de que ela precisa para conseguir doses ilegais do remédio que vai salvar o pai é tão exorbitante que nem Daniel ganha o suficiente para pagar.

— O que traz o garoto do céu para a Cidade Inferior desta vez? — pergunta o sr. Yu para mim.

— Éden vai me mostrar como montou a engenhoca mais recente dele na aula de robótica — diz Pressa enquanto segura a minha mão e me puxa para longe da bancada.

O sr. Yu se anima ao ouvir isso.

— Ah! Que ótimo! — Ele assente com aprovação na hora em que dois clientes entram na loja. — Sabe que sou muito grato por você compartilhar

seu aprendizado na Universidade de Ross com Pressa. Isso a deixa longe de problemas aqui embaixo.

Não minto muito bem e só abro o sorriso mais largo que consigo para o sr. Yu antes de Pressa me arrastar pela porta dos fundos da botica. No balcão, o pai dela volta a atenção para os novos clientes, que o cumprimentam com entusiasmo.

— Sra. Abesman! — exclama ele, dando um abraço carinhoso na mulher. — Parece que meu tônico de acônito está fazendo maravilhas pela sua artrite. Não, não precisa se preocupar em me pagar imediatamente. Leve o tempo que precisar. Como está seu filho?

A voz dele vai ficando distante conforme saímos para um beco.

— Você vai contar algum dia para o seu pai como consegue alguns dos remédios dele? — pergunto a Pressa enquanto andamos.

— Você está louco? — responde ela por cima do ombro. — Sabe como ele reagiria se soubesse das corridas? — Ela se vira brevemente para fazer uma expressão fingida de pavor. — *Passei minha vida toda tentando proteger você dos perigos da Cidade Inferior! Você não entende como pode ser horrível. Vão arrancar todo o seu dinheiro. Vão matar você!*

— Bom, ele não está completamente errado.

Pressa dá de ombros e continua caminhando.

— Escuta, se você não aprende a correr riscos na Cidade Inferior, você é atropelado. Além do mais, não temos muita escolha. O Nível do meu pai não vai aumentar.

A voz dela fica mais seca ao dizer isso. Ela sabe que não tem nada que eu possa responder, e por isso não respondo. Que direito um garoto do céu privilegiado como eu tem de opinar a respeito da vida deles na Cidade Inferior? Além do mais, sei como é. As regras são outras quando se é pobre.

— Quais são os detalhes da corrida de drones? — pergunto, conforme a rua se estreita. Aqui, as pichações ficam mais densas, camada sobre camada de tinta até as paredes ficarem totalmente cobertas.

Pressa pega uma folha de papel amassada e dobrada no bolso e me entrega. Eu a sacudo e leio.

CORRIDA DE DRONES

SEMIFINAIS À MEIA-NOITE

8 COMPETIDORES, 8 DRONES

SÓ DINHEIRO VIVO, APOSTA DE 100 CORRAS PARA ENTRAR

Pressa olha rapidamente para mim. Um lado dos seus lábios se ergue em um sorrisinho.

— Ainda está pensando em inscrever seu drone nisso? — pergunta.

Corridas assim nunca são rigorosas. Se você aparece com um drone no último minuto e impressiona os organizadores, é incluído na bateria. Faço que sim e retiro o motor circular da mochila de novo, segurando-o entre nós.

— Quero testar a eficiência deste motor — digo enquanto o entrego para ela. Pressa o vira com curiosidade nas mãos.

— O que ele faz? — pergunta.

Minhas palavras ficam ansiosas.

— Estou tentando fazer com que seja o mais próximo possível de uma máquina de energia perpétua. Está vendo esta bateria? Tem o dobro de eficiência da bateria que fornece energia pra minha casa nos Andares do Céu e é dez vezes mais poderosa, então vou adaptá-la à estrutura de um drone, permitindo assim que ele alcance velocidades de até 320 quilômetros por hora e…

Ela olha para mim sem acreditar.

— Ah, dá um tempo.

— Números não mentem. Se funcionar como acho que vai, vou elaborar uma versão maior pra ajudar a gerar energia para os prédios da República.

— Já está se adiantando ao seu estágio, né? — Ela ergue uma sobrancelha e balança a cabeça para mim. — Você e esse seu coração mole.

— É você quem está disposta a arriscar a vida pelo pai.

Pressa me empurra, e rio dela. Ela me olha com expressão curiosa.

— Você não vai correr o risco de perder o estágio? Se for pego competindo aqui embaixo? — pergunta. — Seu irmão vai te matar se descobrir o que você está planejando, você sabe.

Daniel. A menção a ele enevoa meu bom humor temporário.

— Ele não vai saber — digo, dando de ombros. — Mesmo que soubesse,

não vai poder me impedir.

Pressa e eu paramos na frente de uma lojinha cheia de gente. Ela ergue a sobrancelha para mim.

— Escuta, estou falando sério. Seu irmão é agente do SIA. Não é uma coisa qualquer. Se rastrear você na corrida, pode trazer outros agentes e prender pessoas pra todo lado. Não posso correr esse tipo de risco.

— Ele não vai nos impedir — respondo com firmeza. — Agora pare de se preocupar com ele e comece a fantasiar sobre o que vai fazer com cem mil corras quando vencermos.

Pressa me encara e decide não discutir.

— *Se* vencermos — diz ela.

— *Quando* — insisto.

Ela sorri para mim e olha para a multidão, seguindo na direção da fachada da loja. Aqui, não há sobreposição virtual. É perigoso demais fazer rachas no sistema de Níveis. Na frente do estabelecimento há um homem alto e tão magro que parece um esqueleto animado. Ele está recebendo apostas em dinheiro das pessoas e anotando tudo numa folha de papel.

Pressa não tem escrúpulos para ficar esperando pacientemente na fila. Como todo mundo, ela abre caminho pela multidão e reclama das pessoas que fazem as apostas muito devagar. Finalmente, chega na frente e pega um bolo de dinheiro dentro da jaqueta.

Ela entrega o dinheiro para o homem alto.

— Mil corras — diz ela, e faz um gesto na minha direção. — Nesse cara.

O homem me olha com ceticismo.

— E quem diabos é você? — grunhe ele.

Eu engulo em seco e ergo a voz para falar com a mesma confiança de Pressa.

— Eu gostaria de participar como competidor — digo.

Uma expressão de diversão surge no rosto do homem. Ele faz a gentileza de não rir de mim. Só dá de ombros e anota no caderninho.

— Está com seu drone pronto? — pergunta ele.

— Vai estar pronto na hora que a corrida acontecer. — Eu respiro fundo.

Ele não pede mais informações. Se eu não conseguir cumprir o prometido, nós seremos os únicos a perder corras. Ele guarda o bolo de

dinheiro de Pressa no bolso e assente para mim.

— Você está dentro — diz. Então perde o interesse em nós e faz sinal para a multidão atrás. — Próximo.

Nós dois saímos da fila e as pessoas atrás de nós empurram para a frente. A julgar pela quantidade de apostadores, vai ser uma corrida grande.

Quando conseguimos sair do meio da confusão perto da loja e voltar pelo caminho por onde tínhamos ido, Pressa assente para mim.

— Estarei na corrida hoje meia hora antes de começar — diz ela. — Você não pode se atrasar, tá? Meu dinheiro está apostado em você e, se você se atrasar, vão começar sem…

— E por acaso eu já me atrasei pra me encontrar com você?

Ela abre um sorrisinho ao ouvir isso e chega mais perto. A mão roça meu braço.

— Não — responde Pressa. — E espero que continue assim.

Coloco as duas mãos sobre o coração e balanço os cílios para ela em uma piscadela.

— Você sabe que te amo — respondo.

Ela revira os olhos, mas o sorriso não vacila.

— Tenho que ir ajudar meu pai na loja. Nos vemos mais tarde, garoto do céu.

Vejo Pressa se afastar. Os pelos no meu braço onde a mão dela me tocou estão arrepiados, fazendo a pele formigar. Por algum motivo, é mais fácil perder a noção do tempo quando estou com ela.

Já está no fim da tarde e, por causa da movimentação pesada na rua estreita, sei que os trabalhadores estão no intervalo entre turnos. As feiras estão lotadas de gente, todas ocupadas comendo um hambúrguer, doce ou sanduíche antes de saírem correndo para o emprego seguinte. Enfio as mãos nos bolsos, já solitário sem a companhia de Pressa, e começo a caminhar na direção da estação mais próxima, onde um elevador vai me levar de volta aos andares mais altos.

Vagar pela Cidade Inferior sendo garoto do céu seria um escândalo se alguém, além de Pressa e Daniel, soubesse. A universidade poderia me expulsar e tirar meu diploma. O governo talvez até confiscasse meu passaporte e me fizesse perder o estágio na República.

Mesmo assim, não consigo evitar. Se ao menos eu me sentisse tão à vontade nos Andares do Céu...

Sigo pela muvuca até decidir pegar um atalho por uma viela. Mas, assim que entro, sei que cometi um erro.

Tem alguém parado na outra extremidade da viela estreita. Quando me vê chegando, se empertiga e começa a andar na minha direção.

Atrás de mim ecoam passos. Mantenho a cabeça baixa e continuo caminhando, mas um sexto sentido me diz que alguém reparou em mim. Talvez seja porque não ando como todo mundo aqui. Talvez seja alguma coisa nas minhas roupas.

Quando o homem me alcança, ele me lança um olhar rápido. E seus olhos se desviam para o espaço bem acima do meu ombro.

É tudo que eu preciso ver.

Ladrões.

De repente, saio correndo. O homem ao meu lado fica tenso de surpresa e assobia para o parceiro ir atrás de mim. Os passos dele batem no asfalto às minhas costas. Não olho para trás. Só sigo em frente.

Mas ele é rápido demais para mim. Em um segundo, estou quase no fim da viela. No seguinte, uma mão áspera me pega pela gola e me joga voando para trás. Meu braço bate com força na parede e há uma lâmina dura encostada na pele do meu pescoço. Vejo-me encarando um par de olhos brutos.

— Bem — diz ele, sorrindo quando o amigo se aproxima. — Pegamos um garoto do céu.

Tento lutar, mas o homem tem pelo menos uns vinte quilos a mais do que eu. Um som vibrante de pânico apita em minha mente. Preciso sair daqui.

É nessa hora que ouço a voz dele.

— Faça isso de novo. Eu o desafio.

Vem, como de habitual, de um lugar alto e ecoa nas paredes da viela. Eu viro a cabeça para cima. Ele está empoleirado numa varanda do segundo andar. Uma das pernas está pendurada pela beirada e a camisa preta engomada que ele veste por baixo do terno preto está abotoada de qualquer jeito, a gola meio para cima e meio para baixo. O cabelo louro curto e

desgrenhado.

É meu irmão. Daniel. O olhar está grudado nos homens que me atacaram. E agora, o sorrisinho nos lábios dele é do tipo perigoso.

Solto um gemido e deixo a cabeça cair. *Ah, droga*.

DANIEL

OS SUPOSTOS LADRÕES NÃO ESPERAM.

Vejo os olhares voltados para mim; nem para o meu rosto, mas para o terno preto revelador que estou vestindo. Na mesma hora, eles são tomados de medo. Sabem exatamente para quem eu trabalho.

— Deixa ele em paz — diz um ladrão para o outro.

O homem que está segurando a gola de Éden o solta e guarda a faca que carregava. Os dois disparam pelo beco. Um deles arrisca um olhar para mim, estremece e acelera.

Por um segundo, penso em ir atrás deles. Jessan e Lara ainda estão por aqui; eu poderia chamá-las e mandar que fossem atrás dos dois homens com o geolocalizador do sistema de Níveis para que fossem presos assim que ficassem encurralados.

Mas uma mulher já morreu nos meus braços hoje. Minha força para lidar com os crimes da Cidade Inferior está no fim.

Volto o olhar para o meu irmãozinho. Meu sorriso parece uma linha desenhada em pedra no meu rosto.

— Ora — digo para ele enquanto mudo o apoio dos pés na varanda. — Você me disse que ia ficar até mais tarde na universidade, né? Engraçado eu dar de cara com você por aqui.

Éden não parece aliviado por eu ter salvado a pele dele. Olha com irritação para mim e cruza os braços sobre o peito.

— Você me seguiu? — diz com incredulidade.

Eu é que não vou dizer que rastreei sua localização.

— Não fique se achando — respondo. — Eu tinha trabalho de verdade pra fazer aqui embaixo.

Apesar de hoje ele ser um rapaz magro cujos cachos ondulados são mais escuros do que já foram, com olhos estreitos e pálidos, e óculos sobre o mesmo

nariz anguloso que tenho... só consigo enxergar a versão dele que ainda é um garotinho. O garoto que um dia achei que tinha perdido para a República. O garoto que saiu cambaleante de um quarto de hospital, cego, chamando meu nome. O garoto que se sentou comigo no piso frio e segurou minha mão enquanto eu lutava contra uma doença que quase me matou.

O garoto por quem eu sangraria para proteger.

Ele não diz uma palavra quando se afasta da parede. Puxo os óculos escuros por cima dos olhos novamente, desço para o térreo e acompanho o caminhar dele.

— Você vai me contar alguma coisa? Ou tenho que começar? — pergunto para ele.

Éden nem me olha.

— Por quê? Você vai me dizer que tipo de trabalho te trouxe aqui embaixo?

Eu faço que não.

— Sabe que não posso falar sobre o que estou fazendo — respondo.

— Então acho que não tenho muito a dizer.

Solto um suspiro e caímos em um silêncio incômodo. Quando nos mudamos para Ross City direto da República, Éden ainda era pequeno e ficava feliz de me seguir para onde quer que eu fosse. Mas, ao longo dos últimos anos, nossas conversas viraram isso, quando nenhum de nós sabe bem o que dizer para o outro.

— Como quiser — digo por fim enquanto atravessamos a feira principal. As pessoas abrem caminho para nós quando veem meu terno preto. — O que você estava fazendo aqui embaixo?

— Nada.

— Nada — repito, olhando para ele de soslaio. — É pra isso que as pessoas vêm à Cidade Inferior, claro. Pra não fazer nada.

Éden me olha de cara feia.

— Você está mais sarcástico do que o normal hoje porque já tem uns dias que não sai em encontro nenhum? Finalmente conseguiu pegar todas as garotas da cidade?

— Estou falando sério aqui.

A expressão dele se fecha. Ele afasta o rosto de mim e acelera o passo. Tento ignorar os sussurros que nos seguem.

Olha o terno dele.

É do SIA.

Não fica olhando.

— Você veio ver aquela garota, né? — pergunto depois de outro longo silêncio. — Como é o nome dela? Pressa?

Deixamos para trás a pior parte da Cidade Inferior e, acima, consigo ver a estação com os elevadores que levam de volta aos Andares do Céu.

Éden dá de ombros, mas vejo pela reação dele que estou certo.

— O pai dela tem uma botica ilegal, sabe — continuo. — Já falei pro SIA não interferir porque abalaria demais a comunidade. Mas...

Ao ouvir isso, os olhos do Éden faíscam para mim.

— Isso é uma ameaça? Está tentando me mandar ficar longe dela porque é uma influência perigosa? Está usando ela contra mim, por acaso?

— Não, eu estou tentando te avisar pra que você e sua amiga não acabem dando de cara com o SIA — respondo. — Minha influência na agência é limitada.

— Obrigado. Mas não preciso da sua ajuda com Pressa. June não chega amanhã à cidade? Por que você não se preocupa com isso?

A menção casual dele a June machuca e Éden sabe. June, a pessoa que mudou minha vida inteira, a que permanece com tanta força na minha mente que não consigo manter relacionamento com nenhuma outra garota por mais de seis meses, vai estar em Ross City amanhã, acompanhando o Primeiro Eleitor em sua visita para discutir um acordo de negócios entre a República e a Antártida.

De repente, fico extremamente ciente do anel de clipes de papel no meu dedo.

Tento não deixar que Éden veja como o nome dela me deixa vulnerável e mudo o assunto para ele novamente.

— Não estou com raiva de você — digo com voz firme. — Você sabe disso, né?

Procuro uma reação no rosto dele, mas só recebo mais silêncio pétreo em resposta. Chegamos à estação dos elevadores. Quando passamos pela porta, um *ding* agradável soa, indicação de que nossos Níveis (o meu, Nível 87; o do Éden, Nível 54) são altos o suficiente para podermos usar aquela estação. Atrás de nós, um homem de Nível 26 tenta entrar junto. Um alarme soa e ele é impedido por um campo de força invisível.

Paro na frente de um elevador particular feito especificamente para agentes

do SIA. Aprova a minha conta, e incluo Éden como convidado.

Finalmente, quando entramos no elevador e ele nos isola dentro do interior frio de vidro, eu me viro para encarar o meu irmão.

— Você precisa me dizer alguma coisa, Éden — falo. — Ou você realmente não confia em mim pra mais nada?

Éden me observa.

— Por que você não está com raiva de mim? — pergunta ele.

Eu pisco, sem entender.

— O quê?

— Por que não está com raiva de mim? — repete ele. Há uma rispidez na voz dele. — Você me pegou vagando pela Cidade Inferior, o lugar mais perigoso da Antártida. Eu menti pra você. E, agora, não estou respondendo as suas perguntas. Você devia estar furioso.

— Você *quer* que eu fique com raiva de você? — Estreito os olhos para ele. — De que adianta?

— Seria alguma coisa — reclama ele. — Uma emoção, pelo menos.

Eu respiro fundo.

— Escuta, sei que está sendo difícil. Você não fala comigo sobre o que está acontecendo na universidade e não sei como é... Mas consigo te entender desde que você era bebê. Você já esteve mais feliz.

— Eu estou ótimo — responde Éden de um jeito que me diz que obviamente não está. — E estaria bem mais feliz se você não ficasse de babá atrás de mim o tempo todo.

— Eu não fico de babá atrás de você o tempo todo.

— Você tentou me ligar 19 vezes em uma hora. Era só pra bater um papo casual?

— Você só precisa atender o telefone uma vez, sabe.

— Não é da sua conta aonde eu vou durante o dia.

— Tudo que você faz é da minha conta. Eu sou responsável por você.

— Você vive a sua vida. Deixe que eu viva a minha — diz Éden.

— É por isso que você vem aqui? Pra fingir que é uma coisa que não é?

— É isso que você pensa? Que eu vou pra Cidade Inferior pra brincar de ser pobre?

— Estou dizendo que odeio quando você se coloca em perigo quando não

precisa.

— Talvez nossas definições de perigo sejam diferentes.

— Me desculpe se você parecia estar precisando de ajuda agora há pouco.

O olhar de Éden me fuzila.

— Você me rastreou com o geolocalizador, não foi?

Hesito só por uma fração de segundo, mas é o suficiente para dar a resposta a ele. Ele faz um som de repulsa e se vira.

— Achei que eu o tivesse desabilitado — murmura.

Engulo minha irritação crescente. Desabilitar um geolocalizador deveria ser impossível, então é claro que Éden estava pensando em uma forma de fazer isso.

— Você vai receber uma multa se descobrirem que está tentando fazer isso — digo. — Quantas vezes você vai me obrigar a te encobrir?

— Como se você sempre tivesse sido um cidadão exemplar.

Por trás dos óculos e sob a iluminação, as íris de Éden têm um leve tom arroxeado, cor que não sumiu completamente desde que ele se recuperou da praga. É meu lembrete constante de como foi quase perdê-lo, de como poderia acontecer de novo se eu não tomar cuidado.

— Eu violava a lei porque *precisava* — digo friamente. — Qual é a sua desculpa?

Éden se vira para me encarar.

— Quer saber o verdadeiro motivo pra eu estar na Cidade Inferior hoje? Porque me lembra Lake. Quando ando lá embaixo, estou em casa. Toda aquela fumaça, gordura e sujeira, os trapos e as janelas com grades... Eu me sinto mais seguro lá embaixo do que em qualquer outro lugar da cidade. Quando estou lá, penso no John e na mamãe.

Percebo que tem mais que ele não está me contando, mas minha raiva aumenta quando ele fala da nossa mãe e do nosso irmão.

— Que tal você não os envolver nisso?

Mas Éden não para.

— Às vezes, acho que você se esqueceu de onde veio. Quando está na Cidade Inferior, parece que você mal pode esperar pra deixá-la pra trás.

Ele não faz ideia do quanto está errado. Da frequência com que eu fazia exatamente o que ele está fazendo agora. Tento lembrar a mim mesmo que Éden nunca viu como eu caminhava sem rumo pelas ruas de Lake. Quando fui aceito pela primeira vez nos círculos fechados da República, quando estava trabalhando

com June, mas ainda me sentia um forasteiro em todos os malditos bailes e banquetes da República... Eu andava pelas ruas silenciosas do meu antigo bairro e observava a ferrugem e a sujeira. As casas humildes e as encostas sujas.

Mas Éden não se lembra disso. Ele era pequeno demais. Não entende como é rastejar para longe desse tipo de vida, querer impedir que seu irmão mais novo tenha que ver o que você viu, aguentar o que você aguentou. Eu o trouxe para cá para *afastá-lo* de Lake. Mas ele acaba se metendo lá embaixo de qualquer modo.

E eu entendo. O canto do meu coração que ainda é Day, o garoto das ruas, suplica que eu explique isso para ele.

Mas digo outra coisa:

— É porque nunca mais quero andar naquelas ruas. Aquilo é nosso passado, não nosso futuro. Nós não nos mudamos pra cá pra voltar para aquela vida. E ainda assim você vem pra Cidade Inferior quase toda semana.

Éden cruza os braços sobre o peito.

— Não posso passar uma hora longe de casa sem você perguntar onde estou — protesta. — Não posso ficar fora um segundo depois da meia-noite sem que você saia por aí me procurando. Em pouco tempo, vou estar trabalhando pra República. Lembra? Tenho uma vida completamente separada da sua.

— Me perdoe se nosso passado me deixou meio paranoico em relação à sua segurança.

— Daniel. — Por um instante, a voz de Éden se suaviza. — Eu sei. Acredite. Mas você não precisa ficar de olho em mim todos os segundos da minha vida. Nem sempre você vai saber onde estou. Não tenho mais 12 anos.

— Bom, pra mim você sempre vai ter 12 anos.

Éden se encolhe como se eu o tivesse estapeado. De repente, reparo que nossos olhos estavam encarando-se a uma mesma altura enquanto discutíamos. Quando Éden ficou tão alto? Demorei mesmo tanto tempo assim para reparar? Mas a mágoa inicial some da expressão dele. Ele afasta o olhar e observa através do vidro a Cidade Inferior bem abaixo de nós.

O elevador finalmente chega ao nosso andar. Éden sai primeiro e não olha para trás.

— Não precisa me seguir — diz ele com o rosto meio virado para trás. — Eu sei o caminho de casa. Ou você quer supervisionar minha entrada pela porta?

Antes que eu possa protestar, ele vai embora sem mim, o corpo sumindo pelo

corredor.

ÉDEN

DANIEL SÓ VOLTA PARA CASA TARDE DA NOITE. ESTOU NO QUARTO, TRABALHANDO sob a luz do abajur na minha máquina de energia perpétua quando ouço o alarme tocar na nossa porta da frente, seguido da voz automática agradável nos alto-falantes instalados nas paredes.

— *Bem-vindo de volta, Daniel Wing*.

Na sala, ouço meu irmão tirar os sapatos e o som da porta da geladeira sendo aberta e um copo de água sendo servido. Instintivamente, solto um suspiro de alívio e relaxo os ombros. Desligo meu rastreamento do geolocalizador dele. Meu irmão pode ser paranoico em excesso em relação a mim, mas é ele quem tem o emprego perigoso sobre o qual nunca conversa comigo. Quantas horas ele trabalhou hoje? Que tipo de missão exige que ele fique fora até tarde da noite?

Não saio do quarto para o cumprimentar. Nossa discussão mais cedo ainda ecoa na minha mente e não vou ser o primeiro a ceder. Apenas me encolho mais por cima da minha máquina e continuo trabalhando, ouvindo parcialmente Daniel na cozinha. Ele parece beber a água e botar o copo na bancada com um tilintar para logo abrir a geladeira de novo. Eu já tinha tirado o jantar dele do freezer e deixado na geladeira para descongelar. Ele não teria se lembrado de fazer isso mais cedo e nem se lembraria agora de que nunca o fizera.

É um detalhe que restou dos nossos dias na República: a memória falha. Ele se lembra de coisas que aconteceram quando éramos crianças ou de décadas atrás. Mas às vezes não se lembra de um lugar em que esteve poucos minutos antes. Ou de um nome. Um rosto. Uma tarefa.

Lembretes físicos às vezes ajudam a disparar uma lembrança perdida para ele e de vez em quando o pego parado com expressão pensativa no rosto,

lutando para identificar a sensação de déjà-vu que uma placa de rua ou uma viela estreita despertou nele.

Ele toma medicação diária para isso e usa vários programas no sistema de Níveis que disparam lembretes constantes para ele. Tento compensar o resto das vezes em que as coisas escapam. Mas isso torna o trabalho dele duplamente precário. Tenho muitos pesadelos em que ele não volta para casa. Por isso, fico de olho constante na localização e nos hábitos diários dele.

Bom, pra mim você sempre vai ter 12 anos.

As palavras me irritam de novo e volto a trabalhar na minha máquina de energia perpétua como vingança.

O design é delicado e elegante, um pequeno anel de bateria que agora equipo com um fio em espiral ao redor. Ao lado está o drone, que logo vou conectar ao motor. O bilhete de corrida de Pressa está dobrado no meu bolso. No canto do meu visor, o relógio diz que são nove da noite. Faltam poucas horas para eu me encontrar com ela.

Uma batida leve soa na porta.

Não respondo. Daniel bate de novo e quase espero que ele grite pela porta para que eu abra. Mas ele não faz isso. Quase consigo imaginá-lo parado ali, encostado casualmente no umbral com a camisa amassada e um prato de comida na mão.

Quando eu era pequeno, nós deixávamos nossas portas abertas e eu ia para lá e para cá o tempo todo, enchendo-o de perguntas até ele me mandar pastar. Mas isso era quando eu sentia que o conhecia. Então ele aceitou esse emprego no SIA e agora passa o tempo todo mantendo segredos. Então, eu faço o mesmo.

A batida soa uma terceira vez, mas não respondo. Finalmente, os passos dele se afastam e ele vai para o quarto dele.

Tento me concentrar em prender o motor novo no drone. Quando é que paramos de conversar de verdade? Por que é tão difícil para ele me entender agora? Como ele pode ir para a Cidade Inferior executar tantas missões e não sentir o mesmo empuxo que sinto? Afinal, ele também não cresceu em Lake?

Isso tudo só me lembra por que não conto para ele sobre meus pesadelos,

que me encolho quando ouço barulhos altos ou estremeço com bobagens que me lembram o passado. Meu irmão passou por coisa pior do que eu, mas parece ter saído relativamente ileso. Funcional. Prático.

Mas as coisas ficam na minha cabeça. Não vão embora.

Talvez ele esteja certo. Talvez eu ainda seja um garoto que não sabe seguir em frente.

Uma hora passa lentamente. Por fim, acabo de prender o motor e testo o drone, fazendo-o pairar silenciosamente acima da minha mesa. É um design moderno inspirado em um jato das Colônias que era pilotado por uma garota chamada Kaede, que levou meu irmão e June Iparis pelas fronteiras do país durante o auge da guerra da República. As asas são ágeis e estreitas, o formato do drone tão elegante que parece uma agulha. O motor embaixo brilha em um azul suave, zumbindo serenamente.

Do outro quarto, não ouço nada. Daniel deve ter ido para a cama agora. Depois de um tempo, me levanto e saio do quarto sem emitir som algum. Espio a porta dele e tento abrir a maçaneta.

Está trancada.

Ele já deve estar dormindo profundamente em sua cama arrumada. Enquanto meu quarto é uma bagunça, o dele está sempre bem-ordenado. Algo nos anos que Daniel passou nas ruas o tornou mais cuidadoso com suas coisas do que eu. Tudo está sempre no lugar: computadores e dispositivos organizados na mesa, a cama arrumada sem uma única ruga no cobertor. Ele tem algumas lembranças da nossa vida na República nas prateleiras. Um pingente do nosso pai, sempre polido. Medalhas e brasões da República estão arrumados e guardados numa caixa. Ele não os exibe abertamente.

Eu dou as costas para a porta dele e volto para o meu quarto. Com sorte, ele não vai me ouvir sair e não vai reparar quando eu voltar. Apago as luzes do quarto, guardo o drone na mochila e começo a vestir a jaqueta. Os padrões das luzes da cidade lá fora se projetam no meu teto. Tudo está silencioso e escuro. Só ouço os pensamentos na minha cabeça.

Finalmente, estou pronto para sair.

Quando me viro para a porta, um movimento lá fora me faz parar.

Fico parado na escuridão, pego os óculos na cômoda e ando com passos

silenciosos até a porta de vidro de correr que leva à longa varanda que envolve nossa casa.

Minha visão à noite nunca se recuperou dos experimentos da República e há uma aura leve em volta das luzes que cintilam pela janela. Mas consigo ver meu irmão agachado precariamente no parapeito, o rosto virado para a cidade ampla.

Seria uma visão apavorante para qualquer um. Pela forma como está sentado, Daniel parece capaz de despencar para a morte a qualquer momento. Mas ele está perfeitamente equilibrado e à vontade, um cotovelo apoiado na varanda, o pé apoiado na grade. Com minha visão borrada, um brilho de luz dos arranha-céus atrás dele delineia seu corpo em azul-esbranquiçado.

Parece que ele não foi dormir, afinal.

Fico tentando imaginar o que Daniel está pensando. Se ainda tem pesadelos como eu. O que vê quando olha para Ross City. Claro que ele não pode andar pela Cidade Inferior a trabalho e não pensar no local de onde viemos. Ele não pode passar por aqueles vendedores nas barraquinhas, pelas pessoas encolhidas nos becos, e não pensar nos dias em que lutava para sobreviver.

Talvez esteja pensando em ver June amanhã. Uma pontada de culpa me incomoda quando lembro que falei nela mais cedo. Ele mudou de assunto e voltou a falar de mim rapidamente. Mas essa é a questão dele agora. Ele passa o tempo todo revirando a minha vida sem me dizer o que está acontecendo com ele. Nem sei se ainda está apaixonado por ela.

Houve uma época em que tudo que eu queria era conversar com Daniel. Agora, não sei o que quero. Que ele me entenda, acho, só que isso parece impossível.

Eu o observo até ele se levantar, se virar e descer do parapeito. Ele desaparece dentro do quarto.

Uma ligação de Pressa chega. Eu a aceito e respondo com um sussurro:

— Alô.

— Alô. — Ela soa sem fôlego e empolgada. — Parece que você está na lista oficial de competidores. Hoje ainda está de pé?

Por um segundo, hesito.

Eu fiz uma promessa para Pressa, olhando direto em seus olhos. Mas Daniel ainda é um agente do SIA.

Se o SIA desconfiar de como Pressa ganha dinheiro, que está pagando as contas médicas do pai apostando em corridas ilegais de drones, ela vai ser presa e terá o seu Nível zerado antes que eu possa sequer tomar fôlego para defendê-la. Nem Daniel tem o tipo de poder capaz de salvá-la.

Dobro a inscrição do drone no bolso e o escondo. A Cidade Inferior. O perigo, o barulho e o caos: a necessidade de deixar que preencham a minha mente e afastem todo o resto.

— Estou descendo agora — confirmo. — Encontro você à meia-noite.

DANIEL

A noite está fria, mas não me incomodo com o ar gelado pinicando a pele. Tem algo de familiar no vento que bate em meu rosto enquanto me empoleiro nas alturas da cidade, onde consigo ver tudo: a pulsação de centenas de andares abaixo de mim, a confusão de luzes fortes nas passarelas que conectam os prédios, o piscar dos detalhes virtuais sobre as pessoas passando lá embaixo. Nesta noite, os arranha-céus mais próximos do nosso exibem em suas paredes um conjunto de murais virtuais marinhos, com corais coloridos e peixes nos tons do arco-íris nadando entre cada prédio. Quando olho pelo sistema de realidade aumentada instalado no meu chip, uma baleia virtual de cor turquesa e rosa néon nada preguiçosamente no ar entre dois arranha-céus, o corpo enorme se desmaterializando no final de uma parede e se materializando em outra como um fantasma.

Admiro a arte em movimento em silêncio.

Na República, eu subia no alto de um prédio e olhava para uma paisagem de neblina e sujeira, concreto e aço, faixas vermelhas e moinhos de metal. À noite, havia áreas da cidade completamente escuras, locais onde cortavam a energia para economizá-la para uso militar. Tenho fragmentos de lembranças desses blecautes, noites em que Tess e eu acendíamos um rolo de lixo como tocha para percorrermos as vielas no breu. Era um lugar que sempre parecia destruído.

Aqui, só vejo um mar de luzes e cores eternas. Mas, de alguma forma, tudo ainda passa a sensação de equilíbrio precário, como se essa cidade inteira estivesse se apoiando em uma base negligenciada e em ruínas, oscilando à beira de algo sinistro.

Dominic Hann.

O SIA o procura há tanto tempo, mas ainda não temos pistas suficientes. Nem mesmo uma aparição pública dele. A única coisa que sei ao certo é que ele tem amigos poderosos e muitos espiões. Sem dúvida sabe que estamos atrás dele e

encontrou um jeito de ficar fora do nosso campo de visão.

Verifico novamente minhas mensagens no visor. Não há nenhuma atualização de Jessan e de Lara. Nada na busca pelo local onde a próxima corrida de drones pode estar acontecendo na Cidade Inferior.

Passo a mão pelo cabelo e tento não me lembrar da sensação do corpo daquela mulher ficando inerte nos meus braços, a cabeça caindo para o lado enquanto a vida a deixava. Cada vez que fecho os olhos, enxergo os pontinhos de espuma em sua boca e sinto o peso dela. A lembrança me faz estremecer. Estou muito assustado com a ideia de vê-la em meus sonhos.

Era mais fácil quando eu tinha um inimigo que podia enfrentar: a antiga República, os jipes militares e os aeródromos e as patrulhas da praga, as dragonas brilhantes e as botas pretas. Não que eu esteja morrendo de vontade de voltar a morar nas ruas.

O pensamento me faz lembrar de Éden e olho instintivamente para trás, na direção da escuridão do quarto dele. Pelo menos ele pode dormir um pouco. Talvez de manhã eu consiga me encontrar com meu irmão antes de ele sair para a universidade e dar uma palavrinha. Uma parte de mim está se coçando para verificar a localização dele de novo, só para ter certeza de que está onde deveria — mas a explosão de Éden à tarde me faz hesitar. Eu me obrigo a deixá-lo em paz.

Em vez disso, olho para os andares abaixo do nosso apartamento. Amanhã, o Eleitor da República e seu grupo vão pousar no topo de um prédio próximo. June vai estar com ele. Vai ser a primeira vez que vou vê-la desde que esbarrei com ela na rua, em Batalla, um mês atrás.

Um nó de empolgação e medo se aperta no meu peito. Olho para o lado e imagino nosso encontro, imagino-a parada ali, ao meu lado, apoiada na amurada. Minhas lembranças estão tão destruídas desde que saí da República que durante anos não consegui lembrar nem quem June era. Eu só via uma garota sem nome nos meus sonhos, o rabo de cavalo comprido e escuro balançando, e me perguntava como eu nunca conseguia recordar. Eu olhava para o anel de clipes de papel no dedo, uma coisa que sempre usei desde que saí da República, e tentava relembrar por que era tão importante para mim.

Só quando a vi na República um mês atrás, por mero acidente, foi que os fragmentos dela na minha memória voltaram com tudo. Foi só então que

recordei que foi June quem me deu o anel de clipes de papel.

Naquela vez, apertamos as mãos e fiquei com lágrimas nos olhos. Sorrimos no jantar com Tess e tivemos uma conversa desajeitada. Eu a acompanhei até em casa. Fiz piadas e ela entrou nas brincadeiras. Cada gesto, cada pergunta e cada gargalhada dela despertavam lembranças antigas que eu achava que tinha perdido. Ela foi a fagulha que brilhou na minha escuridão, iluminando uma história que pouco consigo ver.

Foi a última vez que nos falamos. Ela não entrou em contato comigo no mês que se passou depois e eu também não. Não sei por que morro de medo de ligar para ela de novo. Talvez seja temor das fagulhas de lembrança voltarem.

Mas amanhã vou vê-la de novo. A cada momento livre que tenho, meus pensamentos se voltam para ela.

Limpo a garganta e finjo olhar para ela e sorrir. Até o treino me deixa nervoso. O que vou dizer para ela?

— Que legal encontrar você de novo, né? — murmuro para mim mesmo, fingindo o tom casual e paquerador que tento usar com ela. Balanço a cabeça. Não quero que ela me ache um idiota. — Parece que estamos sempre nos esbarrando na rua — digo, reelaborando minha fala, mas faço uma careta.

Tento algumas outras frases:

— Bem-vinda ao meu bairro.

— Se precisar de um guia pela cidade, estou livre hoje.

— Tem planos com o Eleitor esta noite ou posso te roubar pra jantar?

Faço cara feia, constrangido e agradecido por não ter ninguém me vendo falando sozinho. Nunca tive dificuldade para conversar com uma garota. Por que estou com essa sensação de pânico?

Eu ajeito a posição do corpo na varanda e começo a recitar as coisas que estou querendo contar para ela a semana toda, lembranças de nós que estou me esforçando para obter.

— Lembra quando você me ensinou a lutar? — murmuro para uma June imaginária ao meu lado, um sorriso malicioso no rosto. — Você estava com febre por ser a Paciente Zero de uma praga e mesmo assim me deu uma surra.

Para ser sincero, a lembrança está vaga para mim. A maioria está. Eu me lembro da luta, da June me ensinando como espaçar meus pés e como proteger meu queixo. Mas não me lembro de onde estávamos e nem por quê. Não lembro

o que aconteceu depois que ela me derrubou. Havia um túnel comprido e escuro. A testa dela estava coberta de suor.

Se eu mencionar para June, talvez ela me ajude a preencher as lacunas dessa lembrança.

— Ou a vez em que você botou aquele vestido vermelho? Você era a pessoa mais linda que eu já tinha visto na vida. Ainda é.

Essa lembrança também é uma foto borrada. Havia taças de champanhe e candelabros cintilantes. Havia a visão de June naquele vestido escarlate deslumbrante, o cabelo preso alto e denso na cabeça. Nós estávamos em uma sala iluminada pelo luar e, por algum motivo, eu me afastei dela. Por que eu faria isso?

Recito outros fragmentos de lembranças. O rosto dela, molhado e cintilante, nós dois agachados em uma tempestade. Nós encolhidos juntos em um saco de aniagem em um vagão de trem em movimento. Eu a beijando, puxando-a para perto, tirando mechas de cabelo do rosto dela. Eu, entortando com dificuldade um par de clipes de papel e dando o anel para ela. Ela, fazendo o mesmo para mim.

Há um milhão de pedaços de nós espalhados pela minha memória, momentos pequenos e insignificantes para o mundo inteiro, exceto para mim.

Fico em silêncio e volto a olhar a cidade. De repente, fico ciente de como sou pequeno contra este panorama, nada além de uma sombra na noite, perdido em um mar de luzes.

Talvez ela também não se lembre de nada disso. Talvez não valesse a pena lembrar. Olho para baixo, reúno coragem, respiro fundo para desfazer o nó apertado no meu peito.

Não importa. No mínimo, vai ter valido a pena contar para ela que sei que tivemos algo especial.

ÉDEN

Não sei exatamente quando as corridas de drones começaram. Décadas atrás, acho, em algum outro país, numa época em que parece que um jogo virou febre. Só sei que quando Pressa me levou pela primeira vez a uma corrida, quando vi os raios coloridos dos drones iluminarem o ar, fiquei encantado.

Agora, puxo o capuz sobre a cabeça e corro pelas feiras noturnas da Cidade Inferior. Enquanto os Andares do Céu de Ross City são tomados por murais virtuais, as cenas aqui embaixo têm a dureza da realidade. A essa hora, tudo é banhado de néon, com letreiros vermelhos e amarelos piscando acima de lojas em ruínas e motéis gradeados, filas de lâmpadas de néon penduradas sobre a confusão de barracas de feira que continuam tão cheias quanto durante o dia. Todo mundo mantém a cabeça baixa enquanto abre caminho pelas ruas fumacentas. Ninguém presta atenção em mim.

Esta noite, estou passando pela área da Cidade Inferior que costuma ficar lotada de criminosos. Golpistas. Apostadores e ladrões, traficantes de drogas e mafiosos. O sistema de Níveis começa a falhar aqui embaixo, onde a maioria das pessoas tem contas hackeadas. Números e nomes não flutuam acima da maioria das cabeças. E quando violência e assassinatos acontecem, não há pontos deduzidos, nenhum alarme enviado digitalmente para a polícia.

É para cá que você vem quando precisa pegar um empréstimo urgente, subir temporariamente de Nível para poder usar um ônibus, ou comprar um remédio que está fora do mercado oficial. As pessoas aqui embaixo fazem isso para você, hackeiam seu sistema para que seu Nível suba… mas por um preço exorbitante. Se você não puder pagar o preço depois que seu Nível volta ao normal… Bom, muita gente desesperada some o tempo todo e seus

desaparecimentos não são investigados por um país desinteressado.

Verifico minha conta de novo. Hackear o sistema de Níveis não é um feito pequeno, mas ajuda quando seu irmão trabalha para o governo e você viu algumas vezes como a conta dele é configurada por dentro. Esta noite, desliguei meus Níveis e assumi uma identidade aleatória. Quando alguém olha acima da minha cabeça, não vê ÉDEN BATAAR WING, NÍVEL 54. O que aparece é ELI WHITMAN, NÍVEL 5.

Mas, até onde eu sei, Daniel encontrou um jeito de contornar isso e está seguindo minha localização de novo sem me dizer. Olho para trás, como se fosse vê-lo me seguindo na multidão.

Quando dobro uma esquina e chego a uma parte mais escura da Cidade Inferior, onde as pessoas com Níveis zerados se abrigam de ambos os lados das ruas em fileiras de barracas, começo a ficar nervoso. Apesar de estar usando minhas roupas mais sutis, olhares se desviam na minha direção e olhos parecem perfurar minhas costas. Algo na minha postura me faz destacar: talvez seja o jeito como encolho os ombros ou como empurro os óculos para cima, ou talvez seja só o fato de que sei que aqui não é meu lugar.

Talvez eu esteja com cara de patinho de novo e alguém acabe vindo para cima de mim com uma faca para me roubar. Enfio as mãos nos bolsos e abaixo mais a cabeça. Eu devia ter pedido a Pressa para me acompanhar em vez de combinar de encontrá-la lá.

Quando chego mais perto do ponto de partida da corrida de drones, começo a reparar em multidões fazendo fila nas calçadas aqui e ali, esperando, como se estivessem se preparando para um desfile. Dinheiro troca de mãos e murmúrios empolgados enchem as ruas. Percebo que as pessoas estão ajustando as configurações virtuais para poderem acompanhar a corrida pelos chips.

As ruas ficam cada vez mais cheias até eu estar espremido. Finalmente, paro na frente do que parece um boteco velho, tão pequeno que mal consigo passar pela porta.

O interior é iluminado com uma luz vermelho-néon. Pessoas reúnem-se em volta de um bar e, atrás do balcão, uma mulher reclinada me observa.

Eu limpo a garganta e olho de um jeito que espero que pareça calmo.

— Está servindo uísque vermelho hoje? — pergunto. É a senha atual, que descobri nas minhas buscas.

Por um segundo, penso que entendi errado, porque ela não reage. Só me olha como se eu não parecesse o tipo certo de pessoa para estar aqui.

Mas aí ela contorna o balcão do bar e faz sinal para eu segui-la. Andamos para os fundos, onde uma porta de banheiro está trancada com uma placa pendurada que diz: QUEBRADO.

Ela passa um dedo na frente da porta, que se abre um pouco.

A mulher sinaliza para eu entrar, mas não faz qualquer menção de ir atrás. Dou um sorriso rápido, passo por ela e adentro a escuridão. A porta se fecha atrás de mim. Estou em uma espécie de espaço escuro e fechado. Só vejo por um momento uma luz verde e leve na maçaneta da porta. Meu coração dispara, e sinto um pouco de claustrofobia.

O chão abaixo de mim treme. Uma luz verde-néon banha o espaço, e a parede na minha frente se abre com um gemido. Puxo a camisa por cima do nariz quando o cheiro de esgoto ameaça me sufocar.

Saio do elevador improvisado para uma praça quadrada cercada por quatro arranha-céus, iluminada por luzes néon piscando nas paredes e com uma neblina vermelha. Música alta e uma confusão de vozes me atingem.

Não sei o que eu esperava ver. Lâmpadas vermelho-néon estão penduradas aos milhares de prédio a prédio. Vendedores oferecendo pães saborosos e carne frita no palito se amontoam nas beiradas da praça. As paredes estão cobertas de teias de vigas de aço e há um disjuntor gigantesco pendurado perto de onde entrei. Parece que era uma antiga estação de elevadores em construção que em determinado momento foi abandonada e desbaratada.

As pessoas estão tão espremidas que qualquer desastre, como uma briga ou um incêndio, transformaria o lugar num poço de morte. Mas ninguém liga. Todos se reúnem em volta de uma clareira circular no meio da praça, onde os competidores da noite estão se enfileirando e preparando os drones.

Uma contagem regressiva virtual gigante paira acima do meio da praça, virando no meu visor de acordo com meus movimentos.

CORRIDA DE DRONES: SEMIFINAIS

COMEÇAM EM 10 MINUTOS

Logo abaixo há a lista de nomes de competidores da primeira bateria, atualizada a cada um que chega no local.

Meu nome falso está lá.

ENTRADA 9: ELI WHITMAN

Por um momento, fico paralisado. As pessoas ao meu redor têm cara de que frequentam rachas desde sempre. Eu, por outro lado, devo parecer o alvo mais fácil que já entrou na Cidade Inferior. As palmas das minhas mãos começam a suar.

Pressa, escrevo numa mensagem. **Estou aqui agora. Onde você está?**

Acabo vendo uma barraca onde as pessoas estão registrando os drones. Vou até lá, tentando ignorar o jeito como os outros me olham de soslaio.

O homem atrás da barraca me observa com ceticismo.

— Drone — diz ele.

Puxo a mochila para a frente, abro o zíper e tiro com cuidado meu drone para ele inspecionar. O homem levanta a sobrancelha para o meu design. É diferente do de todo mundo, com o formato pequeno e elegante, e o motor cintilante preso na ponta. Eu recuo e espero enquanto ele o ergue e vira para lá e para cá.

— Um drone meio nanico, né? — murmura. Finalmente, assente para mim. — Benfeitor?

Eu franzo a testa.

— O quê?

Ele ergue a sobrancelha.

— Todo competidor precisa de um benfeitor — explica o homem. — Precisamos de garantia de que você vá ser capaz de pagar por qualquer dano causado. A menos que você tenha dez mil corras dando sopa e possa ser seu próprio benfeitor.

Pressa não tinha mencionado nada sobre isso.

— Ainda não tenho — começo a dizer, olhando ao redor em busca da

minha amiga —, mas estou na lista da corrida. Se você olhar…

Mas ele já está balançando a cabeça para mim e me devolvendo o drone.

— Você deve ser novo aqui — diz ele com uma risada. — Sem benfeitor, nada de corrida. Não quero saber qual é seu nome.

— Mas se você deixar…

Qualquer solidariedade por mim some dos olhos dele. Irritado, faz sinal para que eu saia da fila.

— Tem gente atrás de você — reclama ele, fazendo sinal para a pessoa seguinte se aproximar.

— Espere!

Relaxo de alívio quando Pressa sai de trás dos apostadores e vai na direção da mesa. Como sempre, a postura dela ali embaixo é totalmente diferente da que estou acostumado a ver na universidade e na loja do pai dela. Ela está com uma peruca comprida, para começo de conversa, bem loura, um contraste intenso com o seu cabelo preto na altura do rosto, e usando um par de óculos falsos cor-de-rosa que deixam seus olhos anormalmente grandes. Ela franze a testa para o homem.

— Eu sou a benfeitora dele — diz, pegando um envelope lacrado e empurrando para ele.

Ele parece reconhecê-la, porque grunhe em reconhecimento antes de abrir o envelope. Dentro há uma pilha de corras, limpas e novas. Ele as levanta contra a luz, assente e guarda o envelope.

— Você é um competidor oficial — diz o homem para mim, e poucos segundos depois assente para os nomes dos competidores no menu virtual giratório. Acima da minha cabeça, uma luz azul se acende, indicando que sou um dos participantes. Como se combinando, todos ao redor se viram para me olhar.

— Por acaso você fica me espionando pelos cantos até eu parecer estar prestes a fazer algo idiota? — murmuro para Pressa.

Ela sorri e passa o braço pelo meu.

— Não preciso esperar muito pra isso — responde ela. — De nada por eu ter salvado sua pele.

— Onde você arrumou dez mil corras?

Ela dá de ombros.

— Não importa. Andei economizando. Se seu drone for tão bom quanto você diz, vamos recuperá-los depois da primeira corrida. — Ela olha com curiosidade para a minha mochila. — Pode me mostrar o que você trouxe?

Na parede, a contagem regressiva diminuiu para três minutos e a maior parte da área em volta do espaço aberto está lotada. Já consigo ver os competidores se enfileirando no centro, alguns deles fazendo ajustes de último minuto nos motores.

Quando chegamos nos outros competidores, mostro meu drone para Pressa.

Em comparação aos demais modelos aqui, é evidentemente minúsculo, talvez o menor tamanho que poderia se qualificar para essas corridas. Mas compensa qualquer fragilidade com velocidade. O motor forma um círculo perfeito embaixo do drone e, quando o viro, brilha com uma luz azul leve.

Pressa faz um som impressionado.

— Design bonito — diz ela, admirando as asas. — Eficiente. Mas vai sobreviver a uma batida?

Eu balanço a cabeça.

— Se algum dos outros bater no meu, é o fim — respondo.

Ela me olha com desânimo.

— Pensei que você tivesse dito que era incrível.

— Não pretendo deixar ninguém chegar perto o suficiente pra tocar nele — explico.

Pressa ergue as mãos, mas vejo a luz nos olhos dela, sua sede pela nossa vitória em potencial.

— Tudo bem — aceita ela. — Vou confiar em você.

Acima, as lâmpadas vermelhas ficam mais e mais fracas, alertando a plateia de que a corrida vai começar. Eu me espremo no meio das pessoas até estar na lateral da arena, a lateral mais próxima dos outros competidores.

Um minuto para a corrida começar. Como o resto da multidão, estico a mão para a frente e ajusto as configurações da visão virtual. Para enxergar a corrida inteira, você precisa se conectar a um canal sendo gravado pelo drone que segue os drones oficiais da corrida. A filmagem vai passar na frente dos seus olhos enquanto os drones disparam pelas ruas da Cidade Inferior, como se você estivesse atrás deles.

Tento manter uma expressão calma enquanto as pessoas na plateia olham para mim, murmurando baixinho. A adrenalina corre com rapidez nas minhas veias, lutando contra os pensamentos que costumam me assombrar quando as coisas estão tranquilas demais, e sorrio. Só consigo me concentrar na ideia de vencer a corrida. Isso, por si só, é liberdade.

Dez segundos para começar. Vejo Pressa se movendo pela multidão com a cabeça baixa, tentando ser discreta. Ao mesmo tempo, ela envia uma mensagem que aparece em letras brancas na frente dos meus olhos.

Boa sorte, garoto do céu.

Os outros drones sobem no ar, o chiado dos motores preenchendo o espaço.

Enquanto a plateia grita em coro pelos seus favoritos, ligo meu drone e esquento o motor. No meu visor, vejo as estatísticas dele ganharem vida, uma série de letras e números virtuais azuis na lateral da minha visão.

As luzes acima piscam uma vez, com intensidade. Ao mesmo tempo, um estouro barulhento como um tiro ecoa nos alto-falantes sobre nossas cabeças.

A corrida começou.

Todo mundo se inclina para a frente. A multidão vibra ruidosamente.

Jogo meu drone no ar. Tremeluz uma vez. O motor zumbe em marcha alta.

— Faz o que você sabe — murmuro para ele. E balanço a mão uma vez.

Meu drone vira na direção dos demais e dispara. De repente, no centro do meu visor, uma imagem ao vivo do canal aparece, como se eu estivesse montado *no* meu drone. Concentro-me no vídeo agora, guiando o drone pelas vielas da praça que dão nas ruas. Quando nossos drones disparam para a cidade, eles deixam para trás trilhas virtuais de cores fortes.

Da lateral da praça, a locutora solta um assobio.

— Fiquem de olho no Número Nove! — exclama ela. — Aquele drone pequenininho com o motor diferente de tudo que já vi!

Uma série de aplausos e vaias soa na plateia. Eu apenas trinco os dentes e continuo. Pela visão que tenho através do canal, meu drone faz um arco em

uma esquina e evita por pouco uma colisão entre dois outros enquanto dispara. As pessoas caminhando nas ruas olham com arquejos assustados; dois autocaminhões quase se chocam quando os drones passam por um cruzamento. Espectadores reunidos pela cidade que aguardavam ansiosos pela corrida comemoram.

Lanço um olhar para a multidão na praça onde estou. Não vejo Pressa em lugar algum.

Um dos drones rivais dá uma girada no ar e vira-se acentuadamente na direção do meu.

Eu mal me esquivo. Minha visão entra em parafuso quando meu drone despenca, mergulhando até estar a centímetros do chão. Quase bate na haste de aço de uma barraca de comida. As pessoas naquela rua gritam quando meu drone roça entre os amontoados de pernas antes de finalmente voltar para a parte alta.

— Essa foi por pouco! — grita a locutora. — O Número Nove quase não escapou dessa!

Outro drone vai para cima do meu, tentando tirá-lo da pista. Viro o nariz do drone para cima. Ele dispara no ar antes de fazer um arco para baixo, vários passos à frente do meu agressor, mais rápido e estável do que qualquer drone deveria voar.

Agora, as pessoas ao redor estão me olhando com curiosidade surpresa. Vou subindo regularmente na colocação conforme o motor aquece. Há uma mudança audível na plateia quando começam a reparar no desempenho do meu drone.

Uma máquina maior chega perigosamente perto. Uma das asas roça na beirada da minha. Viro loucamente para longe dos outros e saio girando, fora de controle. Soam gritos e ofegos.

Fique reto, digo para mim mesmo freneticamente. *Fique reto!*

O motor entala por uma fração de segundo antes de rugir de volta à vida. Forço-o o máximo que consigo; o mero impulso obriga o centro de massa a se firmar. Há um corte feio na lateral, mas mesmo assim ele volta para a disputa.

Já percorremos quase três quartos da corrida. Só faltam algumas ruas para que os drones voltem para a praça. Perto do começo do mapa, vários drones

da polícia foram ativados, as sirenes piscando enquanto eles lutavam para acompanhar os competidores.

Meu motor se aquece até eu conseguir ver o seu brilho azul ardendo nas beiradas da minha visão. Eu me concentro nas curvas. Outro drone tenta me derrubar. Os que estão a minha frente formam uma barreira. Mas obrigo o meu drone a subir, sua estrutura arqueando-se acima dos demais, avançando, o motor brilhando conforme eu os ultrapasso um a um.

A linha de chegada se aproxima em um borrão. Ouço o zumbido dos drones voltando para a praça onde estamos. Os demais competidores estão atrás de mim agora. Sorrio abertamente, meu drone avançando… até finalmente atravessar o último marcador acima das nossas cabeças. Ganha por uma boa distância.

A multidão ao meu redor explode em caos. Há apostadores enfurecidos gritando para a locutora entregar o jogo. Outros já estão fazendo apostas para a noite seguinte. Guio meu drone de volta para a praça e trago-o até meu lado antes de desligar o motor. Ele desce cuidadosamente até o chão do espaço aberto e se desliga quando o pego e o guardo na mochila. Os competidores ao meu redor me olham de cara feia enquanto apanham seus próprios drones, conforme retornam um a um para o meio da praça.

Não consigo evitar um leve sorriso. Posso não ser carismático, maneiro ou resiliente como o meu irmão. Posso não conseguir conquistar meu espaço na universidade. Mas nisso aqui — em construir coisas, em encontrar um jeito de criar algo que funcione —, eu sei que sou bom. Sei que posso vencer.

Uma mão áspera me segura de repente pela nuca. Não é algo que eu esperaria sentir como vencedor de uma bateria de corrida de drones. Sou levantado do chão e empurrado para a frente enquanto uma lanterna é apontada para o meu rosto. Pontos brilhantes explodem na minha visão. Levanto as mãos instintivamente para bloquear a luz.

— Eli Whitman — diz uma mulher com rispidez. Ao lado dela, um homem agarra firmemente os braços de Pressa.

É a expressão tensa no rosto da minha amiga que me assusta.

— Você está financiando esta corrida com notas falsas? — pergunta a mulher. Joga então o envelope de corras no chão.

— Falsas? — consigo dizer.

Pressa balança a cabeça.

— Eu não sabia que eram falsas — argumenta ela. — Foram aprovadas na barraca! O cara de vocês as ergueu contra a luz. Alguém está armando pra cima da gente.

Mas a mulher só olha para ela de cara feia.

— Essa corrida está anulada — anuncia ela. Uma gritaria explode nas barracas; são apostadores furiosos que tinham botado o dinheiro em mim, espectadores arrogantes que perderam dinheiro na corrida. — Você precisa pagar em corras reais agora, e mais o dobro como penalidade.

Pressa me lança um olhar, me avisando para ficar fora disso, e cruza os braços sobre o peito enquanto encara a mulher.

— E se eu não fizer isso? — diz ela.

— Eu disse que havia opção? — pergunta a mulher, e o homem segura os braços de Pressa e os puxa com tanta força que ela grita.

— Mas que inferno! — grita minha amiga. — Eu não sabia que eram falsas! Me solte e arrumo o dinheiro de verdade, eu juro. Ou você pode tirar do que ganhamos. Nós todos sabemos quem venceu hoje.

Eles não parecem achar graça das palavras dela. Por um instante, penso em abrir minha própria conta bancária, mas qualquer coisa que eu enviar aqui embaixo vai ser rastreada até minha identidade real. Não vão aceitar algo que não seja dinheiro vivo impossível de rastrear.

— Parem com isso — começo a dizer para o homem e a mulher. — Ela já disse que não sabia. *Eu* não sabia. Vou me retirar da corrida, tá? Soltem ela. Vamos voltar com o dinheiro em uma hora.

Pressa me xinga. Os olhos dela estão arregalados de raiva.

— Cala a boca, Éden — diz com rispidez. — Eu cuido disso. Não se retire da corrida!

Mas eles não estão mais nos ouvindo. O homem começa a arrastar Pressa para longe… e, na mão dele, vejo o brilho de uma coisa afiada e metálica. Algo gelado comprime meu coração. *Vão matar ela*. A plateia, empolgada com a perspectiva de sangue, já se levantou, e seus gritos chegam a um pico febril.

— Posso pagar — eu começo a berrar. Apesar de não saber o que faria

para impedi-los, dou um pulo para a frente, pronto para arrancar Pressa dos braços deles se precisar. — Posso pagar! — digo de novo. — Tenho o dinheiro na minha conta. Só preciso arrumar um jeito de entregar para vocês sem que seja rastreável. Por favor, eu…

De repente, sem aviso, a praça cai em silêncio. Parece que um interruptor desligou todo mundo.

A mulher e o homem também param. Pressa pisca, tão confusa quanto o resto. Olho ao redor, tentando entender o que acabou de acontecer.

Todo mundo parou para observar uma figura ladeada por vários homens que apareceu de dentro de um dos salões. Ele faz sinal para que se afastem. Segue andando na nossa direção e, conforme anda, qualquer pessoa no caminho chega rapidamente para o lado, baixando os olhos.

Trata-se de um homem e, à primeira vista, não parece nada de mais. Ele é magro, delicado até, e jovem, a pele tão pálida que reflete o brilho vermelho das lâmpadas acima, o cabelo denso e preto como um corvo. O terno tem corte perfeito e está passado. Ele se move com graça cirúrgica. O olhar está grudado em mim, mas tem algo na expressão dele que me faz me encolher por instinto.

Sinto como se a presença do homem sufocasse tudo ao redor, deixando a multidão toda um pouco mais tensa. Ele é alguém que todo mundo aqui teme. Pressa e eu trocamos um olhar rápido e inseguro.

O homem assente para mim.

— Eu serei o benfeitor desse garoto — diz ele, o olhar indo da minha mochila para o meu rosto. — Por isso, sugiro que você comece a se preparar pra final amanhã à noite.

Minha primeira impressão dele é que parece jovem demais para ter um efeito desses em todo mundo em volta.

E olha que meu irmão é o Daniel. Eu sei como é uma pessoa jovem ser reverenciada. Mas isso é diferente. Esse cara não é muito mais velho do que Daniel, mas o efeito da presença dele na multidão quase parece uma coisa viva.

Ele para na minha frente e assente, esticando a mão. A expressão dele é gentil, quase *paternal*.

— Foi uma corrida excelente — diz. — Seu drone é impressionante.

— Obrigado — digo, sem saber o que mais fazer.

Quando aceito a mão dele e a aperto, ele se inclina para bem perto de mim.

— Seu nome não é Eli Whitman, é? — sussurra.

Um arrepio de terror desce pela minha espinha e tento mentir.

— É, sim.

— Não tenha medo — acrescenta o homem. — Não digo isso como ameaça. Se vamos trabalhar juntos, temos que confiar um no outro. Certo?

Ele volta para a posição ereta e, antes que eu possa responder, sorri e ergue a voz para que todos ao nosso redor possam ouvir.

— Soltem a garota — diz, indicando Pressa.

O homem que a está segurando a larga na mesma hora e se afasta. Fácil assim. É uma reação tão instintiva que eu poderia jurar que era como se o recém-chegado pudesse controlar a mente dele.

Pressa massageia os pulsos enquanto olha com curiosidade para o meu benfeitor. Ele cruza as mãos nas costas, em silêncio.

— Vou cobrir as dez mil corras desse jovem competidor — anuncia ele, repetindo a promessa para que todos possam ouvir. — Para mim, não há dúvida nenhuma de que ele venceu a corrida. Alguém questiona?

Alguns momentos antes, todos estavam irritados com a minha vitória. As vaias dominavam a praça. Mas, agora, o silêncio é ensurdecedor. Ninguém ousa olhar diretamente na nossa direção. As pessoas só olham para quem está ao lado e depois para o chão.

Ele sorri brevemente.

— Que bom — diz o homem, antes de olhar para mim de novo. Há uma rouquidão na voz dele que reverbera de dentro do peito, o tipo de som que indica alguma doença crônica. — Você vai ser pago pela sua primeira vitória — diz para mim. — Como seu benfeitor, eu tiro minha parte do que você ganhou.

Assim que ele fala isso, alguém se adianta e faz sinal para eu esticar a mão. Obedeço e fico olhando em silêncio, estupefato, enquanto ele conta um bolo grosso de dinheiro e vai botando na minha palma uma quantia diretamente proporcional ao tanto que uma aposta em mim era improvável. Observo a minha mão, atordoado.

Cem mil corras.

Ao meu lado, Pressa olha chocada para a quantia. Nenhum de nós já viu tanto dinheiro junto na vida. Nem Daniel ganha dinheiro assim.

O homem parece satisfeito com a minha reação.

— Acho que essa corrida acabou. — Ele estica o braço na frente do corpo, sugerindo uma curta caminhada juntos. Todos ao nosso redor já abriram espaço para passarmos. — Posso fazer algumas perguntas?

Meus instintos formigam com cautela e confusão. Não sei como interpretá-lo. Só sei que ele pode ter acabado de salvar a vida de Pressa e a minha também.

— Claro — digo, conforme nós dois começamos a acompanhá-lo. Ele nos guia para uma das vielas que saem da praça. Todos fazem questão de nos ignorar.

— Como devo chamá-lo? — pergunto ao homem quando entramos na viela.

— Depende — responde com um sorrisinho. — Como devo chamar *você*? Porque você não é Eli. — Ele olha para Pressa. — Você eu já vi nas corridas. Pressa, não é? Seu pai tem uma botica no centro da Cidade Inferior. É um homem trabalhador. — Ele assente de forma respeitosa e os lábios de Pressa tremem com um sorriso surpreso.

— Obrigada — murmura ela.

O homem se vira para mim.

— Meu nome é Dominic — diz ele e faz uma pausa. Não sei dizer se ele está pensando mesmo ou se está só tentando nos dar a impressão de que está. — Seu irmão — diz por fim — trabalha para o SIA.

Uma onda de medo toma conta de mim. Pressa me lança um olhar rápido e alarmado. Por baixo de tudo, também sinto aquela corrente familiar de ressentimento, de ser identificado só em relação a Daniel.

O homem chamado Dominic devia ter lido bem minha expressão, porque ele continua:

— E você é um dos melhores alunos da Universidade de Ciências de Ross. Está se formando um ano mais cedo, com honras. Já vi seu nome no noticiário por algumas das suas criações na faculdade.

Isso me surpreende. É *verdade* que apareci no noticiário local pelos meus

experimentos científicos, mas ninguém nunca comentou sobre isso. Franzo a testa para o homem, sem saber se sinto medo ou orgulho.

— Por que sabe tanto sobre nós? — pergunto.

— Faço questão de saber sobre todo mundo que participa das corridas de drones — diz, conforme andamos. — É só um jeito bom de trabalhar.

Trabalhar. Esse homem é patrocinador da corrida toda? Ele não teve problema nenhum em pagar dez mil corras para ser meu benfeitor. Um alarme toca mais alto na minha cabeça com as palavras dele. Penso no quanto estamos longe dos elevadores que nos levarão de volta aos Andares do Céu. Temos que fazer o que ele quer por um pouco mais de tempo.

— Obrigada por ser o benfeitor dele, hã, sr. Dominic — diz Pressa por mim, interrompendo minha pausa hesitante.

Ele balança a mão como quem faz pouco caso.

— Não precisa me agradecer — responde. — O dinheiro do seu prêmio vai mais do que compensar meu investimento. Foi um gesto inteligente entrar na corrida hoje. — Ele ergue a sobrancelha para mim. — Onde você aprendeu a fazer um motor assim?

Dou de ombros, sem saber como responder.

— Estou trabalhando no design dele desde que entrei na faculdade — respondo. — Os drones são um jeito legal de testá-lo e ganhar um dinheirinho enquanto isso.

Dominic concorda.

— Nunca vi um motor como o seu — diz, e o tom na voz dele é tão genuíno que não consigo deixar de sentir um certo orgulho. — Você pode aplicar esse design de motor para energizar qualquer coisa?

Eu assinto.

— Qualquer coisa.

Chegamos ao fim da viela. Ali, o espaço estreito dá em uma rua grande da Cidade Inferior.

— Bem, é aqui que nos separamos hoje — diz Dominic. — Vocês têm minha palavra de que ninguém vai incomodá-los no seu caminho para casa. Espero vê-los amanhã, nas finais. — Ele abre um sorrisinho para nós.

— Espere… — começo a dizer.

Há tantas coisas sem resposta. Quem é ele? O que faz na Cidade

Inferior? Qual é o nível de envolvimento dele nas corridas de drones?

Mas ele já foi engolido por sombras ao voltar pela viela. Pressa e eu ficamos no meio de uma rua movimentada com nosso prêmio, com gente passando por nós nas duas direções.

Nós nos olhamos, atordoados.

— Dominic — murmuro para ela. — Não diz nada pra você, diz?

Ela balança a cabeça.

— Nem faço ideia. Mas você conseguiu seu benfeitor. — Ela chega mais perto de mim e me olha com seriedade. — Você não precisa fazer isso. Se pular fora, não vai ter que pagar o dinheiro da benfeitoria dele. Ele vai conseguir devolução. Se não estiver à vontade com isso… bem, você mora nos Andares do Céu mesmo e…

Ela para de falar e morde o lábio.

Penso no pai de Pressa, no corpo frágil e na voz fraca. No quanto ele precisa do remédio. Meu olhar se prolonga nos olhos escuros dela e no rosto em formato de coração e percebo que a proximidade está deixando minhas bochechas quentes.

É verdade que não sei onde estou me metendo. Mas, seja lá no que eu estiver envolvido, Pressa também está. O que pode acontecer a ela e ao pai na Cidade Inferior se eu não aparecer na corrida final?

— Te encontro depois da aula amanhã — digo para ela. — Aí vamos poder conversar.

DANIEL

Na manhã seguinte, Éden sai antes de eu ter a chance de vê-lo. Ao sair do meu quarto, percebo que a porta dele está aberta, revelando a bagunça e a pilha de roupas no chão. A louça dele já está na pia da cozinha.

Faz sentido. É o último dia de provas e talvez ele tenha precisado ir mais cedo. Lembro a mim mesmo disso, tentando evitar que a ausência dele me incomode enquanto tomo um banho e visto o terno.

Em qualquer outro dia, eu provavelmente cederia e rastrearia a localização do meu irmão, só para ter certeza de que ele está onde afirma estar. Mas hoje, felizmente, há outra coisa para me distrair.

June está chegando à cidade.

A ligação surge no meu visor assim que passo pela porta.

— Espero que você tenha dormido bem, Wing — diz Jessan. — O Eleitor e a comitiva dele estão marcados para pousar no quartel-general do SIA em uma hora. Já está vindo?

— Saindo de casa agora — respondo.

Há uma pausa do outro lado, seguida da voz de Jessan achando graça:

— Você parece mais nervoso do que o habitual. Seria por causa de alguém no avião da República?

Fecho a cara quando ouço a gargalhada dela. Todo mundo sabe do meu passado com June, ao que parece. Quem podia imaginar que um bando de estrangeiros estaria atento aos noticiários sobre nós, criando suas próprias ideias sobre dois fugitivos por aí?

— Sua mente está pregando peças em você, querida — respondo, tentando manter a voz indiferente desta vez. — Estarei aí em dez minutos.

— Claro, claro. — Ouço o sorriso de Jessan na resposta. — Tudo bem se você ficar distraído hoje, sabe.

— Eu não estou distraído.

— É, essa foi uma declaração convincente *mesmo*. Já perdi a conta de quantas vezes você perguntou quando a República vem nos visitar.

— *Dez minutos*, Jess.

— Tudo bem. Te vejo daqui a pouco. E se você tiver dificuldade de encontrar palavras depois que encontrar a srta. June Iparis hoje, é só nos dizer...

Reviro os olhos e desligo antes que Jessan possa continuar.

Mas, enquanto caminho sozinho para os elevadores que vão me levar vários andares para cima e por vinte prédios até o quartel-general do SIA, meus pensamentos voltam-se para June.

Ela não veio para me ver. Está acompanhando o Eleitor de seu país, cuidando da segurança dele enquanto ele se encontra com o Presidente da Antártida. Talvez não ligue muito se vou estar lá ou não. O único aviso que ela me deu, afinal, foi uma mensagem de texto rápida, várias semanas atrás, avisando que estaria em Ross City.

Mas não me importo. A imagem dela permanece na minha mente quando entro no elevador. Por mais que eu odeie a provocação de Jessan, não consegui parar de pensar em June desde que soube que ela vinha à cidade. Meus sonhos da noite anterior foram uma mistura exaustiva de pesadelos, alguns sobre o misterioso Dominic Hann que estou perseguindo, alguns sobre a segurança de Éden... e alguns sobre June.

Visões de June desinteressada em me ver hoje. Dela me dando as costas e voltando para o avião da República. Dela sendo educada e distante. Nós só nos vimos uma vez depois de uma década separados. E se mudamos demais? E se nosso destino não é ficarmos juntos?

✪ ✪ ✪

O quartel-general do SIA é uma exuberante extensão de escritórios acompanhados de uma pista de pouso no terraço. Durante meu tempo ali, vi todos os tipos de líderes mundiais pousarem para conversar com nosso Presidente, com várias das nossas equipes de agentes do SIA no encalço.

Mas, desta vez, June vai acompanhar o Eleitor. Acabo ficando mais tenso quando sigo para o terraço, para me juntar aos demais agentes.

Jessan e Lara já estão lá, no meio de pelo menos uma dúzia de agentes que formaram duas filas que vão até a pista de pouso. Uma série de barricadas os

separa do resto do andar, onde um grupo de repórteres já espera, batendo fotos das nossas fileiras.

Franzo a testa quando Jessan abre um sorriso engraçadinho. Pelo menos Lara se aproxima com um rosto mais sério. Ela passa o dedo no ar, como se estivesse fazendo o download de alguma coisa e, momentos depois, recebo uma mensagem dela no visor.

— Rastreamos o local aproximado de uma corrida de drones que aconteceu ontem à noite — diz quando as alcanço. — Foi em algum lugar do quadrante nordeste da Cidade Inferior.

Ouço uma tensão na voz dela e a encaro.

— E? — pergunto.

Ela hesita.

— E ouvi dizer que Dominic Hann em pessoa foi visto nas semifinais de ontem.

Meus pensamentos se desviam momentaneamente de June para as palavras de Lara. Olho para ela intensamente.

— Ele estava lá? Em pessoa?

— É o que parece. Eu não acreditaria se não tivessem me enviado imagens.

Ela compartilha outro arquivo comigo. Quando o abro, vejo um videoclipe do que definitivamente parece ser a aglomeração no começo de uma corrida de drones. Alguém se dirige a um jovem e o chama de *sr. Hann*. Ele cumprimenta um dos competidores que não consigo identificar. Franzo a testa enquanto vejo o vídeo de novo. O homem não parece ser muito mais velho do que eu, mas, mesmo com a qualidade ruim do vídeo, o efeito que ele causa na plateia é inconfundível.

Assisto ao clipe outra vez e tento identificar mais detalhes dos arredores da praça. Mas o vídeo está escuro e granulado demais.

— Não há localização exata de onde isso aconteceu?

— Não, mas estamos conferindo as ruas para ver se encontramos algo reconhecível.

— Ótimo. — Eu assinto para Lara. — Vamos achar o caminho das finais hoje.

Nossa conversa é interrompida quando um sopro de vento nos acerta vindo de cima. Quando olho, vejo um avião se materializar nas nuvens, descendo pelo biodomo de Ross City na direção de nossa pista de pouso. A cauda está pintada de listras pretas e vermelhas. As cores da República.

O Eleitor e a comitiva dele chegaram. *June* chegou.

Toda conversa é interrompida quando o elevador para o terraço se abre e o Presidente Ikari sai com seus guarda-costas particulares. Ele se empertiga enquanto anda na direção da pista de pouso, um sorriso sério no rosto. Ao meu redor, todos os agentes ficam em posição ereta. Faço o mesmo. Meu coração dispara. Acima, o rugido do motor do jato da República sufoca o resto dos ruídos.

Já bati boca com líderes de países, explodi aeronaves e sobrevivi a tiros, mas tenho que dizer que nunca me senti tão abalado quanto agora, minutos antes do Eleitor da República pousar. O vento desgrenha meu cabelo enquanto esperamos, até que finalmente o jato para no centro do círculo de pouso.

Caminho na direção da rampa de pouso do jato, antes mesmo de estar totalmente aberta. Ao meu lado, Jessan e Lara esperam minhas ordens. Quando flashes de câmeras disparam atrás de nós, aponto para que elas sigam para o lado oposto e chamo um quarto agente para se juntar a mim antes de fazer sinal para os demais ficarem com o Presidente. Paramos dos dois lados da rampa e esperamos uma silhueta aparecer na porta aberta do jato.

Não vejo Anden Stavropoulos, o Eleitor da República, em pessoa, desde que parti para Ross City. Ele parece mais velho do que me lembro, mesmo em comparação às entrevistas na televisão, mas há um conforto no olhar dele que não existia antes. Uma confiança na posição que ele não tinha.

As câmeras disparam. Olho para os repórteres e observo a multidão com atenção antes de averiguar as janelas dos arranha-céus dos nossos dois lados.

Em seguida, me viro para ver quem está saindo atrás do Eleitor. Há o grupo esperado de guarda-costas, assim como tem nosso Presidente, e também a Primeira Cidadã, Mariana. Do outro lado de Anden está sua noiva, Faline Fedelma, uma nova presença no Senado, a mesma garota que me levou uma vez a um banquete em Denver.

Ao meu lado, ouço murmúrios dos repórteres enquanto tiram fotografias frenéticas do casal recém-noivo.

— ... estavam namorando havia vários anos antes de tornarem público...

— ... combinam bem, com a postura dela e...

— ... ouvi que a comandante Iparis os parabenizou...

A menção ao nome de June faz meu coração disparar. Mantenho a posição, mas meu corpo ainda se inclina de leve para a frente, enquanto a procuro.

Ela sai em seguida, com os guardas atrás dela na rampa.

A comandante June Iparis é uma visão e tanto: as dragonas douradas brilhando nos ombros, fios dourados descendo pelas laterais das mangas, a capa longa e escura, luvas brancas impecáveis brilhando enquanto ela mantém a mão permanentemente no cabo da arma na cintura. Enquanto caminham, ela já está gesticulando instruções para seus homens, designando dois para irem para um lado do Eleitor e da noiva, e dois para o outro.

A cabeça dela está erguida, o olhar firme, sem oscilar.

Tantas coisas mudaram nela desde que nos conhecemos. Antes, ela era uma garota, cheia de raiva e dor; agora, é uma mulher, ereta, madura e segura de seu lugar no mundo.

Mas, em alguns sentidos, ela não mudou nada. Eu ainda a enxergo da mesma maneira como a vi quando a conheci nas ruas, quando ela entrou naquele ringue de lutas de Skiz. Ainda me impressiono com o brilho de inteligência feroz nos olhos dela, no quanto ela parece desperta e viva e invencível. Ainda estou encantado.

Os olhos dela também estão procurando. E param quando me encontram.

Pode ser minha imaginação, mas surge um tom rosado nas bochechas dela quando passa por mim. Tenho que lembrar a mim mesmo para não sair da formação. Ela passa com os soldados e reúno nosso grupo para os seguirmos, e a barulheira da imprensa nos consome enquanto o Eleitor aperta a mão do Presidente Ikari.

Enquanto eles posam para fotos, abro caminho pela multidão atrás de June, que está ao lado de seus soldados. Ela assente uma vez quando me vê e afasta o olhar para prestar atenção na conversa do Eleitor e do Presidente.

Tento me concentrar em proteger meu Presidente também. Mas meus pensamentos estão em redemoinho pela cabeça. Houve mesmo uma época em que eu conseguia saber os pensamentos dela instintivamente? Quando foi que estivemos em harmonia tão confortável um com o outro que podíamos compartilhar tudo? Ou sempre tivemos essa química estranha, em que eu não tenho ideia do que dizer para ela, mas faria qualquer coisa para estar perto dela de novo?

Devo ter ficado tempo demais pensando nessas coisas porque em um momento estamos parados em separado, olhando nossos líderes mundiais... e

no seguinte estamos andando atrás deles, um ao lado do outro.

— Agente Wing — diz June com uma inclinação de cabeça e o arqueio de uma sobrancelha fina.

Caramba. Ela ainda consegue me deixar fraco só com um olhar fulminante.

— Comandante Iparis — respondo, obrigando-me a ser formal e educado. Ela afasta o olhar por um momento e limpa a garganta. Não dizemos mais nada. Só continuamos caminhando em um silêncio constrangedor, extremamente cientes da presença um do outro.

Finalmente, quando os dois homens seguem pela passarela e vamos atrás da comitiva, June vira a cabeça de leve na minha direção.

— Quando você está livre? — pergunta ela.

Meu coração flutua com a pergunta. Talvez ela também esteja ansiosa para me ver.

— Esta noite — respondo. — Depois da reunião do Presidente, eu me apresento no quartel-general do SIA. Mas saio ao pôr do sol.

Pela primeira vez, ela olha diretamente para mim.

— Gostaria de jantar? Seria bom botar os assuntos em dia — diz.

Nossas palavras saem formais e hesitantes. É porque faz muito tempo que não nos vemos? Porque estamos mais velhos agora? Eu assinto e tento não parecer ansioso demais.

— Eu adoraria — respondo.

Ela sorri um pouco. Deixa tudo mais suave nela e me vejo com vontade de me inclinar e a puxar para um beijo. Em determinado ponto das nossas vidas, isso era algo que eu podia fazer com naturalidade. Agora? Sinto como se estivesse sendo esticado, preso entre dois postes, sem conseguir respirar.

— Ótimo — diz ela, e a voz permanece formal. — Onde devo me encontrar com você?

— Me diga onde está hospedada — respondo com voz baixa. Desta vez, não consigo esconder a ansiedade na resposta. — Eu vou até você.

As bochechas dela ficam rosadas e me vejo questionando como consegui suportar dez anos sem ela na vida.

Mas então o Presidente e o Eleitor estão apertando as mãos e seguindo na direção dos elevadores para descerem, e vamos todos atrás. Nossas unidades estão prestes a se separar.

Meu coração bate rapidamente com o pensamento de me encontrar com ela mais tarde. Só posso fazer uma leve reverência para June.

— Comandante — digo para ela, e pisco uma vez e me viro para me juntar aos meus colegas agentes.

✪✪✪

O pôr do sol na Antártida, claro, não é um pôr do sol de verdade. É uma simulação criada pelo biodomo que envolve Ross City. Nem por isso é menos lindo, e quando me encontro com June na frente do hotel onde o Eleitor está hospedado, há faixas rosadas e roxas manchando o céu.

O hotel deles fica no andar mais alto de um arranha-céu de luxo, uma propriedade que cobre dez andares de cima para baixo, com cada uma das passarelas fazendo conexão com os demais arranha-céus decorados com árvores verdejantes em vasos e faixas de grama. Daqui de cima, dá para ver toda a cintilante metade superior da cidade, mergulhada nas nuvens.

Estou sentado em uma das árvores que ladeiam a entrada do hotel quando vejo June sair do saguão. Ela tirou o uniforme militar formal e vestiu uma camisa fina e confortável e um casaco, as botas pretas altas puxadas por cima da calça jeans.

Meu coração acelera quando ela olha ao redor me procurando. Esse ângulo, olhando para ela de um lugar mais alto, é tão familiar. Foi como eu a vi pela primeira vez, afinal, com as mãos nos quadris desafiando Kaede em um luta de Skiz. Eu a admiro por um momento, desço do galho e caio com leveza de pé na frente dela, as mãos nos bolsos.

Ela quase leva um susto, mas a expressão relaxa assim que me vê.

— Você ainda gosta de fazer suas entradas — comenta ela.

Abro um sorriso, aliviado com a reação.

— Só pra você, né? — respondo.

June ri.

— E continua insuportável como sempre, pelo que vejo.

Insuportável. Eu era ruim assim? Penso no passado e tento encontrar um momento específico em que eu possa ter sido insuportável com ela.

A minha expressão apenas a faz rir mais.

— Está tudo bem — diz ela. Fazemos uma pausa e nos movimentamos com

constrangimento, mas ela continua: — E então? Aonde você vai me levar?

Enquanto fazemos essa dança tímida um para o outro, vejo o equilíbrio em cada linha do corpo dela. Ela parece ter a vida inteira sob controle de uma forma que eu talvez nunca consiga ter. Fico me perguntando se deveria estar agindo de forma mais madura perto dela e acabo dando um aceno educado e começo a seguir na frente pela passarela.

— Pra um lugar onde possamos conversar direito — respondo.

Tudo nela parece ao mesmo tempo certo e estranho. O jeito como o cabelo às vezes balança o suficiente a ponto de encostar no meu ombro. A pequena distância que mantemos entre nós quando andamos um ao lado do outro. Até o jeito como ficamos tentando falar ao mesmo tempo.

Nós nos sentamos em um restaurante no ponto mais alto de Ross City, com vista para quase toda a miríade de arranha-céus. Consigo identificar exatamente quando o pôr do sol vira noite porque a cor do cabelo de June muda de um castanho-escuro e caloroso para uma coloração preta como as penas de um corvo.

Talvez esse momento não a afete do mesmo jeito. Não tenho como ter certeza.

— Como anda a vida... — nós dois dizemos por cima do prato, então paramos e rimos.

June continua quando permaneço em silêncio:

— Você parece estar gostando de Ross City.

Não é totalmente verdade, claro. Mas dou de ombros e abro um sorriso.

— Não posso reclamar — respondo. — Tenho que dizer que foi uma melhoria danada passar a me sentar em um lugar assim, com uma vista dessas. — Indico a paisagem estupenda.

June abre um sorriso triste.

— Acho que isso quer dizer que você não está planejando se mudar de volta pra República tão cedo.

— Bom, eu talvez vá por um tempo. Éden tem um estágio programado em Batalla. Mas a República ainda é uma ideia com a qual não sei se consigo me acostumar. — Faço uma pausa, sem saber de repente se devo continuar nesse assunto. É algo sensível demais para conversamos agora? Meus pensamentos voltam abruptamente para a discussão que tive com Éden, para o jeito como

deixamos as coisas no ar, inacabadas. — Você sabe como é.

June me observa de um jeito que me faz sentir que ela sabe que estou escondendo alguma coisa. Mas ela afasta o olhar e fita a cidade. Fico em silêncio enquanto sinto meu coração encolher. June é a oficial de mais confiança de Anden. Um dia, ele pode indicá-la para liderar a força militar inteira da República, para ajudar a reestruturar o país todo. Ela não vai deixá-lo para trás tão cedo. Se eu quiser ter alguma chance de estar na vida dela, a República é para onde preciso ir.

Eu consigo fazer isso?

Imediatamente, fico constrangido pela minha reação. Não tenho qualquer direito sobre a vida de June. Não estamos namorando. Nem sei se ela quer. Aquele velho sentimento entre nós agora ganha vida na minha cabeça, de que talvez haja coisas demais que mudaram nas nossas vidas para que possamos encontrar um caminho de volta para o outro. Ou que talvez ela seja boa demais para mim.

Por fora, exibo um sorriso para ela.

— Ouvi boatos de que Anden vai convocar você para ser Primeira Comandante um dia.

Ela retribui o sorriso.

— Ah? Isso anda circulando nos noticiários daqui ou você só está perguntando sobre mim por aí?

Dou de ombros e me encosto na cadeira, tentando esconder o rubor.

— Eu pergunto sobre muita gente — respondo na defensiva.

Como ela não ri, eu abandono a fachada e pergunto:

— Você está bem?

Ela hesita antes de se virar para me encarar. Os olhos escuros se grudam nos meus e me vejo com aquela sensação estranha de desequilíbrio de novo, como se eu nunca conseguisse ficar firme perto dela.

— Esse não é você, Daniel.

Eu franzo a testa.

— O que você quer dizer?

— Esse. — Ela olha ao redor para o restaurante impecável, com piso de mármore e pilares brancos, garçons de uniformes brilhando carregando bandejas de prata. — Você não parece à vontade aqui.

Um lampejo de déjà-vu me atinge naquele momento: de repente, estou me lembrando de outro restaurante de outra época, quando nos sentamos de frente um para o outro e June me perguntou por que nunca contei para ela sobre a doença que quase tirou minha vida. Que tirou parte das minhas lembranças.

Eu me afasto da mesa.

— Mas eu já vim aqui antes — respondo, constrangido. — Tudo na minha vida é isso agora: os pisos encerados e os tetos altos, a novidade. Eu gosto. Estou tão acostumado quanto você.

Ela balança a cabeça.

— Não estou tentando te insultar — diz, se apoiando nos cotovelos, inclinada para a frente. — Eu só... quero baixar a guarda. Como você quer. Não quer?

Baixar a guarda. É nessa hora que reparo, com uma certa irritação, nas minhas costas eretas e na minha postura rígida. Claro que June sentiu minha ansiedade e minha polidez forçada. Eu tinha mesmo esquecido como era estar perto dela, que ela sempre conseguia entender tudo e todos ao redor com alguns olhares rápidos? Se eu pudesse olhar dentro da cabeça dela agora, sei que veria listas organizadas de observações e reações.

Mas é isso que nos torna diferentes. Ela consegue me entender em um instante, porém eu não consigo fazer o mesmo com ela.

Um garçom se aproxima de nós e serve água com gás. Eu me lembro do tempo que demorei para sequer entender o *conceito* de água com gás. Meu olhar se firma nas bolhas subindo agora no copo. À minha frente, os olhos de June pousam no anel de clipes de papel em volta do meu dedo. Está captando um raio de luz que o faz brilhar só por um momento, como uma pedra rara. Ela abre um sorriso hesitante e meu coração inteiro se aperta de esperança.

Um lugar onde possamos baixar a guarda. Onde possamos encontrar o caminho para como éramos.

De repente, me animo e abro um sorriso rápido.

— Sei de um lugar. Vem. Vamos sair daqui.

Ao ouvir isso, a atitude de June muda. Seus olhos se iluminam com um calor do qual me lembro dos nossos dias mais jovens, e um brilho toma conta do seu rosto até eu não conseguir fazer nada além de observá-la, totalmente hipnotizado.

— Parece perfeito — diz, já empurrando a cadeira para trás.

É inverno aqui e a simulação do biodomo já começou a sumir, abrindo caminho para o tapete cintilante de estrelas acima. Levo June por uma passarela na direção de um arranha-céu inacabado. Fica do lado leste de Ross City, em um complexo que não foi terminado. Agora, o arranha-céu está sozinho e desocupado, uma estrutura escura, estranha dentre outras iluminadas de cima a baixo. Como ficou abandonado por um ano, há hera retorcendo-se por toda a sua extensão.

— Cuidado onde pisa — digo, olhando por sobre o ombro enquanto subo pela lateral por uma janela aberta. Ela vem logo atrás.

Caímos em um leito de vegetação e hera, flores fechadas por causa da noite nas rachaduras do chão. Acima, depois dos caules verdes pendendo do teto aberto, fitas de luzes da aurora austral dançam pelo cobertor de estrelas.

— Esse talvez seja o único lugar tranquilo de Ross City — digo para June quando nos sentamos no parapeito do prédio e olhamos para o mar infinito de luzes. — Às vezes eu venho aqui pensar.

Os olhos de June estão voltados para as estrelas. Ela não as vê assim na República e o encanto sereno no rosto dela é de tirar o fôlego.

— Sobre o quê? — pergunta.

Paro de observá-la momentaneamente. Lá embaixo, os andares desaparecem em faixas de sombras.

— Eu me pergunto se vir aqui pra Ross City foi a escolha certa. Para o meu irmão. Pra mim.

June se vira na minha direção.

— A cidade parece estar te tratando bem — responde ela.

— Talvez. Mas sinto o desconforto do Éden com a nossa vida. Ele é atraído pelas ruas do passado dele. Ele passou menos tempo lá do que eu e tem um tipo de curiosidade que eu não tenho. Às vezes eu o sinto se afastando de mim na direção da República.

Ao ouvir isso, June assente com rigidez. Há uma expressão compreensiva no rosto dela.

— Você tem medo da República? — pergunta.

— Talvez. Não sei. Quando penso muito no passado, tenho pesadelos. Perco o apetite. Esse tipo de coisa. — Balanço a cabeça. — Acho que Éden não sente a mesma coisa. Se sente, ele não fala comigo. — Eu olho para ela. — E você?

June hesita enquanto olha para o céu. Finalmente, diz:

— Você sabe o verdadeiro motivo para Anden ter vindo aqui ver seu Presidente? É porque a República precisa de dinheiro.

— Dinheiro?

— Estamos mergulhados em dívidas. Anden está tentando reconstruir tudo: consertar a infraestrutura dos bairros pobres, derrubar os estádios das Provas, substituí-los por prédios novos. Tudo isso custa bem mais do que temos. Por isso, ele está tentando fazer acordos com o máximo de países que puder. — June faz uma pausa. — Fico feliz. Isso precisa acontecer. Mas também tem havido protestos. Tem épocas em que olho para a República e sinto medo. Medo de onde viemos. Medo do que pode acontecer no futuro. Nada parece seguro, sabe? Estou tão acostumada às nossas vidas desmoronando que fico nervosa quando fica um tempo sem acontecer.

As palavras dela tocam uma parte de mim que não revelo para ninguém há anos. É a parte que ainda olha para Ross City e espera ver tudo desmoronar. É a versão que acorda, ofegante, de um pesadelo em que estou de volta às ruas de Lake. Não sou o único com medo do meu passado.

Estico a mão para tocar na dela. O calor da pele de June me assusta, é ao mesmo tempo novo e familiar.

— Eu sei — digo com delicadeza. — Eu me lembro o suficiente daquela época.

Ela abre um sorriso triste para mim.

— Suas lembranças ainda o assombram, como antes?

— Nem tudo voltou, mas me lembro da maioria das coisas agora. Às vezes tem um raio de luz peculiar ou o cheiro de fumaça no ar, uma coisa pequena que me lembra de algo que não consigo especificar. — Sacudo a cabeça. — É como um sonho de uma vida diferente.

June se vira para mim. O cabelo dela está mais curto do que antes, acima dos ombros, e agora encontro uma dessas lembranças perdidas nos cantos da minha consciência. Meus dedos passando pelo cabelo dela, eu sussurrando no ouvido dela.

Ela percebe que estou com dificuldades. Nada nunca passa despercebido para ela.

— Perto da estação de trem naquela noite — murmura ela —, quando você disse que se lembrava de mim e apertou minha mão, o que despertou aquele

primeiro pensamento?

Essa parte de nós também parece presa entre um relacionamento antigo e o começo de algo completamente novo. Eu sorrio e afasto o olhar.

— A luz nos seus olhos — respondo. — Nem todo mundo tem a capacidade de atrair as pessoas com um único olhar, June, mas você tem um brilho muito específico. Mesmo se eu não te conhecesse, eu teria parado e olhado pra trás. Teria me apresentado.

June fica em silêncio por um tempo, o olhar fixo em mim, e sinto uma timidez repentina por trás daqueles olhos penetrantes. No mês desde aquele fatídico momento, nós não nos vimos mais. Nós não conversamos. Uma parte de mim nem ousa acreditar que ela está aqui agora, a minha frente.

Há tantos pedaços da nossa história dos quais não consigo me lembrar. Meu tempo nas prisões da República parece um borrão de sangue e correntes, um sol sufocante e uma dor lancinante na minha perna. Quase não me lembro do nosso tempo nas Colônias, que June alega que vivenciamos. Tem pessoas importantes faltando, rostos vazios.

Por muito tempo, isso incluiu June.

Por impulso, me aproximo e toco no braço dela. Quase espero que ela fique tensa e se afaste, mas June não faz isso. Sua respiração fica rasa e ela chega mais perto também, até estarmos próximos o suficiente para sentir o calor emanando dos nossos corpos.

Quero perguntar o que ela sente por mim. Mas aquele medo antigo volta, de que talvez ela tenha vindo até aqui me dizer que é melhor sermos só amigos. June vai se mudar, eu moro em um país diferente, e nenhum de nós é pouco ocupado.

Eu lembro que te amava, quero dizer para ela. *Estou* apaixonado *por você. Ainda te amo*. Mas as palavras não saem dos meus lábios. Elas ficam enterradas, tremendo na minha garganta.

Por um momento, acho que isso talvez seja o mais próximo que vamos nos permitir ficar.

Mas June se move antes que eu possa dizer mais. Ela se inclina na minha direção e para a um fio de cabelo dos meus lábios.

Não consigo mais me segurar. Acabo com a distância que resta entre nós... e meus lábios tocam os dela.

E tudo dentro de mim se quebra, todas as barreiras, hesitações e inseguranças, tudo se estilhaça quando a sensação dela comigo explode no meu peito. Penso se vai ser assim todas as vezes que nos tocarmos. Tudo em mim quer pressioná-la contra a parede e beijá-la mais intensamente, para compensar todo o tempo que perdemos. Quero os braços dela em volta do meu pescoço, me puxando para perto. Quero-a tanto. Todas as perguntas não respondidas entre nós — *O que fazemos? Para onde vamos daqui?* — somem e deixam só o presente intenso, o corpo dela quente no meu abraço.

Mas me obrigo a permanecer no presente, nosso beijo suspenso nessa zona incerta entre nós, parte dele um reencontro, parte dele a possibilidade de que isso vá ser o mais longe a que vamos levar a situação.

Uma ligação aparece no meu visor e interrompe a emoção do momento. É do SIA, seguida de uma mensagem e um mapa:

Cena de crime na Cidade Inferior. Venha imediatamente.

Poderia haver momento pior para o meu trabalho atrapalhar? É quase como se a vida quisesse nos manter separados. Eu suspiro e envio uma mensagem rápida em resposta.

Emergência? Encontramos o local da corrida de drones?

Sim, é emergência. E não, ainda não encontramos.

Sussurro um xingamento silencioso.

June sente que o momento se perdeu e se afasta. Ambos estamos respirando pesadamente, tontos da emoção de estarmos tão próximos.

— Você tem que ir — diz, apesar de não saber o que a mensagem dizia. Como tudo em mim, ela deve sentir que é algo importante.

Não quero ir. Quero ficar observando o céu estrelado com ela. A dor de ter ficado longe dela por tanto tempo, a pontada de medo de que, se eu deixá-la, não vou conseguir voltar para ela, cresce em mim com força sufocante.

Talvez ela esteja esperando que eu faça o primeiro gesto, que aja para impedir que nos separemos.

Você tem que ir.

Essas palavras são dela, não minhas.

Talvez eu esteja interpretando tudo errado, então. Sinto-me indo para longe, meus pés dando um passo para trás e deixando a distância entre nós esfriar. Não sei se ela está decepcionada ou surpresa. Tem tantas coisas que não consigo ler

nela agora.

— Posso te ver de novo? — pergunto.

June assente. A polidez voltou ao sorriso dela e a distância à postura. Mas pelo menos ela não dá as costas e vai embora. Pelo menos ela parece ainda querer ficar aqui. É alguma coisa, não é?

— Quando você está livre? — pergunta ela.

Quando você está livre? Meu coração infla.

— Vou ao baile em homenagem à chegada de Anden em algumas noites — respondo. — Você estará lá?

— Estarei — responde June. Meu coração se agarra a cada palavra e gesto dela, a cada passinho entre nós enquanto tento interpretá-la como fazia antigamente. Ela abre um sorriso fraco. — Te vejo na festa.

ÉDEN

TENHO UM SONO AGITADO COM UMA SÉRIE DE PESADELOS. MINHA MÃE LEVANDO O tiro várias vezes de novo. Eu, trancado em um cilindro de vidro em um vagão de trem que nunca para de sacolejar, chorando e esperando que alguém me solte. A bruma embaçada que cobre minha visão depois da praga acabar comigo. O homem chamado Dominic sai da bruma para falar comigo. Drones voam acima enquanto corro por ruas estranhas, procurando uma família que não está lá. Tudo se mistura em um sonho longo, infinito.

Acordo em pânico, como sempre. Passo o resto da noite perambulando pelo quarto, rabiscando mais ideias de motores para me distrair, até a primeira luz do amanhecer despontar.

Vou para a universidade antes mesmo de Daniel acordar.

O último dia de provas passa por mim em um borrão. Termino minhas provas cedo, apesar de estar exausto, e disparo pelos corredores da faculdade o mais rápido possível, numa tentativa de evitar falar com qualquer pessoa.

Os corredores ainda estão bem silenciosos, mas algumas das outras aulas já acabaram, e um fluxo regular de alunos segue para fora da universidade. Caminho sozinho. Meus sapatos ecoam no piso. A luz simulada da tarde vinda de fora do biodomo da cidade entra nos corredores e pinta tudo de dourado.

Algumas vozes altas chegam a mim de algum lugar à frente. Fico tenso, ando mais devagar e escuto com atenção.

Droga. Emerson e seus amigos.

Ele está morrendo de rir de alguma coisa que Jenna disse e, pelo som, estão no final do corredor, bloqueando a entrada da universidade.

Paro no meio da passagem ensolarada e tento pensar em outra forma de

sair do campus. Em uma tarde normal, haveria mais duas outras entradas e saídas no prédio. Mas, como hoje é o dia das finais, sei que a entrada dos fundos já está trancada. Penso em tentar a passagem lateral para ver se está aberta. Mas não leva para os elevadores que descem até o meu andar. Eu teria que fazer um caminho longo até os Andares Intermediários para voltar para casa.

Talvez eu tenha sorte hoje. É o último dia e Emerson deve estar de bom humor, ocupado demais comemorando com os amigos para reparar em mim saindo da universidade.

Hesito ali por tempo demais. Naquele instante, ouço a voz dele vindo de repente em minha direção, seguida por um grito que ecoa pelo corredor.

— Ora! — grita ele. — Parece que o garoto Wing saiu cedo, como sempre!

As palmas das minhas mãos começam a suar frio. Emerson ri, o mesmo som que sempre escuto quando ele pensa em uma nova maneira de me incomodar. Murmuro um palavrão, me viro e começo a caminhar na direção da entrada lateral.

Mas consigo ouvi-lo se aproximando, junto com as gargalhadas dos amigos. Meus olhos se desviam para o cronômetro no canto do meu visor virtual. Os outros alunos só vão sair daqui a quinze minutos.

Estou só na metade do corredor quando ele segura as costas da minha camisa e me obriga a me virar.

Os olhos castanhos alegres de Emerson estão me encarando. Ele sorri.

— Pra que tanta pressa, Wing?

Desvio o olhar para as duas pessoas atrás dele. Jenna e Alan sorriem para mim.

É o último dia que você vai ter que lidar com essas pessoas, repito para mim mesmo sem parar. *Aguente mais um pouco*.

Eu dou de ombros para me soltar da mão dele e murmuro:

— Estou atrasado para me encontrar com meu irmão.

Alan grunhe de surpresa.

— Pensei que você e seu irmão não estivessem se falando muito ultimamente.

— Ele não tem outro irmão? — pergunta Jenna.

O rosto de Emerson se ilumina.

— Tinha! Mas acho que ele morreu na frente de um pelotão de fuzilamento. — Ele balança a cabeça para mim em solidariedade fingida. — Eu me lembro de ter visto o vídeo que vazou on-line.

John. Fico imóvel com Emerson me segurando. Meu coração congela. Emerson sente minha tensão e sabe que acertou num ponto sensível porque os cantos dos lábios dele se curvam com uma satisfação sombria.

Eu nunca vi o vídeo da morte de John. Mas já li descrições suficientes nos noticiários para visualizá-la. Aconteceu no pátio de uma prisão com muros altos de pedra e piso de terra com manchas escuras. Soldados da República arrastaram uma figura se debatendo e a acorrentaram em um dos muros. A execução de John, quando ele assumiu o lugar de Daniel, para que Daniel pudesse escapar.

Não consigo respirar. O mundo ao meu redor, as gargalhadas deles, os passos de alunos, parece abafado. Não digo nada.

Emerson, Alan e Jenna estão me encarando, me desafiando a desviar o olhar.

— Pobrezinho — fala Jenna, a voz pingando solidariedade demais para ser genuína. — Você está bem? Me desculpe. Eu não pretendia falar nele.

O sistema de Níveis não os penaliza por falar sobre meu irmão mais velho. A tecnologia ainda não consegue diferenciar um coração duro de um coração mole.

John.

Estou parado na frente do corpo destruído do meu irmão, delirante em uma maca enquanto a República me leva, e estou chamando minha mãe quando um soldado aponta um fuzil para a cabeça dela. A ansiedade toma conta da minha mente e sobe até a superfície.

O jeito como John me acompanhava até a escola. A maneira como ficava acordado à noite, se esforçando para ler à luz de velas.

Emerson se inclina para tão perto que o nariz quase toca no meu.

— Tudo bem, garoto do céu — diz alto o suficiente para os outros ouvirem. Ele bate no meu ombro. — Por que você não põe pra fora? Pode chorar…

Em um segundo, o rosto dele está a dois centímetros do meu. No

seguinte, ele está no chão e meu punho está sujo de sangue do nariz quebrado dele.

Os alunos ao nosso redor gritam, alguns de prazer. *Briga!* A palavra ecoa pelo corredor e de repente tem gente formando um círculo apertado ao nosso redor. No meu visor, um aviso vermelho pisca, seguido de:

PUXAR BRIGA | -50 PONTOS

Não estou nem aí. Eu golpeio de novo. Emerson fica tão surpreso pelo meu ataque que consigo acertá-lo no queixo outra vez. De repente, o peso dele está me sufocando, e ele me empurra com força suficiente para me jogar deslizando no chão. Mesmo assim, não ataca. Ele não quer que o sistema de Níveis o pegue reagindo.

— O garoto do céu ficou corajoso, é? — diz ele, a voz ferina. Eu me levanto com dificuldade. Minhas mãos doem quando as apoio no chão. — Olha só pra você, atacando alguém que não o provocou.

Fico de pé e invisto cegamente de novo. As pessoas nos separam e alguém está gritando alguma coisa no meu ouvido.

— Ei! Calma. Está tudo bem.

A voz é de Pressa. Ela ainda está com o uniforme de zeladora e as mãos estão nos meus ombros, me sacudindo. Ela olha para a multidão ao nosso redor.

— O que estão olhando? Não têm pra onde ir, não?

O calor da briga passou e a multidão já está perdendo interesse. Enquanto as pessoas se afastam, Emerson tira a poeira da camisa e me dá um sorriso sombrio. Vai ser assim que nos separamos para sempre.

Pressa me ajuda a me firmar.

— Você está maluco, atacando um cara desses no último dia de universidade? Sabe que vai ter mais dedução de pontos se os pais dele fizerem uma denúncia e o tribunal acatar.

Mas a lembrança do que aconteceu com John está marcada com profundidade demais nos meus pensamentos para que eu me importe. Coloco a mochila nas costas e começo a andar para a saída novamente.

— Que importância tem? — murmuro. — Se o sistema está adulterado

desde o começo?

Pressa não discute com isso. Ela suspira e apoia a mão no meu braço.

— Você não precisa explicar isso pra mim — declara, o olhar distante. — Um dia, nós vamos sair daqui. Vamos encontrar aventuras e felicidade em outro lugar.

Em agradecimento, toco na mão dela. Pelo menos tem uma pessoa na minha vida que parece entender, e claro que ela é da Cidade Inferior.

— Tem certeza de que ainda quer ir à final da corrida de drones? — pergunta Pressa quando saímos pela porta dupla da universidade. — Talvez esta noite não seja a melhor pra você visitar a Cidade Inferior. Tira um tempinho pra esfriar a cabeça, sabe?

Mas esfriar a cabeça é a última coisa que quero fazer. Sou uma pessoa que está sempre tentando se conter, se acalmar. O pensamento da execução de John fica se repetindo na minha mente. Eu tenho que ir. *Preciso* ir. Se não for, minha cabeça vai explodir.

— Não — respondo. — Estarei lá.

DANIEL

Meu coração ainda está disparado pela noite com June quando saio do elevador e vou para as ruas da Cidade Inferior. Meus lábios ainda queimam com o nosso beijo. Um milhão de pensamentos passam pela minha cabeça e me vejo amaldiçoando silenciosamente tudo que fiz.

Que idiota eu sou. Por que não disse para ela exatamente o que sentia? O que me impediu naquele momento? E daí se ela não sentir o mesmo? Sou tão covarde que prefiro não saber?

Eu suspiro e me entrego ao mau humor enquanto enfio as mãos nos bolsos e me apresso pelas ruas sujas. Se me permitir, posso quase fingir que estou andando por Lake à noite. Talvez nada tenha mudado desde que June e eu ficamos juntos pela primeira vez.

Quando chego à cena no bairro mais escuro da Cidade Inferior, deve haver pelo menos seis veículos drones do SIA bloqueando o cruzamento, as luzes piscando e pintando os prédios em tons alternados de vermelho e amarelo, aumentando a confusão de cores dos letreiros néon acima. Jessan e Lara já estão aqui e, quando me veem, acenam para mim com rostos sérios. Um pouco mais longe, vejo Min Gheren, a diretora do SIA, conversando baixinho com gente da polícia. Ela e eu trocamos um breve olhar de cumprimento.

— Por que demorou tanto? — pergunta Jessan quando me aproximo. — Estava num encontro, por acaso?

Olho de cara feia para ela enquanto andamos. *Estava. Foi só meu primeiro beijo em dez anos com uma garota por quem sou maluco.*

— Mais ou menos isso — murmuro. — O que aconteceu aqui?

— Você vai ver — diz Lara do meu outro lado.

A rua está lotada de curiosos, e os policiais e agentes do SIA estão mandando as pessoas se afastarem do bloqueio. A rua esburacada está cheia de vidro quebrado, e as marcas de queimadura junto às calçadas e nas paredes me dizem

que houve algum tipo de explosão aqui. O nome já paira no ar, sem ser dito: vejo nos rostos tensos dos meus colegas agentes, no jeito como estão tomando precauções extras. É trabalho de Dominic Hann.

Quando chegamos à cena do crime, eu paro.

No meio do cruzamento há um corpo posicionado com tanto destaque que não há dúvida de que foi intencional. Dilacerado. O rosto está irreconhecível. Ao meu lado, Jessan e Lara desviam o olhar dos ferimentos horrendos que se espalham pelo cadáver. Eu continuo observando, o coração acelerado. Uma lembrança feia surge dos cantos sombrios da minha mente, a lembrança de corpos empilhados ao meu lado quando acordei entre eles, apavorado e cheio de dor.

A lembrança é tão vívida que mal percebo Min aproximando-se de nós. Os lábios dela estão apertados em uma linha sombria enquanto observa o cadáver conosco.

— Foi ele, né? — digo para ela no silêncio que se segue. — Ele fez isso?

Min indica o lenço vermelho revelador amarrado no tornozelo do cadáver.

— E queria que nós soubéssemos — responde.

O tipo de crueldade que Dominic Hann inflige nas vítimas é tão reminiscente do que a República era, do que a comandante Jameson fazia, que sinto um peso ameaçador no peito. Não é apenas o trabalho de um criminoso sádico. É manipulação, alguém está tentando dar um recado. Alguém está ameaçando a cidade com seu poder.

— Quem era ele? — pergunto quando me inclino ao lado do corpo. — Já sabemos?

Lara assente.

— Um vereador do círculo íntimo do Presidente.

Isso me deixa imóvel. Círculo íntimo do Presidente. Meu olhar volta para a figura mutilada à nossa frente. A maior parte dos ataques anteriores de Hann foram contra pessoas que não podiam pagar suas dívidas, mas um ato assim é mais ousado do que dá para acreditar. Esse vereador também devia dinheiro a ele? É possível. Mas não era um cidadão comum. Tinha guarda-costas. Todo tipo de segurança anexada à conta.

Se Hann pôde fazer isso com um proeminente vereador em um ataque coordenado, ele não só está ficando mais confiante, como tem mais conexões

em lugares poderosos do que eu pensava.

— Como aconteceu? — pergunto.

Jessan me conta o que elas já sabem: que o vereador tinha sumido hoje cedo; que tinha sido levado até ali de carro e largado no cruzamento ainda vivo; que tinham tacado fogo nele. Faço uma careta a cada detalhe gráfico. Minha atenção se desvia brevemente para as pessoas sentadas nos meios-fios agora, sendo interrogadas pela polícia. Devem ser donos de lojas próximas, e alguns provavelmente testemunharam tudo.

— E conseguiram fugir mesmo assim? — pergunto quando Jessan termina o relato.

Ela dá de ombros e Lara indica as paredes queimadas.

— Parece que agiram rápido e sem hesitação. Não é a primeira vez deles nesse jogo. Só foi o pior até agora.

Passo a mão pelo cabelo com frustração.

— Mas o que Hann *quer*? — murmuro para ninguém especificamente. — Dinheiro? Vingança? Temos alguma prova? O que ele ganha matando um vereador além de todo o SIA caindo em cima dele como um bando de vespas?

— Não faço ideia, mas houve um roubo esta noite nos Laboratórios de East City, onde uma bobina de energia rara foi roubada. Ainda não houve confirmação se os dois eventos têm qualquer correlação, mas o momento das duas coisas foi coincidente o bastante para valer a investigação.

Meu olhar volta para os lamentáveis restos mortais. Seremos nós a dar a notícia para a família.

Min está me olhando com expressão pensativa. Ela se vira para Jessan e Lara, e assente rapidamente.

— Preciso que vocês duas coletem mais relatos de testemunhas oculares. Vão. Me deixem dar uma palavrinha com Daniel.

Elas nem hesitam. Quando saem andando, Min se vira para mim e baixa a voz.

— Conheço essa cara, Wing — diz ela baixinho. — O que tem na sua cabeça?

— Que isso tudo me parece familiar — respondo, meus olhos ainda no cadáver.

— Os ferimentos?

Eu balanço a cabeça.

— A escalada política. Até agora, Hann tinha se mantido no seu próprio reino,

punindo quem deixasse de pagar as dívidas com ele, perdia uma aposta, ou era parte de uma gangue rival. Mas isso é diferente. — Eu cruzo os braços. — Ele está preparando as pessoas.

— O que você quer dizer?

Olho para ela intensamente. Se já houve um bom momento para trazer este assunto à tona de novo, é agora.

— Você sabe o que acho do sistema de Níveis da cidade. Eu me lembro de como é ser parte da classe mais baixa quando somos levados ao limite.

Ao ouvir isso, Min dá um suspiro exasperado.

— Daniel. Você já sabe minha resposta para essa discussão.

— Então não peça minha opinião — rebato. — Mas estou avisando: Hann não é bobo. Sabe que o número de pobres aqui embaixo está aumentando, que mais gente não está conseguindo subir os Níveis e não tem dinheiro para alimentar a família. Tem gente de Nível Zero montando fileiras inteiras de barracas aqui. Hann sabe disso. Ele já espalhou uma boa quantidade de medo na Cidade Inferior; as pessoas se sentem intimidadas por ele. Mas ele também oferece misericórdia suficiente para que o amem. Agora, ele está atacando os políticos da cidade. Políticos proeminentes. — Eu aponto para o cadáver. — Não é coincidência Hann ter decidido expor esse corpo aqui embaixo em vez de pendurar nos Andares do Céu, onde eles moram. Ele sabe o quanto as pessoas daqui odeiam os políticos dos Andares do Céu. Ele *quer* que o povo daqui debaixo veja. Que saiba quem manda mesmo na cidade.

Min me olha com ceticismo.

— Você está insinuando que Hann quer dar um golpe? — pergunta ela com incredulidade.

— Estou dizendo que é uma possibilidade real — contra-argumento.

Min balança a cabeça de frustração.

— Hann não tem esse tipo de poder. Você está me dizendo que ele vai tentar tomar a capital da nação mais avançada do mundo?

— Uma nação que ainda é jovem demais. Que pode cair, como todas as outras.

Ela massageia as têmporas com irritação.

— Me dê alguma coisa com que eu possa trabalhar. Nunca vou conseguir convencer a câmara de que isso é uma ameaça, ainda que remota.

A expressão dela me dá vontade de gritar. Esse povo besta da Antártida nunca passou por uma revolução. O país tem poucas décadas de idade. Eles não fazem ideia de como o sistema inteiro é frágil. Tudo sempre parece que vai ficar bem até que, de repente, um dia, não fica mais.

— Vocês todos acham que este lugar é invencível — digo com rispidez. — Não veem o veneno borbulhando debaixo da superfície, que está lá desde o primeiro dia.

— O que você propõe que façamos então?

— Encontrar o caminho até Hann. Não tivemos sorte o caçando porque nossa relação com a Cidade Inferior é muito ruim.

— E como vamos fazer isso se não sabemos nada sobre ele?

Exibo um sorrio sombrio.

— Tenho uma noção de como um criminoso notório pode ser pego por alguém de dentro. Ela fez isso se tornando uma pessoa em quem eu podia confiar. Mas você precisa dizer para o Presidente que esse sistema é insustentável. Estamos empurrando a Cidade Inferior para uma revolução, e nem acho que eles estariam errados de se rebelar.

Min continua parecendo pouco convencida. Ela balança a cabeça.

— O Presidente não vai gostar de eu tocar nesse assunto de novo — diz. — Você sabe o quanto ele apoia o sistema de Níveis.

Esses desgraçados dos Andares do Céu sempre tentam manter a ordem dando todas as vantagens para si mesmos. As palavras de Éden permanecem na minha mente, junto com a repulsa dele por eu trabalhar para o SIA.

Às vezes, acho que você se esqueceu de onde veio.

Mas eu nunca fui igual a alguém como Dominic Hann. Hann é um assassino.

— Você não precisa convencer o Presidente de acabar com o sistema — respondo. — Só diga o quanto a vida dele está em risco. Hann não vai parar com o assassinato de um vereador. O Presidente Ikari é o prêmio no topo e se ele quer se manter vivo, precisa fazer alguma coisa para acabar com isso.

Os olhos de Min ficaram frios de novo, mas ela não descarta minhas palavras. Na verdade, ela assente para mim.

— Vá se juntar aos outros para colher relatos de testemunhas oculares. Vamos conversar de novo depois. — Ela não espera que eu responda e sai andando com as mãos nos bolsos.

Jessan se aproxima de mim enquanto vejo a diretora se afastar.

— Acho que estamos perto de descobrir onde a final da corrida de drones vai acontecer — diz ela, enviando um mapa virtual da Cidade Inferior.

— Ah, *é*?

— É. Pode ser o mesmo lugar da semifinal. Encontramos alguns grupos espalhados nas laterais das ruas. Parece que estão esperando os drones passarem.

— Então vai acontecer daqui a pouco.

Ela concorda.

— É muito difícil rastrear os drones porque eles se movem rápido demais, então só podemos contar com os espectadores — diz.

— Quando os espectadores descobrirem que estão sendo vigiados, eles vão se espalhar em um segundo. — Eu me obrigo a virar as costas para a cena do crime. — Me mostre onde as pessoas agrupadas foram vistas.

Quando começo a seguir Jessan para longe da cena do crime, abro a lista de nomes e seleciono instintivamente a conta do Éden para enviar uma mensagem. Mas ele está off-line de novo, o rastreador do sistema desligado. Não passou nem um dia da nossa discussão, desde que ele quase levou uma facada na barriga na Cidade Inferior, e ele já está off-line de novo, fazendo sabe lá Deus o quê. Solto um suspiro. O que tenho que fazer para obrigá-lo a ficar parado? Amarrar numa cadeira?

Pode ser que ele esteja em casa, digo para mim mesmo. *Ou que tenha saído para comemorar, como deveria*. Hoje foi o último dia de aulas dele, afinal, e ele podia estar com os amigos, morrendo de rir em algum bar nos Andares do Céu.

Se eu rastrear a localização dele e sair para encontrá-lo de novo, ele vai saber. E *isso* não vai me ajudar em nada para fazer com que ele se abra. Respiro fundo e tento ignorar a sensação incômoda nas entranhas.

Mas tudo que gira pela minha mente são lembranças dos dias em que Éden estava perdido para mim, quando a República o tinha levado para algum lugar que eu não tinha ideia de onde era. Só me lembro de vê-lo sair do hospital cambaleando pelas cinzas e neblinas da guerra, e eu o tomar nos braços.

Que se dane. Cedo às minhas preocupações e seleciono o ícone da localização de Éden. Meus privilégios do SIA me dão permissões extras e posso rastreá-lo sem o consentimento dele.

Um pequeno ícone de carregamento gira no centro da minha visão enquanto meu sistema o rastreia.

À minha frente, Jessan para e abre um mapa virtual entre nós.

— Está vendo? — diz ela. — Reparamos em sinais de espectadores dos drones reunidos nesses locais. Não é muita prova para um pontapé inicial, mas dá uma estimativa de onde a corrida vai acontecer hoje como sendo bem... aqui.

Ela aponta para um ponto virtual no mapa.

Ao mesmo tempo, meu sistema termina de rastrear onde Éden está. O pontinho de localização dele aparece, vermelho, quase no mesmo local para onde Jessan está apontando.

Eu franzo a testa e balanço a cabeça.

— Só um segundo — murmuro, recarregando o geolocalizador. — Acho que meu sistema emperrou. Me mostra de novo no mapa onde a corrida vai acontecer.

Jessan carrega o mapa de novo enquanto a localização de Éden também reaparece.

Desta vez, não há confusão sobre o que estou vendo. Uma onda repentina de tontura toma conta de mim. Éden está exatamente onde o dedo de Jessan aponta.

Ele está aqui embaixo, na Cidade Inferior. E está na corrida de drones.

ÉDEN

SE A SEMIFINAL DA CORRIDA DE DRONES ESTAVA LOTADA, AQUILO NÃO FOI NADA em comparação com agora.

As pessoas se espremem na praça já apertada até estar quase explodindo. Os que moram nos apartamentos dilapidados em volta da praça assistem das janelas. Alguns parecem ter cobrado dinheiro para outros espectadores irem assistir das varandas deles porque há grupos de pessoas sentadas nas laterais, as pernas penduradas. Gritos enchem o ar.

Aparentemente, o boato de que uma inscrição de último minuto surpreendeu a todos e venceu a primeira bateria na noite anterior se espalhou pelos círculos inferiores.

Agora, estico o pescoço e procuro na multidão sinais do meu novo benfeitor. Ao meu lado, Pressa está com o drone debaixo do braço em segurança e abre caminho entre as pessoas. Com impaciência, ela afasta as mechas da peruca loura que caem no rosto.

— Ei, sai da frente! — diz para dois apostadores grandalhões bloqueando nosso caminho. — Você quer apostar no campeão da noite de ontem ou não? Então deixa ele passar pra se preparar!

Pressa tem pouco mais de um metro e meio de altura, e ainda assim as pessoas abrem espaço para ela, deixando que siga no meio da multidão. Admiro a forma como empertiga os ombros para trás, e fico feliz de estar atrás dela.

No centro da praça, o letreiro virtual pairando no alto agora mostra um relógio em contagem regressiva até a corrida, bem como uma lista dos competidores da noite. Metade dos competidores já se reuniu na fila. Reparo em alguns olhares na minha direção, mas, desta vez, meus oponentes parecem cautelosos. Quando os encaro, eles desviam o olhar.

Uma sensação de inquietação ferve no fundo da minha mente. Tem alguma coisa no homem que se tornou meu benfeitor que reverberou nesse espaço. De algumas maneiras, ele me lembra Daniel: ambos têm um carisma natural. Penso em como ele pareceu me reconhecer de uma forma que mais ninguém reconhece. E no interesse dele pelo motor do meu drone…

Pressa me cutuca e me arranca dos pensamentos. Ela indica a multidão.

— Ali está ele — murmura.

A presença dele é inegável. A aglomeração se abre para Dominic, sem questionar, enquanto ele segue para a clareira da praça. Diferentemente de muitos aqui, ele está usando roupas engomadas, quase rígidas, tons brancos e cinza por baixo de um casaco preto comprido. Um grisalho prematuro marca seu cabelo e a barba por fazer. Ele parece alheio a toda a comoção em volta e indiferente aos que o observam caminhar.

Mas, quando me encontra, ele acelera o passo.

— Bom te ver aqui, Eli — diz para mim, usando meu nome falso. Ele olha para Pressa, que ainda está com meu drone sob o braço. — E já com tudo pronto.

— Quase — respondo. — O que acontece hoje se vencermos?

— Se vencermos, você leva dez vezes mais do que levou ontem à noite. — Dominic sorri. — É pra isso que estamos aqui, não é?

— E se não vencermos? — pergunta Pressa.

O homem não parece preocupado.

— Se vocês não vencerem, vou continuar sendo seu benfeitor. — Ele me olha. — Há promessa nesse motor que você construiu. Podemos fazer muito com ele além de inscrevê-lo em corridas ilegais. Acho que você está destinado a mais.

Destinado a mais. Não consigo deixar de ter a mesma sensação de orgulho crescendo em mim de novo. Daniel passa os dias se preocupando mais se estou ou não vivo do que naquilo em que estou trabalhando. Os outros estudantes da universidade nem ligam para mim. Mas as palavras de Dominic me fazem ficar um pouco mais ereto.

— Me parece um bom plano — digo para ele.

Dominic olha para o contador virtual acima de nós. Temos cinco minutos.

— Então é melhor você ir se preparar — fala, e antes que eu pergunte

qualquer outra coisa, ele já virou as costas para mim e foi na direção da multidão.

Aqui e ali, reparo em guardas de terno o observando, prestando atenção a cada movimento dele. É um contraste perturbador com o jeito tranquilo com que ele conversa comigo.

De repente, chamam meu nome para a fila, e volto o foco para a corrida. Pressa aperta os braços cruzados sobre o peito, e cada músculo do corpo dela parece rígido. Ela chega mais perto como se fosse me dar um abraço de boa sorte, mas desiste, e ficamos parados com pouquíssimo espaço entre nós.

Tenho a sensação de que ela também acha que tem mais coisa envolvida na vitória da corrida do que parece. Mas, por ora, esse é meu trabalho. E se vencermos, o pai da Pressa vai poder obter todos os remédios de que precisa pelo resto da vida.

Pressa assente para mim.

— Boa sorte — diz ela, exibindo um breve sorriso. — Não que você precise.

Não sei o que me provoca o impulso. Talvez seja o rubor nas bochechas dela ou o medo bombeando pelas minhas veias com a ideia de perder a corrida. Mas, de repente, me inclino na direção de Pressa e, como ela não recua, dou um beijo leve na bochecha dela.

— Vou dar o meu melhor — digo.

É divertido ver a expressão de surpresa no rosto dela pela primeira vez. Seus olhos estão brilhantes e arregalados.

Ela sorri e me empurra na direção da fila de competidores.

— É bom mesmo — diz por cima do ombro enquanto segue para o meio da multidão.

Eu a vejo se afastar até não conseguir distingui-la da massa de observadores.

As luzes vermelhas acima piscam de novo. Tudo no espaço fica tenso. Mudo o visor para o canal que vai seguir o caminho da corrida, me preparo na fila e volto o olhar para a largada.

O som de largada toca. Meu drone voa da minha mão para a frente e quase se perde na confusão dos outros. Gritos explodem na plateia.

Eu me desligo do mistério do meu benfeitor. Do que Pressa pode estar pensando de mim, e de onde está na multidão. Esqueço meu irmão. Só me concentro na pista.

Meu motor, agora aquecido, se move mais rápido do que nunca. Brilha em um intenso azul-esbranquiçado na curva do final da viela que sai da praça, ultrapassando dois outros drones para assumir a liderança tranquila precocemente antes de desaparecer no cruzamento.

Da plateia vêm gritos de surpresa… mas, diferentemente da semifinal, ninguém reclama. Ninguém grita comigo com raiva. É quase como se Dominic tivesse impedido qualquer um de querer me antagonizar.

Drones se aproximam por trás de mim, querendo me derrubar ou me pegar desprevenido dos dois lados. Mas estou muito à frente agora e eles não conseguem me alcançar. Seguimos pelas ruas estreitas da cidade, passando por um cruzamento e outro, por uma feira, por uma viela sinuosa entre uma série de fábricas soltando fumaça.

Desta vez, guio meu drone melhor. Ele passa de lado por uma pequena rachadura numa parede, pegando um atalho que, por um fio de cabelo, não o tira da corrida. Um oponente consegue se aproximar por trás. Guio meu drone para cima e o faço me seguir, de repente mergulho para baixo na direção de uma rua movimentada de barracas vendendo tecidos e panelas. No último segundo, levo meu drone para a altura normal de novo. Mas o que está me seguindo não consegue fazer o mesmo com rapidez suficiente. A asa bate na lateral de uma das barracas e ele sai capotando fora de controle, até chocar-se contra a lateral de um prédio em uma chuva de fagulhas e metal.

As pessoas na rua soltam gritos surpresos. É tudo que consigo registrar antes de meu drone deixar a cena para trás e seguir pelo resto da pista.

Não há nenhum outro desafiante que chegue perto desta vez. Meu motor ruge mais e mais rápido, o brilho se intensificando. Meu coração parece prestes a explodir. Foi exatamente assim que eu o imaginei funcionando. É a perfeição.

A corrida toda pareceu um borrão de segundos. Já estou voltando para a praça, deixando um rastro de azul-néon virtual na pista da corrida atrás de mim.

Meu drone retorna para a praça e vence pelo equivalente à extensão de dois drones. Os espectadores explodem. Sinto mãos batendo nos meus ombros com força. Um zumbido enche meus ouvidos enquanto a praça se incendeia com a alegria de uma boa corrida. Todo mundo está de pé. Vagamente, reparo em Pressa me empurrando cheia de empolgação quando meu nome aparece no topo do placar de novo.

A euforia da vitória é tão forte que fico tonto. Fecho os olhos, apreciando a sensação, não querendo que termine. Tudo está enevoado à minha volta: as arquibancadas gritando, os números virtuais pairando no centro da arena, mudando em tempo real e me declarando vencedor.

Mas as luzes vermelhas na praça piscam. Os espectadores olham para cima, momentaneamente confusos. Só deviam piscar quando a corrida começa e termina. Reação atrasada? Mas, na hora que eu penso, elas piscam de novo… e se apagam completamente.

Aperto os olhos na nova penumbra. Todo mundo começa a falar baixo. Já tem gente indo para as saídas enquanto um sussurro de que o evento tinha sido descoberto se espalha pela multidão. *A polícia está aqui! Os guardas estão vindo! Vão embora!*

Não sei bem como, mas meus olhos percebem um movimento que é familiar demais para mim, a visão de uma silhueta no alto, junto à parede, empoleirada com equilíbrio perfeito. Vejo a figura junto ao enorme placar que tinha visto primeiro, situado na entrada da praça. Apesar de não conseguir identificar o contorno, eu o reconheço imediatamente.

Meu irmão está aqui.

DANIEL

Normalmente quando vou para a Cidade Inferior, estou em uma varredura com meus colegas do SIA. Já fechei definitivamente operações ilegais de apostas, de venda de drogas e de todo tipo de negócio ilícito, assim como já encerrei estações de elevadores não autorizadas e improvisadas construídas em antigos túneis de esgoto.

Mas hoje estou sozinho, mascarado e encapuzado. Pareço um dos muitos jogadores que ocupam o lugar.

É óbvio que esse lado da Cidade Inferior é o pior lado: fileiras e fileiras de barracas ocupam as paredes das ruas estreitas e escuras, e vendedores aguardam em frente a lojas vazias e abandonadas, me observando enquanto passo.

Aqui, com esse traje, volto para minha rotina de Lake: ombros encolhidos, olhar indiferente. Tomo o cuidado de ficar de olho em qualquer coisa suspeita enquanto, ao mesmo tempo, não faço contato visual com ninguém. Parece dar certo. As pessoas acham que pertenço ao ambiente, alguém acostumado a andar em uma rua barra-pesada. Mas fico tenso mesmo assim.

Não vim para a Antártida para voltar a viver como um órfão de rua.

O que o Éden está fazendo aqui embaixo de novo? O pensamento ecoa no meu organismo como um sinal de alerta. Éden é o garoto mais inteligente da universidade inteira. Tem um estágio esperando por ele na República. Tem amigos. Tem tudo de que precisa.

Por que ele está aqui? Por que não consigo entendê-lo? Por que ele não fala comigo?

A localização dele me leva agora para um boteco comum. A mulher cuidando do bar me olha de um jeito hostil. Esse tipo de lugar deveria ser intimidante para a maioria das pessoas desacostumadas a estarem aqui, mas já estive em piores.

— O que está acontecendo aí? — pergunta Jessan pela nossa linha.

Observo a postura da mulher no bar e de todo mundo no ambiente.

— Meu palpite é que preciso de uma senha pra passar — sussurro. — Você pode procurar o perímetro externo para ver se tem alguma coisa atrás deste prédio?

— Procurando agora — diz ela. Saio do boteco e entro em uma das vielas estreitas.

De primeira, parece outra rua sem saída, um espaço apertado cheio de latas e pilhas de lixo espalhadas. Mas quando chego mais perto da parede dos fundos e passo a mão por ela, parece fina e oca. Do outro lado, ouço som de gritos agitados. Não havia passagem para lá no boteco, ao menos que eu pudesse ver. É algum tipo de parede improvisada que separa as ruas principais de um local escondido.

Olho para cima para ver onde o muro termina. Vai até cinco ou seis andares, uma superfície de tijolos com prédios de apartamentos dilapidados dos dois lados.

Visão familiar para um corredor.

Corro na direção da parede e pulo vários passos para me agarrar ao peitoril do segundo andar do prédio ao lado. Em poucos segundos, estou subindo e saltando para me segurar na grade da varanda do terceiro andar. O esforço gera uma emoção familiar pelo meu corpo. Era assim que eu sobrevivia na República.

Levo só um momento para chegar ao topo do muro. A gritaria vinda do outro lado de repente fica ensurdecedora. Quando tenho meu primeiro vislumbre por cima do muro, tudo parece banhado em um brilho enevoado proveniente de fios com lâmpadas vermelhas.

Vejo-me olhando para uma clareira cheia de gente. Deve haver pelo menos mil pessoas espremidas num espaço onde deveriam caber menos da metade disso. Elas se reúnem em volta de uma pequena clareira no centro da praça, onde uma fila de competidores está parada com seus drones.

A localização de Éden no meu visor agora brilha, sinalizando que ele está bem próximo. E realmente, quando olho melhor para os competidores, eu o vejo.

O cabelo louro familiar, os óculos, o corpo magro e alto.

Meu irmão está competindo na corrida de drones.

Eu me encosto na parede, correndo o risco por um momento de perder o equilíbrio. Talvez eu só esteja imaginando coisas, talvez esteja querendo tanto

encontrar Éden que estou tendo uma alucinação.

Mas dou outra olhada; *ele é* inconfundível. É meu irmão, junto com sua amiga Pressa, que está com uma peruca loura comprida e uma expressão arrogante de satisfação.

Não só Éden estava na corrida, mas, a julgar pela forma como todos estão reunidos em volta dele, ele *venceu*.

É nessa hora que reparo no outro homem. Ele está parado na frente de Éden e Pressa, o rosto assustadoramente reconhecível a partir de todos os relatórios internos do SIA que li.

Dominic Hann.

Não consigo acreditar nos meus próprios olhos.

Dominic Hann matou centenas. Cometeu alguns dos mais grotescos assassinatos que já vi, alguns que fazem até os piores crimes da República parecerem bobos. A imagem do cadáver nas ruas ainda está fresca na minha mente. Penso no puro terror no rosto das testemunhas que interrogamos. Até o ato de o caçar é considerado perigoso. Ninguém quer um homem assim de olho em você.

Dominic Hann não frequenta corridas assim. Ele raramente aparece em público quando pode simplesmente mandar capangas no seu lugar. Ele é uma das figuras mais elusivas que aterrorizam a cidade. O SIA o vislumbrou umas poucas vezes, sem nada além de uma foto granulada do rosto como prova.

Mas aqui está ele, parado na frente do meu irmão, um sorriso pensativo no rosto. Enquanto observo, Hann diz alguma coisa para Éden que não consigo entender.

O sangue nas minhas veias corre gelado.

Eu me obrigo a ficar calmo, me misturar nas sombras, enquanto a plateia abaixo fica olhando a conversa dos dois. Adiante dele, Éden está paralisado, sem saber o que dizer em resposta.

Vá embora, peço em silêncio. *Dê as costas. Corra*.

Só que meu irmão não faz isso. Ele abre um pequeno sorriso para Hann e diz alguma coisa em resposta.

Sinto como se estivesse de volta à República, olhando com impotência enquanto os soldados levavam a minha família.

Por que Hann está conversando com ele? O que quer com o meu irmão?

Mas ao mesmo tempo que as perguntas enchem minha cabeça, sei as respostas por instinto. É porque Éden fez o melhor drone aqui. Suas mãos hábeis construíram uma máquina tão incrível que atraiu o interesse de Hann. Que superou todos os competidores experientes. Que *venceu*.

Eu nunca duvidei dos talentos de Éden, mas será que o estive subestimando?

Todo mundo abre espaço para Dominic Hann quando ele leva Éden para o centro da clareira. Olhares hostis são dirigidos ao meu irmão. Se não fosse a presença de Hann ao lado dele agora, talvez já estivesse com uma faca cravada nas costas.

Uma onda de pânico toma conta de mim. Tenho que fazer alguma coisa.

Minha mão para junto à arma no coldre. Não tenho a pontaria tão boa quanto June, mas melhorei muito nos anos de treinamento no SIA. Daqui, eu talvez consiga acertar Hann com um único tiro na cabeça.

Mas Éden seria o suspeito imediato. O garoto novo, bem ali no lugar onde Hann tinha sido morto? Não sei quantos na multidão são espiões e guarda-costas de Hann, mas reparo que há olhos observando as pessoas aglomeradas em vez de se concentrarem nos competidores. Se eu conseguisse matar Hann, os homens dele atirariam em Éden antes mesmo do corpo de Hann tocar o chão. E não há garantia alguma de que eu seria mesmo capaz de acertá-lo. E se eu errasse?

Trinco os dentes e me obrigo a não puxar a arma. Meu olhar se desvia para as lâmpadas vermelhas sobre o local. Sigo a trilha de luzes até onde termina, perto das paredes, com as pontas presas em grelhas de vigas grossas de metal. Há um disjuntor enorme junto à parede que seria a do boteco.

Eu me empertigo um pouco na posição em que estou, no muro. Nas sombras, sei que sou pouco mais que uma silhueta em movimento, e ninguém parece reparar em mim quando me balanço até a grade de aço que sustenta um dos prédios laterais e subo sem emitir som na viga horizontal mais baixa e depois na seguinte.

Sigo assim até chegar ao disjuntor. Os fios ligando as lâmpadas que ficam no teto se encontram ali, nos cantos superiores. Fora as lâmpadas, a clareira é iluminada apenas pela luz fraca proveniente dos prédios ao redor.

Tiro uma faca da bota. Abaixo, na clareira, Hann dá um tapinha no ombro do meu irmão.

A vista basta para gerar um tremor nos meus ossos. Corto os fios das lâmpadas vermelhas.

O local inteiro é mergulhado em escuridão.

Não há tempo a perder. Ligo a grade no meu sistema. Em meio ao caos, uma série de linhas virtuais finas em azul-néon surge no meu visor, me mostrando aonde ir e onde as pessoas estão. Desço das vigas, uma de cada vez, o mais rápido que consigo. Meus pés batem no chão em segundos. Corro para o meio da multidão e empurro as pessoas enquanto procuro meu irmão.

Chego a ele. No meu visor, Éden é uma animação em um tom verde enjoado.

Ele solta um grito sobressaltado antes de eu botar a mão sobre sua boca. Sem dizer nada, eu o puxo comigo e saio correndo. Para meu alívio sufocante, ele não resiste. Só me segue.

Corremos pela multidão até uma das vielas estreitas para onde as pessoas estão indo, uma que termina numa loja discreta e leva a uma rua principal. Todo mundo em volta passa correndo, temendo que a polícia tenha invadido a clareira.

Em algum lugar às nossas costas estão Dominic Hann e seus capangas. Mas não ouso olhar para trás.

— Você me seguiu até aqui — diz Éden com rispidez enquanto corremos. Na escuridão, seus olhos brilham, furiosos. Ele não tem ideia de como chegou perto da morte.

— Você não entende — rebato. — Aquele homem era Dominic Hann.

Ao ouvir isso, Éden me olha confuso.

— E daí?

— E daí — respondo com voz sombria — que você não tem ideia de em que se meteu.



DOMINIC HANN.

Daniel repete o nome dele quando nos sentamos no nosso apartamento. Pela primeira vez desde que me lembro, ele me conta sobre uma das missões em que está trabalhando. Aparentemente, está no rastro desse homem há meses.

Ele me conta que Dominic Hann é procurado por pelo menos doze assassinatos e diz que deve ter cometido muitos outros que nunca foram associados a ele. As vítimas são pessoas da Cidade Inferior endividadas, que não conseguem pagar o que devem. Pessoas que o irritaram, de propósito ou sem querer. E agora, vereadores, considerando o assassinato que aconteceu esta noite.

— E lá estava você — diz meu irmão, perambulando adiante do sofá onde estou sentado. — Batendo um papo com o assassino mais perigoso de Ross City como se fossem melhores amigos.

— Ele só queria lucrar com as minhas vitórias — respondo, tentando não mostrar as mãos trêmulas.

No meu visor, vejo mensagens de Pressa chegando, uma mais desesperada do que a anterior. *Seu irmão estava lá!*, exclama ela. *Você está em casa? Estou na loja do meu pai. Tudo ficou um breu! Você está bem? Éden?*

Não posso falar agora, respondo rapidamente por mensagem. *Conto tudo depois*.

— Certo. — Daniel me olha. Parece mais irritado quando repara que estou enviando mensagens enquanto ele fala. — Porque isso é tudo de que um assassino notório precisa, umas moedas a mais no bolso.

— Ele gostou do design do meu drone, se ofereceu para ser meu benfeitor pra poder vê-lo na corrida e ficou com uma parte do dinheiro por

causa da minha vitória. Nunca pareceu interessado em me prejudicar. — Minha voz fica urgente, como se eu estivesse procurando me convencer também.

Tento imaginar Dominic como um assassino implacável. Mas a calma dele permanece na minha mente, o jeito como me compreendeu com uma única observação, mais do que o meu irmão agora. O contraste entre esses dois pensamentos me faz estremecer.

Daniel para na minha frente e suspira.

— Éden, eu sei que você não entende como é viver de verdade nas ruas. Trabalhei a minha vida inteira pra garantir que isso não aconteça com você. Sei que não compreende muita coisa do que aconteceu hoje, e nem o tamanho do perigo em que se meteu, mas…

O tom dele me faz encolher. *Sei que não compreende*. Como se eu ainda tivesse dez anos. Como se eu não soubesse o que estou fazendo com a minha vida.

— Não fale assim comigo — digo.

Ele franze a testa.

— Assim como?

Minha raiva começa a ferver.

— *Assim* — repito enquanto me levanto. — Isso não é uma conversa e nem uma discussão. Não estamos nem tendo uma briga. Você está me passando sermão.

— Você estava na Cidade Inferior de novo! Em uma corrida de drones! Você tem ideia do quanto isso é perigoso?

— Então grita comigo! — insisto. — Me diga que não consegue acreditar no que fiz hoje! Qualquer coisa é melhor do que a sua pena!

— Eu não tenho pena de você! — grita Daniel. — Minha vida seria bem mais fácil se você não desaparecesse nos buracos desta cidade todas as noites!

A Cidade Inferior não passa de um poço de imundície para ele. Quando ele mudou tanto?

— Se a agência pra qual você trabalha não fosse tão tirana — grito —, o pai de Pressa não precisaria ser milionário apenas pra sobreviver. Nós não precisaríamos apostar nas corridas. E eu não teria que me explicar pra você

como se estivesse conversando com um estranho.

Daniel só balança a cabeça.

— Você não entende — murmura. É a única coisa que ele faz, me transformando de novo no irmãozinho caçula.

Mas, nesse momento, nós não somos irmãos. Ele é meu pai, e eu sou seu filho. A sensação de distância, junto com o medo de tudo que aconteceu hoje, ameaça me sufocar.

Com repulsa, eu me viro.

— Quando eu for pra República, talvez seja melhor você não me acompanhar. Você devia ficar aqui.

Daniel faz uma careta e sinto vontade de retirar minhas palavras. Mas dou as costas para ele e vou para o meu quarto.

Atrás de mim, Daniel ergue a voz.

— Espera, Éden — chama ele.

Faço uma pausa e ele corre até o meu lado.

— Por favor — diz, respirando fundo.

— O quê? — murmuro.

Ele hesita, mas o olhar endurece ao encontrar o meu.

— Ótimo. Vá pra República sozinho — fala Daniel.

Ele vai me deixar ir? Eu semicerro os olhos para ele. Fico surpreso com como o comentário me fere. Mas meu orgulho se recusa a demonstrar isso.

— Ótimo — repito.

Daniel faz outra careta, como se tivesse esperanças de que eu fosse dizer alguma coisa diferente. Mas mantemos os nossos próprios lados na discussão, incapazes de entender um ao outro. Não parece que estou olhando para alguém que conheço desde que era bebê.

Eu me viro de novo. Desta vez, Daniel não me para quando entro no quarto e fecho a porta entre nós.

✪✪✪

— Isso não vai demorar. Talvez você sinta uma tontura leve.

Ao meu lado, meu irmão cruza os braços, e sua boca se curva em uma careta de preocupação.

— Pega leve — diz para a mulher. — Ele nunca usou esse sistema.

Trinco os dentes por causa da condescendência familiar e o ignoro. Estou parado no meio de uma sala circular no alto do quartel-general do SIA com Daniel, seis outros investigadores e a mulher que acabou de falar comigo, Min Gheren, a diretora do SIA em pessoa. Tem janelas de vidro do chão ao teto em curva por todo o aposento que nos dão uma vista maravilhosa de Ross City.

Meu olhar se desvia brevemente para a planície infinita de arranha-céus lá fora, cada um interconectado por uma teia de passarelas. Daqui de cima não dá para ver a Cidade Inferior. É como se não existisse.

Volto o olhar para a cena quando uma das outras pessoas na sala vem até mim e aperta uma barra fina de metal na parte de trás da minha orelha, onde meu chip está instalado.

— O que está fazendo? — pergunto à diretora.

Ela me encara com olhar penetrante.

— Sr. Wing — diz ela para mim, e Daniel se mexe com desconforto ali perto —, foi certo o seu irmão informar ao SIA o fato de que você cruzou caminho com um homem que estamos tendo dificuldade de rastrear há meses. Você precisa entender que Dominic Hann nunca aparece em reuniões como aquela a que você foi na noite de ontem. Ele não precisa mostrar a cara quando subalternos podem fazer o serviço por ele. Por isso, imagine o que significa o fato de seu desempenho tê-lo interessado *tanto* a ponto de ele decidir falar com você em pessoa.

A diretora faz uma pausa e olha para o lado, para Daniel. Dá um aceno severo.

— Conta pra ele — diz ela.

Daniel me observa. Seu olhar está frio e calmo esta manhã, como se não tivéssemos discutido na noite anterior.

— O SIA tem um sistema em que podemos reprisar e gerar suas lembranças como cena virtual — explica meu irmão. — Está tudo armazenado no seu chip. Quando ativarmos seu sistema aqui, vamos poder ver a lembrança como você viu e tentar pegar as pistas que você talvez não tenha notado.

Troco um olhar silencioso com meu irmão. Ele não diz mais nada, mas tem uma diferença na forma como ele me olha. Ele não está mais com raiva

de mim: está com medo.

— Parece bom — digo.

A diretora dá um aceno de aprovação para nós dois. Em seguida, move a mão na frente do rosto. Uma tela virtual surge entre nós. Pela forma como Daniel vira a cabeça para a tela, percebo que é visível para todas as outras pessoas presentes.

PERMITIR ACESSO À MEMÓRIA DA NOITE DE ONTEM?

Eu respiro fundo.

— Autorizado — respondo.

A tela desaparece. Sinto um formigar estranho começar nas minhas têmporas, subir pela minha cabeça e descer pelo meu corpo. Eu tremo. O mundo ao meu redor ganha um tom azulado. A câmara, as paredes de vidro, o piso e o teto… tudo some e me deixa com os outros na frente de um fundo preto. Eu oscilo, tonto com a visão.

Uma cena se assenta ao nosso redor. É tudo que aconteceu na noite anterior, do jeito que eu me lembro: vejo-me andando pelo boteco e entrando no elevador improvisado. O interior enferrujado do vão do elevador aparece em volta de nós, como uma encenação estranha da cena na qual Daniel e os agentes do SIA também vão comigo. Nós paramos no fundo. Depois, seguimos a minha versão na lembrança pelo mesmo corredor e paramos na área subterrânea, onde a contagem regressiva acontece na parede e a corrida de drones está sendo preparada.

— Pausa — diz a diretora ao meu lado.

A cena ao nosso redor para abruptamente, como um filme pausado em três dimensões. Os braços agitados da plateia estacam, as vozes se calam de repente, a contagem regressiva trava.

Min caminha pela cena, observando as paredes e as pessoas. Daniel faz sinal para eu me adiantar, e ando com insegurança pela minha lembrança paralisada com ele. Meu irmão para na frente de um dos corredores do outro lado da sala, onde minha memória está meio confusa. Isso se traduz como uma visão granulada adiante de nós.

Daniel aponta para um dos corredores.

— Dominic Hann veio dali — diz ele para a diretora. É algo que não percebi no calor do momento.

A diretora assente antes de passar a avaliar os espectadores. Andamos pela cena de novo até chegarmos ao centro da arena. Ela aponta para um rosto na dianteira da multidão.

— Ali — diz ela. — Um dos homens de Hann. Eles é que mandam nesse show.

Daniel manda a cena continuar. Como se fosse um sonho, eu me vejo com meu drone e tudo que acontece na corrida.

— Pausa.

Desta vez, Daniel é quem fala, e meu drone para no ar. Ele indica o canto da cena da minha lembrança, onde está o borrão do rosto das pessoas. Aponta para o homem que a diretora tinha dito que era um dos capangas de Dominic Hann.

O homem não está mais assistindo. Está de pé, trocando algumas palavras com outra pessoa enquanto desvia o olhar para mim.

A corrida continua. Paramos a cena várias outras vezes sempre que meu visor volta para mostrar o pessoal de Hann. O homem sai com outro colega quando a corrida termina e eles desaparecem no corredor que Daniel tinha mostrado antes.

Uma hora depois, na metade da segunda bateria, vejo Hann aparecer.

Daniel inspira fundo enquanto a diretora Min solta um assovio baixo. Ela desvia o olhar para mim.

— Então Hann foi à corrida especificamente para ver *você*.

Enquanto ouço as palavras dela, a cena continua a se desenrolar, e vejo a versão virtual de Dominic Hann caminhar até mim. A inquietação que senti na hora, o instinto que me disse que o homem era alguém incomum, retorna agora.

Ele parece tão realista que, por um momento, acredito de verdade que está na sala conosco. Sem me dar conta, recuo um passo quando ele se aproxima de mim. O mundo virtual ao nosso redor treme e se borra e uma neblina embaça a imagem.

Daniel dá um passo na minha direção.

— Pausa. Limpar — diz ele, o olhar na diretora. A cena para, e Dominic

Hann e a Cidade Inferior somem antes que a câmara do SIA volte. — Dê um descanso a Éden. As emoções dele estão interferindo na qualidade da reprodução da lembrança.

— Eu consigo fazer isso — digo para meu irmão.

Mas a diretora não está mais prestando atenção em Daniel. O olhar dela está fixado em mim. Ela estreita os olhos.

— O que você estava fazendo na Cidade Inferior, sr. Wing? — pergunta. — Você sabe que as corridas de drones são proibidas.

Ela vai diminuir muito meu Nível por isso, eu sei, mas, nesse momento, não estou nem aí. Aperto os lábios em uma linha.

— Acho que não é relevante ao motivo de você precisar de mim aqui — respondo.

Ela ergue uma sobrancelha para mim e olha para o meu irmão.

— Bom, já sei de onde ele puxou essa atitude — diz secamente para Daniel antes de voltar a atenção para mim. — Vamos precisar ver uma memória sua anterior, de como você soube dessa corrida e o que o levou até lá.

Pressa. Se a diretora revirar com tanto detalhismo essa lembrança como fez com minha ida até a Cidade Inferior, ela vai botar agentes do SIA para interrogar Pressa sem pensar duas vezes.

Eu cruzo os braços e franzo a testa para a diretora.

— Você disse que só queria minha lembrança de ontem à noite. Eu não autorizei mais nada além disso.

— Você é obrigado a nos ajudar nessa investigação tanto quanto precisarmos. Isso inclui suas lembranças anteriores, inclusive seus pensamentos e qualquer sonho que possa ter tido recentemente.

Meus pesadelos. E de repente sinto os sonhos que me assombram surgindo do fundo da mente, uma mãe sem rosto e uma rua desolada da República, detalhes que nunca consegui preencher. O sistema do SIA treme em volta de mim ao tentar recriar as imagens que surgem nos meus pensamentos. *Não*, penso, tentando me segurar. O medo toma conta de mim. *Não quero mostrar pra eles*.

Meio que espero que Daniel concorde com a diretora, que se vire para mim e insista que eu responda as perguntas dela direito. Mas ele dá um

passo na direção da mulher.

— Você não vai revirar as outras lembranças dele — diz. A voz está calma, mas ouço a corrente familiar de aço nela.

E, pela primeira vez, fico agradecido.

O sistema do SIA ao meu redor é interrompido abruptamente, junto com os sussurros que emergem dos meus sonhos. Solto o fôlego, trêmulo.

A diretora vira para o meu irmão com expressão exasperada. Não é a primeira vez que ele discorda dela.

— Olha o tom, agente — diz a diretora.

Daniel balança a cabeça.

— Não muda o que estou dizendo, senhora.

A diretora parece estar prestes a repreendê-lo… mas suspira e olha para mim. Eu prendo o ar.

— Vamos revirar o resto da memória da Cidade Inferior que você nos deu — diz ela por fim.

Eu expiro. Mas, antes que o alívio se espalhe, ela acrescenta:

— Mas isso não quer dizer que seu envolvimento neste caso acabou.

Daniel fala de novo:

— Diretora…

— Fique quieto, agente — diz ela com rispidez, e Daniel se cala com uma careta. A mulher me encara. — Você é a primeira pessoa em meses a ter um vislumbre de Dominic Hann, sem contar acesso direto a ele. Quando digo que esse homem não deixa que você jogue apenas uma única partida com ele, estou falando sério. Hann gosta de ter o que quer e demonstrou interesse evidente em você.

Ela força minha lembrança a continuar se desenrolando, e vemos a última corrida acontecer antes de ela pausar no fim, bem antes das luzes se apagarem, quando Hann se levanta da cadeira. Eu não tinha reparado, mas, naquele momento final, ele estava com o olhar grudado em mim enquanto murmurava uma coisa com uma pessoa. Eles estavam se preparando para me abordar.

A diretora coloca a mão no quadril.

— Aposto qualquer coisa que ele ia fazer uma oferta pra você se juntar a ele. Não é o tipo de oferta que se recusa.

A ideia faz meu estômago se contrair. Daniel enrijece ao meu lado.

— Chega — diz Daniel.

Min o ignora e se concentra em mim.

— Nossa proposta é a seguinte. Precisamos de você para atraí-lo. Vamos rastrear cada movimento que você fizer. Se você atrair Hann para um lugar em que nossos agentes estejam preparando uma emboscada, podemos pegá-lo antes que ele consiga fugir.

Meu rosto empalidece. Daniel entra na minha frente e usa o braço para me empurrar instintivamente para trás, como fazia quando eu ainda era criança.

— Você quer usá-lo como isca? — pergunta com rispidez. Agora a raiva chegou de verdade.

— Você é um agente do SIA — responde a diretora, também com rispidez. — E, neste momento, Éden é a única ligação entre nós e o homem que estamos caçando. — Ela olha para mim. Apesar de ser severa, há um brilho de súplica nos olhos dela. — Não vou obrigá-lo a fazer algo que não o deixe à vontade. Tudo depende do que você decidir. Mas você é o mais próximo que temos de uma pista, uma bem forte. Vamos fazer tudo em nosso poder pra manter a sua segurança.

— Mas não podemos garantir isso — acrescenta Daniel.

— Você é chefe desta agência, Wing? — diz Min para ele com frieza.

Ele só dá de ombros.

— Estou disposto a fazer muitas coisas por esta agência — responde Daniel. — Mas entregar meu irmão para um assassino não é uma delas.

Ela semicerra os olhos.

— Isso não é um jogo. Tem muitas vidas em risco aqui.

Mais uma vez, outros estão decidindo meu destino, e não eu.

— O que você quer, Éden? — pergunta Daniel de repente.

Olho para o meu irmão. Eu só queria ajudar uma pessoa; não esperava me ver aqui, preso numa teia entre duas potências. Eu me viro para a diretora.

— Me dê um tempo — digo por fim.

Ela assente.

— Você tem até amanhã de manhã.

Daniel murmura um palavrão e se vira. Faz sinal para que eu o siga. A tensão na sala chega a ser cortante de tão densa, e me pergunto quantas vezes ele teve confrontos assim com a diretora.

Quando meu irmão me leva para fora e estamos sozinhos no corredor, ele levanta a mão para desabilitar os registros do meu sistema. Desliga o dele também. Ele chega mais perto.

— Éden — diz com voz baixa. — Não faça isso.

A voz dele está tão preocupada que até atravessa meu ressentimento.

— Sua diretora vai ficar decepcionada — murmuro.

— Isso é trabalho meu. O seu é ficar longe de Dominic Hann. Sua interação já foi suficiente pra nos dar mais pistas do que jamais tivemos. — Ele fica em silêncio por um momento. Quando olha por cima do ombro pela janela, para a cidade, vejo o medo no rosto dele. Ele se vira para mim. — Isso não é como a guerra, Éden. Não é salvar a República das Colônias. Nós não deixamos a República pra trás só pra eu te jogar de novo no covil das cobras.

Eu olho para o meu irmão.

— *Você* está nesse covil de cobras há meses e eu nem fazia ideia. E nunca disse uma palavra sobre isso pra mim. Você se coloca em perigo todas as noites enquanto eu fico em casa esperando, torcendo pra você voltar do que quer que esteja fazendo.

Ele parece exausto agora. Penso em quando o vi empoleirado na varanda na outra noite, o olhar grudado na cidade à frente. Eu tenho pesadelos, mas me pergunto pela primeira vez se ele também não tem os dele, e se são piores que os meus.

Ele fala em um sussurro.

— Deixe que eu cuido do SIA — diz de novo. — Mas me promete que vai ficar longe da Cidade Inferior. Que vai deixar Hann se esquecer de você. Ele ainda é um homem ocupado, com muitas outras coisas pra resolver. Talvez um competidor não seja prioridade. — Daniel inspira fundo. — Talvez seja mesmo como você disse. Ele só queria uma vitória rápida.

Encaro o olhar firme do meu irmão.

— Eu prometo. — Não acrescento o que quero dizer: *Apesar de você não poder fazer o mesmo*.

A sugestão da diretora fica na minha mente. Se eu não os ajudar, Daniel vai continuar a caçada atrás de Hann. E se metade das histórias que ouvi sobre o sujeito forem verdade, Daniel está indo direto para o covil das cobras do qual quer me manter longe.

DANIEL

Quando seu irmãozinho chamou a atenção do criminoso mais notório de Ross City, fica difícil se concentrar em qualquer coisa, até mesmo em um baile de gala em homenagem ao Eleitor da República.

Várias noites depois, quando vou de smoking completo para o Salão de Filosofia de Ross City para o baile, minha mente ainda está girando em torno do que a lembrança do Éden revelou no quartel-general do SIA.

Tem faixas azuis compridas verticais nas laterais do arranha-céu, do topo até a base dos Andares do Céu, onde nós e outros convidados estamos socializando, nas passarelas externas. Acima e abaixo de nós, os demais andares cintilam em um mar de luzes. Para além do biodomo, uma nevasca está caindo, mas quando passa pela imensa cúpula, a atmosfera mais quente transforma a neve em chuva. O ar está com cheiro limpo e frio.

A diretora Min Gheren está aqui, junto com vários outros membros de posição elevada do SIA. Agora, ela me encontra em uma das passarelas cobertas de hera que levam ao Salão de Filosofia, enquanto observo uma projeção virtual na lateral do prédio, da bandeira da República. Com ela está Anden Stavropoulos, o Eleitor da República.

— Creio que os dois já se conheçam — diz a diretora quando se aproximam de mim. — Mas cumprimentos fazem parte da etiqueta, de todo modo. Eleitor, este é Daniel Altan Wing, um dos nossos jovens agentes mais promissores no SIA. Sr. Wing, este é o Eleitor da República.

Anden não está muito diferente do que me lembro: um jovem alto e sereno com olhos verdes sérios e uma inclinação majestosa do queixo. Mas ele parece mais relaxado agora, como se finalmente tivesse conseguido assumir a posição com conforto.

Inclino a cabeça de forma respeitosa para ele.

— Eleitor — digo.

Anden sorri para mim e repete o gesto, apesar de eu achar que não é protocolo fazer isso.

— Na República, ele tem um título mais longo do que isso — diz Anden para Min. — Ele ainda é bem conhecido em todos os círculos como o garoto que salvou a nação. Tenho uma dívida com ele.

Eu, salvador da nação. Ainda é uma ideia bizarra. Ouvir o Eleitor falar da nossa história me dá um sentimento estranho, delirante. Tento pensar naquela época confusa, quando eu era conhecido como Day e quando o Eleitor e eu tínhamos uma confiança tão frágil um no outro que June era a única que ainda nos mantinha juntos. Minhas lembranças daquelas poucas conversas que tive com Anden são irregulares, mas, mesmo assim, lembro o que eu sentia cada vez que o via em algum lugar chique com June parada ao lado como sua Primeira Cidadã.

— O senhor não tem dívida com ninguém — respondo agora. — A República está prosperando por sua causa.

— A srta. Iparis sempre falou da sua humildade — diz ele. — Continua intacta.

June. A menção ao nome dela aquece minhas bochechas. Não faz tanto tempo que ela e Anden eram um casal. Eu me lembro de ver nos noticiários daqui.

— Bem, se June disse — respondo —, vou interpretar como elogio.

Anden ri baixinho.

— Vamos dar boas-vindas ao seu irmão quando ele voltar à República para o estágio — acrescenta.

— Obrigado, senhor.

O Eleitor se curva para nós dois de novo.

— Se vocês me derem licença — diz ele, virando-se novamente na direção do salão. — Preciso dar uma palavrinha com o Presidente. Foi bom vê-lo, sr. Wing — diz ele para mim. E me deixa com a diretora.

Eu solto o ar.

— Pensei que você estivesse de folga hoje — diz Min.

Eu assinto para ela.

— Estaria — respondo. — Mas acabei sendo convidado pra isto.

— Sim, bem... Estou supondo que tem alguma coisa a ver com a srta. Iparis.

Faço cara feia quando Min repara no rubor nas minhas bochechas e abre um sorrisinho de lado. Ela chega mais perto e baixa a voz.

— Hann tentou fazer algum contato com seu irmão? — murmura ela.

As minhas preocupações voltam com tudo.

— Ainda não — respondo. — E, sinceramente, seria ótimo se não tentasse.

Min franze a testa.

— Sei que você não gostou do seu irmão se envolver nessa investigação do Hann — diz ela. — Mas ele é o elo mais próximo que conseguimos em um ano.

— Vamos encontrar outro jeito — digo. — Tivemos um vislumbre dele, não tivemos? Estamos procurando mais informações sobre a corrida. Hann vai aparecer de novo se houver outro racha.

— Não se seu irmão não for — responde ela. E vira o corpo todo para mim. — Se conseguirmos uma pista, espero ver seu irmão cooperar.

— E se ele não quiser?

— Acho que você vai preferir que ele queira — diz Min. — Não é um pedido, Daniel. É uma ordem.

Eu me inclino na lateral da passarela e olho para a altura vertiginosa.

— Não lido bem com ameaças pessoais, diretora — digo entredentes.

— Que bom, porque eu também não. — Min começa a se afastar. — Então vamos cuidar pra que não chegue a esse ponto.

Eu a vejo se afastar com uma sensação de impotência que não sinto desde que a República estava em guerra.

O resto dos convidados parece estar começando a voltar para o salão, mas fico onde estou, na solidão da chuva. Pelo menos eu tinha Tess do meu lado quando morava nas ruas de Lake. Aqui, me sinto sozinho.

— Você não vai entrar?

A voz de June vem de um lado da passarela. Dou um pulo e me empertigo para ver a aproximação dela.

Minhas palavras entalam na garganta e não saem. Hoje, ela está com um vestido longo escarlate e preto, a saia ondulando com o tecido leve como um leque. Sempre que ela anda, parece que está deslizando no ar. Gotas de cristal adornam as orelhas.

Percebo que ela ainda está me observando e me obrigo a parar de encará-la, boquiaberto. Viro-me na direção do Salão de Filosofia.

— Pensei em respirar um pouco de ar fresco antes de ter que entrar. O que você está fazendo aqui fora? O Eleitor não a espera lá dentro?

Ela para ao meu lado e abre um sorriso breve.

— Ele está em conversa profunda com Faline — responde ela, indicando o salão. — Acho que vai ficar bem sozinho por um tempo.

June, que sempre parece composta e que tem tudo sob controle. Abro um sorriso tenso, desejando poder sentir o mesmo em vez dessa sensação estranha de incerteza perto dela.

— Tem alguma coisa te incomodando — diz June depois de um tempo.

— É óbvio assim? — respondo.

Ela me olha de soslaio.

— Bom, gosto de me gabar de conseguir ler bem os detalhes de tudo ao meu redor.

Dou uma risadinha.

— É, acho que me lembro de você ter talento pra isso.

Ela sorri, mas depois fica séria.

— Quer compartilhar comigo? Você parece precisar de alguém pra te ouvir.

Mais uma vez, ela adivinha tudo sobre mim. Hesito e me pergunto se deveria envolver mais pessoas de quem gosto no meu problema.

— O trabalho anda difícil ultimamente.

— Difícil como?

Dou um suspiro.

— Acho que estou começando a entender por que você agiu como agiu quando eu estava começando a te conhecer. Quando você trabalhava como agente da República. Trabalhando pra um país com o qual não concordava, permanecendo leal mesmo com a causa sendo imperfeita. Era quase mais fácil ser das ruas. Pelo menos todas as escolhas certas eram óbvias lá.

June fica em silêncio por um momento. A chuva cai pelas laterais do arco acima de nós, formando uma cascata improvisada.

— Não é fácil estar na zona cinzenta — responde ela. Reparo com gratidão que ela não me pergunta os detalhes sensíveis do que estou envolvido. — Talvez você devesse pensar em uma linha de trabalho menos perigosa. Finanças, talvez.

— Por quê? — Ajeito as lapelas do terno e empertigo o peito. — Vou ficar mais atraente se for de finanças?

Ela ergue uma sobrancelha.

— Achei que estivéssemos falando de tomar as decisões certas.

Nós sorrimos um pouco e voltamos a fazer silêncio.

— Não aqui — sussurro depois de um momento. — É delicado demais pra conversarmos em público.

A expressão da June não muda. Ela sorri como se eu tivesse murmurado algo íntimo. Mas quando responde baixo, ela diz:

— Vamos ao meu apartamento então, depois que boa parte da festividade acabar.

✪✪✪

É quase meia-noite quando finalmente saímos do baile.

June está hospedada em uma cobertura em frente à suíte do Eleitor no último andar do hotel. Quando entramos no ambiente, o sistema de segurança nos cumprimenta pelo nome. Vejo a luz mudar nas costas de June quando ela tira os saltos e anda em passos silenciosos até o quarto.

Eu me encosto na bancada da cozinha e me permito admirar o aposento principal, tentando não pensar em June tirando o vestido no quarto. Nosso Presidente não poupa gastos para fazer os líderes estrangeiros terem sensação total de como a Antártida está indo bem.

Caminho até as longas janelas de vidro com vista para o mar negro. Ainda estou olhando a vista quando June sai do quarto.

O cabelo está solto agora em ondas suaves em volta do rosto e ela botou um vestido confortável que envolve o corpo de forma sedosa. Os olhos escuros brilham na noite, tão hipnotizantes quanto me lembro.

Droga. Ela ainda é a mulher mais linda que já vi na vida.

Eu já consegui relaxar em um aposento com ela? Ou sempre fiquei assim: o coração acelerado, todos os meus sentidos atentos a ela e ignorando o resto?

June parece reparar no meu desconforto repentino e, por um momento, ficamos distantes, rígidos, sem saber o que dizer.

— Você está bonita — acabo falando. Mas me arrependo na mesma hora. Eu poderia ter pensado em algo mais idiota para dizer? Provavelmente não.

Ela limpa a garganta, sem saber como responder. Falo um palavrão em pensamento. Que jeito de deixá-la incomodada.

Para o meu alívio, ela abre um sorrisinho.

— Obrigada — responde June. — Sempre lisonjeiro, mesmo quando as coisas

estão dando errado.

Outro fragmento de memória volta a mim naquele momento. Estamos sentados lado a lado, passando de um para o outro uma garrafa de vinho barato, feito com uva cultivada no mar, e fazendo careta por causa do gosto amargo e salgado. Não sei quem ela é, e não sei o que dizer para ela. Mas ela é tão linda e estranha. Nossos lábios se tocam.

A lembrança some e me vejo novamente no quarto de hotel da June, piscando com a lembrança. Ao meu lado, ela inclina a cabeça com curiosidade.

— Em que você pensou agorinha? — pergunta.

Eu hesito e olho para baixo.

— Eu me lembrei de uma coisa. Sobre nós, antes.

Ela se anima ao ouvir isso.

— Uma lembrança? Qual foi?

Olho para ela com um sorriso tímido.

— Da primeira vez que nos beijamos — digo.

Os lábios de June se curvam e uma risadinha escapa. Ela afasta o olhar também, olha pelas janelas para o oceano negro e para as luzes da cidade.

— Elas voltam fragmentadas assim? Suas lembranças? — pergunta.

— Sim. Coisas específicas disparam lembranças novas. Na maior parte do tempo são apenas fragmentos. Eu me lembro de ter beijado você, por exemplo, e da garrafa de vinho que estávamos passando entre nós. Mas não lembro exatamente onde estávamos e nem quem mais estava por perto. Não sei o que falei pra você e nem você pra mim. Eu só me lembro… da sensação de estar perto de você. Como se fosse de uma vida diferente.

June fecha os olhos por um breve momento, como se mergulhando na lembrança também, antes de me olhar de novo.

— Seu passado é sempre parte de você, assim como é parte de mim. Nós estávamos nas ruas de Lake e você ainda não sabia quem eu era. Eu não sabia que você era Day. Foi pouco antes de tudo desmoronar.

Antes de tudo desmoronar entre nós. Agora eu me lembro. Foi antes da minha mãe morrer, antes da República me prender. Foi o começo de estar eternamente ligado a ela.

Eu me viro para June.

— Mas nada está desmoronando pra você agora, né? Você parece bem feliz

esses dias — digo.

Ela sorri um pouco.

— Estou — responde ela. — Tess ainda está se saindo bem. Sabia que ela foi promovida a médica-chefe do hospital? Eu a vejo sempre. Pascao e eu nos vemos constantemente. A vida entrou numa rotina boa e me fez perceber o quanto eu sentia falta disso. — Ela indica a cidade. — De um sentimento de equilíbrio. De normalidade depois da guerra. Não é estranho?

Normalidade. Rotina. Percebo que estou sorrindo para ela, feliz de saber que ela estava feliz. Mas então me pergunto se minha presença na vida dela e todo o caos que ela carrega estragaria isso tudo para June.

Talvez eu sempre tenha sido o motivo de todas as vezes que algo desmoronou na vida dela.

Ela me olha.

— E a sua? Como tem sido sua vida?

Dou de ombros e afasto o olhar, relutante em romper o momento de paz com meus problemas.

— Boa — respondo. — Ótima, na verdade. Às vezes não consigo acreditar que moro aqui, no luxo. Que nunca vou ter que passar mais nem um dia lutando pra sobreviver nas ruas.

June ouve a hesitação na minha voz.

— Mas você está lutando com *alguma coisa* — diz.

Por um momento, tudo em mim resiste a contar para ela. Mas June chega mais perto e me obriga a encará-la de frente, depois cruza os braços.

— Me conte — pede, os olhos escuros e calorosos.

A presença dela é sufocante para todos os sentidos. Tenho que arrancar meu olhar do dela para conseguir pensar direito.

Finalmente, depois de respirar fundo, eu começo a contar para ela. Menciono as missões que tenho liderado em Ross City, o homem que estou caçando. Conto sobre as hierarquias das camadas de arranha-céus deste local, como o Nivelamento divide as classes, que apesar de tudo ser mais fluido do que qualquer coisa na República, ainda é imperfeito, como tudo no mundo. Conto sobre os assassinatos de qualquer pessoa que não consiga pagar as dívidas com Dominic Hann e sobre o subterrâneo sórdido da Cidade Inferior.

Conto depois sobre o envolvimento de Éden, que ele se meteu em uma coisa

bem mais perigosa do que sabe.

June franze a testa.

— Você não tinha medo de Dominic Hann antes de Éden o conhecer — diz ela, me observando.

— Ele não passava de um trabalho até pouco tempo — respondo. — Isso foi antes de eu ver o mesmo culpado de nossas fotos de crimes andando até o meu irmão. E agora o SIA quer que Éden participe da investigação, para atrair o sujeito do esconderijo.

June não responde imediatamente, mas seu olhar permanece firme. Eles *me* firmam. De alguma forma, no meio de tudo que está dando errado entre mim e o Éden, a presença dela é um consolo na escuridão. Não me sinto sozinho confessando isso tudo para ela.

— Você ainda conhece o Éden melhor do que todo mundo — diz June depois de um tempo. — Ele *é* seu irmão. Você o protegeu a vida inteira e sei que ele entende isso.

— É a minha proteção que parece ter feito ele se afastar. — Passo a mão pelo cabelo com frustração, bagunçando-o. — Eu achava que nada no mundo poderia nos separar. Mas aí Éden cresceu. Mudou, talvez pra melhor. Mas tem coisas que ele não me conta agora, e não sei como adivinhar o que ele está pensando.

June sorri.

— Você nunca vai poder adivinhar o que ele está pensando. Metias sempre tentava comigo, sabe. Ele nunca conseguia, mas nós ainda tínhamos uma conexão. Você e o Éden têm um laço que não pode ser rompido. Não importa o que ele não está te contando: ele ainda te ama mais do que a qualquer pessoa no mundo. Eu sei. Eu vi.

Metias. O irmão que June perdeu, a morte que fatidicamente nos uniu. Observo o olhar dela e encontro dor, mas também uma sensação de paz.

— Ele praticamente te criou — digo com delicadeza. — Eu queria poder me equiparar a isso. Tentei ser uma boa figura paterna para o Éden, mas... às vezes me pergunto se as coisas não estão piores.

— Você está com medo por ele — diz June. — De ele querer ajudar nessa investigação de um criminoso perigoso.

— Eu sempre sinto medo por ele.

Há uma compreensão profunda nos olhos da June.

— Você ajudou Éden a se tornar independente como pessoa. Tudo nele tem você como modelo, da melhor forma. Você não vê isso? Mas, Daniel, ele não é uma criança indefesa. Vai resistir a todas as tentativas que você fizer de isolá-lo do mundo. Deixe que ele se aproxime um pouco. Deixe que outra pessoa ofereça o ombro a você. Talvez ele esteja se afastando porque o ama, porque se preocupa com você da mesma forma que você com ele.

— Eu sei que ele não é indefeso — murmuro, enfiando as mãos nos bolsos. — Mas o SIA não quer saber da segurança dele. Ninguém quer. Eu é que tenho que cuidar disso.

— Eu não estava falando só sobre a segurança de Éden. Estava também falando sobre a sua. — Uma ruga leve franze a testa da June. — É uma coisa com a qual você nunca parece estar tão preocupado quanto deveria. Outras pessoas também se preocupam com você, sabe. Você devia reconhecer isso.

O jeito como ela reorganiza os pensamentos gera uma pontada de culpa em mim.

— Desculpe — admito, baixando o olhar. — Só estou preocupado com ele. — Lá fora, as luzes da aurora austral começaram a dança noturna, pintando o céu em faixas turquesa e brancas. — Hann não vai se esquecer dele. Deve ter mandado os homens investigarem a falta de energia que provoquei na Cidade Inferior. Ele não vai permitir que meu irmão escape com tanta facilidade, não quando ele o deixou fascinado a ponto de sair do esconderijo só para vê-lo competir.

June balança a cabeça.

— O Éden não mudou nada, né? — diz ela baixinho.

Com isso, um sorriso surge no canto dos meus lábios.

— É a melhor e a pior coisa nele. Ele faz coisas que abalam a estrutura inteira da sociedade. Acaba no centro de tudo, sem nem tentar fazer nada além de ajudar alguém. Às vezes fico pensando o que John acharia se ainda estivesse aqui, o orgulho que sentiria do irmãozinho. — Faço uma careta. — Eu só queria que não fosse sempre uma coisa que poderia fazer o maldito garoto morrer. Às vezes, é nobre. Às vezes, é só burrice. É uma linha bem tênue.

June sorri delicadamente para mim.

— Nobre. Às vezes de forma burra. No centro de tudo porque está sempre tentando ajudar alguém. Parece que ele puxou uma pessoa que eu conheço.

Abro um sorrisinho ao ouvir isso.

— Eu fiz o que tinha que fazer.

— Você faz o que acredita ser certo. Sempre. E fazer o que é certo costuma ser difícil.

Eu olho para ela.

— Você não é exatamente conformista, srta. Iparis — digo, me virando para encará-la agora. — Acho que a República tem algumas coisas a dizer sobre isso.

Ela sorri de novo e afasta o olhar de mim para espiar além da janela. Sei que está pensando no irmão agora.

— A República está mudando mais devagar do que eu gostaria. Anden está fazendo o melhor que pode, mas a política de tudo me deixa impaciente. — Ela passa a mão frouxa pelo cabelo e o gesto gera outra lembrança esquecida, dos dedos dela pelo rabo de cavalo lustroso, o cabelo caindo comprido pelos ombros.

Meus pensamentos voltam para a vida dela e como ela aprendeu a controlá-la. Limpo a garganta com constrangimento e olho para as mãos.

— Ei... — digo baixinho. — Posso perguntar... o que fez você e o Anden terminarem?

June fica em silêncio, e por um momento acho que passei dos limites. Mas uma expressão distante surge no rosto dela.

— Não sei como foi se acabando gradualmente — responde ela. — Mas houve uma manhã bem cedo que mudou tudo. Eu lembro porque a luz entrando pela janela estava tão linda, a luz mais pura que eu já vi, pintando uma faixa dourada no meu braço. — Ela sorri um pouco ao dizer isso. — Eu me levantei, fui até a janela e admirei o amanhecer mais lindo que eu tinha visto em um bom tempo. E quer saber? Só consegui pensar que eu não queria dividir aquele momento com ele porque eu não achava que fôssemos admirar a mesma coisa. E me questionei se isso era estranho, não querer a pessoa que eu amava do meu lado. — Ela olha para baixo. — Mas acho que nós dois já sabíamos. Eu me mudei de lá pouco depois.

Não sei bem o que dizer. Só consigo pensar que eu daria qualquer coisa para compartilhar de um momento assim com ela. Mas não digo isso.

— Sinto muito por não ter dado certo — comento.

Ela abre um sorriso sarcástico.

— Mas espero que não tanto assim — rebate.

As palavras dela inundam as minhas veias com uma explosão de esperança louca. Solto uma risada constrangida, com medo de pensar nas possibilidades entre nós.

— Tudo bem, é verdade. Não sinto tanto assim. Mas fico feliz de vocês ainda serem amigos. É você quem o empurra para a frente. Ele sempre vai ouvir seus conselhos. Dá pra ver pela forma como ele sempre se vira pra você, esperando sua opinião.

— Ah, bem — responde ela —, meus conselhos não valem muito se não pudermos agir. Ele está se esforçando. — Ficamos em silêncio por alguns segundos. — Mesmo depois de tudo pelo que passamos, depois de toda a guerra que nós dois vimos, ainda tem tanta coisa errada. O trabalho não termina, não é? Só muda para outra coisa.

Meu olhar se desvia para o brilho da cidade na pele dela, para as ondas suaves no cabelo, para os olhos escuros.

— Talvez — digo baixinho. — Mas há constantes às quais nos ancorarmos. — Eu hesito, quase com medo de falar. — Você é a minha.

Estamos bem próximos agora. June fica corada e meus batimentos aceleram. Não consigo lembrar se já senti isso quando éramos mais jovens, se os momentos assim pareciam gerar uma corrente elétrica vibrando perto de mim. Não consigo me imaginar reagindo a ela de nenhuma outra forma.

— Daniel — sussurra ela. — Eu...

Eu prendo o ar, imaginando o que ela pode dizer. Apavorado de tentar adivinhar.

Esse é o momento em que vou diminuir a distância entre nós de novo. Em que vou beijá-la, em que June vai me puxar com ela para o quarto.

Mas sinto uma leve hesitação da parte dela. Ela se contém, assustada, repuxando tanto o enlace que nos une que o sinto esticar-se, quase arrebentando.

Fico paralisado. Limpo a garganta. E me afasto.

O ar entre nós parece suspirar de decepção. Só consigo ouvir a conversa que tivemos naquela noite em que a vi na estação de trem, em tudo que nos aconteceu no passado.

Estamos prontos? *Ela* está?

Não sei se isso pode durar. Não sei se sou o catalisador de tudo que pode

desmoronar na vida dela, o que pode acabar com a normalidade que ela conquistou. Não sei se fomos feitos um para o outro.

Talvez ela esteja pensando o mesmo.

June fala primeiro:

— Tenho que dar uma olhada no Eleitor. Ele deve voltar do baile em breve.

Eu concordo, olhando para baixo.

— Claro. É melhor eu voltar também e fazer o mesmo com Éden.

A tensão elétrica continua pairando no ar, mas tem espaço demais entre nós agora. Sorrio e faço uma reverência para ela, me viro e saio do apartamento.



NAQUELA NOITE, QUANDO ENTRO NO KOMODO CLUB COM PRESSA, MEUS PENSAMENTOS continuam voltados para o replay das minhas lembranças no quartel-general do SIA. Pressa puxa minha mão, me levando mais fundo no espaço caótico. Mas nem as luzes piscando e nem a música alta sufocam meus pensamentos.

Talvez Daniel esteja certo. É possível que alguém como Dominic Hann faça acordos como o que fez comigo com muita gente. Talvez, se eu ficar longe da Cidade Inferior, ele esqueça nosso encontro e fique satisfeito com as rodadas que ganhei para ele na corrida de drones.

As palavras da diretora do SIA ecoam na minha mente. *Você é o mais próximo que temos de uma pista*.

É possível que eu seja a melhor chance deles de capturar Dominic Hann. O próprio Daniel está caçando o sujeito há meses. Se eu ficar longe da situação toda, meu irmão vai continuar indo para a Cidade Inferior. Vai continuar se colocando em perigo até o pegar. Ele não tinha se enfiado no mesmo racha em que eu estava? Quantas outras situações assim vão acontecer até que a sorte dele acabe? Será que vai haver um dia em que ele não voltará para casa?

— *Éden!*

A voz da Pressa corta a música e os meus pensamentos. Eu pisco e olho para ela. Está me entregando uma bebida, os lábios repuxados de preocupação.

— Tem certeza de que quer estar aqui? Não precisamos ficar no clube. Prefere ir pra uma lanchonete?

Eu balanço a cabeça e pego a bebida da mão dela.

— Não, tudo bem — respondo gritando. — Vamos ficar.

Seguro a mão de Pressa e a levo mais para perto do palco.

Se não estivéssemos ligados no sistema de Níveis, não haveria ninguém no palco. Mas, com nossos sistemas ligados, vemos dançarinos virtuais lá em cima, fantasias de pessoas com asas pairando no ar, sereias sentadas em aros gigantescos que giram sobre nós, tudo cercado de um teto de hera virtual e nuvens em movimento. É uma cena hipnotizante.

Obrigo-me a olhar até tudo parecer me consumir. Todos ao meu redor aparentam estar usando algum tipo de traje virtual. São coloridos, até mesmo grotescos, e fico agradecido pela distração enquanto me junto a Pressa na dança de uma música febril.

Aqui, ela sempre se solta. Agora, abre um sorriso para mim enquanto gira.

— Não estamos mais em Ross City — declara ela. — Estamos num lugar distante. Estou deixando a Cidade Inferior pra trás!

Sorrio enquanto Pressa se move na batida da música, tentando mergulhar na fantasia com ela. Enquanto dançamos, ela passa os braços pelo meu pescoço e boto as mãos na cintura dela, puxando-a para perto e sentindo o ritmo nos embalar.

Ela inclina a cabeça para mim de forma que o cabelo curto cai como uma cortina junto do queixo.

— Você está procurando alguma coisa — diz ela, me puxando para perto para gritar no meu ouvido. — Dá pra perceber. O que tem em mente?

Ainda não contei para ela sobre minha conversa no SIA. Então, só balanço a cabeça.

— A corrida — respondo, minhas palavras quase perdidas na batida. — E quem estava bancando.

Quase espero que ela ria e me diga para não me preocupar tanto. Mas Pressa assente, uma expressão pensativa no rosto.

— Fique com essa identidade sempre que sair dos Andares do Céu — diz. Ela assente para o nome e o Nível falsos pairando sobre a minha cabeça. — Já cruzei o caminho de homens como aquele antes. Eles não brincam em serviço, mas acho que você não fez o suficiente para irem atrás de você. Provavelmente nem vale a pena pra eles.

Não sei se ela acredita no que está dizendo. Mas é tão parecido com o

que Daniel me disse que sinto uma pontada de alívio. Eu concordo.

— Certo. Provavelmente nem vale a pena pra eles — repito, tentando me tranquilizar.

Ela abre um sorriso e volta a dançar no ritmo.

— Tenta relaxar hoje, tá? — Ela bate no meu ombro. — Você se formou! Em pouco tempo vai viajar pra República!

Talvez seja minha imaginação, mas vejo um toque de tristeza surgir no rosto dela quando fala. *Em pouco tempo vai viajar pra República!* E Pressa vai ficar para trás aqui, presa à Cidade Inferior. Uma pontada retorce meu coração com o pensamento, e de repente fico muito ciente do quanto estamos próximos. O cabelo dela, macio como seda, roça na pele do meu braço.

— Não *tão* pouco tempo — respondo, tentando parecer indiferente à resposta dela. Tentando ignorar o tremor que gerou no meu peito.

Pressa se anima um pouco ao ouvir isso, e o brilho nos olhos dela basta para me fazer esquecer que talvez nossa amizade não dure para sempre.

Na confusão de dançarinos vestidos de formas exóticas, vejo uma figura sombria. Olha diretamente para mim antes de sumir na multidão.

Danço mais devagar e franzo a testa, depois esfrego os olhos. Cores néon giram ao meu redor em uma névoa. Estou enxergando coisas agora? Balanço a cabeça, então sorrio para Pressa e volto a dançar.

Alguns minutos se passam. E a sombra aparece de novo.

Desta vez, está mais próxima e à minha esquerda, mas é distintamente a silhueta de um homem, o olhar voltado diretamente para mim.

Paro e me viro para olhar para ele. Fica lá por mais um momento, tempo o suficiente para eu prender a respiração e cutucar Pressa. Aponto na direção dele.

— Está vendo aquilo? — digo, ofegante.

— O quê? — Pressa olha na direção para onde estou apontando… bem no momento em que a figura desaparece na multidão de novo. — Os dançarinos na beirada do palco? São pessoas reais, não figuras virtuais. Ouvi falar que se você quiser ir lá pra cima, você tem que…

— Não. Tinha uma sombra parada ali. — Pisco várias vezes, como se a pessoa fosse reaparecer. — Era um homem olhando diretamente pra mim.

Eu o vi à minha direita mais cedo. — Eu me viro de novo e observo a multidão.

Pressa também fica tensa ao perceber a mudança no meu comportamento. Mas não há nada para mostrar para ela agora. Todo mundo à nossa volta ainda está dançando com a batida, rindo e gritando e balançando os punhos no ar. Não há sinal de figuras misteriosas.

Eu esfrego os olhos.

— Deixa pra lá — resmungo. Pressa se inclina mais para perto com expressão preocupada. Eu tento abrir um sorriso. — Acho que estou exausto de tudo que aconteceu.

Ela não parece convencida. Para crédito dela, olha pela multidão de novo, para o caso de ter deixado passar aquilo a que eu me referia. Em seguida, se vira e segura meu braço. Eu me consolo com o calor do toque dela.

— Vem. Vamos para o lounge, pra relaxar um pouco.

Faço que sim com torpor e a sigo pela pista de dança. Passamos pelos corpos que nos cercam até chegarmos no saguão principal, então entramos em um salão lateral.

Olho duas vezes quando passamos pelas filas do banheiro. Uma figura de roupas escuras está encostada na parede, e, quando passamos, juro que vira a cabeça para nos seguir, o olhar penetrante. Olho diretamente para ele. Mas só vejo um grupo de garotas e garotos rindo, trocando segredos.

Meus batimentos começam a acelerar. Os capangas de Dominic Hann podem estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Ele já matou gente nos Andares do Céu. E se ele estiver aqui agora? Estão me observando?

Mas, enquanto penso nisso, uma parte de mim debocha do quanto soa ridículo. Só consigo me lembrar de interesse genuíno nos olhos dele e do carisma nas palavras. Ele não me deu apoio? Por que ia me querer morto se parecia tão interessado no que sou capaz de fazer?

Chegamos ao lounge. Pressa me força a me sentar e pega um copo de água no bar.

— Você parece que acabou de testemunhar um crime — diz ela quando me entrega o copo. — Tudo bem?

Pego o copo e só paro de beber quando a água acaba. Meus olhos observam o aposento, procurando uma sombra. Talvez eu esteja cansado

demais para estar aqui. Talvez seja barulho demais e gente demais.

— Acho que preciso ir pra casa — sussurro, meu olhar indo de pessoa em pessoa.

Pressa assente.

— Tudo bem.

Ela se levanta e eu a sigo, agradecido. As cores giram em volta de mim, me deixando tonto. Talvez as sombras sejam apenas minhas próprias ansiedades, ou talvez eu esteja até perdido em um pesadelo. Já tive sonhos assim, em que estou preso em corredores escuros tentando em vão encontrar a saída. Fico procurando por sombras.

Meus pensamentos voltam a eles. *Os capangas de Dominic Hann*, o sussurro repete na minha cabeça.

É idiotice. Por que ele perderia tempo me seguindo por aí?

Mas quando saio pela porta da boate com Pressa, tenho um último vislumbre de figuras escuras atrás de nós. São duas, ambas silhuetas com as mãos nos bolsos, os olhos voltados para mim.

Figuras virtuais, digo para mim mesmo. Não são reais. Eu me viro e saio rapidamente com Pressa. Mas a visão me assombra e eu fico olhando para trás no caminho todo para casa, esperando vê-los me seguindo de perto.

E apesar de não acreditar, o sussurro irritante na minha cabeça continua falando comigo:

Estão vindo atrás do seu irmão. Estão vindo atrás de você.

DANIEL

Quando volto para o meu apartamento, meus pensamentos ainda girando em torno do que aconteceu (ou não) com June, Éden ainda está fora, sabe lá Deus onde. Passo pela porta, esperando ouvir o anúncio habitual do sistema de segurança, dizendo meu nome.

Mas não há nada.

Paro na entrada, olho para o sistema de alto-falantes e franzo a testa para a tela embutida no saguão de entrada.

— O sistema está reiniciando de novo — resmungo, e passo a mão pela tela e a vejo se acender em azul, resetando todas as configurações.

Mas há alguma coisa errada no apartamento. Olho ao redor, mais cauteloso agora. Tudo parece estar no lugar; os sapatos de Éden ainda estão amontoados de qualquer jeito perto da porta e os pratos sujos dele estão na pia, deixados na pressa, como sempre. Uma luz fraca se espalha pelo chão.

Mas o lugar não parece tão vazio quanto deveria. Vou para o meio da sala e tento identificar o que exatamente está me incomodando. Há um sinal de algo estranho no ar, um leve cheiro de colônia, talvez, ou o aroma de bala de menta que nem eu e nem Éden compramos.

Meus olhos vão para uma sombra alongada atrás de mim.

Não é a sombra da bancada da cozinha.

Todos os pelos do meu pescoço se eriçam. *Tem alguém aqui*. Eu me viro, mas é tarde demais: há uma mulher de terno preto parada na frente da minha porta. Por uma fração de segundo, penso que é uma agente do SIA; mas não a reconheço e ela não está usando nosso uniforme. Outra presença se move atrás de mim.

Eu me abaixo e consigo desviar de uma tentativa de me agarrar... mas outro par de braços segura os meus, forçando-os nas minhas costas. Quantas pessoas estão aqui? Trinco os dentes, pronto para me virar e atacar. Mas um pano

molhado é colocado sobre a minha boca. O cheiro sufocante de clorofórmio invade meus sentidos.

Luto loucamente para escapar, mas quem está me segurando tem o dobro do meu tamanho. À minha frente aparece uma figura, borrada pelos meus movimentos. Reconheço a barba bem aparada e a coloração dos óculos. Ele sorri para mim.

— Daniel Altan Wing. Ora. Vou causar uma agitação danada na cidade desta vez.

É Dominic Hann.

Éden. Cadê ele? Mas meus sentidos estão começando a ficar embotados. Meus movimentos ficam mais difíceis. O fedor implacável do clorofórmio dispara uma lembrança antiga, desta vez dos laboratórios da República, e sinto uma onda repentina de pânico: tenho dez anos e estou de novo nas Provas, fracassei de novo e os soldados estão me drogando, cortando meu joelho e injetando venenos no meu olho, me largando como morto. Vou acordar em uma pilha de cadáveres. O pânico explode em mim.

Não. Não vou voltar a isso.

Mas não consigo sair dessa escuridão. O mundo se fecha ao meu redor.

Em um último ato desesperado, abro a conta de June no visor. Mando uma mensagem para ela. Não tenho oportunidade de dizer nada: só consigo enviar alguns segundos vazios de estática.

Não somos o que éramos antes, mas nos conhecemos o suficiente para sentir quando algo deu errado.

É a única coisa que tenho forças para fazer. A última imagem que vejo é a da silhueta de Dominic Hann parado acima de mim, dando uma ordem aos seus capangas.

A escuridão toma conta de mim e não me lembro de mais nada.

ÉDEN

DANIEL NÃO ESTÁ ATENDENDO MINHA LIGAÇÃO. NÃO SÓ ISSO, MAS A CHAMADA não vai para a conta dele; apenas recebo uma mensagem automática me mandando tentar de novo mais tarde.

Franzo a testa enquanto saio da boate e volto para casa depois de me despedir de Pressa. É um espaço bonito, uma passarela entre dois arranha-céus que foi transformada em uma paisagem verde, cheia de rosas e salgueiros e hera que desce pela lateral das amuradas de vidro da passarela e caem até o andar de baixo. Agora, no meio da noite, está silenciosa, com pessoas ocasionais voltando da farra.

Talvez Daniel ainda esteja fora com June. Seria o único motivo para ele não retornar minhas ligações.

O único motivo no qual quero pensar, pelo menos.

A lembrança das figuras na boate ainda está fresca na minha mente, junto com os olhos preocupados e os avisos sinistros de Daniel. Aqui, nos altos escalões da cidade, é difícil ficar pensando no fato de que estive na Cidade Inferior dias antes, cara a cara com um assassino famoso. É tão sereno aqui. Só consigo ouvir a água correndo em um chafariz central da passarela.

Não é nada, penso, para me tranquilizar. *Daniel está bem*. Houve um aviso naquela manhã sobre uma explosão solar que poderia deixar as transmissões fora do ar pelos próximos dias. Talvez o serviço esteja ruim agora.

Outra mensagem automática surge no meu visor antes de eu chegar à estação de elevadores que vai me levar de volta ao meu andar, dizendo novamente que Daniel não está disponível.

Faço uma pausa e grudo o olhar no contorno vermelho luminoso da caixa de texto. É verdade que Daniel já saiu em missões que exigiram que ele deixasse os sistemas completamente desligados… mas ele sempre me deu

avisos sobre isso com antecedência. E depois da nossa reunião no SIA ontem, o momento parece suspeito.

Um nó se aperta no meu estômago. Não tenho certeza, porque uma mensagem de erro não é motivo para entrar em pânico. Mas o nó é familiar. Eu me lembro da infância, das noites em que Daniel ainda lutava contra a doença; de como eu acordava e via uma imagem borrada dele encolhido na beirada da cama, o rosto virado para o chão e os lábios apertados numa careta.

E apesar de uma parte de mim ficar repetindo *interferência provocada por explosão solar* e *missão do SIA* para mim mesmo, o nó permanece intacto.

Tem alguma coisa errada. Sei disso sem confirmação, sem precisar que Daniel me diga.

Abro a mensagem de erro.

— É melhor que você tenha um bom motivo pra isso — murmuro para a mensagem. Com um suspiro, tento afastar a sensação crescente de inquietação.

A estação de elevadores está vazia hoje e, pela primeira vez em um tempo, sou o único subindo os quinze andares até o meu. A música tocando no saguão ecoa no piso vazio. Engulo em seco e o nó no meu estômago vira uma coisa dolorosa.

Vai ficar tudo bem, digo para mim mesmo quando a porta finalmente se abre e eu entro. Meus pensamentos giram quando o elevador sobe em silêncio. Daniel vai estar em casa, exibindo aquela expressão irritada que sempre exibe quando me pergunta por que as mensagens dele não estavam chegando até mim.

Abruptamente, o elevador para a dez andares do meu… e um homem e uma mulher de terno entram.

Fico tenso na mesma hora. Os dois estão olhando para mim.

— Posso ajudá-los? — pergunto.

A mulher abre um sorriso vago.

— Você é Éden Bataar Wing, não é? — pergunta ela.

Percebo que não estou com meu nome sobre a cabeça agora.

— Como você sabe?

O homem dá um aceno de cabeça tão cortês que parece deboche.

— É um prazer — diz ele. — Meu empregador, o sr. Hann, gostaria muito de fazer um convite cordial para um encontro com ele hoje.

Sr. Hann. Dominic.

O nome me acerta como um martelo e fico tão sem ar que não consigo responder por um momento. O nó se aperta mais. *Tem alguma coisa errada tem alguma coisa errada tem alguma coisa errada*.

— Eu… — começo a dizer, mas gaguejo e paro porque minha garganta está seca. — Não posso hoje.

A mulher sorri para mim e coloca a mão no meu ombro. Está gelada.

— O sr. Hann gostaria de oferecer uma compensação pelo seu tempo — responde ela.

Estou tremendo agora. Pela janela de vidro do elevador, a passarela para a minha universidade desaparece abaixo. Balanço a cabeça, desejando conseguir elaborar uma resposta inteligente.

— Sinto muito — digo. — Tenho deveres de casa pra terminar e preciso trabalhar num motor…

O homem não espera que eu termine de repetir minha mentira lamentável. Ele balança a mão sutilmente no ar e uma tela de vídeo aparece de repente entre nós.

É uma filmagem de alguém seguindo Daniel quando ele sai de um cômodo de hotel. Da June, provavelmente. O vídeo o acompanha pelos Andares do Céu enquanto ele pega o elevador, as mãos casualmente nos bolsos, a silhueta familiar. Tem um sorrisinho no rosto dele. Ele não faz ideia de que alguém está observando.

Todos os pelos do meu pescoço se eriçam com a imagem.

Daniel entra no nosso apartamento. O sistema de alarme não o cumprimenta da forma habitual. A porta começa a se fechar atrás dele, mas o vídeo o segue. Quem estava atrás dele entrou no nosso apartamento.

O vídeo é cortado.

Como se combinado, recebo uma ligação de June, que aparece no meu visor. Como não respondo, a voz dela fala automaticamente.

— Éden — diz ela. — Aqui é June Iparis. Acabei de receber uma transmissão vazia do Daniel e não consigo ligar para ele. Ele está com você? Onde você está? Éden?

O nó no meu estômago vira uma pedra. O mundo ao meu redor fica borrado nas beiradas. O eco de *Tem alguma coisa errada* enche minha mente até eu não ouvir nada além desse grito. O tempo todo, meu irmão ficava se preocupando *comigo*, e fui burro de acreditar que isso significava que ele era invencível. O tempo todo, nunca pensei no que poderia acontecer se as coisas fossem o contrário.

— O sr. Hann gostaria de insistir em vê-lo esta noite — diz o homem agora. — Você vai ficar satisfeito em saber que seu irmão também estará presente.

DANIEL

ESTOU DE VOLTA ÀS RUAS DE LAKE. NÃO SEI COMO VIM PARAR AQUI.

Minhas botas batem nas poças sujas enquanto corro pelas ruas familiares perto da minha antiga casa. O metal da minha perna artificial está tão frio que acho que está envolto em gelo. Todas as casas nesse caminho estão fechadas por tábuas, as portas com Xs de spray, e o silêncio ruge nos meus ouvidos. Meus lábios se abrem e tento chamar alguém, qualquer pessoa... Mas quando tento emitir som, não sai nada. É como se o mundo tivesse sido colocado no mudo.

Daniel!

Só que tem uma voz familiar. Eu me viro instintivamente na direção dela e vejo uma fila de soldados da República parados no fim da rua, bloqueando-a. Atrás deles, lutando para chegar a mim, está meu irmão mais velho, John.

Acima, junto ao horizonte, a ameaçadora silhueta preta de uma aeronave das Colônias se aproxima, e com ela vem uma onda de gritos distantes, como um enxame de gafanhotos voando na minha direção. O piso ao longe está obscurecido de poeira. John está tentando em vão me alcançar, e eu percorro o ar denso na tentativa de correr até ele.

Ele estica a mão; eu estico a minha. Só mais um pouco...

Então o grito distante chega perto, e de repente somos engolidos pela tempestade de poeira, com gritos soando ao nosso redor. Uma luz forte acima vai ficando mais intensa até me obrigar a apertar os olhos. Grito o nome de John sem parar, mas ele não responde. É tarde demais para salvá-lo... Mas onde está Éden? Eu tenho que...

Eu desperto sobressaltado, trêmulo, com suor escorrendo pela minha testa.

A luz acima vira uma lâmpada intensa. Pisco para afastar as lágrimas nos olhos, e o mundo gradualmente entra em foco, meu sonho borrando nos cantos. Já estou tendo dificuldade de me lembrar do que vi, mas a mão esticada de John, aqueles olhos azuis espelhando os meus, permanecem claros.

Tem muito tempo que não sonho com a República assim.

Em seguida, me dou conta do latejar de uma dor de cabeça. Meus membros estão doloridos e atados. Meus ofegos saem abafados atrás de uma mordaça apertada, e quando fico mais ciente do entorno, percebo que estou amarrado com firmeza numa cadeira. O aposento ao meu redor é luxuoso, ainda que esparso: tapetes grossos e monocromáticos e sofás simples, o papel de parede, um minimalista tom de cinza com branco.

Demoro um momento para identificar exatamente o que há de errado no aposento. Não tem janelas.

— Já estava na hora — alguém diz, e viro a cabeça de leve, fazendo uma careta, e vejo um homem de terno sentado em um sofá ao meu lado. Há outros parados perto da porta do aposento.

O homem inclina a cabeça e fala de novo:

— Ele acordou agora. O que quer que façamos? — Ele está conversando com um superior, percebo.

Há silêncio seguido de alguns grunhidos de concordância dele e um aceno de cabeça. Ele se acomoda no sofá para esperar de novo.

— O sr. Hann achou que talvez tivéssemos usado clorofórmio demais — diz o homem para mim. — Que bom que você sobreviveu e nos poupou de um monte de problemas.

Dominic Hann.

Éden. Será que o pegaram também? Uma onda de pavor percorre meu corpo com esse pensamento e de repente a mordaça é demais para mim e não há ar suficiente no mundo para eu respirar.

Acalme-se, digo para mim mesmo com firmeza. Eles queriam o Éden. Deve ser o motivo de eu estar aqui. E se estão comigo como garantia, quer dizer que o Éden está vivo e provavelmente ileso, ainda que possivelmente detido contra sua vontade.

Vivo. Ileso. É só o que quero saber.

Olho para o homem por um tempo antes de observar a sala de novo. Não há pistas óbvias de onde exatamente estamos e, como esperado, meu sistema foi desligado, sem nada além de um piscar de alerta no canto do meu visor. Seja lá onde estou, não é um lugar onde posso ficar on-line.

Uma das pessoas perto da porta se inclina para longe da parede e anda na

minha direção. A mulher parece entediada.

— Quanto tempo temos que ficar aqui embaixo? — murmura ela quando chega em mim e se inclina para inspecionar meu rosto. — Não me ofereci para ser babá.

— Você vai ficar aqui até receber ordens do contrário — responde o homem com exasperação.

A mulher sorri de leve para mim. Faço cara feia para ela.

— Então esse *é* o mundialmente famoso Day — reflete ela. — É mais jovem do que eu pensava. — A mulher dirige as palavras a mim: — Você não parece ter vivido uma guerra, garoto.

Pena que essa maldita mordaça está na minha boca, senão eu poderia responder. Mas só a encaro com firmeza até parecer incomodá-la. Ela empurra meu queixo de forma tão grosseira que preciso me equilibrar para a cadeira não virar.

— Está olhando o quê? — diz ela com rispidez, e se empertiga e cruza os braços.

Atrás dela, uma das outras mulheres perto da porta suspira.

— Deixa ele em paz — fala. — Nós não devemos tocar nele.

— Senão o quê? Ele estava me encarando. — A primeira mulher fecha o cenho.

— Espere até os outros descerem pra nos buscar, tá? — diz o homem no sofá com um suspiro. — Ele não vai fazer nada nem vai a lugar nenhum assim.

Descerem. Devemos estar em algum lugar da Cidade Inferior. Minha cabeça lateja de dor de novo e faço uma careta, meus pensamentos se dispersando. *Encostado na parede à meia-noite, sendo levado por um corredor de hospital numa maca, caindo no chão de um trem.* Fragmentos intensos de lembranças voltam agora, junto com uma dor fantasma do que já passei.

De repente, sou tomado por uma onda de raiva. Não sobrevivi a uma revolução e levei meu irmão até a Antártida para ser amarrado por um chefe de máfia idiota que se acha importante. Não vim para cá para ser intimidado por um bando de asnos brigões.

O sistema de comunicação do SIA. Se eu conseguir chegar perto o suficiente de um dos guardas, posso tentar ligar meu sistema com o dele e fazer uma conexão... ainda que só por um segundo. Será que June recebeu minha última mensagem? Tenho uma lembrança vaga de tentar enviar uma ligação com nada

além de alguns segundos de estática, mas não tenho certeza se chegou a ela. Ou se ela sabe que significa que estou encrencado.

Puxo as amarras. A cadeira balança para a frente e arranha o piso.

Para a minha satisfação, todos os meus guardas levam um susto com meu movimento. Sorrio um pouco atrás da mordaça. Ainda não perdi o talento.

— Fica parado — ordena o homem do sofá, a testa ainda mais franzida. Mas parece relutante de vir até mim, e a hesitação dele só me deixa mais ousado.

Senão você vai fazer o quê? Eles não podem me matar se eu vou ser a garantia. Eles precisam que o Éden colabore e faça o que o chefe manda. Então, empurro com mais força e bato com a cadeira alto no chão. Minhas mãos se contorcem nas costas.

— Mas que droga — sussurra o homem por entredentes quando finalmente se levanta e anda na minha direção. Ele me dá um tapa na cara e segura meu queixo com força. — Fica parado se não quiser perder os dedos um de cada vez.

Ameaças vazias. Olho com ferocidade para o homem. Nos olhos dele, vejo que o que ele disse antes é verdade. Hann os instruiu a não tocarem em mim e incomoda esse homem agora ser obrigado a me castigar.

Link.

Envio com a mente o comando para o meu sistema, que pega a conta mais próxima. Um círculo de carregamento gira no meu visor. *Tentando conectar*, diz.

O homem me empurra com força para longe dele. A tentativa de conexão para.

Finjo sufocar com a mordaça e tusso de forma incontrolável. Primeiro, o homem ri, arrogante ao ver meu sofrimento... Mas quando continuo, dando um show de dificuldade de respirar, o sorriso dele oscila um pouco. Uma das mulheres assente para ele.

— Ajeita logo a mordaça dele, pelo amor de Deus — grita ela. — Não quero que ele morra sufocado.

O homem faz uma careta, mas obedece. Aproxima-se, para na minha frente e solta a mordaça da minha boca.

Tento mordê-lo na mesma hora. Meus dentes se fecham com força em um dos dedos.

Ele solta um grito e me empurra com tanta força que caio para trás com a cadeira. Meu corpo bate no chão com força dolorosa e minha cabeça vibra com o

impacto. O gosto acobreado de sangue fica na minha língua. Acima de mim, o homem anda em um círculo, falando um monte de palavrões, a mão aninhando o dedo ensanguentado. Em fúria, ele se vira e me dá um chute forte na barriga.

Tira todo o meu ar. Eu ofego e arregalo os olhos.

— Malditos merdinhas do SIA — grita o homem para mim, cuspindo no meu rosto enquanto a mulher corre para botar a mordaça de volta na minha boca. Atrás dela, o homem estala os dedos com impaciência, gritando para funcionários irem limpar as gotas de sangue no tapete.

Eu aperto bem os olhos e ajo como se não conseguisse ouvir nada do que ele está dizendo porque nesse momento minha conexão se inicia.

Link bem-sucedido.

O aviso na parte de baixo do meu visor desaparece e é substituído por um círculo verde luminoso. Estou on-line.

— Mande Hann vir logo pra podermos levá-lo — grita o homem enquanto enrola o dedo em gaze. — Tenho coisas melhores a fazer.

Esse link não vai durar. Não desperdiço nem um segundo. Enquanto estou deitado no chão, penso em um comando para o meu sistema. *Localização*.

O sistema parece não conseguir identificar a área exata, mas dá uma ideia geral de onde acha que meu sinal está vindo, e um mapa aparece, exibindo uma visão de alto a baixo do lado sul de Ross City.

Enviar para o SIA, penso.

O sistema começa a enviar o mapa. A velocidade de upload aqui é lenta e a barra de progresso se arrasta.

Mas antes da mensagem terminar de ser mandada, o homem se afasta muito e rompe nosso link. Tudo no meu visor some novamente e é substituído pelo aviso vermelho piscando.

Droga.

A primeira mulher levanta minha cadeira e me empurra contra a parede. Meus punhos fechados batem na parede numa posição ruim e solto um ofego abafado quando o anelar da mão direita quebra. Uma dor lancinante sobe pelo meu braço.

Ela ouve o estalo de osso se partindo e sorri ao notar a dor no meu rosto. Com uma jogada de cabelo, se inclina tão perto que nossos rostos quase se tocam.

— Na próxima vez, esse dedo vai ser arrancado — murmura ela.

Mantenho os olhos abaixados até ela se afastar. Atrás dela, o homem que mordi está chamando com impaciência dois funcionários que arrastam baldes de água com sabão e escovas para lavar meu sangue dos tapetes. Eles parecem assustados.

O guarda que mordi me esbofeteia de novo, desta vez com força suficiente para fazer minha cabeça se chocar contra a parede.

Tudo fica escuro.

ÉDEN

ELES ME LEVAM A UMA ESTAÇÃO PARTICULAR DE ELEVADORES. E ME VENDAM.

Fico tremendo na escuridão familiar. As mãos firmes nos meus braços, as vozes baixas, o movimento leve do elevador: tudo parece a República de novo, os momentos apavorantes em que eu ficava deitado dentro de um cilindro de vidro, me balançando com o vagão, sem saber para onde estavam me levando. Eu não via nada. O mundo só parecia um borrão de formas estranhas.

Nunca falei com meu irmão sobre aqueles dias em que nos separamos pela primeira vez. Tem muita coisa a ser dita e tudo se mistura em um pesadelo contínuo. Gritar pela dor lancinante das injeções. Ficar deitado exausto em uma poça do meu próprio vômito. Sentir como se meu sangue estivesse pegando fogo, como se eu fosse morrer. Encolher-me para longe de alucinações horríveis. Sentir cadáveres frios e duros deitados ao meu lado. Ser movido para lá e para cá sem conseguir enxergar.

Nos primeiros anos depois que tudo terminou, fui uma criança capaz de afastar o passado. Mas a escuridão daqueles momentos retornou ano após ano para os meus sonhos. E agora estou de volta ao mesmo lugar, revivendo o pesadelo de ser colocado à força nas trevas.

Meu irmão. A imagem do rosto inconsciente dele, dos olhos fechados e da boca amordaçada, assombra minha visão. O pensamento de onde ele pode estar agora é quase mais do que sou capaz de aguentar.

Não sei dizer quanto tempo ficamos no elevador. Tempo demais. As mãos deles voltam a segurar meus braços e saio cambaleando com eles. Empurram-me em um assento e um momento depois estamos em movimento, desta vez para a frente e não para baixo.

Finalmente, após uma eternidade, paramos. Eles me empurram com força

e me colocam sentado no que parece ser uma espécie de sofá. A escuridão nos meus olhos muda quando um deles desamarra o nó na parte de trás da venda.

Eles a removem. Eu aperto os olhos na luz repentina.

Estou em uma sala luxuosa que parece ser parte de uma propriedade, só que não tem janelas. O sofá onde me sento, toda a mobília da sala, na verdade, é severo em sua elegância, tudo simples, com linhas retangulares e cores suaves. As luzes embutidas no teto enchem o cômodo com um brilho frio.

E parado à minha frente está Dominic Hann em pessoa, vestindo uma camisa e uma calça sob medida. Ele sorri quando nossos olhares se encontram.

— Éden Bataar Wing — comenta ele, me observando. A voz dele é tão rouca e arrastada quanto me lembro, como se ele sofresse de algum tipo de infecção no peito. — Seu irmão tem uma reputação e tanto.

Sempre conhecido em relação a Daniel, até aqui embaixo. Eu semicerro os olhos para ele e trinco os dentes.

— O que você fez com ele?

— Ele está em segurança. Eu não trouxe você aqui para apavorá-lo, apesar de sempre me dizerem que é um péssimo hábito meu.

Hann caminha na minha direção, e é nessa hora que percebo pela primeira vez que ele não está *fisicamente* na sala comigo. A imagem dele está ligeiramente transparente, e, quando ele se move, vejo os sapatos passarem pela superfície macia dos tapetes.

Apavorado demais para ficar no mesmo recinto que seus guardas?, quero comentar maliciosamente, mas pensar em Daniel capturado em algum lugar ali me faz deixar o comentário de lado. Então, digo:

— Pra que isso tudo?

Ele para ao meu lado e se senta no sofá, ao menos o tanto quanto um holograma pode se sentar. Vejo as almofadas através do corpo dele. Ele tosse com força suficiente para seus ombros se encolherem. Quando uma das guardas olha incerta para ele, Hann faz um gesto impaciente sinalizando que não se preocupe.

— Você é cidadão dos Andares do Céu — começa ele depois que

consegue limpar a garganta. — Tem poucos neste país que podem apreciar uma vida mais luxuosa do que a sua. Mas, ainda assim, lá estava você, na Cidade Inferior, arriscando seu Nível e sua reputação para entrar em uma corrida de drones. — Ele me olha de soslaio. — O que levou você até lá?

Não controlo o sarcasmo que surge na minha voz.

— Você teve todo esse trabalho só pra me perguntar por que eu estava na Cidade Inferior?

Hann apenas sorri. Dois guardas sorriem junto, e quando ele gargalha, eles também gargalham.

— Tem uma fagulha em você — diz ele, com carinho genuíno na voz. — Você foi feito para o nosso mundo aqui embaixo. Eu não frequento eventos da Cidade Inferior. Não assisto a uma corrida de drones há anos. Não há motivo pra eu mostrar meu rosto e arriscar minha segurança por um evento em que meu pessoal pode apostar por mim. Então, por que acha que apareci depois que um deles me contou sobre você?

— Meu drone — respondo sem hesitar.

Ele assente, satisfeito, e uma pequena parte de mim se sente bizarramente lisonjeada.

— Você me disse que construiu tudo sozinho — comenta Hann.

— Aonde você quer chegar com isto? — Minha raiva está começando a superar meu medo. — Você vai me contar o que quer ou não? Onde está o meu irmão?

Hann se encosta, confortável, e ignora minhas perguntas.

— Olhei seus arquivos. Parece que você é estudante na Universidade de Ross. E, no entanto, aqui está você, dando as caras na Cidade Inferior semana após semana. Não é o comportamento típico de um garoto dos Andares do Céu com o futuro todo à frente.

— Você não me trouxe aqui pra ser meu psicólogo.

Ao ouvir isso, Hann ri. Os guardas se juntam a ele.

— Não mesmo. Eu te trouxe aqui porque acho que você é o tipo de talento que só vejo uma vez a cada geração.

— Me mostra meu irmão — exijo. — Aí a gente conversa.

— Fique calmo, pois ele está bem e vou fazer o favor de mantê-lo assim. — Hann se inclina para a frente para apoiar os cotovelos nos joelhos e me

olha com expressão penetrante. — Mas a questão aqui não é ele. Não estou interessado no seu irmão. Estou interessado em você.

As palavras dele acertam uma parte de mim que deseja ouvir isso. *A questão aqui não é ele*. Se Hann estiver tentando me manipular, ele vai ser esperto, advirto a mim mesmo. Ele entende exatamente quais são meus pontos fracos.

Onde está Daniel? O que Hann fez a ele?

O homem franze a testa ao ver minha expressão.

— Você não está acostumado a ouvir isso, está? Que o foco é você? — Ele se levanta do sofá. A voz rouca é estranhamente gentil, com o mesmo calor que me atraiu quando o conheci. — Venha comigo, por favor.

Quando sai da sala, ele estala os dedos uma vez sem olhar para mim. Primeiro, penso que os guardas dele vão me arrastar e me obrigar a ir. Mas eles fazem uma reverência quando se aproximam de mim e indicam que eu siga Hann para fora da sala. Hesito, com medo, mas começo a andar.

Saímos do cômodo e seguimos por um corredor estreito. Conforme vamos virando várias esquinas, as paredes claras e os corredores elegantes somem, abrindo caminho para um piso liso de concreto e paredes e tetos de aço. Aqui, me levam para o que parece ser um trem dentro de um túnel.

Deve ter sido tudo recuperado e reformado da parte antiga e abandonada da Cidade Inferior.

Seguimos em silêncio por alguns minutos, até que o trem para suavemente. Saímos em um corredor que leva a um espaço amplo e cavernoso.

Eu paro só de ver o tamanho. Parece uma fábrica cheia de corredores de máquinas idênticas, cada uma piscando em azul, em sintonia. Deve haver milhões e milhões delas, e quando estão todas empilhadas assim, a visão é vertiginosa. Acima, placas de luzes brancas frias iluminam o prédio.

Há aberturas gigantescas de ventilação no teto, e vigas altas de aço sobem em fileiras. Mas, no centro do aposento, há uma estrutura grande e semicircular que parece uma combinação estranha de aço e vidro e… malha fractal retorcida. Como uma coisa intermediária, meio máquina e meio orgânica. Emite um brilho azul suave. Em volta há apoios de metal, e no centro tem uma plataforma grande e circular onde agora vários

trabalhadores aguardam. O chão da plataforma muda para um metal liso e escuro, e minhas botas retinem na nova superfície quando piso nela. Dois trabalhadores erguem o olhar quando entramos.

— Você está ganhando acesso exclusivo aqui, Éden — diz Hann enquanto caminha na direção da estrutura. — Isto é um motor de primeira classe que estou construindo, então acho que podemos dizer que temos interesses similares.

— O que faz? — pergunto sem perceber que pretendia, momentaneamente surpreso e ressentido pela minha própria curiosidade.

— Você não responde nenhuma das minhas perguntas e espera que eu diga alguma coisa? — Ele sorri para mim. — O drone que você construiu para aquela corrida tinha motor de energia perpétua?

Eu olho para ele.

— Quase, sim — respondo, surpreso por ele saber. — É recarregado por uma combinação de tecnologia e biologia.

— Os microrganismos nele se alimentam do calor que a explosão inicial do motor gera e criam energia própria. — Hann acrescenta. — Reconheci o brilho que seu motor estava emitindo. Agora, sei que está planejando voltar para a República da América e começar um estágio lá. — Ele balança a cabeça. — Mas acho um desperdício do seu talento. Fique aqui e você vai criar coisas bem mais interessantes do que hospitais e museus.

Eu me irrito com o elogio duvidoso.

— Não considero desperdício de tempo — rebato.

Hann abre um sorriso torto.

— Tive que lutar para chegar onde estou hoje. Eu sabia meu valor, que eu estava destinado a mais do que ficar nas camadas inferiores, fazendo pequenas tarefas para outra pessoa. Você também está destinado a mais. Que tal aplicar essas suas habilidades trabalhando pra mim?

Olho para ele com incredulidade. A máquina dele é enorme ao meu lado, a luz gerando um brilho leve na minha pele, mas não no holograma dele.

— Você está me oferecendo *trabalho*?

— Eu nunca sou injusto com talento, Éden. Você vai ser muito bem pago. Mais do que qualquer pessoa na República ofereceria, posso garantir. Qualquer pessoa que você ame e com quem se preocupe estará bem

cuidada.

— Tipo como você está cuidando do meu irmão agora? Tipo como mandou seus homens me mostrarem um vídeo de alguém o seguindo até em casa?

Ele balança a cabeça.

— Meus métodos não são convencionais. É resultado do mundo em que trabalho. Mas não estou interessado em prejudicar o seu irmão, Éden. Que bem isso faria a mim se estou tentando ganhar sua confiança? Coopere comigo e seu irmão será libertado ileso, sem saber onde foi preso, e ele e o SIA podem voltar a me caçar como sempre fazem.

Se você atrair Hann para um lugar em que nossos agentes estejam preparando uma emboscada, podemos pegá-lo antes que ele consiga fugir.

As palavras da diretora do SIA voltam a mim, assombrosas em sua premonição. Eu me recusei a fazer o que ela queria, mas a escolha foi tirada das minhas mãos. Agora estou aqui embaixo, e meu irmão corre perigo real, sem a promessa de que o SIA vá conseguir encontrá-lo a tempo caso eu me recuse a ajudar ou desagrade Hann.

Viro a cabeça para a máquina enorme, para o brilho suave. Em uma pequena escala, meu motor conseguiu transformar o drone em um dos corredores mais rápidos que já vi. Para que serve esse motor? O que Hann está planejando fazer com ele?

Nesse exato momento, Daniel está em algum lugar aqui embaixo, se perguntando se ainda estou vivo.

Hann suspira quando vê minha hesitação.

— Quando era mais novo — diz ele —, eu morava na Cidade Inferior com a minha família. Minha mãe uma vez me mandou fazer compras em uma parte da Cidade Inferior que ficava longe de casa. É isso que acontece com pessoas de Nível de um dígito que não se qualificam para os bons mercados, sabe? Nós só temos alguns mercados para escolher, e o único que tinha o que precisávamos ficava do outro lado da cidade. Eu me perdi indo para lá e fui parar em um beco, onde testemunhei um ataque.

Faz uma pausa, antes de prosseguir:

— Eu me escondi atrás de uma lata de lixo e vi várias pessoas segurando um homem. Os agressores todos tinham facas. O homem que eles

imobilizavam estava chorando, pedindo desculpas por ter roubado uma caixa de comida enlatada. — Hann olha para mim. Meus batimentos se aceleram. — Sabe o que fizeram com ele?

Ele está me ameaçando ou contando uma história do passado? Só consigo ver as beiradas borradas do meu visor, todo o meu foco nesse criminoso. Só consigo pensar em como me agachei ao lado do meu irmão no piso da cozinha anos atrás, segurando a mão dele enquanto ele lutava contra a dor que lacerava sua cabeça.

O jeito como ele berrou e desabou. O jeito como gritou pedindo por uma ambulância. As luzes fortes do hospital.

Hann olha com seriedade para minha expressão pálida.

— Alguns de nós não nasceram com o luxo de uma boa infância. Não é verdade, Éden? Alguns de nós sabem como é carregar um peso nos ombros pelo resto da vida, uma coisa que ninguém consegue entender exceto os que vivenciaram também.

E, apesar de tudo, eu me vejo atraído pelo que ele está dizendo, como se ele me conhecesse de dentro para fora. Pergunto-me o que aconteceu com Hann no passado e por que ele parece ter um problema crônico no peito ou nos pulmões. Hann tem uma aparência tão elegante e adequada agora. É impossível imaginá-lo como um garoto escondido atrás de uma lata de lixo.

— Não estou querendo machucar seu irmão — diz Hann baixinho. — Mas reconheço talento quando vejo e não gosto de desperdiçá-lo. Seu irmão é meu único caminho até você. Não precisa trabalhar pra mim pra sempre. Se não gostar, juro que deixo você ir embora. E seu irmão sairá ileso.

Neste momento, sou um garotinho de novo, e cada palavra que Hann diz me leva de volta aos anos sombrios, e ouço os gritos do John na minha mente, ouço o tremor da voz da minha mãe, estou preso na maca, sendo levado para longe da minha família. Estou cego, impotente contra a matança.

Então, levanto as mãos e, quando falo, minha voz sai baixa:

— Deixa ele em paz — ouço-me dizer. — Não machuca meu irmão.

Hann franze a testa pelas lágrimas que borram minha visão.

— E em troca?

— Podemos conversar sobre o que posso fazer por você. Só conversar,

sem garantias. Tudo bem?

Ele não responde de primeira. Só abre um sorriso firme.

— É um bom começo — diz.

DANIEL

Não consigo lembrar quanta horas, ou até mesmo dias, se passaram. A falta de janelas aqui embaixo é desorientadora e a sede está me deixando mais fraco do que eu deveria estar. Os guardas mudam de posição em volta de mim.

Não sei se é porque estou delirando, mas me vejo pensando continuamente em June. Desta vez é uma lembrança recente, da noite em que Tess marcou um jantar entre mim e June.

Eu tinha visto June andando na minha direção em uma estação de trem em Los Angeles, pouco depois de Éden sair da entrevista para o estágio no Batalla Hall. Éden e eu estávamos de bom humor naquele dia; ele tagarelava ao meu lado, explicando tudo que queria fazer, enquanto eu caminhava em silêncio e o escutava, feliz de estarmos andando pelas ruas de uma República em paz. Aí ergui o rosto e vi June vindo na nossa direção.

Foi o encontro mais breve e mais significativo da minha vida. Um olhar, uma fagulha de memória. Os olhos escuros dela grudaram por um segundo nos meus, e parei no meio do caminho, sufocado por uma sensação de nostalgia. Olhei para ela e decidi de repente me apresentar.

June Iparis. Uma garota que amei por muito tempo. Uma pessoa que, apesar das falhas na minha memória, eu consegui manter na cabeça por todos esses anos.

Naquela noite, fomos a um restaurante no alto de um prédio recém-construído da República. Tess e Éden se sentaram na nossa frente. Eu fiquei ao lado de June, tentando pensar no que dizer para ela.

Perguntei como Anden estava. Diziam que June estava em um longo relacionamento com o jovem Eleitor, que eles até tinham ido morar juntos.

— Nós terminamos — disse ela. Havia um sorrisinho nos lábios dela ao falar essas palavras, como se ficasse constrangida de me contar. Eu não soube como interpretar, mas sabia que devia sorrir para ela.

— Ah — tentei dizer. — Eu também acabei de sair de um relacionamento.

Nós passamos o jantar todo tropeçando nas palavras. Tess achou tão divertido que ficou fazendo perguntas para nós, nos forçando a falar de lembranças específicas do passado.

Depois, caminhamos juntos nas horas tardias e silenciosas do setor Rubi. O ar estava com o toque frio que sucede uma boa tempestade, e desviamos com cuidado das poças que pontilhavam a rua. June ficou a uma pequena distância de mim, e fiz o mesmo. Andamos como se tivéssemos acabado de nos conhecer. De certa forma, acho que foi isso mesmo.

Quando finalmente chegamos à porta da casa dela, eu a encarei com as mãos nos bolsos, tentando encontrar uma boa forma de dizer adeus.

Ela me deu um sorriso discreto e inclinou a cabeça.

— Você não vai ficar na República, então — disse June. — Vai voltar pra Antártida em breve.

Tudo em mim queria pedir a ela que me acompanhasse, para que eu pudesse lhe mostrar a nova cidade em que morava. Mas me contive, pois ela fazia o mesmo.

— Amanhã de manhã — respondi. — Éden precisa terminar os estudos antes de voltar pra cá pra fazer o estágio.

— Você vai voltar com ele?

Dei de ombros.

— Não sei ainda. Meu trabalho é em Ross City. Mas vou vir aqui ao menos por um tempo. Prefiro não deixar o Éden sozinho.

Ela assentiu.

— Não se preocupe. Ele vai ter amigos na cidade — disse June.

Eu sorri para ela.

— Isso é um alívio — respondi, dando um passo para mais perto dela. Ela não recuou. Inclinou-se na minha direção, com expressão tão sincera que precisei de todas as minhas forças para não a beijar bem ali, naquele momento.

Baixei o olhar.

— Eu estive pensando... — comecei a falar. — Tess me disse que, quando você foi ao hospital dez anos atrás, para se despedir de mim antes de eu me mudar para a Antártida... que você não mencionou quem era. E eu não reconheci você. Foi o pior momento da minha perda de memória, aquele ano.

June hesitou, os olhos distantes por um momento, então assentiu.

— É verdade — respondeu ela.

— Por que fez isso? — Eu balancei a cabeça. — Só me agradeceu e foi embora sem me dizer seu nome? Por que me deixou ir?

June ficou em silêncio. Em seguida, se virou para mim e disse:

— Uma vez, fiz uma promessa para mim mesma de que, se significasse que te ajudaria a sobreviver, eu nunca voltaria para a sua vida. — Ela deu um sorriso fraco. — E você sobreviveu. Então, cumpri a promessa.

Foi por mim. June tinha feito aquele sacrifício pelo coração dela e pelo meu também. Fechei os olhos por um segundo, sufocado pelo gesto, e olhei para ela novamente.

— Você é feliz aqui na República? — perguntei.

Ela deu de ombros. Uma incerteza rara surgiu no olhar de June.

— Sou — disse depois de um momento. — Tivemos tantos momentos bons juntos, não foi? Ainda não sei o que tudo quer dizer. Mas você tem sua vida em Ross City agora. E eu tenho a minha aqui na República. Estamos seguindo em frente e deixando nosso passado para trás.

Até aquele momento, eu teria desmoronado aos pés dela e a puxado para um beijo. Teria passado meus braços em volta de June e me permitido me apaixonar loucamente por ela de novo.

Mas as palavras dela me fizeram parar. *Você tem sua vida em Ross City agora. E eu tenho a minha aqui na República*.

Era verdade. Éramos pessoas completamente diferentes agora, vivendo vidas completamente diversas. Tínhamos acabado de passar um jantar inteiro juntos e mal conseguimos trocar um punhado de frases. Minhas lembranças dela ainda estavam fragmentadas, um milhão de estilhaços de uma janela outrora intacta.

Foi ela que me deixou partir.

Será que ela me amava com a intensidade que eu a amava? O quanto eu a amava?

Eu não sabia se ela leu a hesitação no meu olhar primeiro ou se só reagiu da mesma forma que eu. Mas ela pareceu se afastar de mim naquele momento. Seu sorriso saiu resguardado, como se também estivesse com medo de ser magoada.

— Talvez — disse ela — possamos encontrar um jeito de voltar pra vida um do outro. Talvez possamos ser amigos de novo.

Amigos. Seria um começo, pelo menos.

Sufoquei meu desejo de beijá-la, a vontade de ficar observando obsessivamente todos os detalhes dela: a escuridão dos olhos, a curvatura dos lábios, o cabelo denso no qual eu me lembrava de passar os dedos. Sufoquei tudo e deixei que as coisas ficassem escondidas, protegendo essas emoções para outra hora.

— Amigos de novo — falei, confirmando.

June sorriu para mim, um sorriso genuíno, que iluminou tanto o rosto dela que eu quis lembrar para sempre. Estiquei a mão para ela. Ela a segurou. Apertamos as mãos antes de nos puxarmos para um abraço de despedida.

— Boa viagem amanhã — murmurou ela.

Eu a soltei com relutância.

— Me avise se for a Ross City — respondi.

E me afastei dela. Eu a soltei desta vez. Virei-me e me obriguei a sair andando. Era nossa primeira noite juntos depois de dez anos separados. Era o maior passo que podíamos dar. *Amigos de novo*.

Talvez pudéssemos encontrar o caminho de volta para a amizade. Só então teríamos chance de algo mais.

Levaria mais um mês para nos vermos de novo.

✪ ✪ ✪

A lembrança delirante entrou em foco e sumiu, entrou em foco e sumiu, sem parar, repetidamente. Não sei há quanto tempo estou aqui. Dias? Se continuassem me negando água, eu morreria aqui embaixo. June recebeu minha mensagem? Não sei. Minha cabeça pende para um lado enquanto sonho com água, com tempestades e piscinas de verão e rios.

Seu passado sempre é parte de você, June dissera. *Assim como é parte de mim*.

Deixo as palavras se repetirem nos meus pensamentos. Penso no quanto me senti bem perto dela. Penso nos olhos escuros e firmes, no rosto bonito. Isso clareia a minha mente, me obriga a pensar.

Eu passei dez anos afastando essa velha parte de mim, encaixotando cuidadosamente cada pedaço, cada pesadelo e cada lembrança horrível e momento de dor, ódio e fúria. Recomecei a vida em Ross City, como se sempre tivesse morado aqui. Como se sempre tivesse sido só Daniel.

Mas June, para variar, está certa. Encaixotar o passado não impediu que voltasse à minha mente. E se quero sair daqui vivo, se quero tirar Éden disso e o guiar para longe desse trauma, se quero ver June de novo... preciso lembrar que ainda sou o garoto das ruas. O garoto que podia criar o caos.

Que sou Day.

ÉDEN

— SEI QUE VOCÊ ESTÁ COM FOME.

Fuzilo Hann com o olhar. Estou parado na porta da sala de jantar da propriedade dele na Cidade Inferior, com dois guardas atrás de mim. Ele está sentado ao lado oposto de uma mesa redonda, me observando com as mãos enfiadas casualmente nos bolsos.

Passei a maior parte da tarde no canteiro de obras, ajudando os funcionários a integrarem o motor do meu drone ao maquinário. A estrutura com a qual eles estão trabalhando brilhou em um azul pulsante o tempo todo, iluminando a minha pele. Ainda vejo o ritmo da cor sempre que fecho os olhos.

O tempo todo, Hann pareceu impressionado com o meu trabalho.

Agora, ele franze a testa para mim quando paro, hesitando na porta.

— Você está se recusando a se sentar porque está preocupado com seu irmão?

— Bem, não é como se eu tivesse me esquecido dele ou coisa assim — respondo com muita rispidez. — Já te ajudei o tanto quanto você queria.

Hann para e tosse daquele jeito pesado e enfermo. Em seguida, suspira e olha para os guardas atrás de mim.

— Deixem-no aqui.

Os dois guardas trocam um olhar inseguro, mas é só por um breve momento. Eles baixam as cabeças ao mesmo tempo para o chefe e se afastam. Ouço a porta ser fechada atrás de mim, me isolando com meu sequestrador. Os guardas devem estar de vigia do outro lado agora. Não ouvi passos se afastando.

Hann faz sinal para eu me sentar à mesa.

— Você não vai ajudar seu irmão se ficar aí parado. Sente-se, por favor.

Coma alguma coisa. Você vai precisar da sua força, independentemente do que decidir.

Hann age como se fosse um dia perfeitamente normal para ele. Qual é o tamanho dessa propriedade subterrânea? Tento me lembrar da distância que andei hoje e tento dar um palpite de quanto mais espaço deve haver aqui embaixo. E se ele não estiver prendendo o Daniel aqui, mas em algum outro lugar?

Como continuo imóvel, ele faz outro gesto na direção da cadeira.

Atrás de mim soa uma leve batida na porta. Chego para o lado quando é aberta, desta vez para a passagem de uma cozinheira com duas bandejas de prata. Ela passa rapidamente até a mesa, coloca as bandejas nos dois lugares preparados e faz uma reverência para Hann, como todos os demais. Nem se dá ao trabalho de me olhar quando sai da sala.

Seja lá qual for a comida, o cheiro é delicioso. Meu estômago ronca, apesar de tudo. Hesito mais um pouco. Mas finalmente me aproximo da mesa e me sento lentamente na segunda cadeira.

Hann levanta a cobertura da bandeja.

— Me disseram que você é vegetariano — diz. — Seu prato foi ajustado ao seu gosto.

As palavras dele provocam um arrepio em mim. *Como ele sabe disso?*

— Obrigado — murmuro, a palavra carregada de sarcasmo.

— Percebo que você está acostumado com situações tensas — diz ele. — Imagino que seja pelos seus dias na República.

Eu o vejo levar uma garfada de peixe fumegante à boca.

— Tive meus momentos — acabo respondendo.

Ele ergue o olhar brevemente da comida.

— Respeito isso. As notícias sobre o que estava acontecendo na República na época eram esparsas, mas eu as acompanhava. Você e seu irmão lutavam por uma causa digna.

Eu semicerro os olhos para ele. Está me jogando iscas, elogiando meu irmão enquanto o mantém trancafiado em algum lugar.

— O que alguém como você sabe sobre o que passamos? — pergunto.

— Sua família sobrevivia pelo capricho do seu governo. Não é verdade? Seu irmão era alguém como eu. Um azarão. Um rebelde. Um criminoso

procurado. Eu entendo, mais do que você imagina, o que significa viver sob o controle de uma autoridade.

— Só que meu irmão lutava pelo povo — respondo. — E, até onde eu sei, você parece tirar vantagem das pessoas aqui da Cidade Inferior.

Ele não parece ofendido pelas minhas palavras. Só abaixa a cabeça e exibe um sorriso triste.

— Eu *sou* uma das pessoas da Cidade Inferior — responde. — O que acontece por aqui tem me afetado diretamente a minha vida inteira.

— O que você quer dizer?

— Acho que não fui muito justo com você — diz ele. — Você está compreensivelmente preocupado com seu irmão. E embora tenha me contado muitas coisas sobre si, ainda não sabe muito sobre mim. Então, vou fazer um acordo com você.

— Que tipo de acordo? — murmuro.

Ele bota o garfo no prato e entrelaça os dedos, depois me olha com firmeza.

— Vou soltar seu irmão — diz Hann. — Se você terminar de me ajudar a instalar seu motor na nossa máquina.

Eu não estava esperando que ele dissesse *isso*.

— Você vai fazer o quê? — digo.

— Vou soltá-lo — repete ele. — Já falei que nada disso tinha a ver com ele e que meu único interesse nele era encontrar um jeito de chegar a você. — Hann estica a mão para mim. — Mas você está aqui. Já demonstrou seu talento pelo que fez aqui. — Ele se encosta na cadeira de novo. — Por isso, vou fazer o que prometi que faria. Vou soltá-lo.

Ele deve estar mentindo. Não faz nenhum sentido soltar Daniel, não com ele podendo continuar a usar meu irmão contra mim.

— Como posso acreditar que você vai fazer isso? — pergunto.

Ele assente.

— Porque eu vou mostrar — responde. — Vou te mandar uma imagem ao vivo de quando ele for libertado.

Balanço a cabeça, confuso e cauteloso.

— Não estou entendendo.

Hann suspira, se apoia no braço da cadeira e me olha com atenção.

Quando volta a falar, tem um toque estranho de tristeza na voz dele.

— Você me lembra meu filho.

— Seu filho? — pergunto.

— Foi o que eu falei. Você me ofereceu muito sobre você. É justo que eu agora conte um pouco sobre mim. É a única forma de desenvolvermos confiança um no outro. — Ele avalia minha pergunta. — Vou esclarecer sobre de onde eu vim.

Tudo nele agora, a expressão séria, a exaustão repentina nos olhos, o peso nos ombros, parece sério. Instintivamente, me inclino para a frente para ouvir.

— Eu cresci aqui embaixo — diz Hann. — Na Cidade Inferior, assim como sua amiga Pressa. Minha mãe e meu pai trabalhavam em uma barraquinha na feira, vendendo espetinhos. Eu me lembro de correr pelas ruas sujas, como você, andando pelas multidões nas feiras, ajudando meus pais até tarde da noite. Como você e seu irmão, cresci aprendendo a encher os meus bolsos com qualquer coisa que conseguisse roubar de outros. Eu tinha que fazer isso, sabe. A gente mal conseguia se alimentar.

Algo estranho clica na minha mente. Por um instante, vejo John circulando na minha frente, alto e desgrenhado como me lembro, as mãos queimadas do trabalho na fábrica. Ele arranca uma moeda roubada das minhas mãos e chuta para o bueiro. *Nunca mais faça isso*, repreende ele. *Na próxima vez, esse dinheiro virá acompanhado da polícia de rua na nossa porta. Nunca compensa*.

Afasto a lembrança, o estômago embrulhado com inquietação. Meus olhos se desviam por um segundo para o corredor atrás de nós, onde dois guardas estão de vigia, e voltam para Hann.

— Eu me casei na Cidade Inferior, sabe — continua ele. — Eu amava minha esposa, e tínhamos um filho que importava mais para nós do que qualquer coisa no mundo.

Amava. Tínhamos. A menção ao filho de novo.

— Mas ele ficou doente. — Seus olhos perdem a expressão. A rouquidão na voz treme. — Eu também. Era um efeito colateral comum no nosso bairro, localizado tão próximo das fábricas nos arredores da cidade. A fumaça das fábricas deixou os pulmões do meu filho pretos e murchos. As

notas dele diminuíram na escola, e o Nível dele caiu por causa disso. Eu comecei a tossir sangue. — Ele bate uma vez na garganta. — A infecção nos meus pulmões me custou o emprego. Isso baixou ainda mais o meu Nível. Você é punido por não trabalhar, sabia? Pelo governo. E quanto mais baixo ficava meu Nível, mais dificuldade eu tinha de me qualificar para um emprego.

Há um breve silêncio da parte dele.

— Por isso, minha esposa pegou um empréstimo com agiotas daqui de baixo, fez um acordo para poder pagar pelo tratamento do nosso filho. Ela aceitou uma dívida que não tínhamos como pagar.

— O que aconteceu? — sussurro.

— Eu voltei pra casa um dia e encontrei o corpo dela no nosso apartamento revirado.

As palavras dele me dão um aperto no peito. Ele fala com tanta calma e tranquilidade que percebo que é uma história que está acostumado a contar. De repente, vejo o soldado (*Thomas, o nome dele era Thomas*) erguendo um fuzil na direção da cabeça da minha mãe. John pula em vão contra os guardas que o seguram. June estica a mão, impotente, em uma tentativa de impedi-lo.

— Deixaram um bilhete exigindo pagamento e ameaçando nosso filho. Por isso, fiz a única coisa que poderia. Me ofereci pra trabalhar pra gangue, pra pagar a dívida. — Ele fica em silêncio por um momento, o peso da história entre nós no ar. — Mas, no fim, não importou. Meu filho morreu poucos meses depois.

Ele pode estar mentindo. Mas engulo em seco, enjoado pela história. Não tem nada que pareça falso naquelas palavras.

— Eu não culpo a Cidade Inferior — diz Hann, me trazendo de volta ao presente. — As pessoas são empreendedoras. Fazem o que ninguém quer fazer. Há uma necessidade de serviços de agiotagem aqui embaixo, para aqueles que foram esquecidos pelo seu governo. — Ele aponta para o teto. — Não, eu responsabilizo esse sistema maldito inteiro, os Níveis e andares e a hierarquia, que tornou impossível sairmos da miséria. Responsabilizo o Presidente, por vender para a Cidade Inferior o sonho de que, se trabalhar arduamente, qualquer um pode subir de Nível até chegar aos Andares do

Céu. Responsabilizo o fato de que o sonho é uma fantasia.

É como se ele estivesse tendo a mesma conversa que tive com Daniel. A Cidade Inferior não tem escolha além de ser como é. Eu me pego, com expressão confusa, observando Hann e tentando entender como um assassino implacável e notório pode fazer tanto sentido. Como é possível que sofra pela família que perdeu, assim como eu perdi a minha.

— Mas ainda é verdade? — consigo dizer enfim. — E as coisas que você fez com as pessoas daqui? Você matou aquele vereador na outra noite. Você… — Eu engulo em seco. — Você assassinou cidadãos da Cidade Inferior da mesma forma que sua família foi assassinada.

— Quer brincar de um jogo? — diz ele friamente. — Brinque aqui, onde não tem regras. Assim, vai ser justo. Você faz o que tiver que fazer para sobreviver. Todo mundo sabe qual é o jogo que está jogando. Não há promessas não cumpridas, não há favores especiais. É só negócios aqui. — Seu olhar fica duro. — *Com isso* eu posso trabalhar.

Procuro a provocação na expressão dele… mas Dominic Hann parece genuíno agora, os olhos iluminados com sinceridade, como se tentando me convencer das palavras dele. E, por um instante, consigo vê-lo subindo os escalões desse mundo perigoso, atraindo pessoas para si com nada além de sua determinação.

Como Daniel.

O pensamento é tão surpreendente que o afasto, assustado.

— E se alguém não quiser subir como você? — falo por entredentes. Todos os pelos da minha pele parecem estar de pé.

A tranquilidade fria dele voltou.

— Poucos não querem — responde ele. — Por que não iriam querer se as cartas do sistema estão contra eles? Você, de todas as pessoas, deve conseguir entender isso.

— Pare de me comparar com você.

— Por quê? — Ele se inclina na minha direção. — Você tem uma atração instintiva por este lugar. É onde você se sente à vontade, *aqui embaixo*, onde você pode manter afastadas todas as lembranças que infestam sua mente.

Faço uma careta. Apesar de tudo, eu me vejo lutando para respirar, impressionado de esse criminoso, esse assassino, ter compreendido

segredos sobre mim que meu próprio irmão não conseguiu entender. Ele me conhece melhor do que Daniel. As palavras dele me penetram, como se conseguisse ver os sonhos que me engolem inteiro todas as noites.

— Você não consegue entender por que seu irmão não está mais sintonizado com você — acrescenta Hann. — Ele não foi como eu, não construiu a reputação lutando pelo povo? Mas ele deixou aquele lugar sombrio do passado para trás. Agora, trabalha para o governo, ajudando-o a aplicar o sistema que nos esmaga. Trabalha para desmantelar o que gente como eu está tentando fazer.

Ele está tentando me virar contra meu irmão, me convencendo por meio de uma coisa da qual nunca gostei: o trabalho dele para o SIA, o fato de ele ficar ao lado de um governo que maltrata seu próprio povo. E se Hann estivesse dizendo isso para outra pessoa, talvez até desse certo. Vejo o rosto do Daniel, a expressão preocupada. Penso na forma como ele discutiu com a diretora, como lutou contra esse sistema. Ele também não apoia o sistema de Níveis. Mas não importa. Ele continua trabalhando para o SIA.

Hann toma um gole de bebida.

— Então, sabe, Éden — diz ele quando eu hesito —, eu não estou tentando forçar você a nada. Mas o que *estou* dizendo é que acho que você se encaixa melhor aqui embaixo do que pensa. Mesmo que você fosse embora, mesmo que eu o deixasse ir embora ou que você fugisse… você voltaria. Seu lugar é aqui.

Seu lugar é aqui. Uma parte de mim se pergunta se é isso que ele diz para todo mundo antes de matá-los. Mas outra parte de mim… sabe que Hann está certo. Porque eu *continuo* voltando.

— O que é a máquina que você está construindo? — finalmente indago. É a pergunta que está esperando na ponta da minha língua. — O que tem a ver com qualquer coisa que você acabou de me contar? O que exatamente vou ajudar você a fazer?

Hann me olha diretamente.

— Termine de instalar seu motor hoje — diz ele —, e podemos fazer um teste. Aí, você vai ver em primeira mão.

✪ ✪ ✪

Quando saímos depois do jantar para o local da construção, não há sinal no rosto do Dominic Hann de que ele tenha revelado qualquer fraqueza para mim. Ele parece tranquilo, quase frio. Não tem nada do peso e da angústia que ele me permitiu testemunhar quando me contou o que aconteceu com sua família. Eu me pergunto se ele está genuinamente confiando em mim.

— Quanto tempo mais? — pergunta Hann agora enquanto caminha até onde estou trabalhando.

Olho para a estrutura. O novo motor que instalei está quase no lugar, as novas peças se expandindo acima do motor original de drone que eu tinha construído para poder conduzir força suficiente para a máquina inteira. O resto dos trabalhadores de Hann já está prendendo as peças finais.

Aponto para uma extremidade da máquina, a parte que teoricamente emite uma espécie de sinal. Foi tudo que consegui entender a respeito do que o negócio faz.

— Estão instalando a última peça agora — digo para Hann. — Esse sinal precisa ser amplificado mais do que o estimado se você planeja que atinja a cidade inteira. Eu precisava me certificar de que terá esse impulso.

Hann observa com atenção o motor que construí.

— E isso vai dar certo — diz ele, erguendo uma sobrancelha para mim.

Eu queria que não. Mas tudo na máquina já estava no lugar. Só precisava de impulso suficiente de energia. E meu motor ofereceu isso a ele.

Meu silêncio é a resposta de que Hann precisa. Ele sorri em aprovação para mim e se empertiga.

— Quero ver uma demonstração, então — diz. — Envie uma amostra vazia do sinal.

Claro que ele quer testar. Olho para onde os guardas dele estão, nos observando, e para a máquina de novo, onde um dos homens dele se aproxima para começar a programar uma amostra vazia para testar o sinal.

— Você parece nervoso, Éden — diz Hann enquanto os vejo trabalhar. — Parece que não acredita na capacidade do seu motor.

— Funciona — respondo, mas há um leve tremor na minha voz. Ele vai mesmo libertar Daniel se der certo? Penso de novo em tudo que Hann me contou sobre si. Se eu fracassar nisso, será que vai me matar? É parte dos

negócios dele, afinal.

Esperamos até o programador terminar de inserir um sinal de amostra. É rápido, um serviço a ser feito num piscar de olhos. Assisto com atenção enquanto ele trabalha, observando o chip que ele coloca na máquina e as informações que insere no sistema. O homem se afasta do maquinário e assente para nós.

— Pronto — diz ele.

Hann assente.

— Que bom. — Nós todos damos um passo para longe da máquina. — Envie o sinal.

A bobina começa a brilhar. Na parte de baixo, o motor do meu drone, agora com a energia amplificada, brilha em um tom de azul forte e intenso.

Talvez tudo que calculei esteja incorreto e meu motor falhe na máquina. Se isso acontecer, o que ele vai fazer com o Daniel?

Por um momento, nada acontece. Prendo o ar, esperando.

Então uma pulsação é emitida pela máquina. Espalha-se em uma onda de vibração que faz meu corpo todo formigar. No monitor da máquina, toda Ross City se acende com pontos verdes, milhões deles.

Quando olho para Hann, os olhos dele estão brilhantes e concentrados. Um sorrisinho brinca nos seus lábios.

O sinal funciona. Vejo escrito na expressão dele. E, apesar de tudo, sinto uma onda de orgulho pelo que o meu motor é capaz. É o primeiro teste real de uma coisa que criei, e Dominic Hann, logo ele, foi quem me deu a oportunidade.

Minha satisfação me faz encolher de horror.

Hann olha para mim e assente.

— Você está feliz — diz ele. — E isso vai além do desejo de proteger seu irmão.

Estou assustado demais para dizer alguma coisa.

Ele me observa com curiosidade.

— Pode ser porque, no fundo, você acredita em tudo que falei antes?

— Você falou que libertaria meu irmão se desse certo — digo por entredentes. — Você cumpre palavra?

— Nunca questione minha palavra. — Hann olha para o lado e assente

uma vez. Seus dois guardas nem hesitam. Fazem uma reverência imediata e saem sem dizer nada.

— Eu quero ver — digo. — Em imagens ao vivo, como você prometeu.

— Sim. — Hann se vira para mim. — Mais algum pedido?

As palmas das minhas mãos estão escorregadias de suor e meu coração treme a cada batimento. Tenho uma pergunta final, que Hann não respondeu até agora, e quase tenho medo demais para fazê-la.

— Para que é o sinal? — digo, minha voz saindo em um sussurro rouco. — O que a sua máquina faz?

Hann sorri de soslaio para mim. Olho para o maquinário novamente. Meu olhar pousa na tela cheia de pontos verdes.

Mas, de repente, eu sei. Os Níveis que esmagaram a família dele, o sistema que forçou a mão da sua mãe. Os pontos, o jogo que controla a cidade.

Já sei o que a máquina vai fazer.

Vai derrubar o sistema de Níveis de toda Ross City.

DANIEL

Talvez ainda seja a mesma noite de quando eu estava tendo minhas lembranças ilusórias sobre June. Não sei dizer.

Meus lábios estão rachados de sede. Meus olhos só se concentram em uma linha cinzenta de bordado na beirada do tapete no chão. Os guardas perto da porta mexem as botas no chão.

Eles parecem prestes a trocar de posto. As duas mulheres ainda estão aqui. Há outros guardas agora também, que acabaram de chegar, e na conversa entre eles, procuro pistas.

— O garoto está trabalhando no local — diz um deles com voz baixa. — Ele é bom, pelo que ouvi.

— É?

— Parece que Hann passou mesmo a gostar dele.

Outro suspira.

— Ótimo. Mas e nós? Quanto tempo vamos ficar com este aqui?

A mulher dá de ombros.

— O tempo que for necessário.

O tempo que for necessário. Através de minha fraqueza induzida pela sede, tento me concentrar. Estão tentando fazer Éden ceder? Ele já não ofereceu ajuda?

Fecho os olhos, tentando afastar a náusea que corre pelas minhas entranhas. Minhas mãos se retorcem em silêncio nas costas. Estou apertando e afrouxando os punhos na corda há horas. Meus pulsos estão arranhados a ponto de ficarem em carne viva, e sinto o sangue escorrendo nas mãos, provavelmente encharcando as fibras da corda. Mas não é por nada; a corda afrouxou um pouco desde que comecei a trabalhar nela. Mais algumas horas e pode ser que eu consiga deslizar o punho para fora dela.

Depois disso, não sei o que vou fazer. Mas estou acostumado a enfrentar as

crises um passo de cada vez.

Perto da porta, as mulheres trocam com os dois guardas homens. Eu os vejo virarem a cabeça na minha direção, mas meu corpo continua inerte na cadeira. Depois de vários longos minutos, eles se encostam na porta, de costas. O último grupo de guardas segue pelo corredor que nunca vi, suas botas ecoando no mármore lá fora.

Presto atenção até os passos sumirem. Leva muito tempo. Qual é o tamanho deste lugar? O corredor em que eles andaram parece seguir eternamente, e só depois que longos segundos se arrastaram é que não consigo mais ouvir o eco deles.

Continuo retorcendo os pulsos. A dor me faz contrair o maxilar, mas luto para afastar a careta dos lábios. O metal da minha perna artificial está frio através do tecido da calça enquanto mantenho os tornozelos cruzados.

Os novos guardas não prestam a menor atenção em mim. Devem ter sido avisados sobre como mordi o primeiro homem, mas não viram quando aconteceu e, no que diz respeito a eles, pareço inofensivo.

Continuo retorcendo os pulsos. Tem sangue fresco escorrendo até minhas mãos. Sinto-o pingando silenciosamente dos meus dedos até o tapete atrás de mim. O sangue acaba lubrificando a minha mão, que fica um pouco mais móvel na amarra. Puxo lentamente, tomando o cuidado de não demonstrar os braços trabalhando.

As amarras afrouxam um tanto mais. O suficiente.

Paro de retorcer as mãos e puxo uma delas com delicadeza pela amarra repuxada. Meu polegar e meu mindinho estão espremidos um contra o outro enquanto puxo o máximo que consigo. Primeiro, a corda não cede e corta mais minha pele já danificada. Solto o ar baixinho, tremendo. E puxo com mais força.

Finalmente, a corda cede um pouco. A amarra apertada chega perto da dos nós dos dedos. Continuo trabalhando. Próximo da porta, um dos guardas me lança um olhar casual.

Paro de me mover por um momento e fico parado, os olhos ainda voltados para o chão.

Ele cutuca o amigo e fala alguma coisa sobre mim em voz baixa. Eles riem. E fazem o que eu esperava, voltam para a posição anterior.

Dou um puxão determinado na mão e ignoro a dor.

Desta vez, meus nós dos dedos finalmente passam pela corda e minha mão se solta.

Não ouso reagir. Meus braços ficam firmes atrás das costas. Mas minha mão livre procura os nós que amarram a outra mão e começam a trabalhar silenciosamente neles.

Minha segunda mão se afrouxa e começa a se soltar.

Perto da porta, um dos guardas olha na minha direção. Desta vez, em vez de afastar o olhar, ele fica observando. Paro de mexer as mãos nas costas por um momento e me mexo com desconforto na cadeira, permitindo-me parecer que estou voltando a um sono inquieto. Mas pela fenda dos meus olhos entreabertos, percebo que ele não desviou o olhar.

Ele se afasta da porta e começa a vir na minha direção.

Por algum motivo, isso dispara uma lembrança em mim. June, parada na porta de um bunker subterrâneo, se aproximando de mim e fazendo sinal para eu me levantar. As mãos roçam na minha cintura, no meu peito, no meu queixo. Ela me posiciona para uma luta e me ensina a enxergar meu oponente. Dá um soco determinado e me ensina a desviar e reagir.

Tento me agarrar a esse fragmento de lembrança quando começa a sumir. Ao longo dos anos, aprendi a me portar em uma briga, depois de lutar contra a vontade de fugir e de substituí-la pela preparação para atacar. E agora, quando o guarda vem na minha direção, sinto meus músculos se contraindo, minhas mãos se apertando instintivamente.

O guarda para na minha frente com a testa franzida. E começa a se mover para olhar atrás da cadeira.

Minha segunda mão se solta. Eu me movo.

Ele se vira para mim com surpresa… mas já estou em movimento. Fico de pé num instante e golpeio com a cadeira. O guarda só tem um momento para levantar os braços em defesa antes que a cadeira o pegue na lateral com força suficiente para jogá-lo no chão.

Eu não espero. Meu olhar pousa na arma no cinto dele. Pulo para pegá-la. Ele me chuta.

O outro guarda corre na minha direção agora. Consigo botar a mão na arma, mas a perna do primeiro homem me chuta. *Melhor soltar a arma do que cair*. O pensamento passa pela minha cabeça e pulo para trás, desistindo de apanhá-la.

Corro para a entrada.

Mas estou mais fraco do que o normal, e o golpe com a cadeira gastou mais energia do que eu pensava. Eu cambaleio.

Um dos guardas me alcança e aponta uma arma para mim. Trinco os dentes e jogo a cadeira nele. A perna da cadeira acerta a cara do homem. É tempo suficiente para eu me virar e sair correndo pela porta. Estou temporariamente em local aberto.

Correr... *isso* eu consigo fazer. O corredor à minha frente é longo e estreito, passa por várias salas, e disparo através dele. No final do corredor há dois guardas que ainda não perceberam que estou me aproximando. Não vou poder fazer a curva, mas tem uma janela nessa parede. A primeira janela que vejo.

Os guardas no final do corredor se viram para mim. Às minhas costas, os outros soltam gritos. Uma bala passa perto da minha perna.

Minha respiração está rasa. A sede me segura. Pontos pretos aparecem na minha visão no caminho, mas me obrigo a continuar em frente mesmo assim.

Quando chego no segundo grupo de guardas, agora virado para mim, deslizo no mármore e viro meus pés no último instante. Corro para a janela, as mãos ensanguentadas quase escorregando no parapeito, mas conseguem se firmar, e pulo através dela, deixando o corredor.

Uma olhada pela janela me diz que a construção é toda subterrânea. Tetos altos sobem em múltiplos andares acima. O complexo é amplo. E, bem à frente, vejo o que parece um canteiro de obras e parte de uma máquina grande e circular.

Éden. Meu coração dá um pulo. Os guardas disseram que ele estava trabalhando num local assim. Seria aqui?

É tudo que tenho tempo de ver. Logo retorço o corpo para cima e as botas dão impulso no parapeito da janela e pulo na direção do telhado. Seguro a beirada e ergo meu corpo. Caio em uma postura agachada firme. Abaixo, ouço gritos vindos de dentro. Um holofote começa a percorrer a propriedade.

Este deve ser só um dos muitos esconderijos de Hann. Quantos outros lugares ele tem? Eu me abaixo atrás de uma chaminé quando o holofote passa perto. Aperto os olhos. Como se preparado por anos de memória muscular, meu corpo sabe exatamente como evitar a luz, acha que está no Batalla Hall de novo, tentando encontrar uma saída. Pensa que está no aeroporto das Colônias outra

vez, procurando um jeito de chegar perto dos caças.

Eu corro pelos telhados. O local da construção se aproxima.

Então uma bala raspa o telhado, bem perto de mim. Não me acerta... mas lasca a telha com força suficiente para parti-la em fragmentos. Minha bota bate do jeito errado nas telhas quebradas.

Eu escorrego.

Movimento as mãos para tentar segurar a beirada do telhado, mas estão escorregadias demais por causa do sangue. Eu caio lá de cima, no chão.

Imediatamente, tento subir de novo, mas agora um guarda me alcançou.

Um soldado da República, me segurando enquanto uma bala destrói meu joelho. Meu grito, rouco de fúria e dor.

A lembrança é como uma fagulha que se acende no escuro dentro de mim. Um rosnado cruel sobe pela minha garganta e me viro para o guarda e o acerto com força no maxilar. Bato nele uma vez, duas...

... e minha força some de novo e eu caio, tonto do esforço.

O guarda se eleva sobre mim. Vários outros correm para se juntar a ele. Olho para o meu corpo e percebo que sequer estou suando. Estou completamente desidratado.

É nessa hora que ouço um deles dizer uma coisa acima de mim que juro que deve ser alucinação.

— Não — diz um dos guardas para os demais. — Deixem ele ir.

— A ordem de Hann acabou de chegar. Temos que levá-lo de volta para a superfície.

Olho para cima, pensando que talvez minha fraqueza tenha me deixado delirante demais para pensar direito. Estão me libertando.

Devo estar sonhando.

Mas eles me pegam pelos braços e me puxam para cima e colocam alguma coisa sobre meus olhos. Luto com toda força que me resta. Estou entendendo errado o que estão dizendo, falo para mim mesmo. É a única forma disso fazer sentido. Não vão me deixar ir. Hann mandou que eles me matassem.

Mas espero a bala na minha cabeça e ela não acontece. Meus pés são arrastados no chão. Minha consciência vem e vai. Não consigo nem saber quando estou acordado e quando estou apagado porque, nessa escuridão sufocante, é tudo igual.

Éden. Tenho que descobrir onde o estão mantendo. Minha mente luta para se lembrar do caminho que estamos tomando.

Não sei quando me arrastam para o que parece um elevador. Só consigo tentar lembrar quanto tempo ficamos nele. *Cinco segundos. Quinze. Trinta*.

Minha mente começa a se apagar. As vozes dos guardas acima de mim ainda estão falando, gritando ordens uns para os outros. Mas não consigo entender mais o que estão dizendo.

Eu tenho que encontrar meu irmão.

Mas, de repente, eles somem. As mãos segurando meus braços desaparecem e eu desmorono no chão. Parece asfalto, cimento. A escuridão some dos meus olhos, e de repente me vejo deitado na rua em algum lugar da Cidade Inferior, a fumaça de barracas de comida próximas no ar.

Tem agentes do SIA aqui. Estão por toda parte. Os pontos vermelhos das armas estão virados para mim e os gritos são ensurdecedores.

Mãos para o alto! Mãos para o alto! Por um instante, me sinto um criminoso de novo.

Mas alguém grita:

— *Abaixem as armas!* — É a diretora do SIA, Min. A voz dela ecoa nas paredes de concreto e obriga as armas a abaixarem em uma onda. — *Abaixem as armas! É o Daniel. Abaixem as armas!*

Abrindo caminho entre os agentes também está June. Ela gruda o olhar no meu e não desvia. Devo estar sonhando agora. Fico deitado onde estou, as beiradas da minha visão ficando pretas lentamente, enquanto ela se inclina para mim, as mãos tocando os dois lados do meu rosto. Agentes nos cercam.

— Estamos aqui — ela está dizendo. E ergue a voz para as pessoas ao nosso redor, sua autoridade retornando. — Afastem-se. Abram espaço. Ele está ferido!

Eles a obedecem instintivamente, abrindo espaço ao nosso redor como um cardume de peixes. Fecho os olhos e saboreio a presença dela tão perto.

— Pegaram ele — sussurro através dos lábios secos. — Éden.

June diz mais alguma coisa. Acho que ela está me mandando relaxar, dizendo que os paramédicos vão me levar para um hospital. Tento entender o que ela está falando, mas a voz soa abafada agora. Ainda é a voz mais linda que já ouvi. Quero continuar acordado para ouvi-la.

Mas de repente tudo é uma confusão de sirenes de ambulância e caos de

outras vozes. June está por perto, segurando minha mão. Durante tudo, fico olhando para o lugar de onde vim. Meus pensamentos se confundem quando tento entender o que aconteceu.

Hann mandou me soltarem. Eles me deixaram ir embora. Por que ele faria isso?

O que ele quer com Éden?

Para onde levou o meu irmão?

ÉDEN

DOMINIC HANN CUMPRE A PROMESSA DE SOLTAR DANIEL.

Naquela noite, assisto entorpecido quando isso acontece ao vivo, pelo meu visor. A figura do meu irmão é inegável; ele está amarrado numa cadeira em alguma outra parte da propriedade, lutando contra as amarras. Enquanto eu olho, ele briga com os guardas e, de alguma forma, milagrosamente, se solta. Gritos ecoam quando ele sai por uma janela com outros atrás.

Às vezes é fácil esquecer que meu irmão era mestre em evitar os soldados da República. Fico tonto com a velocidade com que fez aquilo. Como ele saberia o caminho para voltar à superfície? Mas não parece importar. Ele continua se movendo, apesar de tropeçar de vez em quando. Eu o vejo seguir, minha garganta tão seca que engasgo.

Ele quase consegue fugir sozinho, mesmo sem a generosidade de Hann. Mas tropeça. É nessa hora que os guardas se aproximam dele, e penso por um único e apavorante momento que vou testemunhá-los matando Daniel ali mesmo.

Que será o que aconteceu com John, tudo de novo.

Mas, em vez disso, ouço um dos guardas dizer:

— Deixem ele ir.

Ele balança a cabeça e ordena que os outros botem Daniel de pé. Para minha descrença, colocam um saco na cabeça do meu irmão e começam a levá-lo para longe. Arrastam-no por um elevador e o deixam nas ruas da Cidade Inferior. A última coisa que o vídeo mostra é o SIA o encontrando e indo até ele. Dentre os agentes, acho que vejo June Iparis.

Não sei como interpretar a cena toda. Não sei por que Hann concordaria em fazer uma coisa dessas.

Daniel está livre agora. Vai voltar por mim, disso sei com uma certeza absoluta e uma esperança louca. Ele vai encontrar o lugar para onde me trouxeram e vai me puxar de volta à superfície.

Mas se Hann conseguir fazer o que deseja, não sei se isso tudo vai importar. Já testemunhei do que a máquina dele é capaz quando alimentada com o meu motor. É uma das invenções mais espetaculares e apavorantes que já vi.

Ross City está prestes a desmoronar.

DANIEL

Devo ter apagado entre a hora que June e o SIA me encontraram e quando cheguei ao hospital, porque não me lembro de sair da ambulância. Não me lembro de estar em um elevador, nem de percorrer os corredores de um hospital.

Só sei que, quando acordo, estou na minha cama, com a janela dando vista para uma camada de nuvens que cobre a cidade cintilante. É noite agora. A fraqueza vertiginosa que senti antes passou e estou desperto e alerta, hidratado e novo em folha.

Quando olho para o lado, vejo uma garota dormindo encostada na lateral da minha cama, a cabeça apoiada nos braços. O cabelo escuro cai pelas costas em um cobertor brilhoso.

É June.

Ela se mexe de repente, sentindo que acordei. Seu olhar se desvia primeiro pelos arredores, observando rapidamente, provavelmente avaliando tudo como sempre faz para ter certeza de que estamos bem. Depois seu olhar pousa no meu rosto.

Ela solta o ar.

— Oi — sussurra, se levantando.

Abro um sorrisinho.

— Oi — respondo.

Ela bota a mão fria na minha testa.

— Não sei quanto tempo mais teríamos levado para chegar se você não tivesse enviado aquela mensagem. Você estava péssimo quando o encontramos.

— Ainda estão com o Éden — digo. — Você e o SIA descobriram alguma coisa sobre ele?

June balança a cabeça, os lábios apertados. É a expressão que ela faz quando sua mente está confusa e trabalhando a toda, e me vejo me lembrando de trechos de outras memórias, de quando estávamos fugindo da República.

— Não. Mas o SIA está tentando rastreá-lo com base na área geral onde você estava — diz.

— Eles estavam no subterrâneo.

— Era lá que Hann estava, em um esconderijo? — pergunta June.

— Esconderijo é pouco. Parecia uma mansão enterrada embaixo da cidade. Não sei quantos outros lugares assim ele pode ter. Mas ele tem um espaço de construção lá. De uma máquina.

— Você se lembra de alguma coisa sobre a rota pela qual te levaram?

Eu balanço a cabeça.

— Estive vendado o tempo todo. A área embaixo da Cidade Inferior é um labirinto de túneis velhos e vãos abandonados de elevador. Vamos levar semanas para descer lá e fazer uma busca adequada. Temos que encontrar outro jeito.

Será que o Éden soube que eu saí? Será que sabe que Hann me libertou intencionalmente? Será que teve alguma coisa a ver com isso, que fez um acordo com o sujeito?

Na mesma hora, começo a me levantar da cama. É quando toda a dor do cativeiro me atinge. Faço uma careta e olho para os pulsos com ataduras.

June se levanta na escuridão e me empurra para baixo.

— Você não vai a lugar nenhum — diz ela severamente. — Ordens rigorosas do médico. Tudo o que precisar fazer você pode fazer do conforto da sua cama, tá? Sua diretora disse que entraria em contato de manhã e que poderemos decidir como agir a partir disso.

— E você? — pergunto. — O Eleitor? Ele...

— ... está bem ciente de toda a situação. Anden manda lembranças e está preocupado. — June chega mais perto de mim. À noite, seus olhos brilham como bolas de gude escuras. — Isso é uma notícia importante nos seus círculos, aparentemente. O Presidente quer ser atualizado sobre o que acontece com Hann.

Eu me deito nos travesseiros e trinco os dentes de frustração. Fiz uma promessa a mim mesmo de manter Éden protegido, mas fracassei novamente. Pesadelos da República voltam para me assombrar: Éden sendo levado para experimentos; Éden cego e fraco; Éden abandonado para morrer durante a guerra com as Colônias.

Agora, ele está nas mãos de Hann, e não tenho pista nenhuma do que o

sujeito quer com ele.

June bota a mão no meu ombro. O calor dela é a única coisa que rompe o redemoinho dos meus pensamentos.

— Nós vamos encontrá-lo — diz ela. — Ele é um garoto inteligente e vai se cuidar. Seu trabalho é ficar forte até amanhã de manhã, pra ser capaz de lidar com isso. Não tem nada que possa fazer antes. Entendeu?

Eu olho para ela.

— Quanto tempo fiquei apagado?

— Um dia.

— E você ficou aqui? — pergunto baixinho. — O tempo todo em que estive apagado?

Um lampejo de terror surge nos olhos dela e some. Ela desvia o olhar para a janela.

— Eu fiquei com medo de perder você — murmura June.

Novamente, me vejo pensando sobre o que ela disse durante a primeira noite aqui, quando nos beijamos. Quando percebi o quanto a vida dela tinha seguido em frente e se ajustado.

Ela me observa.

— No que você está pensando? — pergunta. — Sempre consigo perceber o peso nos seus olhos.

— Estou pensando que sou o catalisador do caos na sua vida — respondo. — E que lamento por isso.

— Não lamente. — June olha para baixo. — Nós sempre fomos catalisadores um do outro, não é? Acho que não teríamos nos conhecido se não fôssemos. E às vezes acabo me afastando porque quero encerrar esse ciclo pra você, como se isso pudesse de alguma forma resolver tudo.

Penso na forma como June se afasta nos nossos momentos íntimos. É exatamente a mesma coisa que eu faço. Inclino-me para perto de June e deixo minha mão roçar na dela. Por um instante, acho que ela pode se afastar... mas a mão dela fica no lugar, assim como ela.

Conheço o medo que June mencionou. O pavor de não saber o que pode acontecer conosco depois, do que pode dar errado se abrirmos nosso coração completamente para o outro. Eu sangrei na última vez em que me permiti amá-la, e ela sangrou também.

Mas, mesmo assim, acabo apertando a mão de June e a puxo para perto. Ela se vira para me olhar na noite.

O medo ainda me consome, e as palavras que quero dizer ainda entalam na minha garganta. Mas, desta vez, só consigo pensar em como foi viver sem ela por uma década.

Quando abro a boca agora, as palavras finalmente saem.

— Não mereço ter você na minha vida — digo baixinho. — Sempre pode haver dor e sofrimento me seguindo, até aqui, em todo esse luxo de Ross City. Você não merece participar dessa dor. — Respiro fundo e tento sufocar o medo, a maré crescente de toda escuridão que ainda me assombra da República. — Mas acho que você merece saber a verdade sobre o que sinto. Porque mesmo que não possamos ficar juntos no final, eu gostaria que você soubesse.

Os olhos de June estão brilhosos contra a luz azul-acinzentada que entra pelas janelas.

— E o que é? — sussurra ela.

— Que eu te amo — sussurro. — Que estou apaixonado por você há anos, mesmo quando estávamos separados. *Principalmente* nessa época. Eu vivi com você e vivi sem você. Por mais medo que eu sinta pela possibilidade de estarmos juntos, o medo de estar longe é algo que acho que não consigo suportar. — Abaixo o olhar, tímido para encará-la agora. — Tenho pesadelos de perder você. O tempo todo.

Pronto. Meu coração está aberto e exposto para ela. Toda a incerteza que me afligia antes agora ruge na minha mente enquanto espero a resposta dela.

Talvez isso tudo seja um erro. Eu não devia ter contado isso. É cedo demais.

Mas June se aproxima.

— Nunca tive a chance de contar antes de você e Éden partirem para a Antártida que eu também te amo. Tanto que me assusta. — A voz dela treme.

Eu te amo. Eu te amo. Nunca ouvi essas palavras vindas de June, e elas agora enchem meu coração a ponto de explodir, me deixando completo de uma forma que eu nunca soube que poderia ficar.

Ela sorri um pouco e agora vejo que os olhos dela estão úmidos.

— Mesmo que nós não saibamos para onde vamos no futuro, talvez nossas vidas tenham sido feitas para sempre colidirem. Talvez tenhamos sido feitos para sermos eternamente o catalisador um do outro.

Eternamente. É uma palavra que nunca ousei usar com June. Talvez exista a possibilidade de um "eternamente" nas nossas vidas.

— Vivi olhando para trás por uma década — sussurro —, me perguntando sobre o que estava faltando na minha vida. Acontece que o tempo todo era você.

Eu chego mais perto e desta vez a beijo.

Ela quase desaba no meu abraço. Os lábios dela são tão macios e familiares contra os meus, tudo de que senti falta nos anos em que ficamos separados. Nossas conversas podem ser desajeitadas e polidas, e nossa companhia travada e distante... mas *isso*, isso parece certo, de todas as formas possíveis.

O lugar dela é aqui, nos meus braços, e o meu lugar é aqui, dando meu coração inteiro para ela.

Uma fome profunda desperta em mim. Desta vez, não desperdiço um segundo. Passo os braços com força em volta dela e a puxo para a cama. Minha pele formiga de prazer onde quer que ela encoste os dedos. Ela passa as mãos pelo meu cabelo e suspira com satisfação junto de mim. A cintura dela, o pescoço fino, a curva dos quadris... estremeço com o calor dela. Tudo nela é como um sonho febril. Quero preservar isso no tempo para nós. Quero mais um milhão desses momentos.

Ela desabotoa minha camisa. Eu puxo a dela pela cabeça. Meus dedos traçam suas novas cicatrizes, vestígios de um arranhão aqui, um hematoma antigo ali. Ela está mais velha, assim como eu, e somos diferentes agora. Eu a amo mais por isso, queria ter podido compartilhar tudo com ela nos últimos anos. Ela beija minha bochecha quando me aproximo. As mãos dela descem pelas minhas costas. Eu tremo a cada toque.

O resto do apartamento está em silêncio. Lá fora, ouço aviões passando. Em algum lugar ao longe tem música tocando. Milhões de luzes cintilam por trás das janelas e na noite, cada uma delas uma vida diferente, um momento diferente do nosso.

Mas, hoje, nós nos permitimos ficar entrelaçados, como se tudo fosse continuar tão perfeito quanto esse momento. Como se esse pudesse ser nosso futuro.

ÉDEN

Não sei quando Hann planeja emitir o sinal verdadeiro. Só sei que mais tarde Hann aparece de novo no quarto improvisado que me ofereceu na propriedade.

Dou um pequeno pulo quando ele entra com dois guardas.

— Eu não queria sobressaltá-lo — diz para mim agora, levantando as duas mãos. Assente para os guardas. — Vocês não são mais necessários. Eu gostaria de dar uma palavrinha a sós com o sr. Wing.

Os guardas fazem como o ordenado. Saem do quarto, e o ambiente fica de repente reduzido a nós dois.

Hann se senta numa cadeira na minha frente e apoia o queixo na mão.

— Dizem que seu irmão está em segurança agora, com o SIA — comenta.

— Obrigado por cumprir sua palavra — respondo.

— Sabe por que estou aqui agora?

Eu apenas o observo com cautela.

— Por quê?

Ele enfia a mão no bolso do paletó e tira o que parece ser uma bolsa pesada. Com um gesto descuidado, ele a joga na minha direção.

Pego a sacola com mãos desajeitadas quando bate no meu peito com um tilintar de metal.

— O que é isto? — pergunto.

— Seu pagamento, claro — responde Hann. Ele assente para mim. — Eu só pago em corras de ouro de verdade. Em pouco tempo, o dinheiro virtual deste lugar vai ser inútil, depois que o sistema de Níveis for desabilitado. Achei que você ia preferir dinheiro de verdade.

Olho para ele e espio dentro da bolsa.

Tem centenas, milhares de moedas de ouro dentro. Cada uma vale mil

corras. A bolsa inteira deve conter pelo menos um milhão.

Olho rapidamente para ele. Hann prometeu um bom pagamento pelo meu trabalho, mas esse nível de dinheiro é uma quantia que eu não esperava.

Hann sorri para mim.

— Surpreso? Ganhei uma boa fortuna fazendo o que faço. É um bom investimento gastá-la com um talento como o seu.

Essa quantia vai além do que até a maioria dos cidadãos dos Andares do Céu podem ganhar. É dinheiro que poderia tirar Pressa e o pai da Cidade Inferior. É dinheiro que poderia comprar o tipo de Nível que deixaria alguém em segurança para sempre.

Também é o tipo de dinheiro mergulhado no sangue de pessoas que pagaram caro por irritarem alguém como Hann.

Eu fecho a bolsa e a jogo no chão entre nós.

— Quanto tempo você vai me segurar aqui embaixo? — pergunto baixinho. — Até meu irmão vir me procurar? Até o SIA cair em cima de você? Não é porque você vai desabilitar o sistema de Níveis que eles não vão ter como te caçar.

Hann sorri, nem um pouco preocupado por eu ter rejeitado o dinheiro dele.

— Não vou segurar você em lugar nenhum — responde, indicando a porta. — Você tem liberdade pra ir embora quando quiser. Meus guardas estão prontos e a postos para escoltá-lo até a superfície da Cidade Inferior quando você quiser.

Agora eu sei que ele está brincando comigo. Dou uma risada e sacudo a cabeça.

— De que tipo de jogo você quer que eu participe?

— Eu não faço jogos com pessoas que respeito — responde Hann. — Ou você viveu em uma sociedade gamificada por tanto tempo que não sabe reagir a pessoas fora desse sistema?

— Por que você me deixaria ir? — pergunto. — Eu já provei que sou vantajoso pra você. Eu sei onde fica este lugar. Eu te *vi* e poderia ir direto para o SIA assim que você me soltasse.

Ele dá de ombros.

— Sei disso — responde.

Eu abro bem as mãos.

— Então… É isso? Você vai me libertar? — Como se para testá-lo, eu me levanto da cadeira e ando na direção da porta. Tudo em mim diz que isso é uma armadilha, que assim que eu tentar sair para o corredor, eles vão me acorrentar ou me matar com um tiro.

Mas Hann só fica me olhando.

— Vá.

Como continuo sem me mexer, ele se inclina para a frente na cadeira e me olha com expressão concentrada.

— Você quer saber por que vou deixá-lo ir? Quer saber por que estou disposto a lhe dar milhões? — Ele sorri. — Porque você vai voltar.

— O quê?

— Você vai voltar e me procurar de novo. Vejo o fogo nos seus olhos, o jeito como tenta esconder a satisfação de ver aquela máquina trabalhar com seu motor nela. Sei que acredita nas mesmas coisas que eu. — Ele semicerra os olhos. — Isto o assombrou o tempo todo desde que você veio morar na Antártida, não é? A maneira como este lugar alimenta a Cidade Inferior... A maneira como o governo lida com os pobres... O sistema de Níveis que é tão corrupto quanto inovador... Você odeia tudo isso, como eu.

Sacudo a cabeça.

— Quando eu sair daqui, não vou voltar nunca mais.

Hann se encosta na cadeira e solta um suspiro.

— Vai voltar, sim — responde ele. — Vai porque quando vir o caos que vai reinar nesta cidade depois que o sistema de Níveis for desabilitado, quando vir a mudança que pode provocar nas pessoas de classe alta que você abomina… você vai perceber que o que faço aqui é uma causa nobre. Você quer fazer parte de uma coisa importante, não quer? Todas as pessoas com seu talento desejam fazer diferença. E posso te ajudar a chegar lá. Você pode sair da obscuridade na sombra do seu irmão para se tornar um dos agentes de mudança mais proeminentes que o mundo já viu. — Ele indica a bolsa no chão. — E pense na sua amiga Pressa. Você pode mudar a vida dela pra sempre com isso. Com um trabalho novo ao meu lado.

Eu começo a tremer.

— Você está me oferecendo um trabalho — repito com incredulidade.

Ele confirma.

— Sim. Estou lhe oferecendo a oportunidade de vir trabalhar pra mim permanentemente. Pense nas coisas que você poderia fazer, Éden, sem restrições. Pense em não ter que dar satisfação a ninguém no que diz respeito ao seu planejamento e à sua vida. — Hann entrelaça os dedos. — Você tem liberdade de ir e vir como quiser. Se precisar falar comigo de novo, pode usar isto.

Uma série de seis números aparece no meu visor. Olho por um segundo, decoro os algarismos, então a imagem some.

Hann sorri brevemente para mim.

— Nunca pretendi que você fosse meu prisioneiro, Éden, e agora quero provar isso pra você da forma mais óbvia.

Não confio nele. Não acredito nele.

Ainda assim, acho que está falando a verdade. De alguma forma, esse assassino, o criminoso mais procurado de toda Ross City, uma pessoa que Daniel teme e odeia, uma pessoa que governa a Cidade Inferior com punho de ferro, é a única pessoa que conheci que me vê até o fundo da alma.

Agora, ele está me oferecendo a oportunidade de trabalhar com ele.

— Não posso fazer isso — digo. — Nós não somos a mesma pessoa. Não temos as mesmas crenças.

Hann mantém-se imperturbável.

— Diga o que quiser para si mesmo — responde ele. — Entendo que é uma decisão difícil, porque você estaria se separando completamente do seu irmão. Mas sei que é isso que está no seu coração. Você quer mudar as coisas, assim como eu. E está cansado das outras pessoas atrapalhando. Cansado de não poder ajudar aqueles de quem mais gosta. Cansado de não ser visto.

Permaneço onde estou, minha mente girando de confusão. Superficialmente, ele é alguém que eu precisaria evitar a qualquer custo. Mas isso…

— E se eu escolher não trabalhar pra você? Ainda assim você vai me deixar ir?

Hann assente.

— Se você escolher não trabalhar pra mim, de que adianta aprisioná-lo aqui? A vida é exaustiva demais pra manter alguém de refém toda vez que eu precisar que alguma coisa seja feita. — Ele acena para a porta. — Vá. Converse com seus amigos. Procure seu irmão. Nunca mais me veja. Não vou te procurar nas corridas, não vou mandar meus guardas vigiarem o que você faz. Só posso dizer que você está prestes a ver como Ross City deveria ser de verdade, quando ressurgir das cinzas. Está na hora de outra pessoa comandar este lugar. — Ele se inclina para a frente sobre os joelhos. — Em breve você vai se questionar: a quem está ajudando exatamente ao recusar minha proposta?

Não sei o que dizer para ele. Não sei como provar que ele está errado. Não sei o que vai acontecer com Ross City.

A única coisa que faço é caminhar na direção da porta. Passo pela entrada e sigo para o corredor. Como ele disse, os guardas estão esperando para me levar para onde eu quiser ir. E Hann continua atrás de mim, sentado no meu quarto.

Eu dou as costas para a propriedade. As palavras de Hann ecoam na minha mente, persistentes, assombrosas.

A quem está ajudando exatamente ao recusar minha proposta?

E, enquanto considero essas palavras, um som agudo dispara ao nosso redor.

Aperto as mãos sobre os ouvidos. O chip implantado perto da minha têmpora parece ficar quente. Meu coração pula na garganta.

E tudo fica em silêncio.

Acaba com a mesma rapidez que começou, como um choque elétrico que atravessou as paredes, o piso e nós. Os guardas também sentiram: eles se encolhem por um segundo, fazendo caretas, e olham uns para os outros com surpresa antes de tudo voltar a ficar como antes.

Mas está faltando alguma coisa. Abro os olhos e não vejo nada virtual pairando no meu visor. Nem números, nem conta, nem mesmo o aviso persistente de que não consigo me conectar aqui embaixo. Tem um peso no silêncio, como o tipo de calmaria que se ouve quando se está realmente distante da civilização. Do zumbido e chiado da tecnologia. Tudo *sumiu*.

Ele conseguiu. Deu certo.

Dominic Hann mandou o sinal ser disparado. E acabou de eliminar o sistema inteiro de Ross City.

DANIEL

ACONTECE NA MANHÃ SEGUINTE, NA HORA QUE JUNE E EU CHEGAMOS AO QUARTEL-GENERAL do SIA.

Já estou acordado ao nascer do sol, vestindo a camisa e a calça e ajeitando o terno. Ao meu lado, June já está pronta, tão impecavelmente arrumada quanto qualquer soldado treinado na República.

Não sei o que dizer sobre o que aconteceu conosco na noite anterior. Nem ela, acredito. Só conseguimos nos olhar ocasionalmente enquanto nos arrumamos. Quando falo, é sobre o Éden.

— O SIA mandou uma mensagem — digo quando saímos do apartamento e seguimos para o corredor. — Não conseguiram encontrar a localização do Éden. Mas minha descrição do subterrâneo reduziu a localização para uma área da cidade.

— Que parte? — pergunta June.

Abro um mapa entre nós quando entramos numa estação de elevadores e aponto para uma seção na grade.

— Essa área já esteve em desenvolvimento para expandir a Cidade Inferior para andares abaixo da superfície — explico. — Iam dar moradia para gente da Cidade Inferior lá embaixo, em espaços subterrâneos apertados. Mas acabou sendo um desastre, sem rotas de fuga suficientes pra superfície em caso de incêndio ou enchente, sem ventilação de emergência suficiente. Houve um incêndio enorme que destruiu o espaço. Depois disso, ninguém deu atenção ao labirinto de túneis.

— E parece o que você viu quando esteve lá embaixo?

Eu assinto.

— O tipo de prédio que vi, o canteiro de obras... tinha o tipo de infraestrutura que me lembrou dessa história.

June olha para a cidade lá embaixo pelas janelas de vidro do elevador.

— Então nós vamos ter que descer, certo? — Ela me observa com ceticismo. —

Tem certeza de que consegue fazer isso?

— Eu preciso — respondo. — Não vou ficar parado aqui esperando o SIA encontrar alguma coisa. — Em desespero, abro a conta do Éden de novo e tento mais uma vez rastrear seu paradeiro.

É nessa hora que eu sinto.

Há uma fagulha de algo elétrico, como se todas as partículas do ar estivessem carregadas de repente... seguida de um estalo alto nos meus ouvidos. É tão alto que me encolho. June também, ao mesmo tempo.

— O que foi isso? — questiona ela.

Mas assim que fala, todos os nossos Níveis se apagam. O nome e o Nível de June somem de cima da cabeça dela. O brilho leve nas hastes dos óculos desaparece. Os números e barras no meu visor se apagam. O elevador treme e para em um dos pisos do meio do prédio. Quando olho para o teto, reparo que a energia acabou. Nenhum dos painéis do elevador está iluminado.

O que aconteceu? Curto-circuito no sistema?

Minha primeira reação é acender minhas linhas de grade... mas não há nenhuma. Nada no meu sistema funciona. É como se tudo estivesse desligado.

June me olha com o rosto franzido.

— Parece que não está limitado só ao nosso prédio — diz ela, indicando a cidade.

E ela está certa: todos os prédios próximos a nós parecem apagados, sem informações virtuais pairando em nenhuma parte deles.

June me olha.

— E quanto ao SIA? Você consegue fazer contato?

Eu balanço a cabeça.

— Não. Tudo no meu sistema está desabilitado. Vem. — Eu saio do elevador e faço sinal para seguirmos pelas passarelas. Começamos a nos apressar pelos corredores. Aqui e ali, encontramos outras pessoas também saindo de elevadores, com expressões perdidas.

Uma delas grita pra nós quando passamos.

— Seus sistemas estão funcionando? — pergunta a mulher.

Eu balanço a cabeça.

— Não — respondo. Então também não está limitado às nossas contas. Um sentimento pesado começa a crescer no meu peito. Alguma coisa deu muito

errado... e parte de mim sabe que deve estar ligado ao que Hann estava fazendo.

Ao motivo de ele ter roubado meu irmão.

Enquanto corremos escada abaixo, quase me choco com Jessan e com a diretora quando elas saem para a escada vindas do quartel-general.

— Wing! — exclama a diretora Min. — Você não deveria estar de pé...

Ignoro o comentário e sigo em frente.

— Seu sistema? — pergunto. — Alguma coisa funcionando?

Ela está pálida quando balança a cabeça.

— Nossos Níveis... tudo... nossos dados... todas as informações que o governo exibe, rastreia e armazena. Tudo sumiu... não foi só reiniciado, zerado, mas *sumiu*. Foi apagado.

Um punho frio se fecha no meu peito. É *impossível*, tenho vontade de dizer, por causa do que sei sobre a infraestrutura do sistema, o quanto está espalhado pela cidade e como tudo é descentralizado. Mas já vi coisas impossíveis demais virarem realidade para acreditar nessas palavras.

— É em toda cidade? — pergunta June.

Jessan assente com seriedade.

— Até onde sabemos, sim. Não conseguimos falar com ninguém. Não há como fazer ou receber ligações.

Se o sistema da cidade inteira caiu... o pandemônio nas ruas da Cidade Inferior deve ser inimaginável. Meu coração se aperta com a ideia de Éden ainda estar preso em algum lugar subterrâneo.

— Eu já vi o que acontece quando se tem um blecaute total em uma cidade dividida como essa — diz June enquanto corremos. O rosto dela fica sombrio. — Quando pessoas que foram sufocadas por décadas de repente percebem que suas correntes foram removidas, as coisas degringolam fácil. Pode levar menos de uma hora para uma sociedade se desestabilizar.

Jessan olha rapidamente para June.

— O que você quer dizer? — pergunta ela.

— Quero dizer que é melhor providenciarem que sua força militar esteja na Cidade Inferior agora, antes que as coisas fujam de controle — responde June.

Penso nas constantes faltas de energia que tínhamos em Lake, na inquietação que tomava conta das ruas. June está certa. Houve um apagão específico que uma vez afetou Los Angeles inteira... e, em questão de uma hora, havia incêndios

por toda a cidade, enquanto os setores pobres entravam em conflito com os setores abastados. Eu me lembro de ver os tanques avançando pelas ruas para reinstalar a ordem. Minha mãe nos obrigou a ficar dentro de casa por duas semanas enquanto a polícia se espalhava pelos bairros.

— Ross City não é a República — diz a diretora para June com rigidez.

— Não — responde June com a mesma severidade. — É pior. É um lugar bem mais concentrado, o efeito vai ser mais rápido. Até onde eu sei, sem seu sistema funcionando, a Cidade Inferior vai desmoronar, e vai ser em breve se vocês não conseguirem botar o sistema em funcionamento.

Caramba, eu estava morrendo de saudade de ouvi-la esmiuçando uma situação. Min faz cara feia para a rispidez na voz de June, mas não argumenta desta vez. Só volta a tentar fazer uma ligação para o Presidente.

— A energia de emergência ainda não está funcionando — resmunga baixinho depois de um momento.

— Siga para nordeste assim que chegarmos no térreo — digo para June. — Vamos na direção geral em que estávamos caçando o Éden.

Ela concorda sem hesitar. Não tenho ideia do que vamos fazer depois disso, nem como vamos conseguir encontrar o caminho lá embaixo, mas é a melhor aposta para acharmos meu irmão.

Finalmente chegamos ao térreo. A escada leva a um par de portas de metal pesadas com uma barra bloqueando-as e, quando as abrimos, elas revelam as ruas da Cidade Inferior.

Nós saímos em uma cena de caos.

Ao nosso redor, os nomes e dados que antes pairavam sobre cada barraca de rua, cada loja, cada pessoa sumiram. Quando olho para cima, reparo que as camadas virtuais também sumiram das estações de elevadores. Não tem nada que vemos que já não seja real.

Meu olhar se desvia para June, mas ela está observando a rua. Algumas pessoas já estão aproveitando o momento, e o espaço na frente de uma estação está começando a se encher de gente. Meu primeiro pensamento fugidio é que todas as estações também se apagaram instantaneamente; e que se os Níveis de todos ficaram zerados, todos estão presos onde estiverem.

Mas isso é substituído quase instantaneamente pelo meu segundo pensamento: nossos Níveis não foram zerados, eles foram *deletados*. Em um

golpe só, o sistema de Níveis de Ross City, o sistema de classes sobre o qual sempre discuti com o SIA, o mesmo contra o qual Éden se rebelava ao vir constantemente aqui embaixo, foi apagado.

As pessoas agora conseguem entrar nas estações e escadarias, independentemente de seus Níveis. A polícia local patrulhando as ruas luta em vão para controlar o fluxo de gente. Pequenos confrontos isolados já começaram a acontecer entre autoridades e cidadãos.

Atrás de nós vêm vários outros agentes do SIA. A diretora corre até eles.

— Coordene a polícia neste distrito! — grita ela para mim, apontando para a rua. — Diga que estamos pedindo reforços. Lei marcial de emergência. Entendeu, Wing? Não temos tempo a perder.

Eu assinto para ela.

— Sim, senhora — respondo. Ela dispara como uma bala, junto com os outros agentes na direção do quartel-general da polícia mais próximo para tentar fazer as linhas de emergência serem acionadas.

Já tem estilhaços de vidro cobrindo o concreto, e não muito longe de nós pessoas estão entrando em uma loja e começando a roubar coisas com avidez. Carrinhos cheios de comida que elas não poderiam comprar com seus Níveis, braçadas de roupas, eletrodomésticos e móveis. Ao redor, outros estão começando a entender. Ouço gritos subindo pela rua.

— Rápido! — alguém berra. — Antes que botem o sistema em funcionamento de novo!

Continuo correndo na direção em que meu irmão pode estar. Como vou encontrá-lo nessa confusão? Chego em um cruzamento movimentado e paro no meio, olhando com desespero para as duas ruas, e vejo massas de pessoas ocupando todo o espaço. Ao meu lado, June segura minha mão e a aperta uma vez. Olho para ela, odiando a sensação de impotência que toma conta de mim.

De repente, sinto como se estivesse no calor da guerra com as Colônias, procurando freneticamente meu irmão em território inimigo.

E, então, vejo uma coisa familiar.

Ali. No meio da rua. Um vislumbre familiar, cabelo louro ondulado e o brilho dos óculos de metal. Um milagre no meio do caos absoluto.

Primeiro, acho que estou alucinando. Não tem como o Éden estar aqui.

Mas pisco e ele não desaparece. Lá está o cabelo dele de novo. June também

aperta mais a minha mão e aponta na direção dele.

— É ele? — grita.

Não sei como ele escapou de Hann. Não sei como encontrou o caminho até a superfície da Cidade Inferior. Não sei nada além de que talvez ele estivesse voltando na direção da nossa casa e por isso nossos caminhos se cruzaram.

Mas levanto a voz e, nela, ouço meu próprio terror.

— Éden! — grito. — *Éden!*

Ele ergue a cabeça na nossa direção. O olhar pousa em mim. De longe, vejo o reconhecimento surgir no rosto dele.

— Daniel! — grita ele, e é como se eu o enxergasse como uma criança de novo.

Tudo em mim é tomado de adrenalina. De repente, começo a abrir caminho até ele. Ao meu lado, June me acompanha. Tenho que chegar até o meu irmão antes que alguma coisa aconteça com ele. O medo no meu coração chega a ponto de explodir.

Éden abre caminho na nossa direção. Parece levar uma eternidade para ele conseguir passar pela multidão. Por um instante, acho que nunca vamos alcançar um ao outro. *É assim*, eu penso. Estou perdido em um dos meus pesadelos. Estou correndo e correndo na direção do meu irmão e nunca vou chegar a ele.

Mas de repente Éden está parado na minha frente. E não estou sonhando. E o tomo em um abraço apertado. Ele também me abraça com força.

É o Éden, e ele está fora das garras de Hann.



NUNCA VI ROSS CITY SEM SUAS CAMADAS DE REALIDADE AUMENTADA ANTES. Acho que não foi feita para ser vista assim.

Não há placas nem nomes de ruas, nem mensagens flutuando, nem linhas de grade. E, principalmente, não há Níveis acima da cabeça de ninguém. É como se tudo que segura uma cidade — as luzes dos postes, as leis de trânsito, a polícia — tivesse sumido em um piscar de olhos.

O tumulto se espalha tão rápido que, do quartel-general do SIA nos Andares do Céu, conseguimos ver o caos acontecendo em tempo real nas telas. No começo, as pessoas ficam paradas nas calçadas, intrigadas, perguntando umas às outras, em murmúrios, se seus Níveis desapareceram de repente. Automóveis e caminhões param no meio da rua. O trânsito começa a se enrolar.

Lentamente, vejo a compreensão chegar à Cidade Inferior. Espalha-se pelas ruas como uma onda. Murmúrios viram exclamações e depois, gritos.

O sistema caiu.

Os Níveis sumiram!

E é assim que a onda vira um maremoto. *O sistema caiu, os Níveis sumiram, o sistema caiu, os Níveis sumiram*.

Depois da cena na Cidade Inferior, os Andares do Céu parecem sinistramente silenciosos. É meia-noite agora, e apesar de estarmos a pelo menos cem andares de altura, vejo o brilho laranja de fogo vindo da Cidade Inferior bem abaixo. A fumaça sobe em plumas enquanto a cidade traz militares para tentar conter o caos.

Até o quartel-general do SIA está com dificuldade de continuar operando. Aqui no saguão principal, uma tela grande exibe imagens ao vivo da Cidade Inferior enquanto um âncora fala rapidamente junto à cena. É

estranho ver um vídeo assim sem o sistema de Níveis funcionando.

— Por que Hann deixaria você ir embora? — pergunta Daniel enquanto perambulo com inquietação perto da janela. — Ele te machucou?

— Não — respondo, distraído. Estou tentando fazer uma ligação manualmente num telefone para Pressa, mas nada está funcionando. Na minha décima segunda tentativa, murmuro um palavrão e me viro para o meu irmão. — Ele não fez nada comigo. Me disse que me soltaria se eu o ajudasse a instalar o motor do meu drone na máquina dele.

— E depois?

— Depois… — Eu hesito, me perguntando se devo contar a história de Hann para Daniel. Meus olhos vão até o dedo do meu irmão, com uma atadura. Hann prometeu que não machucaria Daniel… mas a promessa dele foi verdade só parcialmente. Daniel ficou hospitalizado por desidratação. Os guardas quebraram um dedo dele.

Por minha causa, Hann machucou meu irmão. O pensamento me deixa tão enjoado que preciso parar por um momento para conter a náusea.

— Depois que terminei de instalar o motor, Hann me disse que me deixaria sair, como gesto de boa-vontade. Mas falou que eu voltaria. — *Ele sabia, fundamentalmente, que Daniel e eu nos veríamos numa encruzilhada de novo. Que eu não era como meu irmão*.

Daniel franze a testa para mim.

— Não faz sentido — murmura.

— Hann disse que não tem interesse em me forçar a trabalhar pra ele. Além do mais, ele já conseguiu o que queria. — Eu me viro para as janelas, onde vejo plumas de fumaça subindo das ruas abaixo.

Daniel aperta os olhos para mim.

— Ele está fazendo um joguinho com você — diz. — Ele é conhecido por isso. Já soube de vários casos em que convenceu suas vítimas a pegarem um empréstimo com ele lhes dando a ilusão de segurança.

Alguma coisa no jeito como Daniel simplesmente supõe que Hann está fazendo um jogo comigo me deixa cauteloso. É verdade que ele é um homem perigoso: ele sequestrou nós dois, afinal, e nos manteve como reféns. Só o fato de ele nos deixar ir embora por mero capricho… Bom, é uma coisa que apenas um criminoso confiante faria.

Mas não consigo parar de pensar no que ele disse para mim. No que aconteceu com o filho e a esposa dele. Na dor genuína que apareceu em seu rosto. No jeito como parecia saber exatamente o que estava acontecendo na minha mente, melhor do que Daniel.

A ligação que estou tentando fazer falha de novo. Trinco os dentes de frustração e jogo o telefone em um sofá próximo. Então me viro para olhar os elevadores que saem do quartel-general do SIA.

— Você não vai lá pra baixo — diz Daniel automaticamente enquanto me observa.

— Eu tenho que ir — respondo. — Não consigo ligar pra Pressa. Se o quartel-general do SIA está desprovido em termos de tecnologia, a Cidade Inferior deve estar totalmente isolada.

Daniel aperta os lábios.

— Não.

Ele indica a tela, onde estão mostrando as ruas abaixo. Barricadas foram posicionadas em algumas partes da Cidade Inferior, mas elas não estão fazendo muito para impedir que as pessoas as pulem e se organizem em multidões furiosas. Alguns marcham pelas ruas, aos gritos. Outros estão quebrando vitrines e invadindo lojas.

— Está vendo isso? — diz ele, olhando severamente para mim. — O próprio Presidente vai embora amanhã por precaução, e vai levar sua equipe de segurança junto.

— Anden ofereceu de hospedá-lo na República — conclui June. — Ele nos convidou para ir com ele também.

Até o presidente vai deixar isso para trás. A ideia de pegarmos um avião para ir embora gera uma onda de medo em mim. E quanto a Pressa e o pai dela? Não posso deixá-los aqui e fugir como um covarde. E, mesmo assim, amanhã ainda está longe. Daniel vai para a Cidade Inferior em poucas horas com o resto do SIA para deixar tudo sob controle.

Eu viro os olhos determinados para o meu irmão.

— O seu turno não é o próximo, lá na Cidade Inferior?

— É meu trabalho conter essa confusão — responde ele.

— Seu trabalho. Sempre seu trabalho. — Levanto as mãos. — Você acha que eu não me preocupo com o que vai acontecer com *você* cada vez que se

mete numa coisa assim? Você se põe no caminho do perigo todos os dias. Mas não me deixa ir. Não me deixa te acompanhar.

— Eu faço isso pra você não ter que fazer — diz ele com rispidez.

— *Eu tenho que fazer!* — explodo de repente. A raiva faz minha garganta arder. — Quando você vai pra lá e só volta tarde, quando é capturado por um criminoso perigoso, *eu tenho que lidar com a situação. Eu* tenho que suportar a ideia de perder você. Não é possível que você ache que vou deixar Pressa se virando sozinha lá embaixo. Não é o que você faria. — Eu respiro fundo e o fuzilo com o olhar. — Se June estivesse lá embaixo, você reviraria todas as ruas da Cidade Inferior para encontrá-la. Continuaria até morrer, e não se importaria com nada que eu dissesse.

June limpa a garganta com desconforto ao ouvir minhas palavras. À minha frente, Daniel está em silêncio. O rosto dele ficou pálido, como se estivesse se lembrando de algo do passado.

— Vai ficar pior lá embaixo — diz June depois de um tempo. Não consigo determinar se ela está me apoiando ou não. — Pessoas que sofreram por tanto tempo, que não têm como atacar poderes maiores, se viram umas contra as outras. Elas vão destruir todas as lojas, barracas e casas lá embaixo, e vai ser rápido. Portanto, se vamos tirar alguém da Cidade Inferior, temos que fazer isso agora. Está prestes a ficar impossível.

O olhar do Daniel vai de mim para as janelas escuras. Quando finalmente fala, sua voz está tensa.

— Tudo bem. Mas você não vai sozinho. Eu vou com você.

— Idem — diz June.

Mesmo com esse acordo, sinto o abismo aumentando entre nós. Tudo que Daniel diz me faz sentir pequeno, como um irmãozinho pedindo permissão para fazer qualquer coisa. Eu me viro, enojado comigo mesmo, e sigo para os elevadores.

✪✪✪

Apesar de passar da meia-noite, as ruas da Cidade Inferior estão totalmente iluminadas hoje: por luzes do sistema auxiliar de eletricidade; por lampiões, sinalizadores, lanternas e telas portáteis seguradas por manifestantes; e pelos holofotes montados nas barricadas monitoradas pela

polícia e por soldados.

Agora, corro pelas ruas com Daniel e June ao meu lado. Gritos chegam a nós de todas as direções. As passagens, sempre estreitas, estão lotadas de gente de todas as formas de agitação e confusão. Algumas estão incertas, paradas na frente das suas barracas ou lojas revirando as mãos, olhando com docilidade para a polícia que passa correndo. Outros abrem janelas dos andares superiores e apertam os olhos para os prédios sem acreditar na falta da camada de realidade aumentada. Outros batendo fotos com câmeras antiquadas agora que seus sistemas estão desabilitados.

Há outros que estão furiosos, satisfeitos de liberarem a raiva atacando vizinhos com o tipo de violência que costuma zerar Níveis. Alguns tiram vantagem do desaparecimento do sistema para invadir lojas e estocar as coisas que nunca teriam como comprar. Passamos por vários jovens que estão simplesmente quebrando tudo sem motivo, batendo em scooters, skates e ônibus, e jogando baldes de tinta neles. Na noite, suas silhuetas lançam sombras longas contra as paredes.

— As coisas estão se deteriorando rapidamente — grita June enquanto corremos. — Éden, não vamos ter muito tempo até essa situação tornar impossível ficarmos aqui embaixo. Vamos conseguir encontrar sua amiga antes disso?

Pressa. O nome dela ecoa por mim. A botica do pai dela fica no coração da Cidade Inferior, no meio de tudo.

— Nós vamos chegar a ela — respondo quando alcançamos um cruzamento e viramos. — Temos que chegar.

Um automóvel virado na rua nos faz parar. As pessoas já estão tão amontoadas em volta que não dá para passar com facilidade. Ali perto, as chamas queimam em dourado na noite.

Eu falo um palavrão.

— Não dá pra passar.

Daniel olha para cima e faz sinal para eu ir atrás.

— Tem um caminho — diz.

Ele chega no fim da rua e entra em uma viela entre dois quarteirões. Seus movimentos são firmes e seguros, como se ele tivesse percorrido aquelas ruas muitas vezes.

Chegamos a um beco sem saída, interrompido por um portão trancado. Mas Daniel não para de se mover. Ele apoia o pé na parede e sobe para o segundo andar em questão de segundos, pula na beirada e chega ao topo do portão. Some de vista. June corre até o portão na hora em que Daniel aparece do outro lado e o abre por dentro.

— Rápido — diz ele, ofegante, enquanto nos faz passar. Seguimos por uma passarela particular antes de sairmos novamente nas ruas.

Dois quarteirões depois, eu vejo. A botica.

Tem uma multidão em volta da loja, e a vitrine já está quebrada. O pai de Pressa está parado na entrada, o corpo frágil encostado contra a porta enquanto ele suplica para as pessoas manterem a ordem. Ao seu lado, Pressa e o assistente do pai dela, Marren, estão empurrando para trás qualquer pessoa que fique mais agressiva.

— Se afastem! — grita ela. — Voltem pras ruas! Vocês não podem entrar aqui.

Tem outras pessoas tentando ajudar. Reconheço alguns dos clientes habituais da loja. Vários dos homens maiores formaram uma barricada humana na lateral do estabelecimento, enquanto dois outros estão cobrindo a vitrine quebrada com tábuas do outro lado.

Meu coração fica mais leve com a imagem, apesar de a situação parecer prestes a se desdobrar em algo mais perigoso.

— Pressa! — grito o mais alto que consigo quando nos aproximamos. Eu balanço as mãos no ar.

Ela vira a cabeça na minha direção e os olhos escuros me procuram na multidão. Finalmente encontra onde estamos.

— Éden? — diz com incredulidade. A expressão dela se ilumina quando ela me vê.

Eu nem hesito. Começo a abrir caminho na multidão para chegar onde ela está com o pai. Pressa aperta meu braço como um torno. Seus olhos estão arregalados e frenéticos.

— Tudo está desmoronando — diz ela, afobada. — As pessoas estão tentando roubar nossos remédios.

Atrás de mim, Daniel e June também abriram caminho até o alto dos degraus. Quando um homem tentando entrar na loja empurra de repente o

pai da Pressa, June dá uma cotovelada tão rápida que quebra o nariz do homem antes que ele consiga reagir. Ele grita de dor e recua.

June aperta os olhos para ele e ergue a voz na multidão.

— Polícia! — grita. — Pra trás, *agora*!

A autoridade na voz dela é tão militar que, ao menos naquele momento, todo mundo presta atenção. Ao lado dela, Daniel empurra duas pessoas para longe da entrada.

Eu me viro para Pressa.

— Você e seu pai têm que sair daqui — digo. — Deixar a loja. Dominic Hann destruiu o sistema de Níveis, então não vai voltar tão cedo. A situação vai ferver.

Pressa olha desesperada para onde o pai está, montando guarda na entrada.

— Mas nem ferrando que a gente vai sair daqui — responde ela. — Não posso deixar meu pai pra trás, e ele não vai abrir mão do trabalho da vida toda.

Eu trinco os dentes e começo a puxá-la comigo.

— Você entende como isso é perigoso? Estou falando da vida de vocês!

Ela se solta da minha mão. Seus olhos brilham com raiva e medo.

— Você acha que eu sou burra? Isso é tudo que a gente tem, Éden! *Tudo!*

— É uma *loja*, Pressa, não suas vidas!

— Essa loja é uma coisa que meu pai construiu a vida inteira. É o que nos impede de sermos sem-teto. Ele não vai fugir, e eu não vou sair do lado dele. — Ela me olha com expressão amarga. — Não que eu espere que um garoto do céu como você entenda.

Ela volta correndo para o pai. O sr. Yu está agora implorando às pessoas que estão tentando passar por ele.

— Por favor! — grita ele. — Eu conheço muitos de vocês há anos!

Mas a fome e o caos estão crescendo a ponto de explodir. Vejo dois homens entrarem quebrando uma das janelas laterais. Eles cambaleiam pela loja e começam a jogar todas as ervas e latas que encontram em um saco. Outros entram também.

Falo um palavrão ao ver isso. Daniel está lutando para impedir que a maré de pessoas entre pela janela lateral quebrada, enquanto June

permanece firme na entrada principal. Empurro para longe uma mulher que abria caminho na direção de outra janela.

Pressa protege o pai e, junto com Marren, o puxa para trás. O sr. Yu está chorando agora: há lágrimas escorrendo copiosamente pelo rosto dele enquanto tenta em vão dizer para as pessoas pararem de pegar seus remédios.

— Por favor! — grita sem parar, agarrando uma manga, um braço ou uma perna de calça sempre que pode. — Parem! Por favor!

Isso vai dar errado. O pensamento se amplifica até se tornar um grito na minha cabeça. Meus batimentos aceleram até eu achar que meu coração vai explodir. É a sensação de estar amarrado em uma maca nos segundos anteriores a um soldado atirar na minha mãe.

Isso vai dar muito errado.

Vejo acontecer em câmera lenta.

Um homem jovem e magricela com bochechas fundas vai direto para a entrada da loja, tentando passar embaixo dos braços esticados do sr. Yu. Ele tropeça na correria, cai e bate o rosto com força na beirada da porta. Faz um corte fundo nas bochechas.

O sr. Yu se vira para o rapaz. Vejo a preocupação nos olhos dele… e em vez de empurrar o jovem para fora da loja, ele se inclina para ajudá-lo.

— Calma — diz o sr. Yu para o jovem no chão, que segura o rosto e geme. — O corte está feio. Vou ajudar com um curativo…

Mas o jovem se vira contra o sr. Yu em fúria cega. Pressa vê o brilho no ar na mesma hora que eu. Ela grita e segura o pai para puxá-lo para longe, ao mesmo tempo em que ele apanha uma atadura. Eu abro a boca e corro na direção dos dois.

Nenhum de nós é rápido o bastante. A faca do jovem afunda na barriga do sr. Yu. Uma vez. Duas.

Eu colido contra o homem com força e derrubo a faca da mão dele. A arma sai girando no chão quando ele e eu caímos. Acima de mim, Pressa segura o pai, que aperta a própria barriga, os olhos úmidos arregalados de choque.

Eu e o rapaz nos engalfinhamos no piso. Ele é surpreendentemente forte para o tamanho, como se estivesse lutando pela vida. Eu o chuto para longe

de mim com força suficiente para ele se chocar contra a parede. Ele bate a cabeça e a sacode, atordoado por um momento.

Daniel vê a comoção e se aproxima, mas já é tarde demais. O pai de Pressa cai de joelhos no chão enquanto as pessoas correm em volta dele, querendo pegar tudo das prateleiras. O rosto do sr. Yu fica branco como papel e ele está tremendo descontroladamente. Entre os dedos que apertam a barriga, o sangue escuro escorre.

— Pai! — Pressa está gritando enquanto o ajuda a se encostar na parede da loja. Ela aperta a mão nos ferimentos. O sangue se espalha pela pele dela. — *Pai!* — Ela olha para mim, desamparada. — Chama uma ambulância! Agora!

Mas, sem o sistema de Níveis, não dá para fazer uma ligação para ninguém. Corro para a rua para tentar chamar o policial mais próximo, mas tem tanta gente nas ruas, algumas abrindo caminho para dentro de outras lojas, outras tentando em vão as impedir. Eu corro para dentro novamente, me inclino ao lado do sr. Yu e tiro minha jaqueta fina.

Os olhos do sr. Yu tremem fracamente para mim antes de se virarem para Pressa. A respiração dele está irregular. Ele sussurra alguma coisa para a filha, algo que soa como se tentasse convencê-la a ir embora. Pressa o ignora e continua se esforçando para estancar o sangramento.

Seguro a mão do sr. Yu e a aperto com força. Antes que qualquer um de nós possa fazer alguma coisa, os olhos dele se apagam, a luz virando nada. O tremor para. Uma de suas mãos ainda agarra o curativo que ele estava preparando para ajudar o seu assassino. Está manchado de vermelho agora.

As mãos de Pressa ainda estão apertando os ferimentos do pai. Ao nosso redor as pessoas se acotovelam até as prateleiras para pegar punhados de ervas e pós, saltando por cima do corpo do sr. Yu como se não passasse de um obstáculo.

Percebo que estou puxando o braço de Pressa, dizendo para ela que temos que ir. Ela tenta se soltar de mim e voltar ao que estava fazendo. Só quando June e Daniel se juntam a mim é que conseguimos tirar Pressa do devaneio e começar a arrastá-la para longe da loja. Marren corre para a rua e se vira para olhar com impotência as pessoas tomarem a loja. Só então Pressa cai no choro junto a mim.

Forço os olhos a desviarem da cena ao nosso redor. Por mais que o país seja forte, por mais invencível que se possa parecer… sempre tem um limite. Sempre tem alguma coisa que pode fazer a casa toda cair.

DANIEL

Sei como é ser obrigado a deixar seu lar para trás. Sei como é perder um pai ou uma mãe. Sentir-se impotente enquanto o mundo ao seu redor queima.

A garota chamada Pressa está quieta quando saímos do hospital na manhã seguinte, onde já cobriram o corpo do pai dela. Ela não me olha. Quase não fala com Éden, que está com o braço em volta dela em um gesto protetor.

Sinto pena da garota. Nos olhos dela, vejo a imagem espelhada da minha própria dor do passado. Ouço o eco dos meus gritos e o sangue no chão.

— O avião do Eleitor decola em meia hora — diz June com voz baixa para mim enquanto andamos para o elevador. — Temos que ir logo. Seu Presidente também decola em breve.

Eu assinto para June e olho novamente para meu irmão e sua amiga. Nesse momento, parece que estamos de volta às ruas da República, evacuando enquanto as Colônias se aproximavam. Mas não é uma batalha de força externa. É a consequência de um sistema defeituoso, uma coisa que estava apodrecendo por baixo de um exterior brilhante.

Nas telas do saguão do SIA, vemos a polícia empurrando as multidões da Cidade Inferior para trás, os cassetetes na mão, as armas reluzindo. Pessoas caindo.

Afasto o olhar das imagens e sigo em frente. Meu trabalho é manter Éden em segurança. E, no momento, o único caminho para a segurança é sair do país.

Entramos no elevador, agora funcionando apenas com energia de emergência.

Enquanto subimos para o andar mais alto, o jato do Eleitor aparece. Olho para ele, a tinta vermelha e preta marcando as laterais do avião, o nariz anguloso, as luzes pontilhando a plataforma ao redor. A cena toda parece surreal.

Ando ao lado de June, com meu irmão e Pressa silenciosamente ao meu lado. Que pensamentos devem estar passando na cabeça dele? Como foram os seus

últimos momentos com Dominic Hann? Mas não tenho tempo para ficar pensando nisso antes de estarmos dentro do jato, sentados na frente de Anden.

Quando os motores são ligados e a aeronave sobe no ar, olho pela janela para a cidade lá embaixo. A fumaça sobe das ruas mais baixas, enevoando as luzes ainda acesas dos andares mais elevados. Sem as camadas coloridas da cidade, o lugar parece mais vulnerável do que eu imaginava; os prédios brancos, sem substância. Pontinhos de pessoas correm para lá e para cá por passarelas que conectam os prédios como uma teia.

Parece guerra. Parece uma coisa que já vi demais na vida. Conforme subimos, a cena abaixo some com as nuvens e me vejo imaginando se há tempos de paz na história, se podemos encontrar uma forma de escapar do ciclo de destruição que nós mesmos geramos.

Se há, eu ainda não vi.

LOS ANGELES

REPÚBLICA DA AMÉRICA



PASSO AS DOZE HORAS NO AVIÃO DESENHANDO UM ESQUEMA ATRÁS DO OUTRO.

É o mesmo hábito que surge toda vez que estou tentando me distrair das minhas ansiedades. Meus desenhos são o que me lembro de ter feito no dispositivo de Dominic Hann, mas não são o suficiente; eu não tive acesso a tudo, e, como resultado, termino sempre com uma ideia inacabada de como ele conseguiu derrubar todo o sistema antártico de Ross City com um único golpe.

— *Éden*.

Demoro um tempo para perceber que Pressa está dizendo meu nome. Paro de desenhar num sobressalto e a vejo me observando, uma xícara de chá fumegante nas mãos. Ela bota a xícara na mesa na minha frente.

— Obrigado — murmuro, e me obrigo a encostar no assento e fechar as mãos na xícara. O calor queima minha pele, mas o choque repentino também é bom.

Pressa vira os olhos escuros para a janela. Prende o cabelo atrás das orelhas.

— Obrigada por me trazer com você — diz ela com voz baixa.

Ela ficou em silêncio durante quase toda a viagem, os olhos fundos e vermelhos de pesar. Agora, olha com inquietação para o interior do jato do Eleitor. É um espaço luxuoso, o teto arredondado alto e as laterais cheias de sofás e poltronas macias. Atrás de nós, duas camas com cortinas pesadas em volta ocupam os fundos do avião, junto com um banheiro tão bom quanto o do nosso apartamento.

O olhar dela volta toda hora para o Eleitor, que está sentado do outro lado, perto da frente do avião e está conversando em voz baixa com June. Daniel está acomodado ao lado dela, o olhar virado para a cena do lado de

fora da janela. Apesar do esforço para parecer que ele não está prestando atenção ao que estão dizendo, percebo que está ouvindo cada partezinha. Assim como continua reparando em onde estou agora e no que estou fazendo, embora nunca fosse demonstrar.

O olhar de Pressa se volta brevemente para o meu esquema e depois para mim.

— Você vai precisar descansar se quiser fazer mais algum progresso, sabe — murmura ela. — Você ficou desenhando sem parar o voo todo.

— Eu sei. — Esfrego meus olhos cansados. — É que… o sistema de Níveis foi destruído por minha causa. Meu motor deu energia àquela máquina, e eu deixei acontecer. Eu tenho que resolver isso.

O olhar dela se suaviza.

— Não foi sua culpa.

— Não? — Eu boto a xícara na mesa com repulsa.

— Eu não devia ter te levado pra corrida de drones.

— Que escolha você tinha? — digo com delicadeza. — Você estava tentando ajudar seu pai. Mas acabei dando a Hann a última peça que ele precisava para o quebra-cabeça.

E, agora, o sr. Yu se foi. Vejo dor recente surgir no rosto de Pressa e escondo o rosto nas mãos. Números e diagramas ocupam minha mente exausta.

Pressa acaba balançando a cabeça.

— Hann teria conseguido de alguma forma, com ou sem você. Ele não teria como agir tão rápido se não fosse assim. — Ela apoia os cotovelos na mesa entre nós. — Quanto tempo ele deve ter demorado pra montar aquilo? Meses? Anos?

Folheio incessantemente meus desenhos inúteis.

— Tempo suficiente pra ninguém ter reparado nele construindo aquele tipo de infraestrutura. — O único consolo que tenho é que pelo menos ele usou *mesmo* uma parte de uma coisa que eu criei. Isso me dá um ponto inicial para tentar entender o resto do quebra-cabeça, pelo menos. Mas não há muito tempo para isso.

Quando penso em Hann, sinto um aperto estranho no peito de algo incerto. A lembrança dos seus olhos sérios retorna, junto com a história que

ele me contou sobre o que aconteceu com a família dele.

Você me lembra meu filho.

Essas palavras não deviam me acompanhar. Até onde eu sei, podem ser mentira. Mas a dor nos olhos dele quando as falou…

Ele soltou meu irmão. Ele *me* soltou.

Ele derrubou o mesmo sistema do qual Daniel falava mal para seus superiores, que eu odiava e desafiava em todas as oportunidades que pudesse ter.

É culpa dele o pai da Pressa estar morto, tento lembrar a mim mesmo.

Mas foi Hann que o matou ou foi o sistema de Ross City?

O avião mergulha de leve e um anúncio do capitão soa nos alto-falantes. Paro para olhar pela janela e vejo um contorno familiar de terra surgindo sob as nuvens. A curva da costa da Califórnia.

De repente, os pensamentos sobre Hann se minimizam quando percebo que estamos agora oficialmente sobre as águas da República.

Do outro lado do avião, Daniel enrijece com a vista e se empertiga no assento. Por um breve momento, o olhar dele se desvia até o meu. Eu me lembro da última vez que fizemos uma visita, no quanto foi inquietante voltar para a nossa terra.

Agora, estamos de volta.

E a República é estranhamente nossa salvadora.

✪✪✪

Meia hora depois, saímos do avião e estamos descendo a rampa. Vou em silêncio atrás de June e do Eleitor. Ao meu lado, Pressa fica agarrada ao meu braço enquanto observa a entrada do aeroporto de Los Angeles. Tudo está tão diferente aqui, como se tivéssemos voltado no tempo para uma era diferente. Colunas gigantescas e brutais cobertas de faixas ousadas em vermelho e preto anunciam o retorno do Eleitor ao seu país. Janelas altas e retangulares. Nenhuma camada de realidade aumentada e nem imagens virtuais no ar.

Daniel também se mantém em silêncio, a cabeça baixa e as mãos enfiadas nos bolsos. Soldados da República com uniformes familiares vermelhos e pretos fazem posição de sentido quando passamos. Vejo meu irmão fazer

uma careta leve quando eles se movem. Mesmo quando estivemos aqui semanas antes para a minha entrevista, ele ficou mais quieto do que o habitual. Todos os instintos dele devem estar dizendo que aqueles guardas estão aqui para nos matar, para o prender, para levar a família dele.

De repente, sinto uma onda de culpa pelos dias que ele sempre passava vagando pela Cidade Inferior. Uma coisa é ouvi-lo me contar sobre o quanto quer deixar nosso passado para trás. Outra bem diferente é ver o passado assombrando cada linha do corpo dele.

Conforme somos levados para o aeroporto, um grupo de repórteres corre para as grades que os separam de nós. Uma parede de câmeras clica em velocidade máxima, e somos mergulhados num mar de luzes ofuscantes e vozes gritadas.

— Sr. Wing! Sr. Wing! Daniel!

— Comandante Iparis!

— Eleitor! Eleitor, aqui!

Eu pisco, surpreso pelo ataque. À minha frente, Daniel enrijece ainda mais ao lado de June, mantendo a cabeça baixa enquanto as equipes de jornalismo se empurram na tentativa de se aproximar. Passo o braço instintivamente em volta de Pressa, que está de olhos arregalados com a confusão.

June é quem parece mais calma. Ela levanta a cabeça e estala os dedos para os outros guardas andando ao lado do Eleitor, e eles apertam a formação de forma protetora. Ela se encosta em Daniel o suficiente para seus ombros se tocarem. Quando um repórter excessivamente impaciente coloca a câmera perto demais do rosto de Daniel, June empurra o homem sem cerimônia.

— Abram caminho! Mantenham essa área livre! — A voz dela não treme e é eficiente. Os repórteres se afastam com obediência, mas seguem atrás de nós numa maré constante.

— Daniel! *Éden!* Aqui!

Eu me viro ao ouvir a voz familiar.

Ali, no meio da multidão reunida para ver a chegada do Eleitor (e de Daniel), está Tess, o rosto luminoso como sempre e o braço balançando alto acima da cabeça dos outros.

Ela não tenta ir até June, que tecnicamente ainda está em formação, protegendo o Eleitor, mas vejo as duas trocarem um sorriso e uma piscadela. Então Tess se afasta do grupo do Eleitor e vem na nossa direção.

Eu a vi pela primeira vez um mês atrás, quando voltamos à República para a minha entrevista de estágio. Eu não reconheci muito nela da garotinha de quem me lembrava, pequena, insegura, com ombros encolhidos e olhos arregalados, sempre retorcendo as mãos. Ela estava alta e com as costas eretas, o cabelo castanho acima dos ombros, os movimentos confiantes e precisos, combinando com a postura de cirurgiã. Mas o brilho nos olhos, o eco vibrante na voz… *isso* estava igual. E ainda está agora.

Ela espera até termos saído e que os guardas a deixem se aproximar, depois vem na nossa direção e passa os braços pelo pescoço do Daniel.

Meu irmão não hesita. Ele a envolve com os braços e a aperta com tanta força que a levanta um pouco do chão. As câmeras ao nosso redor clicam sem parar. Quando a coloca de volta no chão, Daniel aperta o nariz de Tess da mesma forma como fazia comigo quando eu era criança. Ela protesta e empurra o ombro dele. Como uma irmã. Ele apenas dá risada.

Isso me faz perceber quanto tempo faz que não o ouço emitir um som tão leve.

— Bem-vindo de volta — exclama ela, sorrindo para ele, depois olhando para Pressa e para mim. Ela levanta a mão para me dar um tapinha na bochecha. — Você não anda dormindo muito desde a última vez que te vi.

— Estou bem agora — digo, tentando não mostrar meu constrangimento. Ali perto, Pressa observa tudo com expressão incerta no rosto.

Tess sorri timidamente para ela antes de esticar a mão. Pressa a segura e Tess aperta uma vez.

— Esta é Pressa — digo. — Uma amiga minha.

O que *quero* dizer é *minha melhor amiga, minha confidente, a garota que me deixa mais ousado do que acho que posso ser*. Mas *uma amiga minha* é o que sai. Parece descuidado, frio até.

— É um prazer conhecer você — diz Tess para ela, que consegue dar um sorriso.

— Idem — responde Pressa. Mas vejo uma leve tensão na forma como se afasta de mim.

Tem vários carros nos esperando na zona de desembarque do aeroporto. Pressa e eu vamos atrás de Daniel em um segundo carro. June e Tess sentam-se nos assentos à nossa frente. As portas se fecham, e o barulho de fora vira um ruído baixo. Aqui, os ombros do Daniel relaxam e ele se encosta no apoio de cabeça de couro. A República pode não ter a alta tecnologia da Antártida, pois não há autocarros e nem ferrovias para todos os lados aqui, mas é reconfortante. Nosso motorista, um soldado da República, dá um aceno breve antes de seguir o grupo de carros do Eleitor pela estrada.

— As notícias da Antártida estão em todos os noticiários daqui — diz Tess enquanto se vira no banco para nos olhar. — É verdade o que aconteceu com o sistema de Níveis? Eu achava que era completamente seguro.

— Nada é completamente seguro — diz Daniel no silêncio que se segue. — Mas nós não imaginávamos a rapidez com que ia cair. Tudo funciona até não funcionar mais.

— E agora? — June olha de Daniel para mim, os olhos prateados nas barras de sol e sombra percorrendo o interior do carro. — Qual é o plano desse homem?

Daniel balança a cabeça.

— Você derruba a base de um lugar, racha as paredes e qualquer coisa pode entrar. Tem incêndios nas ruas, tudo está um caos. E caos é exatamente o que alguém como Dominic Hann mais gosta.

Há raiva de verdade na voz dele. Com esse golpe, Hann vai tirar vantagem da máscara de libertação para pegar o poder para si. No caos, monstros ascendem rapidamente.

Se Hann *é* ou não um monstro… ainda não tenho certeza.

Tess franze a testa para nós e balança a cabeça.

— Nós todos sabemos o que o caos pode fazer — diz ela com impaciência, sacudindo a mão para nós. — Mas acho que o que June está perguntando é o que ele quer fazer com esse caos. Especificamente.

Ao ouvir isso, Pressa se empertiga ao meu lado, arrancada do torpor da apresentação sufocante da República. Ela inclina a cabeça para Tess.

— Eu não tinha pensado nisso — diz. — Hann derrubou o sistema inteiro. E se ele souber o suficiente para o trazer de volta? Botar pra

funcionar e o mudar de forma que seja adequado a ele?

Tess concorda com ela.

— É o que um ditador faria — responde ela. — A pura anarquia nunca é o que eles procuram.

Um pensamento encaixa no lugar. Às vezes, eu esqueço que Tess é uma garota que morava na rua e que quase não sobreviveu à mesma revolução que nós. Ela sabe muito bem como uma sociedade desmorona.

Parece um próximo passo óbvio. Por que Hann derrubaria um sistema de controle para simplesmente se livrar dele?

E, de repente, me percebo pensando nos diagramas sob uma luz diferente. Reviro meus bolsos e pego todos os papéis, uma confusão amassada. Eu os estico no colo. Pressa olha por cima do meu ombro.

Não é surpresa que tantas partes da máquina parecessem aos meus olhos que não precisavam existir. Talvez seja porque ela não foi construída só para derrubar o sistema de Níveis. Talvez a invenção de Hann também tenha sido elaborada para o criar de volta.

Quando ergo o olhar, vejo os olhos de Daniel grudados nos meus. Isso, pelo menos, é uma coisa que ele reconhece em mim: quando vê uma fagulha de ideia no meu rosto.

— Em que você está pensando, Éden? — pergunta ele.

Está na hora de outra pessoa comandar este lugar. As últimas palavras que Hann me disse atravessam meus pensamentos, ardentes e claras.

— E se Hann for reconstruí-lo? — digo automaticamente. — O sistema de Níveis? — Aponto para várias partes da máquina que eu não tinha entendido. — E se ele for implementar um sistema novo, com ele no comando?

A pausa que vem em seguida é densa e ameaçadora.

June finalmente assente para mim.

— O quanto você sabe sobre esse dispositivo? — pergunta ela.

— Não o suficiente — respondo.

— Qualquer coisa é melhor do que nada. — Ela ergue uma sobrancelha para mim. — Odeio dizer isso, mas você interferir pode ser exatamente o que vai derrubar Hann.

DANIEL

TUDO NA REPÚBLICA É FAMILIAR E ESTRANHO.

Estou quieto enquanto ando com June ao pôr do sol pelas ruas de Los Angeles, onde nos conhecemos tanto tempo atrás. Quando voltei com Éden pela primeira vez, não tive tempo nem coragem de andar pelos meus antigos esconderijos. Agora que estou fazendo isso, lembro por que hesitei.

June caminha comigo e me deixa observar tudo. Os arranha-céus modernos e os andares caóticos e confusos da Antártida são um mundo distante em comparação àquele lugar. A névoa vermelho-dourada pairando sobre o lago no centro de Los Angeles, as rodas de água de metal girando na água. O cheiro de massa frita, de ovos de ganso cozidos e de salsicha de porco-pigmeu enchendo a rua. A separação entre ricos e pobres, os distritos abastados e os outros distritos, ainda simples. Essas imagens estão claras entre os buracos na minha memória, e, com elas, acho que posso montar o resto do que minha infância foi naquelas ruas.

Mas tem coisas que não reconheço. Não tem mais *X*s pintados nas portas com sprays. Não tem mais patrulhas da peste percorrendo as ruas do meu próprio bairro. Há hortas agora, áreas verdes ocupando o chão aqui e ali, o resultado de as pessoas poderem criar e vender produtos. E, mais do que tudo...

Andaimes. Para todo lado. Construções, torres em ruína e casas destruídas, estão sendo derrubadas e sendo reconstruídas, e os ossos de aço dos locais de construção ocupam o horizonte. Há planos de parques, lojas particulares, bairros mais seguros.

— Faz uma década — diz June ao notar o meu olhar nos guindastes no horizonte. Como sempre, ela está lendo meus pensamentos. — Mas a mudança ainda é lenta. Anden está tentando cobrir esse vão com projetos novos. Não temos dinheiro para nada disso, mas ele está confiante de que vai conseguir que investimentos internacionais mantenham nosso ritmo. Espero que ele esteja

certo.

Meus pensamentos desviam da República para a sensação da mão macia de June na minha. Ela chega perto de mim quando nos aproximamos da água. O constrangimento entre nós ainda está presente, mas pelo menos está mais fraco. Eu saboreio o toque dela. A lembrança dela nos meus braços várias noites atrás volta agora em uma onda de calor. De alguma forma, ao lado de June, esse redemoinho de lembranças e lugares sombrios sossega dentro de mim, e consigo me lembrar melhor das coisas.

Paro em um cruzamento marcado pela beirada do lago de um lado e um par de torres subindo do outro. Uma das torres é velha, como me lembro dela, camadas decrépitas de concreto marcadas por água e sujeira, o andar mais baixo da entrada mal-iluminada de um bar e os andares de cima coloridos pelos varais de roupa secando e plantas caindo de beiradas de varandas enferrujadas.

A outra torre é nova, uma estrutura de linhas retas e pedra polida, as laterais cobertas pelas faixas vermelhas da República. Nos degraus que levam à entrada há palavras que nunca vi entalhadas num prédio daqui: MUSEU DE HISTÓRIA DA REPÚBLICA.

Olho para June e ela assente brevemente.

— Vem. — Ela puxa minha mão e começa a subir a escada. — Terminaram este ano.

Concordo sem falar nada e vou atrás dela. É melhor do que ficar parado no meio da rua, perdido em lembranças que não quero. Tentando manter os medos do passado distantes.

Dentro, curadores de vermelho e preto estão parados junto às entradas das muitas salas do museu. Eles inclinam a cabeça em reconhecimento ao nos verem. Nossas botas ecoam no piso de pedra.

Nós observamos a exposição em silêncio. É um memorial aos horrores do passado. O traje de tamanho infantil de um participante das Provas, simples e branco, agora emoldurado e pendurado. Um uniforme do controle de pragas dentro de um vidro, a máscara de gás enferrujada e sem face. Retratos do falecido Eleitor e dos que vieram antes dele, todos ocupando a parede dos fundos. Anden proibiu que o retrato dele fosse pendurado em toda parte pouco depois do fim da guerra com as Colônias. Acho que um deles veio parar aqui.

Percorremos as salas sem falar. Há vídeos antigos dos telões, o juramento que

recitávamos todas as manhãs, mapas gigantes pendurados por cabos de aço do teto, indicando como e onde as fronteiras da América mudaram ao longo dos anos. Há até salas dedicadas à América antes da República, quando éramos unificados com as Colônias. Fico olhando, sufocado, para as placas que descrevem os eventos que levaram à guerra que nos dividiu. Batizaram de Guerra de Coranda em homenagem ao jovem general que deu o golpe inicial e se tornou o Primeiro Eleitor da República.

Não chamam de Guerra Civil. Já tinha havido uma assim que dividiu a nação antes, centenas de anos atrás, durante uma época em que a escravização de seres humanos era legal com base apenas na cor da pele. Tem uma sala inteira dedicada a isso, à América unificada e sinistra de antes de existirmos.

Ficamos tanto tempo nessa sala que os curadores precisam nos pedir para irmos embora para fecharem o museu. Eu não digo nada. Talvez os Estados Unidos só tenham sido realmente unidos para alguns poucos. Talvez este lugar sempre tenha sido uma distopia.

O sol está abaixo das nuvens quando saímos pela porta do museu novamente, e a luz na neblina do lago deixa o céu e a água dourados. Fico ali parado com June por um momento, observando o cruzamento.

— Tinha uma fila de lojas de penhores e barracas de comida onde agora fica o museu — digo, e aponto para o bar do outro lado da rua. — Conheci Kaede ali.

As lembranças estão espalhadas e fragmentadas, uma imagem desbotada de um interior escuro, uma garota asiática com tatuagem de videira no pescoço inclinada sobre o balcão do bar para me dar uma pista. Depois, uma viela estreita, uma multidão reunida em ringues sujos e velhos, as vozes roucas de tanto gritar. Eu, vendo a jovem Tess abrindo caminho pelas pessoas para fazer uma aposta para nós.

— Foi aqui que te vi pela primeira vez — digo com voz baixa, meus olhos na rua estreita entre as duas torres. O espaço está vazio agora, os gritos dos apostadores na luta de Skiz são nada além de um eco do passado.

O rosto da June está sério. Ela não se vira na direção da viela, e percebo com um susto que é porque lembra a ela da época mais sombria da sua vida. Reconheço a mesma luz sombria que via então nos olhos dela. A lembrança gera em mim, clara e focalizada, mais uma peça do quebra-cabeça que é June.

— Eu não gosto de vir aqui — diz ela com voz baixa. — Me lembra demais a

morte dele. Tudo que aconteceu depois.

Ela não precisa dizer o nome do irmão. *Metias*. Tento me lembrar da primeira vez que o vi e não consigo. Para mim, ele não passa de uma mancha de uniforme da República, na noite. O que vem a minha cabeça é uma imagem de John, a jaqueta sobre o ombro enquanto seguia para casa, cansado depois de um turno longo na fábrica. Eu me lembro dele lendo à luz de velas, uma palavra lenta e regular após a outra.

June se ajustou melhor do que qualquer um de nós. Mas, mesmo assim, ela tem medo do passado. Como eu. Nós podemos não ser as mesmas pessoas que éramos. Talvez nós nunca descubramos o caminho de volta para lá. Mas carregamos as mesmas cicatrizes dos mesmos ferimentos antigos.

Estico a mão e pego a dela.

— Você está aqui — respondo, puxando-a para perto. — Vivendo no futuro, mudando o mundo ao seu redor. Ele sempre vai ser parte da sua história.

June se encosta em mim e fecho os olhos quando ela apoia o queixo no meu ombro, o corpo ereto e confiante cansado de repente. June não responde. Sabe que eu entendo como é amar um irmão, sentir dor pela ausência dele, e se preocupar pelo que ainda está aqui.

— Você precisa conversar com ele — diz June, se afastando rápido demais. Seus olhos se voltam para mim. — Com o Éden. Ele é você agora, na posição em que você já esteve.

Enfio as mãos nos bolsos de novo e olho para a água brilhante.

— Ele é o único de nós que tem alguma compreensão do trabalho do Dominic Hann. Não é a primeira vez que uma nação cai de repente nos ombros dele. Ele precisa saber que você *o entende*, Daniel. Que consegue ver o passado como ele vê, não como nós vemos. Que você vai estar ao lado dele. Ele não pode seguir em frente e resolver isso sem você.

Ver o passado como ele vê.

Olho na direção onde fica nossa residência atual, um condomínio moderno distante em um distrito abastado. Penso no olhar perdido de Éden, na expressão assombrada quando a casa está quieta e ele acha que não tem ninguém por perto. Penso na raiva desafiadora no olhar dele sempre que discutimos. Ele aprendeu isso dos dois irmãos mais velhos, do John e de mim. E, talvez, na minha cruzada singular para o proteger, eu nunca tenha reconhecido que ele pode usar

a provocação dele da mesma forma que John e eu já usamos. Para mudar coisas.

Alguns passados não podem ficar para trás. Precisam ser combatidos.

✪✪✪

Quando o sol finalmente se põe, Los Angeles se transforma novamente na vista noturna que conheço tão bem: as ruas escuras e sujas, bolsões da grade da cidade escuros, pois alguns setores têm blecautes planejados para economizar eletricidade.

Estou empoleirado em um peitoril com vista da nossa casa quando Éden vai para a entrada. Ele está me esperando, porque vira automaticamente a cabeça para cima sem que eu nem mova um músculo.

— Espionando de novo? — grita ele com a sobrancelha erguida.

Dou de ombros e viro o olhar para as luzes da cidade na direção do horizonte.

— Só esperando você voltar. Não é que não haja precedente pra você se meter em confusão quando some.

Pulo do peitoril e me encosto na entrada do apartamento. Ele está pálido, e percebo que por trás do exterior hesitante há uma corrente forte de culpa por tudo que aconteceu. Círculos escuros e fundos surgiram embaixo dos seus olhos.

Uma pontada de dor me atinge. Hann fez isso com ele. Mas eu também.

— Ei — digo baixinho, indicando o contorno do setor de Lake. Estudar a paisagem familiar gera outra corrente de medo e pânico em mim. Mas, desta vez, obrigo o sentimento a sumir. Tenho que fazer isso por ele. — Vou sair pra correr. Quer vir comigo?

Éden arregala os olhos de leve em surpresa. Ele sabe que eu nunca confiei nas capacidades físicas dele, e o convite o pega desprevenido. Isso parece encravar um punhal ainda mais fundo no meu peito. Eu tinha tentado protegê-lo tanto apenas para virar mais uma pessoa que o magoou?

Mas, para o meu alívio, Éden concorda. Um sorriso leve surge nos lábios dele.

— Claro. Mas você vai ter que ir na frente.

ÉDEN

A DEFINIÇÃO DE CORRIDA DO DANIEL, CLARO, É DIFERENTE DA DE TODO MUNDO. Em todos os anos que ele passou correndo pelos telhados e escorregando como óleo entre varandas e grades, ele nunca me chamou para acompanhá-lo, nunca me ensinou como consegue fazer essas coisas, nem sequer mencionou aonde vai. Na única vez em que tentei ir atrás dele pela lateral de um muro, quando eu tinha 14 anos, caí de costas e bati com o cóccix com tanta força que manquei por vários dias.

— Aonde vamos? — pergunto quando saímos do nosso prédio. Estamos usando roupas confortáveis, calças largas com elástico nos tornozelos, moletons macios com capuz, sapatos com boa tração. Tem uma energia nervosa vibrando na minha cabeça.

Daniel não parece incomodado. Ele anda na minha frente com a segurança absoluta de alguém que sabe aonde está indo. O cabelo louro desgrenhado balança a cada passo que ele dá. Tento acompanhar o ritmo.

— O quanto você acha que conhece bem o distrito de Lake? — pergunta para mim por cima do ombro.

Dou de ombros. É difícil pensar no nosso antigo bairro quando estamos hospedados no meio daquele distrito abastado.

— Eu me lembro da nossa rua — respondo. — Da fábrica do John. Do trabalho da mamãe. Das vielas onde jogávamos hóquei de rua. Por quê?

Na noite, as sombras caem no rosto do Daniel e escondem a expressão dele. Ele me olha de soslaio enquanto vira na direção dos distritos mais humildes. É fácil vê-los daquela vista na colina, as áreas da cidade onde as luzes são esparsas.

— Só vem comigo — diz ele, entrando em uma rua estreita que leva a trilhos. — Acho que está na hora de te mostrar como é minha lembrança do

nosso passado.

É uma antiga estação do metrô, o concreto coberto de camadas de pichação. Meu irmão indica os trilhos no local onde os primeiros brilhos de um trem cintilam na escuridão.

— Fica perto de mim — diz ele. — Vamos pegar leve hoje, mas, com o tempo, vou mostrar como atravesso as áreas mais difíceis da cidade.

Com o tempo.

— Você quer dizer que vai me levar em algumas das suas escapadas por Ross City?

Ele abre um sorriso breve quando o trem para.

— Vou *pensar* no caso — responde. — Se houver uma Ross City para a qual voltar. — Ele me leva para dentro do vagão, e a porta de vidro se fecha atrás de nós.

Meia hora depois, saímos nas ruas rachadas e humildes de Lake.

Tenho uma vaga lembrança desse cruzamento: é por onde eu passava indo para a escola, ao menos antes de tudo acontecer. Olho com curiosidade quando Daniel caminha até a parede de um prédio em uma viela e testa a bota nos tijolos em ruínas. Ele volta e aponta para me mostrar.

— Está vendo isto? — diz, tocando nas rachaduras nos tijolos. — Se você prender o pé em alguma coisa a essa altura, deve conseguir se segurar no parapeito do segundo andar. — Antes que eu tenha tempo de responder, ele recua um pouco, corre até a parede e apoia o pé nos tijolos. Estica a mão e se balança para o peitoril, depois sobe até a varanda mais próxima que vê. Fico olhando, perplexo, quando ele passa as pernas por cima da grade da varanda e se empoleira nela.

— Tudo bem — digo, olhando para os tijolos. — Me dá um segundo.

Na minha primeira tentativa, a bota escorrega nos tijolos e eu caio de costas. Preciso de mais quatro tentativas para conseguir apoio suficiente e alcançar o peitoril. Eu subo com dificuldade, puxando o corpo com cuidado pela parede até chegar na varanda. Daniel segura meu braço e me ajuda a subir.

Fico olhando para ele, esperando que me repreenda por ser descuidado, para que aquela preocupação apareça nos olhos dele. Mas ele só dá de ombros.

— Quanto mais você treinar, mais fácil vai ficar — declara. — Se você acabar encrencado na Cidade Inferior de novo, vai saber fazer uma escapada rápida.

Olho para ele com surpresa.

— Você não se importaria de eu ir para a Cidade Inferior sozinho?

Ele me olha com expressão desanimada.

— Depois de tudo que já passamos com Hann? Você vagar pela Cidade Inferior parece brincadeira de criança. — Ele indica a lateral do prédio, onde um par de cabos grossos se cruza entre os dois prédios da viela. — Vem. Vou mostrar onde eu ficava.

Eu o sigo com cuidado pelos cabos. Ele pisa rapidamente neles, com os passos tão firmes quanto se estivesse andando na rua. *Onde ele ficava*.

— John dizia que você nunca ia pra longe de casa — digo atrás dele enquanto tento manter o equilíbrio.

— Eu nunca contei ao John sobre todos os lugares aonde ia — responde Daniel. — Era mais seguro assim.

Daniel espera pacientemente enquanto levo alguns minutos a mais para atravessar os cabos. Acabamos chegando em um telhado plano e, de lá, pegamos uma escada de metal para subir para outro andar. A cada passo, vamos mais fundo no coração de Lake, até eu conseguir ver a margem ampla e escura, a água se movimentando lentamente abaixo de nós. Estou encharcado de suor agora, e minha respiração está rasa enquanto tento acompanhar Daniel.

Ele finalmente para numa rua cheia de barracões tortos e tendas fechadas, tudo trancado durante a noite. Eu nunca passei por ali. Pilhas de lixo ladeiam a rua e roupas velhas ocupam as laterais de cada barraca. Parece uma espécie de mercado.

Daniel indica o segundo andar de barracas em cima das primeiras. Aponta para uma vazia e para as sombras atrás. Eu o sigo pela lateral das barracas do primeiro andar até nossas botas baterem nas folhas de metal dos telhados. O segundo andar é baixo a ponto de precisarmos andar de cabeça encurvada. Daniel nos leva até as sombras onde as tendas estão encostadas na parede.

Ali, a parede está desmoronando, e há pequenos buracos côncavos de

tijolos soltos escondidos atrás das cortinas de roupas das barracas do segundo andar. É um espaço pequeno, suficiente apenas para alguém se encolher sem ser visto.

Daniel se agacha ali por um momento, os olhos distantes. O corpo todo está tenso, e as mãos se movem com inquietação. Ele engole em seco. Parece que está precisando de toda força que tem para estar de volta ali.

— Quando eu comecei a vagar pelas ruas — diz ele —, eu procurava esses buracos nos mercados. Eram altos e secos, na maior parte, e a polícia de rua não incomodava se fizesse uma batida no bairro. Era possível ter uma noite decente de sono sem ninguém saber que você tinha estado ali.

Olho sem acreditar para o espaço apertado. É imundo e escuro, cheio de tijolos e sujeira.

— Você dormia aqui? — sussurro.

Ele confirma.

— Durante anos. Não era tão ruim. Eu gostava por ser bem no meio dos mercados. Era mais fácil roubar comida.

Ele está com os lábios apertados agora. Olho para Daniel e me pergunto que tipo de esforço ele precisa fazer para remexer nessas lembranças. Ele nunca falou sobre os detalhes da sua vida de rua comigo. Eu não sabia nada sobre como sobrevivia, o que tinha que fazer, onde tinha que morar. Agora, tento imaginar meu irmão, a lenda da República, a estrela de Ross City, encolhido naquele lugar lamentável, precisando roubar comida.

E nunca entendi. Nunca *me dei ao trabalho* de entender o quanto ele abominava esse tipo de ambiente.

Daniel balança a cabeça para mim e começa a descer pela lateral das barracas. Eu vou atrás.

Ele me leva pelas vielas atrás dos mercados, apontando para as lixeiras. Estão transbordando e com pilhas de lixo em volta.

— Isso não mudou muito desde a época em que eu morava aqui — diz enquanto caminhamos. — Este era outro lugar pra pegar comida, se bem que mais nas noites desesperadas. Às vezes Tess e eu acampávamos em vielas como esta. A polícia de rua só fazia batidas por aqui de duas em duas noites, sabe? Faltavam fundos e pessoal.

Ele para no fim da viela e aponta para a água.

— Está vendo aquilo? — pergunta ele.

Olho com atenção. Elevando-se por sobre a superfície da água a uns cinquenta metros da margem tem um arranha-céu antigo e abandonado, vazio e já depenado, o esqueleto subindo escuro e ameaçador na noite. Destroços da estrutura sujam o lago todo.

Daniel sobe na ponta de um cais em ruínas e abandonado que segue pela água. Faz sinal para eu acompanhá-lo. Eu vou. Juntos, seguimos pelas tábuas podres do cais, pulando os pedaços que caíram no lago. Quando chegamos no fim, Daniel pula no andar mais baixo do arranha-céu que sai da água.

Corro e caio de joelhos ao lado dele. Ele abre um sorriso melancólico e nos acomodamos na beirada do prédio.

— John sempre nos mandava ficar longe do lago quando éramos crianças — digo por entre ofegos. — Ele dizia que esses arranha-céus eram cheios de gente perigosa.

Daniel assente.

— Ele não estava enganado. Era preciso tomar cuidado com as torres em que se escolhia ficar, com os andares aonde se ia. Sempre havia gangues aparecendo nessas estruturas. Eu tinha que ficar longe do caminho deles e lembrar quais eram seus horários. Mas é o melhor lugar que Tess e eu conseguimos encontrar. Sempre que tínhamos oportunidade de ficar nessas torres do lago, nós considerávamos o dia como sendo de sorte.

Uma pedra parece afundar no fundo do meu peito. Eu sempre quis saber por que ele nunca me contou essas histórias: por que parece não querer se lembrar do nosso lar, ou por que sempre esteve tão disposto a permanecer nos Andares do Céu de Ross City. Eu sabia, mas não sabia nada. Nunca caminhei por essas ruas como ele, nunca entendi o que ele enfrentava aqui todos os dias, uma criança com uma família com a qual não podia fazer contato.

Eu sempre fui atraído pelas ruas humildes de Lake, sempre desprezei a luxuosa ignorância da nossa casa atual.

Mas também nunca precisei me virar em Lake.

A gritaria, a movimentação de soldados na nossa casa. O som de um tiro na cabeça da nossa mãe. O passado lota minha mente, alto e implacável.

Daniel me observa em silêncio. O que vê na minha expressão, ele não diz, mas, depois de um tempo, ele afasta o olhar e se apoia em um braço.

— O quanto você se lembra do John? — pergunta ele.

Uma lembrança velha e enferrujada surge: Daniel e eu esperando perto da mesa de jantar, impacientes para que John volte para casa do trabalho para que a gente possa comer. O sorriso cansado do meu irmão mais velho, as bochechas ainda vermelhas do calor e da exaustão, os braços esticados quando eu saía correndo da mesa para cumprimentá-lo.

Agora, durante muitas noites eu esqueço que já tivemos outro irmão. Perceber isso me faz corar de vergonha.

— Não tanto quanto eu gostaria — respondo.

Daniel sorri.

— John foi quem me ensinou a trocar sua fralda, sabe.

Agora é minha vez de sorrir.

— Não era aí que eu achava que essa conversa ia chegar.

— Quem você acha que cuidava de você quando você era bebê e a mamãe tinha que trabalhar até tarde? — Daniel levanta a sobrancelha para mim. — John me arrastava até a mesa onde ele trocava sua fralda e nós dois ficávamos parados na sua frente, discutindo sobre o melhor jeito de botar uma fralda de pano enquanto você chorava aos berros. Era a pior tarefa do mundo. Ele me ensinou a botar você pra dormir e como descobrir quando você estava doente. Quase botei fogo na casa uma vez quando tentei fazer um purê de cenoura. John quase me matou por isso.

Tento visualizar dois garotos discutindo enquanto uma versão bebê de mim os olhava. Tento imaginar Daniel apagando freneticamente o fogo na cozinha enquanto John observava horrorizado. A ideia é tão ridícula que não consigo segurar uma gargalhada.

Daniel também solta uma gargalhada e balança a cabeça.

— Eu brigava com ele ainda mais do que brigo com você. Tudo era uma batalha. Ele odiava o quanto eu era impulsivo, o fato de que às vezes eu parava no meio da rua e reclamava da polícia bem alto, pra todo mundo ouvir. A quantidade de perguntas que eu fazia sobre por que os soldados da República tinham maltratado nosso pai ou pra onde ele tinha ido. Perdi as contas de quantas vezes ele teve que me arrastar pra casa depois que me

meti em alguma discussão sobre a história da República com as crianças da escola. Ele tinha certeza de que eu acabaria morto um dia pelo meu descuido ou que você pegaria meus maus hábitos. — Daniel suspira. — Acho que ele não estava enganado.

Uma brisa sopra por nós, trazendo junto o aroma de uma noite em Lake: comida frita de rua, fumaça, água salobra. Cruzo as pernas e tento ignorar o nó repentino que sobe na minha garganta.

— Eu devia ter te ouvido — finalmente digo, minha voz tão baixa que mal consigo me ouvir.

— Eu não poderia proteger você, assim como John não pôde me proteger. Você viu o mal deste mundo, forças poderosas que nenhum irmão poderia tentar esconder de você. E independentemente do que John fez ou do que eu faço, essas coisas ficam conosco pra sempre.

Eu começo a balançar a cabeça.

— John não devia ter sido obrigado a carregar esse peso. E nem *você*.

— Tentar afastá-lo da verdade do mundo só tornou as coisas piores pra você. — Daniel abre um sorriso triste para mim. — Este lugar também era o seu lar. Cada uma dessas ruas podres, dessas vielas estreitas. Foi aqui que crescemos, né? Mas eu morro de medo deste lugar, Éden. Tenho medo, ainda agora. Queria esconder de você, como se isso fosse impedi-lo de ter vontade de voltar, pra que você nunca precisasse saber como era. — Ele sacode a cabeça e olha para a água. — Como se deixar isso para trás pudesse significar que não existia mais.

Fito a escuridão, as vozes lotando minha mente. Como sempre, sinto que estou me retraindo, tentando ocultar de Daniel a confusão na minha cabeça, virá-la para dentro e deixar fervilhando lá até se misturar novamente com o pano de fundo. Mas não se mistura.

Daniel está olhando para mim agora, e percebo que é porque há lágrimas descendo pelas minhas bochechas. Eu nem tinha notado quando comecei a chorar. Constrangido, eu as limpo com raiva e tento me forçar a um estado de calma. Mas as lágrimas continuam vindo. Não consigo impedi-las.

Daniel estica as mãos e segura meus dois pulsos.

— Olha pra mim — diz ele, grudando os olhos nos meus. Estão intensos na noite, e neles vejo o mesmo irmão que uma vez enfrentou uma nação

inteira. — Não é fraqueza abrir seu coração. Você não é menos homem por pedir ajuda. Por procurar alguém quando está vulnerável. Por precisar de um ombro pra chorar. Você não precisa carregar o peso de nada sozinho. Entendeu? Sei como é ser obrigado a seguir sozinho. Não quero que se sinta assim nunca.

Começo a assentir em meio às lágrimas, desejando poder tê-lo procurado antes, desejando poder ser mais como ele de todas as formas.

— Eu os vejo todas as noites — digo para ele, as palavras entrecortadas. — Eles estão lá sempre que fecho os olhos. Eu me assusto com qualquer barulho. Vejo um soldado em cada pessoa parada numa esquina. Eu achava… achava que se pudesse afogar tudo isso na Cidade Inferior, se pudesse substituir por outra coisa igualmente barulhenta e sufocante, então talvez isso passasse… Eu achava que se pudesse ver a República de novo, voltar pra casa e entender meu passado…

A dor nos olhos do Daniel é intensa e real. O medo dessa imagem foi o que me manteve em silêncio por tanto tempo. Ele assente uma vez, as mãos firmes nos meus ombros.

— Eu também os vejo — diz ele baixinho. — Eu devia ter conversado com você sobre os meus pesadelos. Não posso esperar que você se abra comigo se eu não fizer o mesmo.

Eu assinto de novo.

— Me desculpe. Eu…

— Não precisa se desculpar. — Os olhos de Daniel se suavizam e ele me puxa para um abraço. — Você não fez nada de errado.

É o abraço dele que rompe minha última barreira. Eu choro e choro e choro. Choro porque nunca me permiti entender verdadeiramente meu próprio irmão, porque nunca entendi a mim mesmo. Choro por todas as vidas que nossos passados botaram em caminhos diferentes: por June ter perdido sua família, por Tess ter perdido sua infância, por Daniel ter precisado se tornar pai quando ainda era só um garoto. Eu choro porque estou grato que nós, apesar de tudo, ainda tenhamos encontrado um ao outro.

Porque às vezes as peças quebradas arrumam um jeito de formar algo inteiro novo.

DANIEL

Quando finalmente voltamos ao nosso apartamento nas horas escuras da madrugada, Éden toma um banho e cai num sono profundo. Ele só volta a se mexer quando o sol já está alto no céu. Pelo menos não parece estar sonhando.

Passo a maior parte do tempo acordado, apoiado na grade da varanda, vendo as manchetes e os vídeos aparecerem nos telões da cidade. Notícias sobre o que está acontecendo na Antártida surgem em fluxo constante. Assisto ao que passa nos telões e vejo tanques avançando pela Cidade Inferior, abrindo caminho por ruas cheias de fogueiras e pessoas furiosas. A polícia está com dificuldades para conter o caos.

ROSS CITY EM CHAMAS E AS TROPAS LUTAM CONTRA SISTEMA VIRTUAL QUEBRADO

O Presidente convocou uma reunião de emergência hoje em Batalla. Mas enquanto os políticos tentam elaborar um plano, o tempo está passando. Meus lábios se apertam de frustração. A vantagem que Hann sempre teve é a habilidade de ignorar completamente as leis. Era a minha vantagem nas ruas também. Quando você não pode ser responsabilizado por nada, dá para agir bem rápido.

Afasto o olhar, enojado, quando a polícia cerca uma manifestante e agride o corpo dela com os cassetetes. O resto da multidão ergue os punhos, gritando por Hann. Ele queria fazer sua declaração sobre o sistema corrupto da cidade. Está disposto a sacrificar todas as pessoas pelas quais alega estar lutando para isso.

Quando meu irmão acorda, o sol começou a pintar o céu de dourado.

Olho para ele com um sorriso irônico.

— Você está com uma cara péssima — digo.

Éden solta uma gargalhada enquanto vem mancando até mim. Ele está segurando o drone em uma das mãos, o motor brilhando com uma luz azul leve.

— Não sei como você consegue subir na cidade toda assim sem ficar completamente destruído no dia seguinte. Minhas pernas estão me matando.

Ofereço a ele um gole do meu café. Ele aceita e aninha a caneca quente nas mãos, e ficamos em silêncio por um momento enquanto a luz vai ficando mais forte. Éden joga o drone no ar, e o vemos pairar no lugar, firme e reto. Éden parece perdido em pensamentos, mas não forço a barra. Tem uma tranquilidade nova no silêncio entre nós.

Finalmente, ele se empertiga e indica o horizonte, na direção da Antártida.

— Eu vi o noticiário — diz ele. — Os militares antárticos impuseram lei marcial em Ross City.

Eu balanço a cabeça.

— Não tem sinal de ligação saindo da cidade agora. É como se ninguém soubesse como agir sem o sistema de Níveis funcionando.

Para nós, que viemos das ruas humildes de Lake, agir nos dias em que a grade de energia se apagava era algo com que estávamos acostumados. Mas um lugar como Ross City desprovido de repente de sua tecnologia?

Éden move os dedos com indolência no ar, e o drone se move de acordo com o gesto, virando para a direita e depois para a esquerda. Ele franze a testa, pensativo.

— Hann disse que o dispositivo dele apagaria o sistema de Níveis inteiro — comenta Éden. — Mas uma coisa que a Pressa falou ontem ficou na minha cabeça. Ela mencionou que Hann talvez tivesse derrubado o sistema todo para poder trazê-lo de volta depois. Para substituí-lo por algo que fosse conveniente para ele.

Eu faço que sim.

— Mas...? — digo.

Ele balança a cabeça. Seus dedos se movem de novo, e o drone obedece, dando uma cambalhota no ar.

— É burrice desmantelar o sistema inteiro para reconstruí-lo todo de novo. Acho que ele não apagou tudo. Acho que só o suprimiu, que fez alguma coisa para atrapalhar a implementação do sistema, mas que tudo ainda está em algum

lugar. Intacto. É bem mais fácil para ele trabalhar com uma coisa assim. — Éden dá de ombros. — Eu não desmantelaria meu drone inteiro se quisesse mudá-lo. Só o revisaria.

Continuo olhando, maravilhado com a invenção do drone dele virando para lá e para cá, a fonte de energia forte e estável.

— Você está dizendo que talvez saiba como ele fez isso?

Há uma longa pausa, mas, quando Éden finalmente concorda, reparo na luz nos olhos dele.

— Estou dizendo que consigo encontrar uma forma de reverter. Ele está usando o motor que eu construí para alimentar isso. Se eu conseguir voltar para o círculo pessoal dele, posso encontrar um jeito de acabar com essa coisa toda e recuperar o sistema de Níveis.

Para provar o seu ponto, ele balança o drone na varanda e deixa pairando entre nós. Ele estica a mão e desliza o dedo embaixo do motor luminoso. O motor faz um barulho repentino e estranho, e para de funcionar de repente, depois cai no chão da varanda.

Olho para o meu irmão. O antigo medo cresce em meu peito, e imagens dele capturado na Cidade Inferior surgem na minha mente, o rosto pálido e assustado.

— Mas você precisaria cair nas graças de Hann pra isso — digo, ecoando as palavras dele. — Você tem que encontrá-lo, né?

Ele assente.

— A máquina precisa de um chip físico instalado. Tenho que fazer isso analogicamente.

O terror de não saber aonde a República o tinha levado, a incerteza do que estava sendo feito com ele, a paranoia de nunca mais o soltarem... Tudo cresce no meu peito. Sei que Éden vê no meu rosto, pois se inclina para a frente e gruda o olhar no meu.

— Você me disse ontem à noite que eu não preciso passar por nada sozinho — fala ele. — Isso vale pra você também. Eu posso fazer isso se você me deixar. Mas vou precisar da sua ajuda. Da June também.

Tudo em mim quer impedi-lo, dizer para ele ficar aqui, ficar em segurança. Mas sei que ele está certo. A silhueta de Éden está longa e esguia agora, não mais o garotinho que já carreguei por uma rua atormentada pela guerra. Não há

garantias de que ele vá sair disso em segurança... de que qualquer um de nós vá. Mas também sei, sem dúvida, que ele é o único que pode fazer isso.

Eu finalmente assinto.

— Para que você precisa de nós?

— Distração. Preciso convencer Hann de que decidi fugir do que você e os outros estão planejando fazer, de que quero participar dos planos dele. Volte pra Ross City comigo. Encontre formas de o atrapalhar. Se você e June forem atrás do dispositivo dele com o pouco que sabemos, se estiverem agindo de fora, pode ser que eu consiga convencer Hann de que estou ajudando-o a proteger o dispositivo de você.

É ridículo. É perigoso demais fazer esse tipo de jogo com um mafioso que sobreviveu a vida toda à base de truques e traições. Hann vai perceber na hora, e meu irmão vai ficar à mercê dele.

Mesmo assim, eu concordo.

— Estou dentro — digo.

Ele pisca, e percebo que estava esperando que eu resistisse.

— Vamos procurar o Presidente com esse plano hoje? Você acha que ele vai concordar com isso?

Dou de ombros.

— Não tem como nenhum deles concordar, ao menos não em uma reunião. Mas isso não muda nada o que estamos planejando fazer. Nós não temos tempo para ficar esperando que eles debatam as questões.

Ele me olha com confusão.

— Você quer dizer que vai agir pelas costas do SIA? Do governo? — pergunta Éden.

As palavras dele geram um sorriso em meu rosto. Meu irmão, o transgressor de regras que me deixou em pânico mais vezes do que sou capaz de contar, nunca se rebelou a nível mundial. A antiga parte de mim, o selvagem das ruas, o garoto que passou a vida correndo pela cidade e desviando da República, desperta.

Eu balanço a cabeça.

— Sou uma péssima influência pra você.

Ao ouvir isso, um sorriso surge nos lábios dele também.

— Quer dizer que a gente simplesmente vai e pronto? — pergunta.

— Assim que conseguirmos sair escondidos deste país. E, quando precisarmos convencê-los, o governo da Antártida e o SIA não vão ter alternativa além de concordar com os planos.

— Vão te matar por isso.

Abro um sorriso meio de lado.

— Podem tentar.

Nós rimos um pouco, então caímos novamente no silêncio.

— E se estivermos fazendo a coisa errada, Daniel? — pergunta Éden. A voz dele ficou séria de novo. — E se restaurar o sistema inteiro for exatamente o que não deveria acontecer?

Olho para o meu irmão e respiro fundo.

— Talvez a gente não deva restaurá-lo para ser exatamente como era — prossegue Éden.

Eu observo o rosto dele, vejo o quanto ele está falando sério.

— O que você está planejando? — pergunto.

— Posso acrescentar um chip à máquina pra alterar como ela lida com o sistema de Níveis. — Ele tira uns papéis do bolso e me chama para ir até a escrivaninha. Lá, nos inclinamos sobre os papéis enquanto ele mostra onde o motor dele está instalado. — A máquina emite um sinal por todo o sistema de Níveis da cidade — explica ele enquanto escreve. — Nós vamos emitir um novo sinal por cima dizendo ao sistema de Níveis o que fazer. — Ele olha para mim. — Podemos acrescentar algumas coisas a esse sinal, que mudem como o sistema de Níveis avalia as pessoas ligadas a ele.

Eu franzo a testa.

— E você pode fazer isso antes de partirmos? — pergunto.

— É a máquina que é complicada de montar. Não o sinal. Quando conseguirmos entender como funciona, dá pra incluir outro sinal facilmente. Vi testarem um, levou questão de minutos.

Penso nas noites em que o vi acordado, quando garotinho e quando jovem. A luz da criação brilha forte nos olhos dele agora, e enquanto considero as palavras de Éden, minhas emoções se alternam gradualmente de incerteza a esperança cautelosa.

— Uma revolução dentro de uma revolução — murmuro.

Éden sorri um pouco.

— Que nunca seja dito que escolhemos a solução fácil.

✪ ✪ ✪

June parece ainda menos entusiasmada com o plano do que eu. Mas mesmo assim aparece no nosso apartamento no fim da tarde, a roupa simples e preta, a voz baixa. Ao lado dela, Pressa está com uma mochila que faz com que pareça ainda menor do que é, mas ela está empertigada e confiante, a dor no olhar agora substituída por determinação.

— Se vierem atrás do nosso avião e formos obrigados a parar, deixem que eu resolvo — diz June. — Juro que essas coisas só acontecem quando estou com vocês dois.

Eu me encosto na porta e sorrio para ela.

— Foi você quem concordou em nos ajudar.

— Eu não falei que não iria junto. — Ela dá de ombros. — Anden vai me perdoar. Tem que ser feito.

Estico a mão até a dela e roço nossos dedos.

— Obrigado — murmuro. Desvio o olhar para Pressa, que abriu a mochila e está entregando alguma coisa para Éden. Parece um pacote pequeno de frascos de vidro.

— Isto é um soro para a infecção de pulmão de Hann — diz ela. — Pela forma como Éden descreveu a voz rouca dele, me lembrou os estágios finais da doença do meu pai. Eu fazia essa solução pra ele a partir de algumas ervas que tínhamos. Não é a cura, então não diga pra ele que é. Ele não vai acreditar. Mas deve melhorar como ele se sente se usar todos os dias. — Ela coloca os frascos no lugar e entrega a mochila para o Éden.

— É pra tomar? — pergunta Éden.

— Pra tomar. — Pressa assente. — Mas fiz uma mudança. O soro para Hann contém uma droga poderosa pra dormir. Vai derrubá-lo e deixá-lo com uma febre baixa que vai afetar a força dele, bem como a capacidade de julgamento. Se você lhe der uma dose muito pesada, o coração dele vai parar.

Tentar envenenar Hann vai ser um gesto arriscado. Aposto que ele sobreviveu a dezenas de tentativas do tipo. Ainda assim, Éden assente com seriedade para Pressa. Os sentimentos do meu irmão por ela estão bem evidentes. Vejo na forma como ele a puxa para um abraço e como a aperta, no rubor leve nas

bochechas dele quando ela sorri e o abraça de volta. Neles, vejo os sinais iniciais de como eu e June ficamos juntos, apesar das histórias diferentes.

Finalmente, estamos prontos para partir.

— Seu sinal? — digo para Éden.

Ele assente. Seu rosto está mais pálido do que deveria estar e as mãos tremem de leve. Mas ele parece calmo ao segurar o pequeno chip, tão pequeno que cabe na ponta do seu dedo mindinho.

— Está aqui — responde.

Enquanto o Presidente se prepara para fazer uma reunião de assuntos políticos com o Eleitor, pegamos um carro militar comum para a pista de decolagem e entramos num avião que June conseguiu para nós. O soldado que nos cumprimenta quando subimos a bordo está suando pesadamente. Não nos encara. Mas June para e dá um toque tranquilizador no ombro dele.

— Eu falarei em sua defesa — diz ela. — Obrigada pela ajuda. O próprio Eleitor vai perdoá-lo, dou minha palavra.

Ele se mexe com inquietação.

— Claro, Comandante — responde ele para June.

Nós decolamos em silêncio. O avião está no ar há apenas meia hora quando chega uma ligação, bem quando saímos das águas da República. A voz da piloto treme no alto-falante, e viramos a cabeça para cima enquanto as palavras de desculpas enchem o ar.

— Comandante Iparis — diz ela com lamento. — O Primeiro Eleitor me mandou botá-lo em contato. Ele gostaria de dar uma palavra com a senhora.

June nem pisca.

— Claro — responde ela. Fico novamente maravilhado com a tranquilidade e a calma de June mesmo nas circunstâncias mais estressantes.

Há uma pausa, seguida da voz grave e familiar de Anden. Ele parece mais cansado do que furioso.

— Olá, Comandante — diz ele, falando com June. — Suponho, como sempre, que você tem um bom motivo para estar saindo do país sem me notificar.

June parece meio culpada ao ouvir o tom dele.

— Como sempre — concorda ela. — Tem tudo a ver com a emergência que você está discutindo atualmente com o Presidente Ikari. Achamos melhor atualizá-lo com o plano já em ação. Não há tempo a perder.

— Daniel Wing está com você, então? — Outra voz soa. Desta vez, da diretora Min. Ela fala com menos formalidade do que Anden, e com muito mais raiva.

— Estou aqui — digo, e olho de relance para o meu irmão. — Com Éden.

— E você tem uma explicação para isso? Ou devo mandar a corte marcial capturar vocês todos assim que pousarem em Ross City? — Ela suspira. — Saibam que o Presidente está sentado conosco enquanto conversamos. Ele gostaria de saber por que não consigo botar um dos meus agentes na linha.

— Você sabe que isso não tem nada a ver com você, diretora — respondo tranquilamente. — Presidente Ikari, senhor, a diretora sempre foi generosa comigo. Mas há políticas em andamento em Ross City que a deixam de mãos atadas e, por sua vez, as minhas também. Com o mais profundo respeito, senhor, a melhor forma que temos agora de enfrentar essa crise é agirmos contra essas políticas que o senhor estabeleceu. — Abro um pequeno sorriso, apesar de saber que eles não nos veem. — Claro que podemos discutir agora. Se o senhor quiser.

Há uma pausa e o suspiro de um homem com quem nunca me comuniquei diretamente antes.

— Nos ilumine então, sr. Wing — diz ele. É uma voz que só ouvi em transmissões ou telões. Agora, ele está se dirigindo a mim pelo nome. De repente, percebo a audácia do que estamos fazendo, nos opondo ao líder da Antártida.

O que não significa que ele tenha alguma ideia do que está fazendo, lembro a mim mesmo. Portanto, respiro fundo e me empertigo no assento.

— Meu irmão, Éden, teve contato pessoal com Dominic Hann anteriormente — digo. — Eu também. Nós tivemos um vislumbre de como a operação de Hann funciona. Éden acha que, ao contrário do que acreditávamos até então, Hann não apagou completamente o sistema de Níveis. Foi só temporariamente desabilitado. Se não agirmos rapidamente, Hann pode ter planos de alterá-lo a seu favor. Não sei o que isso pode fazer. Só sei que temos que encontrar uma forma de impedi-lo antes que ele faça isso e destrua a capital inteira do nosso país.

Olho com expressão séria para o meu irmão, e Éden assente.

— Acho que consigo encontrar uma brecha — diz ele. — Se eu for capaz de me aproximar de Hann de novo.

Há uma gargalhada incrédula do Presidente.

— É o garoto que está falando? — diz ele. — Éden? Você vai enfrentar Hann sozinho?

— Não sozinho — responde ele. Sua voz está tão confiante e calma que não consigo deixar de sentir uma onda de orgulho.

A diretora permanece em silêncio. Quando fala novamente, a voz dela soa pensativa.

— O que você planeja fazer quando chegar? — pergunta ela.

Éden hesita e troca um olhar rápido com Pressa.

— Vou encontrar um jeito de entrar em contato com Hann — diz ele. — Ele está usando o design de motor que eu fiz; não é exagero pensar que ele talvez ainda queira me recrutar para a equipe dele. Ele me disse que esperava que eu voltasse a procurá-lo. E Pressa conhece o suficiente a disposição da Cidade Inferior para nos levar a algum lugar onde eu consiga chamar a atenção dele.

— E Daniel? June?

— Nós vamos armar uma distração — diz June. — Vamos tentar quebrar o sistema de Hann de fora, fingindo um ataque óbvio para fazê-lo vir até nós. Quando Éden o avisar sobre o que estamos fazendo, esperamos que isso convença Hann a deixar que ele volte para o seu círculo pessoal.

— Claro — acrescento — que ajudaria ter o SIA e os militares do nosso lado durante isso tudo. Ser preso pelos nossos assim que pousarmos não vai ajudar. Portanto, nosso destino está nas mãos de vocês.

Faço uma pausa, com medo de repente de eles não aceitarem isso tudo. De termos acabado de assinar nossas sentenças de prisão. A ironia, depois de tudo pelo que passamos, quase me faz rir. À minha frente, os olhos de June estão grudados nos meus, escuros e lógicos. Sinto um formigar de nostalgia, pelo sentimento de lutar ao lado dela, de novamente trabalharmos juntos por alguma coisa.

Há um silêncio seguido de alguns murmúrios que nenhum de nós consegue entender.

Min fala primeiro.

— Você *é* de longe o pior agente que já recrutei — diz ela. — Depois que tudo isso acabar, você *vai* ser julgado, assim como seu irmão e quem quer que esteja trabalhando com você.

— Não vai ser a primeira vez que vou ser julgado — digo rigidamente.

— *Depois* que tudo isso acabar. O Presidente vai emitir um perdão temporário para você. Quando vocês pousarem, os militares estarão lá para recebê-los e ajudá-los, *como de praxe*, no que vocês precisarem. Vocês vão ter recursos do SIA. — Ela suspira. — E espero, pelo seu bem, que seu plano dê certo. Mas vou esperar sentada. Não me faça pagar pelos seus enterros com fundos do SIA, Wing. Não tenho saldo.

— Não vai ser necessário — respondo. — Mas pode ser que você queira separar uma parte do orçamento para o nosso desfile.

— Eu te odeio, Wing.

— E eu te amo, diretora.

A voz de Anden soa de novo.

— Comandante — diz ele. — Espero que você tome cuidado. Não quero ter que indicar uma nova pessoa. Entendido?

June meneia a cabeça.

— Claro, Eleitor.

E isso é tudo. A ligação é encerrada e, bem abaixo do nosso avião, as nuvens se fecham.

ÉDEN

Meus pensamentos estão uma confusão quando aterrissamos. Pela janela do avião, vejo os arranha-céus de Ross City perfurando a vista abaixo quando pairamos acima da pista de pouso no último andar de um complexo.

Olhar para a paisagem da cidade gera um arrepio na minha espinha. Plumas de fumaça sobem da Cidade Inferior até o céu, cortando o ar em manchas claras e escuras. Os mercados virtuais enormes que costumam pairar acima da cidade, os nomes de prédios e a pontuação cumulativa de seus residentes, as luzes que banhariam os prédios de cores fortes… tudo está desligado. O que os substitui são tropas enfileiradas em batalhões em vários dos andares mais altos, monitorando os elevadores.

Lembro-me de cenas assim na República, dos dias em que não tínhamos como ter certeza de que a nação ainda estaria de pé no fim da guerra. Mas ver Ross City, a *Antártida*, sem seu cobertor de tecnologia é ver uma superpotência de repente vulnerável e exposta.

Eu me encosto no assento e fecho os olhos por um segundo quando começamos a pousar. O rosto de Hann dança na escuridão, sério e mortal.

— Ei.

Eu abro os olhos e vejo Pressa ao meu lado. A mão dela está quente no meu braço.

— Você não vai estar sozinho lá embaixo — lembra ela.

Sozinho, isso seria insuportável. Mas, com Pressa aqui, talvez, *talvez* a gente consiga. Ainda assim, enquanto a vejo remexer na minha mochila para verificar novamente os suprimentos que ela trouxe, sinto uma pontada de medo. Não é mais um jogo que estou fazendo com a minha própria vida.

Daniel se inclina mais para perto de nós dois, mas quando gruda o olhar em mim, não menciona o quanto estou pálido. Ele só me entrega um

telefone pequeno e achatado e um drone minúsculo, parecido com um inseto.

— O telefone é pra você fazer contato com Hann — diz com a voz tão baixa que só ele e eu ouvimos. — Ele provavelmente vai confiscar de você assim que estiver lá dentro, então não tem mais nada nele. — Daniel indica o drone. — Quando você estiver dentro, não vamos nos comunicar por nenhum tipo de sinal.

Observo o drone que ele me entrega. Com ele tem um chip mínimo, do tamanho de uma unha, que guardo na minha meia. É o patch que vou instalar no sistema de Níveis quando tentar trazê-lo de volta. Um patch que vai alterar o sistema para uma coisa diferente do que era originalmente. *Uma revolução dentro de uma revolução*.

— Estica o pulso — diz Daniel.

Eu estico. Ele pega um pano úmido, esfrega no meu pulso, então passa no drone. Na mesma hora se acende com uma marca verde suave e volta à cor preta.

— Isso vai te rastrear e entregar qualquer mensagem que precisemos. Use para enviar uma mensagem. Só vai entregar uma rodada antes de se autodestruir. Qualquer um que não seja você ou eu e que tente mexer nele vai ter uma surpresa horrível quando ele simular uma picada de inseto e apagar o drive. Entendeu?

Minha atenção já se desviou para como o drone inseto funciona. Usa energia solar, isso eu percebo pelo brilho na superfície, e o corpo de metal é tão parecido com o de uma barata de verdade que tenho o instinto de me afastar pela forma como mexe as antenas.

— Entendi — repito. — Não vou poder transmitir de volta pra você enquanto não descobrir quais são nossas opções se chegarmos a Hann.

— *Quando* você chegar — corrige Daniel com firmeza. A incerteza brilha nos olhos dele, mas ele só desvia o olhar e se encosta.

Tem agentes do SIA nos esperando quando saímos do avião. Os ternos pretos do uniforme se mesclam enquanto fazem fila na base da escada, assentindo respeitosamente para June. Há vários soldados aqui também, com uniformes cinza e verdes.

Ando atrás deles na direção do elevador. Pelas janelas de vidro, temos

uma visão melhor do caos que engoliu a cidade.

— As coisas se acalmaram um pouco — diz um dos agentes no caminho. — A lei marcial está em ação. O toque de recolher é às nove da noite.

— E a Cidade Inferior? — pergunta Daniel.

O tom cético dele faz o agente ficar meio vermelho.

— Está sob controle — diz ele, como se para se defender. — Nós pegamos e prendemos muitos manifestantes.

Franzo a testa, imitando a expressão do meu irmão.

— Isso não vai controlar as pessoas — diz ele. — Quando vimos da última vez, a Cidade Inferior inteira estava em rebelião aberta. Você está me dizendo que prendeu todo mundo?

O homem fica vermelho de novo.

— Estamos controlando — insiste ele.

É tudo que preciso ouvir para saber que as coisas lá embaixo não estão realmente sob controle. Até uma cidade como aquela vai ter problema para reprimir uma vida de abuso contra uma população inteira.

— O Presidente deu ordens explícitas sobre vocês todos — continua o homem, impaciente para mudar de assunto. Ele me olha. — Você é o irmão?

— Eu sou o irmão — respondo, acostumado à pergunta, mas, ao meu lado, Daniel estreita os olhos.

— O nome dele é Éden. *Eu* sou o irmão.

Olho para Daniel, surpreso, mas ele não está prestando atenção em mim. Em vez disso, ele observa os andares que vão aparecendo um a um enquanto nosso elevador desce gradualmente. Quanto mais perto chegamos da Cidade Inferior, mais caos conseguimos ver. Há barricadas pesadas em cruzamentos para todos os lados, e muitos dos andares mais baixos estão com passagem bloqueada, com guardas presentes na frente de todas as entradas de elevador.

Finalmente, chegamos ao andar em que nossos acompanhantes vão sair para se juntarem ao resto das tropas antárticas. É onde Daniel e June vão descer também. A partir de onde Pressa e eu seguiremos sozinhos.

June e eu trocamos um olhar firme, nascido de uma vida sobrevivendo juntos. Ela se vira e aperta meu ombro.

— Vemos você em breve — diz ela. — Vamos estar aqui, ouvindo.

Eu assinto, tentando imitar a calma dela. Quando ela era mais nova, quando estava passando pelo pior da guerra da República, será que alguma vez se sentiu apavorada? Não me parece possível, quando encaro seus olhos comedidos.

Enquanto June dá um aceno encorajador para Pressa, Daniel e eu hesitamos um com o outro. Quando criança, eu me jogava nos braços dele sem pensar duas vezes. Eu segurava a mão dele sempre que tinha oportunidade. Passava os braços pelo pescoço de meu irmão e tagarelava palavras carinhosas até ele me empurrar para longe.

Mas, agora, nós não sabemos como nos despedir. Ficamos parados por um momento, mexendo os pés, com expressões constrangidas. No final, não fazemos nada. Ele só dá um tapinha no meu braço uma vez antes de abrir o sorriso torto.

— Não se atrase — diz para mim.

Eu assinto e procuro alguma coisa para dizer, mas Daniel já se virou e está saindo do elevador. Primeiro, acho que é porque ele não queria ficar mais ali. Mas depois percebo que é porque ele não consegue suportar me ver partir.

Logo, Pressa e eu estamos sozinhos no elevador. Seguimos para a Cidade Inferior. Pelo vidro, ouço as sirenes vindas de baixo, os gritos de um policial por um megafone.

É parecido demais com a República. O som me cerca como um cobertor, e de repente me pergunto se estou em um dos meus pesadelos, se aquilo tudo foi meu subconsciente preparando uma armadilha. As palmas das minhas mãos ficam suadas de repente. Olho para o lado. Pressa também está pálida, os ombros tremendo de leve.

A presença dela me dá a força de que preciso. Estico a mão para tocar no braço dela e abro um sorrisinho.

— Estou feliz de você estar aqui — digo.

Ela tem um sobressalto em meio aos seus pensamentos. Vira-se para mim com um sorriso, aliviada, e se encosta em mim quando chegamos ao último andar e saímos no caos da Cidade Inferior.

O caminho na direção da loja de Pressa está totalmente bloqueado. Passamos por barricadas da polícia e tropas enfileiradas nas ruas, por civis

tensos de olho nos soldados ou agrupados atrás de barreiras, gritando furiosos.

Pressa aperta meu pulso.

— Por aqui — sussurra ela, indicando uma viela estreita que vai para longe das ruas principais.

Seguimos por lá até termos passado por onde a maioria dos soldados está. Ali, as ruas estão mais escondidas pelas sombras dos arranha-céus, o asfalto mais rachado e quebrado.

Acabo parando perto de onde Pressa e eu descíamos para a Cidade Inferior. As ruas estão mais silenciosas ali, de forma sinistra. Estamos em território incerto agora. Paro no meio do caminho, depois ligo para Hann usando o número que ele tinha me dado.

Por um momento, acho que ninguém vai atender. Talvez ele tenha mudado o número, ou nunca tivesse a intenção de que eu o usasse.

Mas aí uma voz atende. Não é de Hann, claro, mas de uma das comparsas dele. A voz da mulher soa clara nos meus ouvidos.

— Saiam das sombras pra podermos ver vocês melhor — diz ela. — O chefe gostaria de saber por que você voltou pra este bairro.

Todos os pelos da minha nuca estão de pé. Já estão nos vigiando. Olho para Pressa e faço sinal para irmos para a luz.

— Quem é a garota ao seu lado?

— Uma amiga — respondo. Como se em reação, Pressa enfia a mão na mochila e pega uma caixa de frascos. — Hann deve se lembrar dela das corridas de drones. Ela veio trazer uma coisa para o mal-estar dele.

Acho que a comparsa não estava preparada para ouvir isso. Ela faz uma longa pausa. Quando finalmente volta a falar, ainda está se dirigindo a mim:

— E o que você quer?

— Estou aqui pra ajudá-lo — respondo. — Se ele ainda me quiser. Diga-lhe que ele estava certo sobre tudo. — Espero que ele não consiga ouvir a mentira nas minhas palavras. — E que estou aqui pra dar um aviso. O SIA está planejando um ataque no sistema dele em breve.

O telefone fica silencioso. Espero mais alguns segundos.

— Alô — digo, mas ela já desligou.

Pressa me olha de soslaio.

— Você acha que ela vai passar o recado pra Hann? — sussurra ela.

Meus lábios se apertam.

— Vamos saber em breve.

Ficamos onde estamos pelo que parece uma eternidade. Meus olhos se voltam para cima. Os arranha-céus desaparecem no ar, e se eu olhar por muito tempo, a infinidade me deixa tonto. E se Hann tiver gente observando e esperando em todo lugar por aqui, com os olhos voltados para nós caso essa negociação dê errado? Eu observo ao redor. Estamos totalmente vulneráveis. Se quisesse, ele poderia atirar em nós agora. E, por um momento, acho que é isso que ele vai fazer.

Uma nova ligação chega. Eu atendo. Minha mão está tremendo junto ao ouvido.

Mesmo antes de ele falar, sei que é Hann. A presença dele paira no ar.

— Seu irmão já está me ligando para eu ir me encontrar com ele — diz. — Ele sabe que você está aqui embaixo?

Então Daniel e June já agiram. Inclino a cabeça para cima e escuto as vozes deles sendo transmitidas. O som é baixo, vem do coração da cidade, onde as propagandas são transmitidas mais perto dos arranha-céus.

— Não — respondo.

Não sei se ele acredita.

— E por quê? Mudou de ideia? — pergunta Hann, um toque de humor na voz.

Nunca vou conseguir enganá-lo. Vai dar tudo errado. Mas respiro fundo mesmo assim e respondo:

— Eu só quero me encontrar de novo com você.

Ele fica em silêncio por um momento. Meus olhos se fixam em uma silhueta que aparece na entrada do bar fechado à nossa frente. É um dos homens dele: eu o reconheço como uma das pessoas que me fizeram de refém na Cidade Inferior. Ao meu lado, Pressa fica tensa.

Ele se aproxima de nós. Os olhos estão sem expressão.

— Venham comigo — diz ele.

DANIEL

A principal diferença entre os militares antárticos e os da República é que, na República de antigamente, nós sabíamos exatamente com quem estávamos lutando. As Colônias estavam forçando nossas fronteiras, suas aeronaves ocupavam nosso céu.

Mas, aqui, eles se escondem nas sombras. Nossos inimigos são nós mesmos. E isso torna a luta muito mais difícil.

Franzo a testa enquanto observamos uma área onde estamos para tentar fazer uma declaração pública e chamar a atenção de Hann. Ross City era cheia de outdoors virtuais que se espalhavam pelas laterais dos arranha-céus. As propagandas em 3-D ocupavam cada andar até o chão. Mas, agora, com o sistema de Níveis desligado, só algumas telas ainda funcionam, telas que foram instaladas fisicamente e operavam antes do sistema de Níveis ser implementado. Tecnologia antiga.

June me entrega um dispositivo.

— Aqui — diz ela, clicando na tela uma vez para que se acendesse com um brilho azul.

Observo a tela com expressão pensativa.

— O que é isso?

— Quando enviarmos nossa mensagem para Hann, vamos mandar versões diferentes em frequências diferentes. — Ela indica o dispositivo. — Com todos os sistemas de Ross City desabilitados, Hann vai estar usando tecnologia de comunicação mais primitiva, assim como nós. Isto vai dizer se ele está ouvindo ou não em uma das nossas frequências.

Olho para ela.

— Então vamos enviar uma mensagem diferente em cada frequência — comento, decifrando o que ela está dizendo —, e com base em como ele responder, vamos ter uma ideia de onde aproximadamente ele pode estar na

cidade.

Ela fica um pouco vermelha.

— Foi como encontrei você em Lake na primeira vez — confessa.

Uma figura escura parada no meio de uma rua sombria, segurando frascos de cura para a praga. Eu, agachado nas sombras de um peitoril de segundo andar, falando por um alto-falante. A lembrança surge nos meus pensamentos.

— Então foi assim — murmuro.

Ela desvia o olhar para a cidade, como se arrependida de tocar no assunto. Espero um momento antes de esticar a mão e tocar na dela. Sua pele está fria.

Nosso momento de silêncio termina quando uma oficial se aproxima de nós para ajustar as frequências do dispositivo. Ela indica a plataforma onde vamos fazer minhas declarações.

— Estamos prontos pra começar quando vocês quiserem — diz a oficial.

Faço que sim, me levanto e vou com June até a plataforma. Lá, repassamos várias das alternativas de declarações que vamos liberar. Finalmente, limpo a garganta e, quando começam a gravar minha voz, dou início à primeira declaração.

— Temos um acordo que estamos dispostos a negociar com você — digo, me obrigando a ficar calmo e manter o queixo erguido. — Sei que tem alguma coisa nesta cidade que você deseja e que podemos lhe oferecer. Mas queremos um encontro com você, cara a cara.

Minha voz reverbera no microfone. É perturbador ouvir o silêncio ao meu redor enquanto gravo. Éden já conseguiu encontrar o caminho até Hann? O homem respondeu a ele?

— Estamos preparados para fazer uma boa proposta — digo. — Mas a cidade não pode continuar assim. Você e eu sabemos disso. Então, vamos encontrar um jeito de negociar, a não ser que você queira continuar esse entrave. Vamos encontrá-lo em duas horas na Cidade Inferior, no cruzamento que divide os quatro quadrantes. Se você decidir não ir, vamos ter que forçá-lo a aparecer. Vamos fazer o que pudermos para evitar um fim sangrento para essa história.

Eu termino. A mensagem começa a ser tocada do começo de novo, se repetindo sem parar até a hora do encontro. Escuto-a várias vezes. Quando temos certeza de que está boa, vamos para a declaração seguinte.

Meia hora se passa até que eu grave todas as variações. Há diferenças nos

locais em que estamos pedindo que Hann se encontre conosco, no tipo de acordo que estamos oferecendo. Tenho uma sensação de vazio enquanto trabalhamos. Ele poderia muito bem não estar escutando nada... ou poderia descobrir o que estamos fazendo. Mas não importa se vai dar certo ou não.

Só estamos ganhando tempo para Éden.

June assente quando acabamos e começa a transmitir as mensagens diferentes em cada frequência.

— Faça uma ligação para o Éden — diz ela baixinho. Para dar uma ilusão realista de que Éden e eu nos desentendemos, preciso tentar fazer contato com ele.

Eu ligo para o Éden. Como esperado, ele não atende. Apesar de eu saber que não é para ele atender, uma parte do meu peito ainda se aperta de medo.

Ligo várias vezes e paro. É um bom sinal Éden não estar atendendo, digo para mim mesmo. Deve significar que ele e Pressa entraram, que ele não está mais exposto.

June já está verificando os arreios na cintura e nas pernas. Ela vai liderar um pequeno pelotão em um dos cruzamentos em que pedimos que Hann aparecesse, para ver de onde ele pode aparecer. Estou usando um aparato similar: ganchos, arreios e uma variedade de facas e armas. Minha equipe vai para o lado oposto da dela. E há outras a caminho dos demais locais.

Eu a vejo trabalhar. June pode não estar com suas equipes da República, mas, mesmo aqui, com uma patrulha de soldados estrangeiros sob seu comando, ela exala uma liderança natural que os faz esperarem com respeito suas ordens.

Uma fração repentina de lembrança me surge ao ver isso. Eu me lembro do movimento do rabo de cavalo escuro quando ela estava parada em uma viela, a mão no quadril e o queixo inclinado para cima, a luz invencível nos olhos, fazendo um desafio para uma luta de Skiz. *A primeira vez que a vi. O primeiro momento em que ela chamou minha atenção.* Como eu pude não saber na ocasião, imediatamente, quem ela era?

June repara que a estou observando. Um sorriso curioso surge nas beiradas dos lábios, e ela inclina a cabeça para mim.

— O que foi?

— Nada. — Eu balanço a cabeça, constrangido de ser pego no flagra. — Eu só estava verificando se você já estava com tudo pronto. — Aponto para a arma no

quadril dela e para os ganchos de escalada pendurados no cinto. — Se, por algum motivo, Hann aparecer...

— ... nossas equipes estarão prontas no chão, escondidas nas nossas zonas de todos os lados do cruzamento. — June assente para a rua. Está vazia agora, as fileiras tradicionais de lojas abarrotadas e letreiros de néon apagados e isolados. — E se ele não aparecer...

— Vamos torcer que seja porque ele ouviu o aviso do Éden e o acolheu de volta no círculo pessoal dele. — Eu respiro fundo, repasso os elementos do meu plano em pensamento e olho para o relógio. — Devemos ter notícias dele em algumas horas.

June caminha até mim. Estica a mão para tocar no meu pulso, me levando delicadamente a abaixar o braço.

— Vamos ter notícias deles antes — promete ela. — Já vi Éden em situações piores.

— Eu sei. — Passo a mão pelo cabelo, tentando manter os olhos no horizonte em vez de nela, para ela não ver minha preocupação. — Só estou repassando tudo.

June hesita e chega mais perto. Roça os lábios nos meus em um beijo leve. Por um instante, parece que ela criou um espaço pequeno e abrigado para nós... mesmo aqui, numa torre com vista para um local de impasse. Fecho os olhos e me permito apoiar-me nela e saborear esse pequeno momento de paz.

Finalmente, nos afastamos.

— É melhor você tomar cuidado — diz June.

Eu abro um sorriso.

— Você sabe que eu sempre tomo.

Ela se afasta e o momento passa. Nós nos empertigamos, nos afastamos um do outro e vamos até nossas equipes. Mas paro e olho mais uma vez para ela. É raro arrepender-se das coisas que se faz, mas sempre estamos nos arrependendo daquilo que não fazemos. Uma última olhada em June se afastando. Ela chega ao seu grupo de soldados, e eu continuo andando.

Lara e Jessan estão aqui, junto com dois outros agentes do SIA. Há também um pelotão de soldados da Antártida. Eles me olham com cautela quando me aproximo. Acho que já ouviram muito sobre a minha reputação e estão nervosos. Que bom.

— Vários suprimentos desapareceram de uma das fábricas nos arredores da cidade — diz Jessan para mim.

— Armas?

Ela assente com expressão sombria.

— Acho que não é só uma operação pra desestabilizar a cidade — prossegue Jessan. — Hann está pronto pra iniciar uma guerra conosco.

É onde Éden e Pressa estão agora. Eu trinco os dentes, afasto o pensamento e indico o cruzamento.

— Eu conheço guerras — respondo. — Ele devia tomar cuidado com o que deseja.

Mover-se de forma furtiva com tantos aparatos presos no corpo é sempre uma sensação estranha. Estou acostumado a encontrar o caminho sozinho, correndo e me escondendo só com a ajuda de um par de botas de qualidade. Se eu tivesse todos esses equipamentos nas ruas de Lake, a República talvez nunca tivesse me capturado.

É o trabalho de um momento escalar até o topo de uma loja fechada e entrar para o segundo andar, depois passar entre as janelas até eu estar empoleirado no ponto de observação de que preciso. Daqui, tenho vista perfeita da rua. Abaixo, os outros estão assumindo as posições aos poucos; agachados nas sombras de vielas que se abrem pela rua, escondidos atrás de ônibus estacionados e estações.

June já deve estar em posição também. Olho para o relógio. Está quase na hora. Meu coração dispara. Minha cabeça está leve. Fico imaginando a figura fria e magra de Hann caminhando pela rua, usando Éden como refém. E se superestimamos o desejo dele de que Éden trabalhe no projeto? E se ele já adivinhou o que estamos fazendo?

Os segundos se arrastam. Chega a hora de Hann aparecer.

Ninguém aparece.

Eu prendo o ar. Não é para ele aparecer. Se tudo der certo, ele deve ficar onde está. Talvez envie uma transmissão para nós, como fizemos com ele. Minhas mãos estão suando, e as aperto na parede. Devemos receber um drone de inseto do Éden mais tarde, nos dizendo que eles entraram. E o que Hann está fazendo.

O silêncio continua. Acima da cidade, minha mensagem repetida continua tocando. Começo a me permitir acreditar que Éden foi bem-sucedido.

Mas não estou pronto para o que acontece depois. Porque na hora que o pensamento ocorre a mim... ouço um estouro alto vindo do lado oposto da rua. Minha cabeça se vira para onde June e a equipe dela devem estar esperando.

É a única coisa que tenho tempo de fazer antes que uma explosão engula o prédio deles.

ÉDEN

A PRIMEIRA COISA QUE FAZEM É NOS VENDAR. FICO EM SILÊNCIO, TENTANDO me lembrar de cada escadaria que cruzamos e cada virada que fazemos. Meus sapatos estalam num piso de metal e depois de madeira. Ao meu lado, escuto apenas a respiração de Pressa, suave e rápida. Ela não diz nada.

Não tenho ideia do quanto andamos, mas finalmente paramos de repente. Permaneço estático, ouvindo com atenção enquanto nossos guardas murmuram uns com os outros em voz baixa. As palavras são difíceis de entender.

Mãos ásperas soltam minha venda e aperto os olhos numa luz artificial repentina.

Não é o mesmo lugar onde me deixaram da primeira vez. Em vez da propriedade ampla onde Hann me levou antes, agora estamos em uma varanda com vista para o que parece uma série de complexos murados. Percebo que é perto do limite de Ross City, onde o biodomo termina. Quando olho além, vejo a tundra congelada que ainda forma a ampla maioria do terreno da Antártida.

— Você voltou. Como eu pensei.

A voz calma e suave parece uma faca raspando na minha pele. Eu me viro e me percebo cara a cara com Hann.

Ele parece mais pálido do que da última vez que o vi. A pele está praticamente desprovida de cor, quase branca leitosa, e novos círculos de exaustão surgiram sob seus olhos. Mas seu olhar continua apurado e frio como sempre, e seu sorriso é o mesmo: confiante, cheio de segredos e intimidante.

Pressa enrijece ao meu lado. Estico a mão por instinto para tocar na dela, e ela leva um susto com meu gesto.

Ao ver minha hesitação, Hann dá um passo para mais perto e coloca as mãos às costas.

— Mas você levou mais tempo do que eu imaginava — continua ele. — Você tem alta tolerância pra ver o caos acontecer. Eu devia saber disso, considerando seu passado.

Lembre-se de por que você está aqui. As palavras ecoam em mim, e me obrigo a engolir em seco e abrir a boca. Quando falo, minha voz sai rouca.

— Onde estamos? E o que você está fazendo aqui?

Ele dá de ombros e olha para a paisagem congelada.

— O caos da cidade não vai durar para sempre. Mas, enquanto durar, este é o melhor lugar para estarmos. Você vai transmitir isso aos militares ou veio realmente por um motivo que importe pra mim?

Eu levanto as mãos. Meus batimentos já estão num ritmo febril.

— Ninguém sabe que estou aqui. Ou pelo menos não sabem aonde eu fui.

Hann não parece acreditar. Ele assente para dois guardas atrás dele, e eles se aproximam para nos revistar. Eu ergo os braços. Pressa faz o mesmo.

— Eu sei que você saiu da cidade com o seu irmão — diz Hann enquanto somos revistados. — Sobre o que vocês conversaram ao longo dos últimos dias?

— A gente brigou mais do que conversou. — Espero que a amargura na minha voz seja convincente o bastante. Ao meu lado, Pressa reclama com a mulher que a está revistando; a mulher a empurra com força contra a parede de vidro. Dou um passo na direção delas. — Ei, que tal dizer pro seu pessoal pegar leve?

O sorriso de Hann fica mais divertido.

— O que é isso? Trouxe sua amiga com você? Talvez esteja mesmo falando sério se está disposto a arriscar a vida dela. — Ele inclina a cabeça para mim. — O que você está fazendo aqui, Éden?

Os dois guardas finalmente se afastam de nós. Pressa ajeita a camisa, ainda resmungando baixinho, e vem se juntar a mim de novo. Se ela está fingindo inocência atordoada, está se saindo muito bem.

— Eu vim procurar você sem meu irmão saber. Agora, ele deve estar preparando grupos de busca atrás de mim. — Eu respiro fundo. — Quando

te vi pela última vez, você me contou que queria minha ajuda com seus planos pra reestruturar o sistema de Ross City. Eu voltei porque quero saber se você ainda precisa de mim.

Ao ouvir isso, Hann semicerra os olhos.

— Por que a mudança de ideia?

Eu hesito. Podemos estar aqui porque queremos enganar Hann, mas de repente sinto que vim por vontade própria. Hann me observa com a mesma preocupação e o mesmo interesse que teve na primeira noite da corrida dos drones. E mesmo agora, sabendo que tipo de pessoa ele é, sinto vontade de o impressionar.

— Eu fiz o que você falou — acabo murmurando, me obrigando a continuar com a mentira. — Tive uma audiência com meu irmão e o SIA. Eles estão estudando o caos que acontece na cidade agora.

— E o que eles disseram?

— A solução deles pra consertar tudo é simplesmente… sacrificar as pessoas da Cidade Inferior. — Faço uma pausa para olhar para o chão. — Eu falei para o Daniel que ele não podia deixar isso acontecer. Achei que ele entenderia, pelo menos.

Quando paro de falar, Dominic Hann observa meu rosto com atenção.

— Mas ele ficou do lado do SIA, não foi?

Levanto o rosto e o encaro. Seus olhos ainda estão me observando, e me pergunto se lembro o filho dele agora.

— Estão tentando te atrair com um acordo — digo. — Já devem ter transmitido a esta altura: dizendo que estão dispostos a se encontrarem com você em algum lugar e negociar uma trégua em troca de você desabilitar seu sistema.

Não sei se Daniel e June já agiram, mas quando um brilho de reconhecimento surge no olhar de Hann, tenho minha confirmação.

— Estão montando uma armadilha pra você — prossigo, minhas palavras se acelerando com a urgência. — Então, vim contar isso, como gesto de boa vontade. Posso te dar os detalhes do que estão planejando, ao menos sobre as operações.

— Um gesto de boa vontade. — Hann ainda está me observando com a expressão letal, e um tremor percorre meu corpo. Ele não parece

convencido.

Olho para Pressa, e, na hora certa, ela pega os frascos de vidro que tinha botado na mochila para nós.

— Meu nome é Pressa — diz, um pouco acanhada. — Fui eu que levei o dinheiro falso na corrida de drones.

Hann assente uma vez para ela.

— Eu me lembro de você — responde ele.

A voz de Pressa soa baixa, mas está clara e mais segura do que a minha, e me percebo admirando a calma dela.

— Éden me contou sobre sua enfermidade, então peguei isto na botica onde meu pai trabalhava.

— Trabalhava? — Hann ergue uma sobrancelha para ela.

Pressa estremece por um momento. Hann vê e, para minha surpresa, seus olhos são tomados de solidariedade.

— Sinto muito — diz Hann, com delicadeza agora.

Apesar de tudo, sinto que Pressa quer acolher a pena dele. Será que é assim que fico quando estou atraído pelo carisma de Hann? Minha raiva arde de repente. O sr. Yu sofreu no sistema de Níveis, mas morreu porque Hann provocou o caos na Cidade Inferior.

Hann pode ser uma figura paterna, um homem com um passado sofrido. Mas é também um mestre da manipulação.

Pressa não responde às palavras de Hann. Só aperta os lábios e ergue os frascos.

— Isto é um soro que serve pra aliviar os sintomas da sua infecção de pulmão. Eu fazia para o meu pai, quando ele sofria disso. Não é a cura. Mas é o que chega mais perto disso.

Hann não parece estar esperando isso. Seus olhos se arregalam de leve, e ele pisca uma vez. Ele me observa antes de voltar o olhar para Pressa.

— E por que você me ofereceria algo assim? — pergunta ele.

O olhar penetrante não a abala. Pressa ergue o queixo.

— Eu passei muitos anos na Cidade Inferior, ajudando meu pai na nossa botica. A saúde frágil dele foi o motivo pra eu começar a apostar nas corridas de drones. Sei como é lutar como você lutou. E embora não concorde com seus planos, eu acredito na sua causa. Por isso, estamos aqui: pra ajudar. A

questão é se você vai retribuir o favor.

Qualquer hesitação que Pressa pudesse ter antes, não vejo nenhuma na resposta dela. Ela está fria e calma. É como se esse lembrete da morte do pai tivesse lhe dado novas forças.

Hann não se mexe, mas percebo que a ousadia de Pressa atingiu uma vulnerabilidade escondida nele, ainda que pequena. Os olhos dele permanecem fixados nos frascos. Posso estar lhe prometendo as minhas habilidades… mas Pressa está oferecendo a vida dele de volta.

Hann franze a testa para mim.

— Você acha que isso basta pra te trazer de volta ao meu grupo — diz ele. — Ousa balançar minha própria vida na minha frente?

Talvez tenhamos ido longe demais; talvez tenhamos exagerado. O medo que sinto começa a abrir caminho para a raiva.

— Tudo bem — respondo. — Você quer saber o verdadeiro motivo pra estarmos aqui, por que estamos oferecendo isso tudo? É porque estou de saco cheio de ficar olhando você e o governo da Antártida fazerem seus joguinhos com a Cidade Inferior enquanto as pessoas daqui é que sofrem com seus atos. Cansei. Você viu as manifestações, não viu? Eu vi a botica da Pressa ser destruída e o pai dela ser… Não sobrou nada. Ela teve que fugir. É pra isso que você está lutando? É assim que você defende os direitos das classes baixas? Transformando suas casas em um campo de batalha? Estamos aqui agora, oferecendo tudo que temos, porque não aguento mais ficar só olhando por mais nem um segundo enquanto você faz essas coisas. Pare de prejudicar as pessoas que você alega estar ajudando. Pare com isso tudo… e eu juro que vou servi-lo da forma como precisar. Vou ajudá-lo a construir um sistema que vire tudo que a Antártida tinha de cabeça pra baixo. O que você quiser. Só acabe com isso tudo.

Quando paro, percebo que estou tremendo. Minhas palavras devem ter sido convincentes. Apesar de tudo ter saído confuso e de eu só me lembrar de uma confissão, ainda ouço a raiva na minha voz ecoando no ar.

Hann fica em silêncio. O rosto dele está sério agora, os olhos pensativos.

Pressa fala, com a voz clara e firme:

— Você pode achar que está correndo um grande risco nos dando sua confiança assim. Mas também estamos arriscando tudo aqui. Nossas

amizades. As pessoas que amamos. Nossas vidas.

Não sei o que Hann pode estar pensando. Ele pode nos matar agora mesmo, furioso por termos metido os problemas pessoais dele nessa história. Ou pode brincar com a gente, me capturar para me usar de novo como peão. Ou talvez, *talvez* tenhamos conseguido atingi-lo da forma certa.

Hann dá mais alguns passos na nossa direção. A cabeça está abaixada, como se ele estivesse absorto em pensamentos. Ele para na nossa frente.

— Pra sorte de vocês dois — diz ele —, o SIA e seu irmão tentaram mesmo fazer um acordo conosco uma hora atrás. Eles anunciaram no centro e botaram gente deles pra me emboscar. — Ele estica as mãos. — Como vocês podem ver, ainda estou aqui e eles fracassaram. Mas parece que sua informação era quente.

Então a armadilha falsa já foi deflagrada. Solto o ar e torço para meu alívio parecer direcionado a estar certo sobre o que contei a Hann.

Ele estica a mão enluvada na minha direção.

— Você ainda não está livre de suspeitas, Éden — diz ele. — Vou ficar de olho em você e na sua amiga aqui. Mas, se você fizer o que diz, vou concordar em mudar de tática. E vou cobrar. — Ele dá um sorriso apertado. Tem algo ali que parece confiança. Algo sincero. E, mesmo agora, sinto vontade de acreditar.

Eu assinto e aperto a mão dele. Pressa faz o mesmo. Mas a expressão nos olhos de Hann me deixa com medo ao mesmo tempo que sinto uma pontada de solidariedade por ele. Minhas palavras soaram verdadeiras e reais porque uma parte de mim acreditou no que eu estava dizendo. Porque ainda estou convencido, mesmo que um pouco, de que a missão de Hann é boa.

O que isso quer dizer? Quando chegar a hora de nos voltarmos contra ele, eu vou ser capaz? E o que vai acontecer quando ele perceber que o traímos?

Tremo com o pensamento na hora que Hann se vira e faz sinal para o seguirmos.

Se ele descobrir, vai nos matar.

DANIEL

Minha visão fica borrada. Não consigo nem sentir as mãos. Um grito explode do meu peito. Antes que eu possa registrar o que estou fazendo, saio correndo, a caminho da escadaria e da rua, na direção de onde a explosão aconteceu.

June. Ela estava lá. Bem ali onde a explosão aconteceu.

Mil imagens, cada uma mais horrível do que a outra, surgem na minha mente. Eu reajusto o microfone no ouvido e fico falando nele, ao mesmo tempo que a polícia corre ao meu redor em uma cena caótica.

— June! June? Está me ouvindo? O que aconteceu aí?

Não há resposta. Cuspo um palavrão e chego à escadaria. Nem me dou ao trabalho de descer pelos degraus: com um pulo, estou no corrimão, pulando de uma volta da escada na seguinte, me firmando com as mãos e girando para cada andar mais baixo até cair de leve no térreo do prédio. Disparo para a rua.

Detritos e poeira branca pairam no ar. Aperto os olhos enquanto corro. Já tem uma patrulha de soldados aqui, enviando outros do esquadrão da June de volta ao prédio principal. Nenhum deles parece ferido ainda, mas seus rostos estão atordoados e cobertos de cinzas.

— June! — chamo de novo, parado na frente da pilha de concreto quebrado que era a construção onde ela deveria ter ficado de vigia. Está uma confusão de pedras quebradas e metais retorcidos agora. Uma onda de tontura toma conta de mim e oscilo. Ela deve estar ali em algum lugar, presa debaixo dos detritos, deve estar ferida, morta...

Uma mão se materializa na poeira branca e segura meu pulso. Viro a cabeça para o lado.

É ela.

June está com um sorriso melancólico no rosto.

— Você não achou que isso ia me derrubar, achou? — diz ela.

Todos os ossos do meu corpo ficam fracos quando a vejo. O cabelo dela está

desgrenhado e sujo e tem manchas de cinzas nas bochechas dela, mas, fora isso, parece ilesa.

— Você é terrível — digo com rispidez. — O que aconteceu? Eu vi você ali e vi a explosão...

Ela já está se afastando e me puxando junto na direção da torre de onde vim. Seus olhos estão escuros e sérios.

— Você *achou* que me viu ali — corrige ela. — Eu posicionei uma equipe falsa, ciente do risco de um ataque em potencial de Hann. — Ela aperta minha mão em um gesto apologético. — Me desculpe por não ter contado. Eu queria que Hann pensasse que tinha conseguido, e ele teria acreditado se reparasse na sua reação chocada.

Fico tão aliviado de vê-la bem que não tenho forças para sentir raiva.

— Você faz uns jogos perigosos — digo, e balanço a cabeça.

June mostra o dispositivo de antes e abre uma transmissão que parece ter vindo do subterrâneo.

— Obviamente, ele ouviu essa transmissão — diz ela. — E, com essa exibição, ele vai achar que nos abalou. Também deve fazer o Éden parecer mais confiável pra ele, por ter ido avisá-lo de um plano que realmente aconteceu, e que você não queria que acontecesse.

Caminhamos em silêncio por um momento antes de voltarmos ao centro de comando. Lá, as outras transmissões estão sendo analisadas. Nenhuma delas fez uma explosão similar acontecer.

Aponto para uma área embaixo da fronteira leste da cidade. Fica perto dos limites, onde o biodomo termina e a tundra da Antártida começa.

— Essa área — reflito. — É provável que todo o pessoal dele esteja posicionado perto dali, senão teríamos visto mais reações às outras transmissões.

— E parece que o Éden conseguiu fazer contato com ele — acrescenta June.

Éden. Meu coração se aperta de novo ao pensar no meu irmão novamente sob o controle de Hann. Olho para o lugar que June mostra na imagem da explosão repetida nas telas da sala.

— Foi o que Éden disse que sugeriria que Hann fizesse como reação à nossa proposta.

— Alguma notícia dele? — pergunto.

June balança a cabeça.

— Ainda não. Mas devemos ter alguma coisa esta noite.

Eu assinto, tentando não deixar meu medo transparecer. Afasto-me da mesa e vou para a frente da janela com vista para a cidade. Nos alto-falantes do centro, ouço a diretora Min falando com os agentes, recebendo atualizações do que está acontecendo.

Quanto mais cedo isso tudo acabar, mais cedo as coisas podem voltar ao normal. Mas, enquanto olho para a cidade, para o caos que tomou conta das ruas da Cidade Inferior, fico me perguntando se a normalidade é sequer possível.

Uma revolução dentro de uma revolução.

June não é a única trabalhando sem contar todos os detalhes para todo mundo. As mudanças nunca acontecem se não forem forçadas.

ÉDEN

A ÚNICA FORMA DE EU SABER QUE A NOITE CAIU É PORQUE AS CLARABOIAS DA construção estão pretas. Do lado de fora, além do biodomo de Ross City, a tundra aberta deve parecer um mar escuro como breu. Mesmo de dentro, ouço o rugido do vento nas planícies vazias.

Pressa e eu estamos a sós com Hann agora, em uma sala que parece funcionar como escritório dele. Os guardas esperam do lado de fora. Dentro, sem sua companhia habitual e sentado com cansaço em uma cadeira, ele parece, pela primeira vez, um homem vulnerável.

Pressa para ao lado dele e lhe mostra um frasco.

— Pode fazer com que você tussa um pouco no começo — avisa ela enquanto coloca um na mão dele. — Mas vai começar a fazer efeito assim que você engolir. Você tem que tomar um por dia.

Hann olha para ela com cautela, mas não se move para impedi-la. Os guardas do lado de fora não estão olhando para o resto da construção, mas para dentro, para nós. As armas aguardam nos coldres. Se sentirem o menor sinal de que estamos tentando envenenar ou sabotar Hann, eles vão nos encher de bala antes que tenhamos tempo de explicar qualquer coisa. Por isso, Pressa se move lentamente, enfatizando cada palavra.

Eu me percebo novamente maravilhado com a calma dela.

— Há quanto tempo sua família vive na Cidade Inferior? — pergunta Dominic Hann quando ela coloca o conteúdo do frasco em um copo e mistura com água quente.

Pressa não diz nada por um segundo. Sua concentração está na mistura que está preparando.

— Desde que eu lembro — responde ela. — Meus avós vieram para Ross City quando estavam fugindo do caos no país deles. Acabaram indo parar na

Cidade Inferior. Meu pai diz que a botica antes era deles.

— Entendi — diz Hann.

Percebo que ele a está testando, pela forma como a observa mexer a mistura. Ele está procurando algo de incomum no olhar dela, o segredo do motivo de estarmos realmente ali.

Mas não a faz parar enquanto ela trabalha. Percebo que talvez ele esteja genuinamente esperançoso de que dê certo.

Enquanto Pressa se mantém ocupada, eu falo. Limpo a garganta e me inclino para a frente junto à escrivaninha onde estou sentado.

— Como você mesmo falou — digo para Hann —, os militares não vão esperar para sempre. Não temos muito tempo. O que você precisa que seja feito no sistema?

Hann inclina o queixo para mim.

— Você estará encarregado de instalar um hack no sistema que redirecione todos os Níveis para o meu controle — responde ele.

Uma sensação gélida percorre as minhas veias, fria como o vento polar lá fora. Nossa suposição estava correta, afinal. Ele vai se tornar a única pessoa a ditar o que é legal e ilegal. Eu pisco, fingindo choque pelo alcance do hack.

— Um programa consegue fazer isso? — pergunto. — Vai demorar muito.

Hann me observa com olhar penetrante.

— Não se você trabalhar nele — responde. — Me disseram que é uma questão simples de instalar um chip novo no sistema. Você vai dar uma olhada nele amanhã à noite.

Amanhã à noite. É tarde demais. Se quero executar nosso plano, preciso desmantelar as coisas e instalar nosso chip antes disso. Eu franzo a testa para Hann.

— Me mostre o sistema esta noite. Se precisar ser feito manualmente, vou precisar de todo o tempo que puder ter.

Hann observa o líquido na caneca. Ali perto, Pressa perde o ar.

— Você vai fazer quando eu mandar — responde ele. A autoridade na voz dele é fria e distante, tão acostumado a ser obedecido que nem se dá ao trabalho de questionar se vou ou não.

— Mas… — começo a protestar de novo.

Num piscar de olhos, ele estica a mão na direção de Pressa e segura o pulso dela bem quando ela tenta se afastar.

Ela ofega. Eu fico paralisado.

Hann olha para ela sem piscar… então finalmente a solta. Há uma ameaça tácita nas palavras dele quando volta o olhar para mim. Ele está desconfiado do motivo de eu querer acesso tão rápido ao sistema, e por que não estou questionando a ambição dele. Hann está me dizendo que poderia quebrar os pulsos de Pressa com facilidade, que poderia cortar minha garganta e largar nossos corpos na rua como já fez com tantos outros.

É fácil esquecer que Hann é conhecido por ser um assassino de sangue frio. A mudança repentina entre isso e o lado vulnerável e exausto dele me deixa tonto.

— Você primeiro — diz ele para Pressa, oferecendo-lhe de volta a caneca com o remédio que ela preparou.

Para minha surpresa, Pressa nem hesita. Ela assente e levanta a caneca. Toma um longo gole. Preciso me segurar para não reagir e nos revelar, mas meus músculos ficam fracos de tensão com o gesto dela. Isso quer dizer que ela também vai sofrer dos efeitos? Ela imaginava que isso pudesse acontecer?

— Talvez você se sinta um pouco fraco hoje à noite — diz ela para Hann depois que engoliu um pouco da bebida. Sua voz está com um leve tremor, mas ela consegue manter as palavras lentas e controladas. — Pode sair um líquido claro na sua tosse, mas é um bom sinal, de que a medicação está funcionando. Se o líquido estiver escuro, vamos ter que te dar antibióticos.

Hann espera, observando-a. Mas ela sustenta o olhar dele com expressão serena, e se eu não soubesse o que estamos fazendo, acharia que ela estava sendo genuína, nada mais do que alguém cumprindo o que tinha prometido.

Por um momento, acho que não vamos nos safar.

Mas o olhar frio desaparece. Ele se encosta, parecendo mais satisfeito agora que Pressa tomou uma boa quantidade do soro.

— Vou te mostrar o sistema hoje à noite — diz ele para mim. — Amanhã de manhã, espero que você tenha uma solução eficiente para implementar o que eu quero. Eu poderei saber se você é o melhor aluno de toda Ross City.

— Ele abre um sorriso breve ao dizer isso.

Eu assinto e solto o ar devagar enquanto Hann fica de pé. Ele ajeita o paletó, olha novamente para Pressa e dá um aceno breve.

— Amanhã, vamos conversar de novo. Aprecio a sua ajuda.

Isso não é dito com gratidão. Há uma promessa ali, uma confirmação de que amanhã vamos ter que enfrentá-lo de novo. Eu apenas sigo Pressa e murmuro em assentimento, depois saio da sala atrás dele. Meus olhos permanecem baixos, mas volto a atenção para Pressa, ao meu lado.

Se conseguirmos sobreviver a essa noite, talvez a gente seja capaz de sair daqui. Mas, se as coisas derem errado, pode ser que eu tenha exagerado pela última vez.

✪✪✪

Pressa e eu temos permissão de ficarmos no mesmo quarto, que conta com um beliche. Guardas estão posicionados do lado de fora da porta. Supostamente jantaremos aqui e depois vou ser levado até onde fica o sistema.

Assim que fechamos a porta, Pressa enfia a mão no bolso e coloca um comprimido na boca.

— O que é isso? — pergunto.

— O antídoto — murmura ela antes de engolir. Faz uma careta. — Ugh, tão amargo.

— Antídoto? — Balanço a cabeça sem acreditar. — Você já achava que ele ia pedir que você fizesse uma coisa assim.

Ela pisca.

— Claro — responde ela. — Nós sempre temos um antídoto pra cada mistura que fazemos. Nós damos isso aos nossos clientes.

Percebo com uma pontada de dor que ela ainda fala sobre a botica como se o pai estivesse vivo.

— Você lidou com aquilo como se sempre soubesse o que fazer — digo.

Ela sacode a cabeça e faz sinal para eu me sentar na cama ao lado dela.

— Com sorte, ele vai ficar debilitado e febril a noite inteira, com um sono bem agitado. Acho que ele deve acordar tarde amanhã.

Eu assinto.

— Deve nos dar tempo suficiente para trabalhar — respondo.

Ela me olha. O sorriso torto que conheço tão bem surge em seus lábios e, por um segundo, parece que ela vai se inclinar para a frente e me beijar. Meu coração pula de terror e empolgação com o pensamento.

Não sei se Pressa vê alguma coisa na minha expressão, porque ela recua abruptamente e limpa a garganta.

— Você se lembra da primeira corrida de drone em que te levei? — diz ela. — Você tremia tanto que achei que fosse desmaiar.

Eu rio com ela, meio nervoso. Isso aconteceu há poucos anos, mas eu me sentia muito mais novo.

— Foi a primeira vez que fui à Cidade Inferior — respondo. — Você nem me explicou nada. Só me jogou na confusão de apostas e no meio da multidão.

— Eu estava poupando seu tempo. Melhor pular na água fria de uma vez só do que ir sofrendo aos poucos.

— Certo.

Ficamos em silêncio por um momento.

— Vamos dizer que a gente consiga ter sucesso nisso — digo com voz baixa. — Vamos dizer que tudo volte a ser como antes. Você vai ficar bem? Seu pai... E quanto à loja dele?

Pressa dá de ombros, tentando parecer mais tranquila do que sei que ela está.

— Se sairmos daqui bem, pode ser que o SIA ajude na botica do meu pai, que me dê um valor que me ajude a pagar pelos consertos. — Ela para de falar e, por um momento, ficamos em silêncio, o peso da morte do pai dela pesando sobre nós.

— Pode ser que eu tenha algumas conexões — digo para ela. Mas sinto uma pontada no peito. Se por algum motivo nosso plano de interferir com o sistema de Níveis não funcionar, Pressa vai voltar para a antiga vida dela na Cidade Inferior, lutando pelos Níveis como todo mundo. Consigo ver a incerteza nos olhos dela enquanto pensa a mesma coisa.

Finalmente, ela abaixa o olhar e diz:

— Se sairmos disso, eu gostaria de ir embora da Cidade Inferior — diz. — De ir pra um lugar novo. De procurar aventuras. — Ela fica em silêncio por

mais um momento. — Eu permanecia pelo meu pai. Agora ele se foi, e eu não sei o que fazer.

Ela ri e balança a cabeça, como se esse fosse um sonho impossível e para sempre fora do seu alcance.

Eu toco na mão de Pressa.

— Você vai saber — digo para ela. — Sempre soube.

Pressa abre um sorriso cansado. Ficamos sentados sem falar por um momento antes de ela me olhar de novo.

— Você sente pena do Hann? — pergunta, a voz mais suave agora. — Quer dizer… não estou dizendo que ele seja alguém com quem a gente deva se solidarizar, mas…

Se sinto pena dele? Estou prestes a dizer não, claro que não… mas algo me faz parar. Penso no jeito como Hann precisa que seu remédio seja testado.

— Um pouco — acabo respondendo. E percebo que talvez ela esteja perguntando porque sente pena também.

Pressa indica a bolsa de remédios que ela jogou na cama entre nós.

— Acho que ele já pode ter sido alguém confiável muito tempo atrás. Ele tem as características de uma pessoa da Cidade Inferior, sabe? Você sempre encontra um jeito de fazer as coisas darem certo, até o mundo tornar impossível. E, mesmo assim, você tem que seguir em frente.

Fico em silêncio com as palavras dela. O mundo jogou Pressa fora, mas ela ainda conseguiu manter a bondade, nunca se afastou do que era certo. E me vejo pensando nas linhas tênues na vida que nos lançam para um lado ou para outro, em como as dificuldades que meu irmão e June enfrentaram os lançaram para uma direção ao passo que as dificuldades de Hann o lançaram para outra.

— Quando isso tudo acabar — digo —, vou voltar para a República.

Pressa sorri de novo. É uma expressão mais triste desta vez, como se ela sempre soubesse, e a tristeza dá um nó no meu coração.

— Eu nunca pensei que você fosse ficar aqui na Antártida — responde.

Eu olho para ela.

— Não?

— Éden, você viveu a vida toda com os sapatos virados na direção da

República. Esse brilho está nos seus olhos cada vez que eu te vejo. É seu lugar. — Ela bota a mão no meu braço, e penso em quanto ela me ajudou depois que os caras da universidade me empurraram no chão. Penso no que ela está fazendo agora, ao meu lado. Se eu voltar para a República, não vou poder mais contar com Pressa.

— Eu… — Não sei como terminar a frase. Dizendo que vou sentir falta dela? Que gosto dela desde que nos tornamos amigos? Que quando saímos juntos à noite, eu amo ver seus lindos olhos brilharem na luz fraca, refletindo o brilho de tudo ao redor?

Ela só sorri para mim e chega mais perto.

— Só vem me visitar às vezes, tá? — sussurra ela. — Pra eu ver como você está.

Eu engulo em seco e procuro um bom jeito de dizer o que sinto. E, no meio dessa busca, percebo que o que quis fazer o tempo todo era mostrar para ela.

Eu me inclino na direção dela no silêncio. E a beijo.

É um beijo leve, meus lábios gentis contra os dela. Ela enrijece de surpresa com o meu gesto, o suficiente para eu me afastar e olhar para ela com hesitação. Talvez eu não devesse ter sido tão direto.

Mas, antes que eu possa pedir desculpas, Pressa passa os braços em volta de mim e me puxa. Ela me beija, com mais intensidade agora.

Todos os pensamentos que eu tinha se espalham. Não consigo acreditar que eu não sabia que era isso que devia ter acontecido entre nós, e que nunca fiz nada a respeito antes. Há uma amargura no nosso beijo que me lembra o pouco tempo que talvez tenhamos. Eu a puxo mais para perto, querendo mais, arrependido de ter me segurado por tanto tempo.

Nós finalmente nos afastamos, a respiração rasa. Pressa olha para baixo, um raro momento de fragilidade surgindo no rosto dela. Ela ri um pouco.

— Eu sempre quis que você fizesse isso — murmura, me olhando por entre os cílios.

— Bem — murmuro em resposta —, que bom que fiz alguma coisa a respeito.

Nossa conversa é interrompida por uma batida abrupta na porta. Nós nos afastamos quando um dos guardas entra. Ele não sorri para nós. Seu olhar

se prende, frio e insensível, no meu.

— Andem, vocês dois — diz ele. — Hann não tem o dia todo pra perder mostrando a vocês o sistema.

Eu me levanto e encaro o homem com firmeza. Ao meu lado, Pressa se levanta e ergue o queixo, se acalmando novamente.

— Estamos atrás de você — digo para o guarda.

Ele me fuzila com o olhar outra vez e olha de relance para Pressa de modo desagradável antes de se virar e fazer sinal para o seguirmos. Não vai demorar para nossos planos começarem a ser postos em prática. Pressa e eu trocamos um olhar rápido antes de eu seguir o homem pela porta.

É nessa hora que percebo que o drone de inseto que Daniel me deu não está mais no meu bolso.

Uma onda de pânico percorre meu corpo, mesmo enquanto tento manter a expressão calma atrás do homem. Pressa sente meu medo repentino, porém. Ela me observa sem entender antes de se dar conta do que aconteceu. Ela arregala os olhos.

Talvez o drone tenha caído do meu bolso.

Mas uma sensação de terror cresce no meu peito. De alguma forma, sei que não foi acidente. De alguma forma, eu *sei.*

Dominic Hann o pegou.

DANIEL

OUTRO PERÍODO DE SONO AGITADO.

Desta vez, é um sonho do meu passado, outra série de fragmentos de memória que estou me esforçando para entender. Algumas coisas não fazem sentido: um monte de margaridas-do-mar flutuando no oceano, uma figura solitária lutando em uma tundra congelada. Mas quando meu sonho finalmente sossega, vai parar em uma lembrança de infância.

É de quando eu já estava morando nas ruas havia um ano. Tess não está por perto; eu ainda nem a conheci. Ainda estou mancando muito naquela idade, e quando finalmente passo pelos telhados e paro atrás de uma chaminé perto da casa da minha mãe, estou encharcado de suor.

Minhas mãos estão ensanguentadas e doloridas de ficar subindo em parapeitos. O buraco no meu estômago parece uma caverna. O dia todo, lutei para encontrar comida suficiente para fechar esse vazio; mas o dia foi difícil. Não tinha lixo. Guardas patrulhavam os navios atracados. Quase não escapei das garras de um mercador de rua vendendo miúdos de porco-pigmeu em palitos. O cheiro foi tão inebriante que me distraí por um momento e fiquei parado tempo demais. O mercador pulou para cima de mim com uma faca. Eu fugi, mas a ponta da faca me atingiu e conseguiu cortar a lateral do meu corpo.

Eu oscilo com fraqueza. Minha mão fica apertando a pele, mas ainda tem sangue escorrendo do ferimento, manchando tudo de preto. Olho com desespero para a casa da minha mãe. Tem velas acesas lá dentro. Ela está em casa, e provavelmente os meus irmãos também. Como se combinado, vejo a silhueta do John passar pela janela.

Não sabem que estou vivo. Se eu me revelar para eles, como vão reagir? O que a República vai fazer com eles se obrigarem minha família a falar?

Outra pontada de dor sobe pela lateral do meu corpo, e um gemido baixo escapa de mim. Encosto a cabeça na chaminé e fecho os olhos. Não posso ficar

assim. Se ficar, vou morrer. De manhã, alguém vai encontrar meu cadáver no telhado, e um carro vai aparecer e me arrastar para uma vala coletiva de indigentes.

A porta lateral da nossa casa se abre e um retângulo de luz dourada aparece momentaneamente no beco. John sai com um saco de lixo. A porta de tela se fecha quando ele passa e segue pelo quarteirão para colocar o saco em uma das lixeiras.

Eu hesito de novo e pisco para tirar o suor dos olhos. Meu mundo está girando agora, a cabeça tonta pela perda de sangue. Ainda assim, me seguro.

Outra onda de náusea me atinge. Eu trinco os dentes e falo um palavrão. E finalmente começo a descer com dificuldade pela lateral do prédio. Minhas mãos se agarram desesperadamente à calha na parede. O metal frio e liso é difícil de escalar, e eu quase caio várias vezes.

Finalmente, chego ao chão e caio com um grunhido. Eu me levanto com dificuldade e cambaleio na direção de casa na hora que John está voltando para a porta. Ele entra e se vira para longe de mim.

Eu abro a boca para chamá-lo, mas estou fraco demais. Quando a tela se fecha atrás dele e ele tranca a porta interna, eu subo os degraus. Um, dois, três. Chego à porta fechada, reúno o que me resta de força e bato.

Por um momento, acho que o som não é forte o bastante para ser ouvido. Espero alguns segundos, prestando atenção no meu irmão, e tento bater de novo. Nada.

Sento nos degraus e fecho os olhos, apreciando o frio da pedra. Talvez me encontrem morto ali de manhã. Minha mãe vai gritar. John vai franzir a testa com pesar. E Éden...

Mas a porta é aberta um pouquinho. Eu levanto o rosto e me vejo encarando os olhos azuis do meu irmão mais velho.

Ele não me reconhece, ao menos não de primeira. A boca se curva em uma careta que conheço bem, e por um instante parece que nunca saí de casa. Abro um sorriso fraco para ele.

— Sou eu — consigo grunhir. Minhas mãos se afastam do ferimento para mostrar o sangue encharcando minha camisa. — Preciso de ajuda, John.

É nessa hora que ele se dá conta. John conhece minha voz, se lembra de como gritei para ele quando meu trem se afastou depois que fracassei na Prova. O

rosto dele perde toda cor e seus olhos se arregalam de choque.

— Daniel? — sussurra ele.

Mas estou fraco demais para responder agora. Fico caído nos degraus, tentando me concentrar neles. Sinto braços me envolverem e me erguerem. Eu tremo de frio. Depois, estou deitado em uma mesa de jantar iluminada por uma luz fraca, olhando para o rosto perplexo do meu irmão.

— É impossível — ele está repetindo sem parar. Passa a mão pelo cabelo ao mesmo tempo em que pega uma faca e corta minha camisa. — Eu vi levarem você... nos disseram que você estava... que você estava...

— Não conta pra mamãe — eu sussurro. — Não conta para o Éden. — Um grito rouco escapa dos meus lábios quando ele enrola uma coisa apertada na minha cintura ferida. — Eu não tive escolha além de vir até você. Mas, se souberem que estou aqui, vão matar vocês todos.

John para de trabalhar por um momento. Inclina a cabeça para perto de mim e a apoia no meu ombro. Demoro um momento, em meio ao meu delírio, para reparar que ele está chorando. Tento passar o braço em volta dos ombros dele, dizer que vou ficar bem. Mas, mesmo aqui, algo interrompe meu sonho.

Isso não é real. Porque o John está morto.

Tento me concentrar no teto. Está se mexendo e se mesclando, e de alguma forma viro a pessoa que está parada ao lado da mesa de jantar. E a figura na mesa não sou eu, mas Éden, uma versão dele criança, de bochechas redondas e olhos arregalados, em choque com o sangue escorrendo do peito.

Tento freneticamente estancar o sangramento do meu irmãozinho, mas não adianta.

— Éden? — digo o nome dele. — *Éden*. Olha pra mim.

Minhas mãos estão cobertas de vermelho. Por mais que eu aperte o curativo no ferimento, o sangue continua a jorrar. O que ele fez? Ele saiu para salvar os outros... como sempre. Mas agora está morrendo, e não há nada que eu possa fazer quanto a isso. Olho para a frente e grito pedindo ajuda.

Mas não tem ninguém. Estamos só nós dois.

✪✪✪

Acordo com um tremor. Tem mãos macias segurando o meu rosto, mas demoro um momento para perceber que pertencem a June. Na escuridão, mal

consigo ver os olhos dela. Ela está me olhando com preocupação.

— Ei, ei — diz ela com gentileza. — Você está bem. Você está aqui.

Meu corpo está encharcado de suor, trêmulo da cabeça aos pés. Aparentemente, desabei no sofá e caí no sono enquanto esperava pela mensagem de Éden confirmando que está em segurança no círculo pessoal de Hann. A imagem do pequeno Éden morrendo de hemorragia na mesa ainda está fresca na minha mente. Fecho os olhos numa tentativa de a afastar, mas ela permanece como uma mancha nos meus olhos.

— Estou bem — sussurro, assentindo para June. — Só tive um pesadelo. Tudo bem.

Pela expressão dela, vejo que June sabe instintivamente que meu pesadelo deve ter sido sobre o Éden. Mas ela não pressiona. Só assente e olha para a janela. O metal das dragonas dela tilinta de leve.

Eu não tinha percebido que ela estava usando uniforme completo. Os olhos de June estão alertas, cintilando na noite.

— O que está acontecendo? — digo, afastando gradualmente a névoa de terror do sonho. A sala vai se definindo melhor. Pela janela, vejo a silhueta dos arredores de Ross City. — Éden... já tivemos notícias dele?

June balança a cabeça, e antes que comece a falar sinto o buraco ameaçador se abrir na minha barriga.

— Nada. São três horas da madrugada. Ele devia ter respondido horas atrás.

Sem dourar a pílula. Não adianta, e June sabe. Luto para afastar meus medos, mas ela os vê na minha expressão. Eu me sento mais ereto no sofá.

— Algum sinal vindo do drone do Éden? Ele ainda está no mesmo local?

June me olha com expressão séria.

— Daniel, não tem mais sinal de localização.

Não tem mais sinal de localização. Três possibilidades explicariam isso: Ou Éden decidiu removê-lo, pensando na segurança dele e de Pressa. Ou o drone parou de funcionar. Ou...

Hann descobriu e o desabilitou.



MINHA MENTE GIRA FRENETICAMENTE ENQUANTO O GUARDA FAZ SINAL PARA O seguirmos.

Hann pegou o drone. Deve ter pego.

Por um instante, penso que é nosso fim. Eles nos descobriram e não tem nada que possamos fazer para impedir Hann de nos matar.

À nossa frente, o guarda acena impacientemente.

— Hann está esperando — diz ele.

Pressa olha uma vez para a porta e fala sem emitir som. *Vai*.

Não sei de onde vem a explosão de coragem. Do desespero, provavelmente.

Pressa estica a mão e segura o pulso do guarda. Antes que ele tenha tempo de dar um grito de surpresa, ela o puxa com força para dentro da sala e o empurra contra a parede.

Ele ofega e rosna para Pressa enquanto se move para agarrar o pescoço dela.

Eu o acerto com força no maxilar antes que ele possa tocar nela.

Se aprendi alguma coisa com meu irmão, foi como dar um soco depois de ser atacado.

Meu golpe acerta com tudo. Os joelhos do guarda se dobram e ele fica inerte enquanto desliza lentamente até o chão.

Pressa me olha, impressionada.

— Boa — diz ela.

Eu dou de ombros.

— Vantagem de ter um irmão agente do SIA — respondo.

Não perdemos tempo para sair da sala e a trancar. Corremos contra o relógio agora. Não tem volta. Meus passos se aceleram na escada de metal

que leva aos andares superiores do prédio.

Aqui, reconheço o espaço amplo que abriga o canteiro de obras de Hann. Tudo fica meio escondido nas sombras, como se houvesse silhuetas de guardas em todas as esquinas. Andamos lentamente, levando um susto a cada escadaria.

Finalmente, chegamos ao canteiro de obras do qual me lembro de quando fui capturado da primeira vez. A caverna labiríntica cheia de fileiras de máquinas piscando continua ameaçadora e hipnotizante, o brilho deixando tudo em um tom azulado.

Puxo Pressa para baixo ao meu lado antes que ela possa chegar ao patamar superior da escada. Ali, nos agachamos nas sombras, vendo dois guardas parados junto à grade de metal que leva para baixo, para o andar principal.

Pressa observa os corredores infinitos de computadores, de queixo caído. Então olha para mim.

— Como a gente vai lá pra baixo? — sussurra, enfatizando as palavras baixinho.

Olho de relance para os guardas. Seus olhares estão voltados para baixo, para o resto do ambiente. Se conseguirmos passar por eles, seremos capazes de nos perder no labirinto de corredores e seguir até a plataforma de controle do outro lado do prédio.

Observo o corrimão perto dos degraus. Se Daniel estivesse aqui, ele evitaria os guardas e escorregaria pela lateral do corrimão, caindo silenciosamente de andar em andar até alcançar o térreo. Eles nem saberiam que ele esteve aqui.

Antes do meu irmão me levar pelo passeio pelo distrito de Lake, eu teria rido da ideia de tentar fazer isso. Mas agora me vejo olhando para o patamar, imaginando se tem um jeito de eu descer pelo menos um andar assim e passar pelos guardas. Posso não ter a agilidade de Daniel… mas talvez eu consiga encontrar um caminho com meus próprios truques.

Começo a tirar a jaqueta. Pressa olha para mim com curiosidade.

Faço sinal para a jaqueta dela, mandando-a fazer o mesmo, e aponto para o corrimão ao nosso lado e para o chão abaixo.

Pressa olha para mim.

— Você perdeu a cabeça? — sussurra ela.

— Se quiser lutar com esses guardas, fique à vontade — eu sussurro em resposta. E vou até o corrimão de metal e enrolo minha jaqueta no buraco. A parte de baixo do corrimão é aberta o suficiente para eu deslizar por ali. Mas é apertado.

Pressa me observa por um momento, então decide se juntar a mim.

Eu me deito de costas e passo pela abertura embaixo do corrimão, depois desço com cuidado, as mangas da jaqueta bem enroladas no meu pulso esquerdo. Fico pendurado na beirada, uma silhueta perdida nas sombras. Acima, os guardas nem se mexem.

Balanço um pouco para a frente e para trás. E solto. Consigo me segurar no corrimão do andar mais baixo e então caio suavemente, agachado. Fico ali por um segundo, sem ar, prestando atenção se os guardas acima vão murmurar alguma coisa. Nada.

Pressa vem logo depois de mim. Fica pendurada no ar por um momento e cai agachada ao meu lado do mesmo jeito. Ela aterrissa mais silenciosamente do que eu, mas um dos cadarços dela bate no corrimão de metal. O som faz um eco baixo.

Nós ficamos paralisados. Por um segundo, não ouvimos nada.

Mas um dos guardas se move acima de nós.

— Isso veio de baixo — diz uma mulher.

— Tem certeza? — diz o segundo guarda. — Pareceu o prédio se acomodando.

— Provavelmente. — A primeira guarda começa a se mexer. — Vou dar uma olhada rápida, só por garantia.

Temos que ir agora. Seguro a mão da Pressa e começamos a correr o mais rapidamente que conseguimos para descer a passagem até o próximo lance de escadas. Acima, os passos da guarda ecoam alto na escada. Se ela nos alcançar antes de conseguirmos chegar ao andar mais baixo, vai nos ver e disparar o alarme.

Corremos com pés silenciosos pelo lance de escada. Chegamos ao térreo na hora que a guarda acima de nós começa a andar pela passarela do segundo andar. Eu olho em volta. O labirinto de corredores se espalha para todas as direções.

— Por aqui — sussurro, e escolho um dos corredores que parecem ir na direção de onde deve ficar a plataforma de controle. Pressa acelera silenciosamente atrás de mim.

Às nossas costas, a guarda também chega ao térreo. Para lá por um momento, então continua a procurar a fonte do som.

As palmas das minhas mãos estão encharcadas de suor. Tudo que quero nesse momento é que Daniel esteja aqui, mas afasto o pensamento na mesma hora. Concentro-me na tarefa a executar. É o que posso fazer. Seguimos em frente. Em algum lugar atrás de nós, a guarda entra no nosso corredor.

Chegamos ao final. Pressa me puxa quando vira para a direita, para seguir por outro corredor. Lá, nos agachamos, respirando com sofreguidão.

A guarda anda por metade do corredor de onde viemos. Preparo-me para sairmos correndo de novo. Mas a guarda permanece em silêncio por um momento. Nós esperamos, duas figuras tensas paralisadas.

Finalmente, a guarda suspira e começa a voltar pelo caminho que tinha percorrido. Os passos dela vão ficando mais distantes, até eu ouvir o estrondo familiar dela subindo pela escada para se juntar ao colega.

Pressa solta o ar, trêmula. Eu olho para o lado e nos levanto.

— Não estamos longe agora — sussurro.

Disparamos pelos corredores. Não há tempo. Hann já deve estar delirante de febre agora. É nossa única chance.

A passagem é tão comprida, os computadores dos dois lados tão infinitos com suas luzes cintilantes, que começo a pensar que fui pelo caminho errado. É quando finalmente vejo os corredores se abrirem de súbito.

Lá, à nossa frente, está a plataforma de controle circular.

Eu paro de repente diante dela. Estico a mão com dedos trêmulos, encontro minha meia e tiro o chip da lateral do meu tornozelo. Ao meu lado, Pressa observa o lugar, boquiaberta.

Eu ligo o sistema. O círculo virtual se abre em um arco ao nosso redor, seguido brevemente pela explosão de nódulos brancos brilhantes. Eu me ajoelho no círculo, tentando lembrar o que Hann tinha me mostrado, como acessar o sistema principal. *Quase lá*. Pressa monta guarda ali perto, olhando pelos corredores para o caso de guardas aparecerem.

Finalmente encontro. O sistema se inicia, me mostrando o perfil de Hann. Fico tão aliviado que quase solto um grito. O chip com o sinal que criei está na palma da minha mão. Toco nele uma vez e os dados contidos nele aparecem de repente acima da minha mão.

Agora, só preciso fazer o download para o sistema.

Mas não consigo. Porque, assim que o sistema se liga, ouço uma voz familiar atrás de mim. É de Pressa, mas as palavras dela soam carregadas de medo.

— Éden — diz ela.

Sei que ele está lá sem nem precisar me virar. Os pelos da minha nuca ficam eriçados. Olho por cima do ombro e vejo Hann parado ali, os olhos grudados em mim. Ele não parece doente. Há um sorriso leve no rosto dele.

— Eu estava tentando imaginar quando você agiria — diz ele. Seus olhos se desviam calmamente para Pressa. — E a pequena médica. Você está bem desperta, moça.

Pressa fica paralisada ao meu lado. Não diz nada para ele. Hann está se referindo ao fato de que ela não reagiu como deveria à mistura que ela lhe ofereceu. Eu me mexo de leve na direção dela, como se para protegê-la.

Ao notar a expressão dela, Hann sorri friamente e volta a atenção para mim.

Meu coração entala na garganta. Encaro-o por tempo suficiente para ser capaz de avaliar como ele deve estar se sentindo. O rosto de Hann está pálido, e há uma fina camada de suor na testa. Mas, fora isso, ele parece alerta. Deve ter identificado o soro de Pressa a tempo de tomar algum tipo de antídoto, ou não bebeu o bastante.

Atrás dele há pelo menos seis guardas, as armas puxadas e apontadas na nossa direção. Hann estala o dedo uma vez. O sistema virtual que estava pairando ao meu redor agora se desloca e vai até ele.

— Isso já fez parte da grade que Ross City utilizava para armazenar os dados do sistema de Níveis — diz Hann. — Agora, faz parte do meu sistema.

Espero que ele mencione o drone que deve ter tirado de mim. Ele não fala nada. Tudo que ele está fazendo parece natural agora, como se não soubesse nada sobre meus planos e de Pressa. Isso me provoca um arrepio.

— Você sempre quis algo maior do que somente desabilitar o sistema de Níveis — digo. — Você queria tomar o controle pra si.

— Exatamente. — Ele balança a mão uma vez na minha frente… e, quando faz isso, de repente sou capaz de mexer os nódulos flutuantes. — E, quando você começar a se comportar como parte da minha equipe, vai ter acesso a tudo isso enquanto me ajuda a reconstruí-lo com seu novo propósito.

Quando você começar a se comportar. Agora, quando olho para Hann, vejo um brilho perigoso nos olhos dele. O pai cheio de pesar, o homem que perdeu a esposa e o filho, sumiu. Esse é o assassino, o criminoso.

— Encontrei seu dronezinho inteligente — diz Hann, com voz suave. — Ou você ia me contar em algum momento?

Ando lentamente pelo círculo, a atenção ainda parcialmente fixada nos nódulos. Cada um é um marcador de como você sobe de Nível… ao menos no novo mundo de Hann.

— Qual é o seu objetivo com isso? — digo de repente. — Corromper tudo, destruir o sistema de Níveis, e substituir pelo seu? E tudo que você disse contra a cidade, que você não acreditava nas pessoas sendo tratadas assim? Agora, você vai simplesmente fazer a mesma coisa?

Hann sorri.

— Às vezes, não é a ideia que é corrupta, mas quem a opera — responde ele. — Você ia querer que o sistema de Níveis todo fosse deletado? Você viu o tipo de caos que pode imperar nas ruas sem ele.

É quase como se ele soubesse sobre o chip que eu planejava instalar no sistema. Eu o odeio pela zona cinzenta em que ele fica me desafiando a pensar.

— Pense em quantas pessoas nessa cidade devem estar apavoradas agora, sem o sistema de Níveis funcionando — continua Hann. — Os civis da Cidade Inferior sofreram, foram reprimidos e recolocados na linha pelo governo à base de porrada. Agora, imagine que *eu* substitua o governo da cidade. Que *eu* bote o sistema de Níveis no lugar… só que agora funciona como eu desejar. Os cidadãos dos Andares do Céu perdem o poder. Eu o entrego para a população da Cidade Inferior. As pessoas odeiam o caos, sabe. Basta que você lhes devolva o controle sobre suas vidas, que elas cairão

de joelhos por você, cheias de gratidão.

Faço cara feia para ele.

— Então você quer que te admirem como salvador, depois de ter feito tantos sofrerem pelo caos que você mesmo criou — digo.

Hann assente. Por um segundo, o lado paternal dele retorna e seu olhar se suaviza.

— Meu filho Erick era inteligente como você — diz ele, balançando a cabeça. — Eu queria que você pudesse tê-lo conhecido. Ele era um garoto muito inteligente, muito cheio de potencial. Era promissor como você.

Apesar de eu estar aqui como prisioneiro e inimigo dele, percebo que, quando me olha, tem outra pessoa que ele imagina no meu lugar.

Mas o momento passa e seus olhos endurecem de novo.

— Você acha que te deixei voltar sem desconfiar de nada? Que acreditei que você mudou de ideia de repente, que decidiu dar as costas para o seu irmão? — Ele balança a cabeça, com expressão quase triste. — Acha mesmo que acreditei que você queria curar minha doença?

Pressa olha para ele com irritação.

— A medicação era real — interrompe ela.

— Ah, eu sei. — Ele ergue uma sobrancelha para ela. — E aprecio o fato de você ter me oferecido. Mas vai ter que me perdoar por esvaziar todo o conteúdo do meu estômago depois. Ouvi falar que aquelas ervas provocam uma febre terrível. Você já estava ciente disso?

Pressa contrai o maxilar. Abre a boca para dizer alguma coisa… mas, antes que possa, Dominic Hann está com uma arma na mão, o cano brilhoso apontado para ela.

Eu corro na direção de Pressa, mas ele é rápido demais.

Hann dispara contra ela.

DANIEL

— DANIEL... ESPERE!

Mal consigo ouvir June me chamando quando saio correndo das salas de espera do prédio e vou para a área de controle principal, vestindo a jaqueta enquanto caminho. O ar aqui fora está fresco e frio, e a noite simulada está pesada, quebrada apenas por um punhado de telas passando propagandas.

— *Day*.

Só o som do meu nome de rua me faz parar o suficiente para me virar. June me alcança, o cabelo balançando ao vento, e aperta meu braço com uma das mãos.

— Você não vai descer lá sozinho — diz ela com firmeza.

— Eu preciso ir.

— Nós não temos ideia do motivo para o Éden não ter enviado a mensagem. Ele pode estar atrasado por alguma razão, ou tentando consertar o dispositivo. Há dezenas de possibilidades. Se você simplesmente descer, pode acabar arruinando o disfarce dele.

— E se ele estiver com problemas?

— Então Hann vai avisar em breve, sem dúvida. — June cruza os braços. — Você acha que ele vai perder a oportunidade de usar Éden contra você caso tenha descoberto o plano dele?

Eu levanto as duas mãos.

— Isso tudo faz sentido, eu entendo. Mas, se ele estiver se preparando pra usar Éden contra mim, então já estamos atrasados. Ele não vai deixar o Éden sair de lá de novo. E se souber que estamos cientes do que está fazendo, que estamos indo atrás dele, ele vai estar pronto pra nós. — Eu balanço a cabeça. — Não posso ficar aqui sentado esperando.

June suspira e afasta o olhar por um segundo. Os olhos dela brilham de frustração. Sou lembrado de repente do jeito como discutíamos quando a

República estava no meio da guerra, e parte do meu coração se aperta de culpa.

— Você me conhece, né? — falo, avançando um passo e me inclinando para perto dela. — Sabe que sou capaz de fazer isso. Sempre fui, a vida toda. Me deixa ir sozinho. Vai ser mais fácil eu me esconder se estiver sozinho. Fica aqui e vigia minha retaguarda. Fica de olho na minha localização. E, se você nos vir saindo, fala para o SIA estar preparado.

Ela se vira para mim agora. A frustração no rosto dela abriu lugar para o medo e, dentro desse medo, vejo a mesma preocupação que tenho cada vez que ela arrisca a vida.

— Então vai logo — diz, se inclinando para perto de mim. A voz está suave e firme. — Vamos estar prontos pra você. Prometo.

Penso na noite que tivemos juntos, em todos os nossos momentos de constrangimento, na dança lenta de voltamos a nos conhecer. No potencial de uma vida com a June. Se há algum motivo para voltar para a superfície, é esse... e não vou deixar que Dominic Hann tire essa chance de mim. Já passei por revoluções e guerras, massacres e doenças. Vou sobreviver a isso também, assim como meu irmão.

Eu me inclino na direção dela. Meus lábios tocam nos dela de leve e, por um instante, ficamos unidos assim. Então eu me afasto.

— Voltarei antes que você perceba — digo.

✪ ✪ ✪

O ar frio da noite maltrata minhas bochechas. O rastreador que June fixou em mim, um pedaço de metal no meio das minhas costas, está gelado sobre a pele. Agora, um boné cobre os meus olhos, e uma máscara preta oculta a metade de baixo do meu rosto. Conforme sigo para os arredores de Ross City, o sentimento familiar de estar sozinho nas ruas volta. Tem algo de estranhamente reconfortante nisso. Puxo o boné mais para baixo e acelero o passo pelas sombras.

Com o sistema da cidade off-line, não posso abrir um mapa, como normalmente faria. Estou contando com a minha memória do local, baseada no mapa da central de controle que June me mostrou com a última localização que recebemos de Éden, antes de ele sumir com os capangas de Hann. Não vai ter ninguém me guiando para o lugar onde estão. Vou ter que encontrar o caminho

até lá sozinho.

Finalmente, paro no cruzamento mais próximo de onde me lembro que o ponto de localização estava. Aquela esquina parece abandonada, mas os guardas de Hann podem estar escondidos em algum prédio, de olho em movimentações suspeitas.

Paro nas sombras de um dos prédios, subo no peitoril do segundo andar e tiro uma pequena esfera de metal do bolso. O SIA tem uma quantidade de armas que me lembram as da República. Essa parece uma bomba de fumaça caseira, que eu fazia em Lake... só que bem mais forte, e a fumaça se espalha por uma área maior.

Olho para os prédios ao meu redor, procurando algum sinal revelador, um brilho de luz, o reflexo de um espelho, qualquer coisa que indique alguém esperando escondido.

Por um tempo, não vejo nada.

Mas acabo percebendo um movimento mínimo em uma das janelas. Tem alguém lá.

Abro um sorrisinho. Sigo pela lateral do segundo andar até chegar à varanda. Agacho-me nas sombras e levanto a bomba de fumaça. Jogo-a o mais longe do cruzamento que consigo.

Tilinta quando bate no chão. Depois explode.

A fumaça se espalha em todas as direções, preenchendo cada vão e cada viela.

Eu me viro para olhar a janela onde tinha visto movimento. Realmente, há outro brilho... e, um instante depois, sombras surgem pela escuridão na rua abaixo. Os capangas do Hann, indo verificar o que aconteceu.

Empurro a máscara mais para o alto. Quando a área parece limpa, desço para o primeiro andar sem emitir som e corro até o último prédio, onde o localizador estava.

O local parece uma fábrica no limite da cidade. É enorme. A parte externa é quase completamente sólida, exceto por uma fileira de janelas de vidro envolvendo o topo do prédio e refletindo as luzes da cidade.

Atrás de mim, os gritos dos guardas já estão começando a ecoar na minha direção. Eles estão voltando. Corro até o prédio e procuro entradas fáceis. Mas tudo parece trancado. Meus olhos se voltam para cima, para as janelas de vidro.

Eu piso nos suportes de uma calha de metal e começo a escalar a parede.

Estou subindo para o terceiro andar quando dois dos guardas voltam às suas estações. Eles parecem agitados, as vozes altas e duras. Sem dúvida alguém já alertou Hann sobre a bomba de fumaça. Mas não tenho tempo para ficar pensando no que eles podem fazer agora. Se Éden não está entrando em contato conosco é porque já está com problemas.

Paro no quarto andar, sob as janelas de vidro, quando um dos guardas aponta uma lanterna mais ou menos na minha direção. A luz passa bem perto. Suor escorre pela minha testa. Se eu conseguir dar um pulo e segurar o peitoril da janela, consigo me erguer e sair daqui. Quando ele chega mais perto abaixo, sigo pela parede até dobrar a esquina. Dou um impulso e estico o braço, procurando o parapeito.

Eu me seguro. Com toda a minha força, me levanto e empurro a janela de leve. Desliza um pouco.

Dentro do prédio, uma luz fraca entra pelo vidro e ilumina um labirinto aparentemente infinito de computadores. Os sensores azuis piscam em harmonia.

Esse é o local que vislumbrei quando fui capturado.

Um momento depois, reparo em uma plataforma circular no centro de tudo. O disco de metal no chão brilha com uma luz fraca, e hologramas virtuais, uma teia de nódulos brancos, pairam acima.

Dou uma última olhada para trás, na direção dos guardas se aproximando do lado de fora do prédio. Então entro, fecho a janela atrás de mim e desço cuidadosamente nas sombras junto às paredes. Lá, fico agarrado, mal me segurando nos apoios de mãos e pés que consigo encontrar.

Um barulho no centro do espaço me faz virar naquela direção. Três figuras delineadas pela luz entraram na plataforma circular. Quando as reconheço, meu peito se aperta.

São Éden e Pressa, seus corpos virados na direção de um homem que só pode ser Hann. Já tem guardas se aproximando dos dois pelas sombras nos corredores.

Eles tinham sido pegos.

ÉDEN

PRESSA É EMPURRADA PARA TRÁS COM UM ARQUEJO CHOCADO. O SANGUE QUE brota de onde a bala a acertou, no ombro esquerdo, salpica o chão. Ela cai de joelhos.

Posiciono-me à frente dela antes mesmo de me dar conta do que estou fazendo.

— Você sabe que era eu por trás disso — digo para Hann. O cheiro ferroso de sangue penetra o ar. Atrás de mim, Pressa sufoca um grito engasgado.

Hann não se comove com meu apelo. Apenas aponta a arma para a perna de Pressa.

— Você pode continuar falando enquanto eu trabalho — diz ele. — Aviso quando for sua vez.

Ele se prepara para atirar de novo. Eu pulo entre eles.

— *Espere!* — grito, levantando as mãos. — Por favor! Espere um segundo. Eu…

Mas ele não está mais interessado em conversar. Ele muda um pouco a direção da arma e mira no braço esquerdo dela.

Minha mente gira freneticamente.

— Solta ela e faço o que você quiser. Me usa pra pedir resgate, me mata, qualquer coisa.

Hann me olha com frieza.

— Já tenho planos de pedir resgate — responde ele, dando de ombros.

— E o que o seu filho acharia disso tudo? — pergunto.

— Ele acharia que você está me enrolando pra ganhar tempo — diz Hann.

Não há solidariedade nos olhos dele agora, nada além de um fogo baixo

pela audácia que tive de falar na família dele. Ele aponta a arma para a cabeça de Pressa desta vez. Fico na frente dela, mas é um gesto inútil.

— É isso o que você imaginou para a sua vida se seu filho e sua esposa estivessem aqui? — digo com rispidez. — Você acha que é o único que já sofreu? Acha que isso é a solução pra tudo que aconteceu de errado com você?

Desta vez, um lampejo de raiva surge nas feições dele. Ele move a arma para apontar para mim agora.

— Não tenho como saber, não é? Porque eles morreram. E essa é a última vez que você vai mencionar minha família para mim.

Uma onda de adrenalina percorre minhas veias. Ele vai atirar em mim. Penso na minha família… no meu irmão, tudo que ainda tenho, esperando sozinho pelo meu sinal. Não vou mesmo deixar esse homem me matar aqui. Vou sair daqui vivo, de alguma maneira.

Como se alguma coisa no universo tivesse se alinhado ao meu pensamento, sinto compulsão de olhar atrás de Hann, na direção das janelas de vidro no alto do prédio. Lá, delineada contra as sombras, há a forma de um jovem agachado no topo de uma das prateleiras altas de computador.

Daniel está aqui.

É tudo que preciso ver.

De repente, salto na direção de Hann.

Ele não espera que eu faça isso: só me conhece como o irmão desajeitado, tímido, o que ainda precisa usar óculos no escuro. Eu me abaixo quando chego perto. Antes que ele possa disparar em mim, me choco contra as pernas dele e o desequilibro. *Lembra o que Daniel te ensinou*. As palavras fluem por mim como uma corrente de eletricidade. Em um gesto, puxo a arma da mão de Hann e a aperto contra a têmpora dele.

Os guardas ficam paralisados quando veem.

— Afastem-se dela! — grito para eles enquanto indico a figura ajoelhada de Pressa. — Larguem as armas!

Junto a mim, Hann ri. Só agora consigo perceber que está bem mais fraco do que me lembro da última vez que o vi. Ou ele não evitou o soro de Pressa tão bem quanto alegou ou sua doença piorou significativamente. Talvez ambos.

— Bom — diz ele. — Ainda bem que você ainda tem algumas surpresas.

Um cotovelo pontudo me acerta com força no queixo. Vejo estrelas… e sou obrigado a soltá-lo. Hann ainda se move mais rápido do que eu. Ele se vira, segura meu braço e o prende. Mal consigo me soltar, mas ele derruba a arma da minha mão. Cai estalando no chão.

Ele estica a mão para pegá-la. Na mesma hora, pego o chip e passo todos os dados para o sistema da plataforma.

A rede de nódulos pisca em uma onda escarlate. Permito-me abrir um sorriso sombrio e satisfeito. O sistema de Hann treme, corrompido, e se apaga. Quase imediatamente, vejo marcadores virtuais aparecerem acima da cabeça de Pressa, do próprio Dominic Hann, dos guardas. O sistema original da cidade foi reiniciado.

Essa é a única coisa que me faz ganhar tempo. Dominic Hann fica paralisado, chocado com a visão do sistema desfeito. Não espero a reação dele depois disso. Já estou correndo até Pressa, que conseguiu ficar de pé. No caos do momento, seguro a mão dela e a puxo comigo. Arrisco um único olhar por cima do ombro.

Daniel não está mais onde estava, agachado junto à janela. Se ele está aqui, talvez tenha alertado o SIA sobre onde estamos. As tropas devem chegar logo. Os olhos de Hann estão grudados em mim agora, e a fúria neles dispara uma onda de terror em mim. Eu me viro e corro mais rápido.

— Aguenta firme — digo para Pressa, sem fôlego.

Ela apenas trinca o maxilar e luta para me acompanhar.

— Já passei por coisa pior — responde ela.

Uma bala tilinta atrás de nós. Eu me abaixo instintivamente quando dobramos a esquina de um corredor. Atrás de nós soam os gritos dos guardas de Hann. Eu me abaixo por um segundo, organizando os pensamentos freneticamente. Temos que aguentar até o reforço chegar.

De repente, um estalo soa no teto. Olho para cima e vejo geradores de neblina artificial se ligarem ao mesmo tempo, enchendo o ambiente com uma névoa densa. É o retardante de chamas original do prédio, feito para apagar incêndios nesse labirinto de computadores sem danificar os sistemas com água. A neblina é tão densa que nos envolve como um cobertor. Mal consigo ver Pressa ao meu lado. Ao nosso redor, os guardas gritam com

frustração. Um alarme começa a tocar.

Abro um sorrisinho. Daniel deve tê-lo feito disparar.

Pressa me cutuca. Na cerração, uma luz de emergência se acendeu, a luz verde forte cortando a neblina no final do prédio.

— Uma saída — sussurra ela para mim.

Eu assinto.

— Vamos — digo, segurando a mão dela. Onde está Daniel? Ele consegue nos ver no meio disso tudo?

Nós corremos pela névoa cinzenta, com as mãos encostadas nos computadores para nos guiar. Sinto uma onda de pânico pelo quanto estamos cegos: o ambiente encoberto, os gritos no ar… tudo isso me lembra do ataque final das Colônias. Quando cambaleei pela neblina, chamando o nome do meu irmão. Meu coração dispara. Eu o forço a sossegar, tentando dizer para mim mesmo que não estou lá de novo.

Outra bala ricocheteia em um computador perto de nós. Nós dois nos encolhemos e caímos de joelhos. Eles estão se aproximando.

De repente… ouço um grito sobressaltado, seguido de um estalo alto que soa próximo à cabeça de alguém. *Daniel*. Pegaram ele? Olho para trás e tento ver através da neblina, mas não consigo identificar nada. Outro som de pancada, seguido de uma agitação.

No meio da cerração, um rosto familiar coberto por uma meia máscara e um boné se materializa de repente. Os olhos azuis do meu irmão encontram os nossos.

— Eles estão vindo — diz ele antes de se inclinar e me ajudar a botar Pressa de pé. Ela chia de dor.

Preciso me segurar para não desabar na frente de Daniel. Ele está aqui. Ele veio me buscar. Começo a dizer alguma coisa, mas uma saraivada de balas atrás de nós nos obriga a cairmos de novo de joelhos. As balas ricocheteiam com força nos computadores.

— Estão vindo pela lateral — diz Daniel correndo. — Vão nos interpelar na saída.

— Pra onde a gente vai? — pergunta Pressa, ofegante.

Daniel olha para cima, onde um entrelaçado de degraus sobe até uma passarela de metal.

— Pra cima — responde ele. — Nós vamos atraí-los para longe de você. Você foge correndo. Entendeu?

Pressa parece pronta para discutir, mas os olhos de Daniel são da cor de aço. Ela decide ficar quieta, depois aperta os lábios numa expressão sombria e assente.

Daniel me olha.

— Se lembra da nossa escalada? — pergunta.

Eu faço que sim sem falar nada.

— Ótimo. — Com um pulo, ele sobe no alto das prateleiras de computadores e estica a mão para mim. — Então, vamos.

Eu seguro a mão dele e subo. Abaixo, Pressa se agacha, virada na direção da saída. Daniel olha para onde as sombras dos guardas podem ser vistas correndo na neblina. Ele assente para mim e faz apoio com as mãos.

Dou alguns passos, subo com ajuda dele e me seguro no primeiro corrimão que alcanço. Meus dedos se fecham em uma das barras de metal. Eu me levanto. Enquanto estou subindo, Daniel aparece ao meu lado, se movendo com facilidade na neblina.

Balas brilham abaixo de nós. Espero que não estejam mirando em Pressa. Ela já está invisível para mim na neblina.

Passo por cima do primeiro corrimão e pulo para pegar o seguinte. Daniel chega antes de mim e estica a mão para me ajudar. Escalo e passo por sobre o corrimão da segunda escada. Acima de nós está a passarela que percorre o alto do prédio e faz uma curva na direção da saída.

Estamos quase lá. Do outro lado, depois da porta de saída, está o exército da Antártida. June.

— Vem — chama Daniel. Nós corremos pelos últimos lances de escada até chegarmos à beirada da plataforma suspensa acima do resto do prédio.

É aí que eu paro.

Esperando por nós na outra ponta da passarela está Dominic Hann. Ele deve ter visto para onde estávamos indo, mesmo em meio à neblina; ele sabia que seguíamos para aquela saída. Agora, está bloqueando nossa passagem. Os olhos dele cintilam, escuros e furiosos na névoa.

Atrás de nós, ouço o barulho dos passos dos guardas na escada mais baixa. Estamos encurralados.

Daniel estica o braço para me proteger.

— Fica pra trás — sussurra ele, o olhar grudado em Hann.

— Não — respondo. Essa luta sempre foi minha, o começo das minhas idas assombradas à Cidade Inferior, o esforço para entender quem eu sou. Então, afasto o braço do meu irmão e balanço a cabeça. Como ele resiste, eu me viro e o encaro. — Eu consigo fazer isso.

Algo na minha expressão parece afetá-lo. Ele observa meu rosto, hesita e se obriga a dar um passo para trás.

— Tudo bem — diz. — Mas nem ferrando que vou te deixar sozinho.

Um sorriso se estica no canto da minha boca.

— Eu nunca falei que não queria sua ajuda — respondo.

Hann caminha na nossa direção. Uma luz vermelha, que provavelmente se acendeu com o alarme, começou a percorrer o ambiente e banha o sujeito de escarlate, como se ele estivesse encharcado de sangue. Seus lábios se curvam em um esgar.

— Onde você acha que vai acabar? — grita ele para mim. Mesmo agora, sofrendo, a voz dele soa suave e profunda. — Aonde você acha que aquela saída leva?

— A um lugar que você não controla — respondo.

Ele dá uma gargalhada amarga.

— Faz diferença? Você vai estar sob o controle de outra pessoa. E eu poderia ter te mostrado uma coisa bem melhor.

Ele saca algo: um brilho de metal surge na neblina. Então Hann parte para cima de mim.

Ele é tão rápido que quase não tenho tempo de me jogar no chão da passarela. Daniel pula no corrimão com um salto só, gira e acaba do outro lado de Hann. Mas o homem continua vindo. Ele me ataca uma vez, duas. Eu cambaleio para trás. Quando a lâmina brilha de novo na luz, eu ergo a perna em um pontapé. Minha bota acerta a mão dele. Não é suficiente para que ele largue a faca, mas o detém por tempo suficiente para eu me levantar e me jogar contra ele.

Hann cambaleia para trás. Eu me viro nos braços dele antes que possa me esfaquear e forço o seu pulso para o lado. Atrás dele, Daniel estica a perna e o faz tropeçar. Hann cai e me leva junto.

Mas se levanta num instante. Uma adaga aparece na outra mão. Ele ataca o meu irmão. Daniel se curva para trás… mas uma das lâminas acerta a sua camisa e produz um corte limpo. Daniel faz uma careta. Uma mancha vermelha brota no tecido.

Tudo ao meu redor some quando vejo isso. Meus dentes se trincam. Os músculos nos meus braços se contraem.

— Você me perguntou se eu achava que isso era solução para tudo que deu errado na minha vida — grita Hann. Ele me ataca, e pulo para trás. Os guardas estão subindo pela escada atrás de mim e chegarão a qualquer momento. — Nada pode consertar o passado, Éden. Você já não sabe disso? Onde está sua mãe? Seu irmão?

Eu avanço contra ele novo. Desta vez, na minha fúria, chuto a mão dele e consigo derrubar uma das facas. Sai tilintando pelo piso da passarela. Ele está começando a ficar cansado. Gotas de suor cobrem sua testa.

— A questão aqui não é consertar o passado! — eu grito. — É ajeitar o futuro! E só o que você está fazendo é…

— … Tornando-o melhor! — finaliza Hann, tentando me golpear de novo. A faca dele talha a minha manga. Sinto o corte da lâmina na hora que me abaixo para procurar a faca que ele deixou cair. Daniel, ainda com a mão no peito, se vira para enfrentar o primeiro guarda que chega na extremidade da plataforma. Ele desvia de um golpe do sujeito e o chuta com força contra a grade.

Hann está respirando pesadamente agora. Ouço os pulmões dele chiando.

— Você acha que a cidade vai mudar o que está fazendo? Agora que você apagou nossas chances de consertar as coisas… você acha que a cidade vai fazer o certo? Que vão ouvir você? — Ele indica a saída. — Acha que sua jovem amiga vai fazer alguma outra coisa além de voltar a sofrer na Cidade Inferior?

Mesmo agora, mesmo aqui, as palavras dele têm um jeito de me afetar. Lembro-me de como ele atirou em Pressa, que ele teria colocado uma bala na cabeça dela se eu não tivesse me envolvido.

— Não foi a cidade quem tentou matá-la — respondo, e tento golpeá-lo de novo. — Nem quem matou o pai dela.

Ele desvia do meu soco e contra-ataca com força. O punho dele acerta meu maxilar. Minha visão explode em estrelas. Eu caio na passarela. De algum lugar ao longe vem um grito do Daniel. E… estou ouvindo direito? Um grito *de fora* por um megafone. Uma luz ofuscante brilha dentro do armazém pelas janelas de vidro. O SIA chegou.

Então uma bota chuta com força a minha barriga. Sou tomado de dor. Eu ofego e me encolho.

— E você acha que a melhor opção para ela é viver? — A voz de Hann está rouca de raiva agora, como se ele não estivesse mais falando sobre Pressa, e sim sobre outra pessoa. — E então ter que lutar, dia após dia, em um Nível do qual ela nunca poderá sair? Acha mesmo que vai manter contato com ela depois de ir para seu estágio de elite? Você vai é voltar pra sua vida nos Andares do Céu enquanto ela murcha mais e mais a cada ano que passa. — Ele me segura pela gola e me levanta. Meu rosto está tão próximo do dele que noto a fina camada de lágrimas em seus olhos. — Eu vejo tudo isso porque já vi antes. Pode me chamar como quiser. Eu não sou o vilão que você procura.

— Você está certo — respondo na cara dele. E estou falando a verdade. Ele não é. — Mas você está olhando para o vilão errado também. — Eu levanto as botas e o chuto com o máximo de força que consigo. Ele me solta. — Se você precisa vender a alma na sua missão pra tornar as coisas melhores — digo por entre dentes —, é porque nunca vai ser bem-sucedido.

Ele me joga contra a grade. Atrás dele, vejo Daniel pulando a lateral do corrimão e fugindo do alcance de um dos guardas. Há mais e mais deles agora.

Hann me encara friamente.

— Seja marionete deles, então — rosna ele. — Deixe que reanimem seus membros quebrados. — Ele me agarra e me empurra pela lateral da sacada.

Daniel grita meu nome. Enquanto caio, tento me segurar e mal consigo me agarrar na lateral do corrimão, tentando não despencar pelos três andares.

Abaixo, a saída é finalmente aberta. Um enxame de gritos ecoa de repente no local. *As tropas. Os agentes*. As armas estão erguidas, apontando para nós.

Eu me esforço para me segurar. Acima de mim, Hann se prepara para me obrigar a largar o meu apoio e me fazer cair.

Olho para ele com uma expressão não de raiva, mas de determinação.

— Não é o que eles iam querer — digo para ele.

Eu me contorço para cima. A aula de Daniel volta em um piscar de olhos. Eu me balanço para um lado, seguro o corrimão com a outra mão e uso o impulso para chutar alto o bastante para minha bota se prender no corrimão onde minhas mãos estão. Consigo subir com uma explosão final de força.

Não sei se o que falei fez Hann hesitar por um instante. Talvez os rostos da família perdida tenham aparecido. Talvez o que o fez ficar paralisado por aquela fração de segundo tenha sido a lembrança daqueles que ele um dia amou.

Seja qual tenha sido o motivo, Hann não consegue me derrubar antes de eu passar por cima da amurada.

Minhas botas o acertam bem no peito. A força do impacto o joga tropeçando para trás. Ele cambaleia, bate no corrimão e dá uma cambalhota por cima da grade. Por um instante, parece que vai se equilibrar. Mas então tomba para o outro lado.

Tenho um instinto repentino de o segurar e o puxar de volta. Uma onda de pânico toma conta de mim. Mas é tarde demais. Por um momento, ele parece congelado em um estado de queda. Então bate nas prateleiras abaixo e despenca no chão.

Um enxame de agentes cerca o corpo dele, as armas apontadas. Os guardas de Hann já se afastaram de Daniel; eles estão com as mãos erguidas, as armas no chão enquanto soldados sobem para a passarela. Dentre eles, vejo uma jovem com corpo esguio, o cabelo no ombro balançando enquanto ela corre escada acima para nos encontrar. *June*.

Eu caio de joelhos. Olho para o meu irmão, que cambaleia na minha direção, ainda sangrando no peito. Ele se agacha ao meu lado com expressão cansada. Nós dois estamos machucados e exaustos, mas estamos vivos. Como parece distante a época em que Pressa e eu entramos nas corridas de drones, quando eu não conseguia ficar longe da Cidade Inferior, onde ainda via ecos do meu passado. Talvez pouca coisa tenha mudado desde então. Esta noite, depois que eu for para a cama, ainda serei

assombrado pelos meus pesadelos? Vou ver Pressa caída no chão, sangrando… e o olhar final de Hann vai se fixar no meu enquanto ele despenca da passarela?

Não sei se ele está morto. Ainda não sei nem se ele estava totalmente errado.

Daniel coloca a mão no meu pescoço. A onda de adrenalina está passando agora, e nos encostamos um no outro, exaustos. Nossas vidas sempre foram uma guerra. Talvez essa guerra nunca acabe. Mas, no final dela, ainda temos um ao outro. É esse pensamento que me mantém inteiro.

Quando os soldados da Antártida se aproximam de nós, eu me afasto para mostrar ao meu irmão um sorriso cansado.

— Ainda estou aqui — digo.

Daniel também sorri.

— Ainda estou aqui — ecoa ele. — E não vou embora tão cedo.

DANIEL

June nos conta que Dominic Hann acabou sobrevivendo aos ferimentos. Posso dizer por experiência pessoal que é possível sobreviver depois de uma queda de quatro andares se você souber o que está fazendo e aprender a cair direito. Hann não é o tipo de homem que se consegue matar facilmente. Mas seus dias de aterrorizar Ross City chegaram ao fim. Ele não vai sair da prisão tão cedo, não com o nível de segurança que botaram para ele.

Isso não quer dizer que as coisas em Ross City estão resolvidas.

Éden e eu recebemos a atualização enquanto estamos no hospital, com médicos cuidando dos nossos ferimentos. Meu irmão não falou muito desde que fomos levados dos arredores para o centro da cidade. A maior parte do sistema de Níveis já foi restaurada, e, com ele, todo o resto: placas pairando acima de prédios, bancos e lojas virtuais, os elevadores que restringem as pessoas aos andares aonde os Níveis as permitem ir. Tudo voltou e está funcionando como se nada tivesse acontecido.

Quase.

Agora estou sentado na sala de espera, sozinho, olhando para Ross City enquanto Éden visita Pressa no quarto dela. O hospital fica numa área tão elevada que não consigo ver a Cidade Inferior. Antes de toda essa história com Hann, eu teria me permitido ficar aliviado por não precisar enxergar os problemas lá embaixo o tempo todo. Agora, estou incomodado por serem invisíveis desta posição.

As discussões antigas de Éden comigo ecoam na minha mente. Como me permiti ficar tão distanciado daquele mundo? Por que foi preciso tudo desmoronar para eu entender o que meu irmão estava tentando me dizer havia anos?

Olho para minhas mãos e acompanho as cicatrizes claras aqui e ali. Arranhões antigos dos meus dias percorrendo prédios. Cortes das brigas em que me meti.

São lembranças de um passado com o qual eu achei que não queria mais nada. Afinal, Hann foi consumido pelo passado, deixou que o corrompesse cada vez mais, até ele murchar e virar apenas fúria.

Mas também não posso simplesmente fingir que meu passado não aconteceu. O consolo de não lembrar é uma coisa artificial. Esfrego as mãos, suspiro e me apoio nos joelhos. As cicatrizes ainda estão lá, há muito curadas.

— Ei.

Eu me viro instintivamente com o toque da mão dela no meu braço. É June. Hoje, ela não está com o uniforme militar formal, mas com uma blusa leve de gola amarrada casualmente na cintura, o cabelo preso de forma frouxa em uma trança baixa. Ela sorri para mim e se senta ao meu lado.

— Volto para a República amanhã — diz ela.

Tento esconder a decepção do rosto.

— Muito rápido — respondo.

A expressão de June muda.

— Anden está conversando com seu Presidente, decidindo os detalhes para retomarmos as rotas de comércio. — Há uma leve pausa quando ela me observa. Mechas de cabelo se soltam da trança, e seguro a vontade de prendê-las atrás da orelha dela. — Ouvi falar que o sistema de Níveis está funcionando novamente.

Ela fala com uma pergunta pairando no final. Também não respondo imediatamente. Só indico a cidade.

— Mais ou menos — respondo.

É que não está exatamente igual. O chip de Éden instalou uma outra coisa no sistema, com algumas alterações em relação ao que era antes. June sabe, e quando a encaro de novo, ela não parece surpresa.

— Ouvi dizer que tem uma manifestação de protesto planejada na Cidade Inferior amanhã — comenta ela.

No antigo sistema de Níveis, para os cidadãos da Cidade Inferior, os que tinham Níveis baixos de um dígito só, seria difícil de participar. A penalidade por ir contra o governo é o Nível ser cortado pela metade e sua Nivelação futura ser severamente punida.

Mas com o chip novo de Éden e nossas alterações, esse não vai ser mais o caso. Por toda Ross City, as pessoas vão descobrir gradualmente que não vão ser penalizadas por protestarem. Por se manifestarem. Elas não vão ser punidas por

fazerem o que Pressa fazia pelo pai, tentar transferir os pontos dela para ajudá-lo a chegar em um Nível em que ele poderia comprar os medicamentos de que precisava. Há dezenas de diferenças que implementamos secretamente ao sistema de Níveis.

Mas se a cidade vai deixar que tudo isso permaneça é outra pergunta. Vou ter que justificar tudo perante o SIA.

— Quando você vai contar o que fez? — diz June depois de um tempo.

— Querem nos ver hoje à tarde, assim que Éden e eu sairmos do hospital. — Eu limpo a garganta.

Ela assente.

— Se você precisar que eu confirme alguma coisa...

Eu sorrio para June, estico a mão e toco na dela.

— Eu sei — respondo.

A mão dela fica segurando a minha delicadamente.

— Nós não podemos salvar o mundo — diz ela baixinho.

— Mas tentamos mesmo assim. Um dia de cada vez.

Ela aperta mais a minha mão. Tento pensar se já tivemos esse tipo de tranquilidade um com o outro, em que podíamos demonstrar nosso amor sem uma nuvem preta pairando perpetuamente sobre nossas cabeças. É um sentimento novo e estranho, essa liberdade.

— O estágio do Éden em Batalla começa em breve — digo. — Eu vou lá pros seus lados.

Ela sorri.

— Você está pronto?

Acho que não. Talvez nunca esteja. Mesmo assim, sinto meu coração acelerar com o pensamento de voltar ao mesmo país que ela, e desvio o olhar, nervoso de repente.

— Aqui nunca foi meu lugar — digo. — Talvez a República sempre tenha sido minha casa. Já estava na hora, né? Só precisou que o Éden me desse um empurrãozinho.

Um brilho de decepção surge na expressão de June, e acho que sei por quê.

Mantenho a minha mão na dela e a puxo para perto. Beijo-a, nossos lábios mal se tocando, da forma mais delicada que consigo.

— Meu lar é onde você estiver — murmuro.

A expressão de June se suaviza, e ela se encosta em mim, o corpo quente. Como sempre, a sensação é perfeita.

— Volta logo pra casa, então — sussurra ela.

✪ ✪ ✪

Quando o SIA vem nos buscar, eles convocam a nós dois. Éden e eu. Logo nos vemos no centro de um círculo no último andar do quartel-general do SIA, cercados de um arco de políticos e diretores da agência.

Não é só ao SIA que estamos respondendo. É ao Presidente e ao seu conselho também. A coisa toda parece um julgamento.

Ao meu lado, Éden está calmo, o rosto firme e o queixo erguido. Procuro os sinais de ansiedade de sempre: as mãos se retorcendo, o maxilar contraído, as costas rígidas. Mas ele não está fazendo nada disso hoje.

O Presidente Ikari franze a testa para nosso estado tranquilo. Ele se inclina para a frente na plataforma elevada e entrelaça os dedos. Os olhos se fixam em mim.

— Quatro dias atrás, o homem conhecido como Dominic Hann corrompeu o sistema de Níveis e liderou uma rebelião que deixou Ross City em chamas e ruínas. O que sei pelo que sua diretora Min me contou é que você e seu irmão agiram por conta própria para impedir o que ele estava fazendo. Isso está correto?

Éden assente.

— Sim, senhor.

— Sim, senhor — digo.

O Presidente Ikari franze a testa.

— Mas fui informado de que, em vez de restaurar o sistema de Níveis ao que era, vocês alteraram algumas partes dele de acordo com suas vontades. Você fez isso, sr. Daniel Altan Wing?

— Fui eu, senhor — fala Éden primeiro. — Eu implementei o novo sistema quando deletei o hack do Dominic Hann.

Todo mundo se mexe nas cadeiras. Um coral de murmúrios enche o salão. Olho rapidamente para o local onde a diretora Min está sentada. Ela assente silenciosamente para continuarmos. Se vai nos defender ou não, ainda não sei, mas dou um aceno imperceptível para ela e olho para o Presidente.

O Presidente Ikari suspira.

— E por que você faria uma coisa dessas? — pergunta ele.

Éden hesita. No silêncio, eu assumo a resposta.

— Porque às vezes, senhor, o único jeito de fazer seu governo ouvir é forçando-o — digo.

Há outra série de sussurros e arquejos. Sou lembrado do Senado da República, de quando June tinha a infelicidade de precisar manobrar diplomaticamente através daqueles escalões. É um tipo especial de inferno falar francamente em um sistema que não recompensa a sinceridade.

— Com todo respeito, Presidente Ikari — continuo —, sei como é viver em um lugar em que o povo não tem escolhas. O que acontece num mundo assim, quando você não pode se manifestar contra algo que você acha que é errado?

Ikari franze a testa para mim.

— Está tentando comparar a Antártida com a República da América, sr. Wing?

Eu levanto as mãos.

— Sei como as duas são diferentes. Mas a República foi fundada em um sistema de medo. As pessoas permitiram que o Primeiro Eleitor chegasse ao poder porque estavam com medo de tudo e todos. Elas se voltaram para si mesmas, fecharam as fronteiras e abriram mão da liberdade em troca de segurança. E então, um dia, nós acordamos e percebemos que tínhamos entregado tanto que havíamos entregado a nós mesmos. Sei como é essa sensação, bem até demais. É parte do motivo para termos deixado a República para vir para cá.

Não sei se minhas palavras estão sendo entendidas pelo conselho, mas ouvir o que a República fez de errado parece fazer com que eles se sentem mais eretos. Como se tivessem convicção de que o país deles é melhor. O Presidente me observa por um momento, depois assente para Éden.

— Você é o melhor aluno de Ross City. Por que não nos conta suas motivações por trás disso tudo e se você se alinha ou não com seu irmão?

Penso em como Éden sempre saía cedo para a universidade de manhã... com aquela expressão tensa no rosto, se preparando para outro dia difícil. Mas ele não hesita agora. Apenas encara o Presidente e responde:

— A Antártida foi fundada com o princípio da inovação. Não foi? — Ele olha para o conselho, e, para minha satisfação, eles parecem felizes com as palavras

dele. Éden também sabe fazer esse jogo. — Eu aprendi isso quando vim estudar aqui. Vocês ensinam para todos os cidadãos. Este país foi construído com a ideia de progresso e experimentação. Tudo isso, os Níveis, o biodomo, veio de gente jovem que criou coisas grandes, ousadas e novas que fizeram sucesso no mundo todo. Muitas pessoas vieram para cá na esperança de que aqui seria onde elas encontrariam liberdade para ser quem desejavam ser. Elas vieram para essa terra desconhecida e vazia porque ficaram animadas pelo que ela poderia se tornar. Ficaram impressionadas com o brilhante e o assustador, a tecnologia que estava mudando as coisas diariamente aqui. Foi assim que a Antártida se tornou o que é hoje. Ainda é muito jovem, mal é um país, mas já tem muito poder.

Ele balança a cabeça e aponta pelas janelas, onde o vidro nos separa do céu.

— Essa não é mais a Antártida do passado. Ross City não recompensa mais os princípios sobre os quais foi fundada. É um lugar onde as pessoas são obrigadas a se conformarem com o que este conselho acha que é certo ou errado. Elas não podem falar sobre suas frustrações e dificuldades. O sistema de Níveis devia ser um sistema que encoraja bom comportamento e sucesso. Agora, é só um sistema que segura metade da população da cidade. Não há esperança para as pessoas da Cidade Inferior. Como pode haver?

— E por isso você decidiu mudar sozinho o que achava que estava errado. — O Presidente semicerra os olhos para o meu irmão.

Éden respira fundo.

— Eu fiz alguns ajustes — diz ele, dando de ombros de leve. Nesse gesto, reconheço alguma coisa de mim. — Não é assim que todas as mudanças acontecem? Alguém tem que começar, certo?

O chefe de polícia debocha das palavras e olha para o Presidente.

— O garoto acabou com a dedução de Níveis por rebelião contra o governo. Já tem uma manifestação marcada para amanhã, ao amanhecer. Fez parar os pontos associados a cuidados de saúde e bem-estar. Alterou os pontos deduzidos por crimes.

— Por crimes de quê? — interrompe Éden. — Não ter casa? Tirar Níveis se alguém não puder pagar por alguma coisa? Deixem as pessoas protestarem sem punição. Deixem que tenham uma chance de ajudar suas famílias. Deixem que aqueles que estão lutando nos andares mais baixos da cidade saibam que vocês ainda se preocupam com eles também.

O olhar que o Presidente dirige a Éden é gélido.

— O que você fez é o auge da arrogância, garoto.

— Talvez. — Ele dá um passo à frente desta vez. — Mas é porque eu me importo. Porque às vezes ser patriota quer dizer chamar atenção para os problemas que apodrecem seu país. Não estou dizendo que não queremos trabalhar com vocês. Mas nós representamos milhões de vozes que vocês não estão ouvindo agora. Se quiserem preservar o espírito do que fez da Antártida uma líder mundial, é bom olhar para os seus pontos cegos.

Murmúrios se espalham entre os membros do conselho. Eu olho para Éden. Ele está pálido e assustado, mas se mantém firme com os punhos fechados nas laterais do corpo, e só consigo pensar na lembrança que me ocorre agora: o momento em que ele se voluntariou sem hesitação para ajudar a República a encontrar a cura para a praga. Penso na luz resoluta nos olhos dele, na sua determinação em salvar um país que tirou tudo dele. Penso nos planos dele agora para a República, nas sugestões arquitetônicas do que fazer com os antigos estádios das Provas e os velhos salões militares.

Não importa que demônios o assombrassem: Éden permaneceu um feixe de luz. E sinto mais orgulho dele neste momento do que em qualquer outro. Quando ele me olha em busca de aprovação, eu assinto e sorrio.

— Vocês vão permanecer em Ross City — diz o Presidente. Os murmúrios em volta dele morrem. — Até termos decidido a punição adequada para os dois pelas suas ações. O sistema de Níveis será reiniciado em seu estado original.

Eu nunca esperei que a cidade aprovasse o que fizemos. Éden também não. Mas agora, enquanto o Presidente fala, vejo uma movimentação inquieta pela sala. Não há concordância unânime sobre isso.

O Presidente Ikari suspira e continua.

— Enquanto isso, também vou convocar um conselho especial para discutir soluções possíveis para algumas coisas que você citou. Você será notificado se seus serviços forem necessários novamente.

Não é muito. A mudança nunca acontece rápido, de qualquer modo. Mas tem alguma coisa no tom dele que tira um peso do meu peito, e troco um olhar com meu irmão. Ele fez isso. Aconteça o que acontecer no futuro, foi ele quem plantou a semente.

Eu meio que espero que Éden hesite quando fala de novo. Mas ele não hesita.

Sua voz soa clara, e seus ombros estão retos. Ele meneia a cabeça de leve para o Presidente, como se fosse algo que está acostumado a fazer todos os dias.

— Claro, senhor — diz ele.



NOSSA SENTENÇA FINAL É DADA UMA SEMANA DEPOIS.

Dois atos de insubordinação para cada, um por voltarmos para Ross City sem permissão e o segundo por instalarmos mudanças no sistema de Níveis original. Nossos Níveis são reduzidos pela metade. Daniel é demitido do SIA.

Mas o tempo a ser cumprido na prisão é perdoado pelo próprio Presidente. Ele permite que voltemos para a República na data marcada, bem na hora de começar meu estágio no Batalla Hall. Retornar para a Antártida a qualquer momento vai exigir seu consentimento pessoal.

Tudo dá certo no final. Acho que nosso período na Antártida chegou ao fim.

✪ ✪ ✪

Um mês depois, no nosso último dia em Ross City, vou até a Cidade Inferior. Meu sistema está rastreando todos os meus movimentos agora: Daniel sabe exatamente aonde estou indo, assim como o governo todo. Mas consegui permissão para hoje. Hoje é quando vou ver Pressa, que recebeu alta no hospital do ferimento no ombro.

As coisas já parecem diferentes quando chego à Cidade Inferior. A rua ainda está suja, claro, as barracas espremidas ainda soltam fumaça das grelhas, os letreiros de néon funcionado parcialmente ainda estão pendurados sobre as vitrines abarrotadas. Ainda tem gente de Nível zero encolhida junto às paredes, tentando dormir no meio de toda a agitação.

Mas também vejo uma força-tarefa nova trabalhando. O Presidente Ikari cumpriu a palavra, pelo menos; pessoas com braçadeiras azuis estão fazendo

pesquisa com os civis da Cidade Inferior, entrevistando-os e ouvindo seus problemas. Aqui e ali, vejo grupos espalhados se reunindo para escutar alguém fazendo um discurso, ou manifestantes reunidos balançando cartazes. Os Níveis sobre as cabeças deles não são mais reduzidos por eles protestarem.

A loja que era do pai de Pressa ainda está sendo consertada. Agora, um dos vizinhos prende uma vidraça nova, enquanto dois outros levantam um letreiro de néon para o alto do estabelecimento. Eu paro para sorrir pelo que vejo.

Pressa está parada do lado de fora da loja, dando instruções para os dois que trabalham no letreiro. O braço esquerdo ainda está imobilizado em uma tala, mas ela parece capaz de se mover tranquilamente enquanto os orienta.

Quando me vê, ela para e me dá um tapinha no ombro.

— Que bom que você veio hoje — diz ela.

— Que bom te ver sorrindo — respondo, e ela abre aquele sorriso familiar, sutilmente apoiada no meu ombro. Uma corrente quente se espalha pelo meu peito. — Eu trouxe uma coisa pra você — digo para ela, e enfio a mão na mochila e tiro uma moldura com um arranjo delicado de flores secas no meio. É a primeira vez que dou algo assim para ela, e fico vermelho quando entrego. — Achei que podia ficar legal na loja do seu pai, sabe, porque tem ervas e tal.

Pressa segura a moldura na frente do rosto com expressão maravilhada. Seus olhos brilham, cheios d'água.

— Ah, Éden — sussurra ela, batendo com o dedo delicadamente no vidro. — É lindo. Obrigada.

Abro um sorriso e sinto meu coração inflar com as palavras dela. Enfio a mão no bolso e tiro uma flor fresca, um broto amarelo que não botei na moldura.

— E esta é pra você — acrescento, prendendo-a atrás da orelha dela.

Pressa me olha com um sorriso que ilumina tudo ao redor. Ela parece mais feliz do que na última vez que a vi… e, apesar da morte do pai ainda assombrar os olhos dela, há também um sentimento de determinação ali, de que ela ainda pode encontrá-lo se preservar a loja dele. Sorrio para ela, apreciando sua beleza, e sinto uma pontada por deixá-la para trás.

Limpo a garganta e tento não pensar nisso.

— Como Marren está indo como gerente da loja? — pergunto.

— Bem — diz ela, apertando os olhos pelas janelas da loja, onde o assistente do sr. Yu está agora inclinado por cima do balcão medindo várias colheradas de ervas para um cliente. — Você devia ter visto como ele ficou nos primeiros dias. Correndo de um lado para o outro feito uma galinha sem cabeça. Mas acho que ele entrou no ritmo.

Ficamos observando enquanto Marren procura alguma coisa nas prateleiras, coçando a cabeça enquanto tenta lembrar onde guardou todos os novos remédios que a loja oferece agora. Não consigo segurar uma risada.

— Ritmo bom — digo.

Pressa sorri.

— Ele sempre teve talento.

Daniel, em seu último ato no SIA, falou em favor da loja do sr. Yu. A diretora Min a legalizou depois que o governo fez uma inspeção, dando-lhe licença para vender medicamentos de maior qualidade, que antes só ficavam disponíveis nos Andares do Céu. Sem o medo de serem presos, e sabendo sobre o novo estoque de remédios, gente de toda a Cidade Inferior agora se amontoa ao redor do estabelecimento. A loja está maior do que antes, graças ao pacote indenizatório que a cidade ofereceu para a reconstrução.

Não resolve tudo que tem de errado com o sistema aqui embaixo, claro; ainda há muitos que não podem pagar pelo luxo de cuidados com a saúde. Mas pelo menos a memória do pai de Pressa vai ser preservada aqui.

Agora, ela me olha.

— Você cortou o cabelo — diz ela, passando uma mão brincalhona pelos meus cachos recém-aparados. — Está todo pronto pra causar boa impressão na República, né?

Ela está se esforçando para esconder a tensão na voz, mas consigo ouvir. Reflete minha relutância em ir embora. Passo os dedos distraidamente pelos meus cachos e tento sorrir para ela.

— Vamos ver como vai ser essa impressão — respondo. — Já vou começar na semana que vem.

Ela mexe os pés e olha para as flores na moldura, depois para mim.

— Você está nervoso?

— Depois de tudo que passamos? Que nada, estou bem calmo. — Eu hesito. — Mas vou sentir saudade de você.

Ela faz uma careta ao ouvir minhas palavras, e preciso me segurar para não passar os braços em volta dela agora e a puxar para um beijo.

— Você tem que ir tão rápido?

Faço que sim.

Nós dois caímos num silêncio constrangedor.

— Obrigada — diz Pressa, finalmente. — Por ajudar com a loja do meu pai e por cuidar pra que a comunidade fique intacta.

— O que você vai fazer aqui? — pergunto a ela. — Agora que você botou Marren pra cuidar da loja?

Ela dá de ombros e olha com incerteza para as ruas da Cidade Inferior.

— Não sei. Vou pensar em alguma coisa — responde. Tem alguma coisa perdida no olhar dela. — Disseram que posso me candidatar à universidade, mesmo com o meu Nível. Pode ser que me deem uma bolsa. Mas…

— Mas?

Ela me encara e depois abaixa o olhar.

— Não sei. — E, no olhar dela, vejo a mesma inquietação que sempre tive, o sentimento de não se encaixar, a mesma necessidade de fazer algo maior, de se ver naquele mundo estranho. A mesma coisa que nos atraiu como amigos desde o começo. — Estou pronta para sair da Cidade Inferior — diz ela. — Só não sei para onde ir.

— Vem comigo — digo.

As palavras saem da minha boca sem aviso. Pressa me olha com surpresa.

— Ir… com você? — murmura ela.

Eu não tinha pensado em nada daquilo. Mas quando falo de novo, seguro as mãos dela e a puxo para perto.

— Vem comigo — repito, minha voz mais ansiosa agora. Parece tão óbvio agora. — Você sempre disse que nunca se sentiu parte da Cidade Inferior, que havia uma aventura por aí, esperando que você a fizesse acontecer. Vem pra Los Angeles, pra República. Por favor. Você pode mudar as coisas lá pra melhor. Pode fazer tudo que sempre quis. E eu posso estar com você, nós podemos…

Eu paro de falar, tímido demais para pedir que ela fique comigo. Mas vejo a fagulha se acendendo nos olhos da Pressa, a sensação viciante de vida nela que sempre admirei. Os lábios dela se curvam. Essa é a aventura que a estava esperando.

— Eu vou — diz ela baixinho, como se para si mesma, e abre um sorriso largo. — Eu vou!

Ela passa o braço ileso em volta de mim sem aviso, a mão ainda segurando as flores na moldura, e eu a abraço de volta; então começamos a rir, pois aquele abraço de um braço só nos coloca em um ângulo esquisito. É tão boa a sensação dela nos meus braços que não consigo imaginar soltar.

De impulso, eu a beijo.

Ela se inclina na minha direção e retribui o beijo, de forma intensa e firme. É o beijo mais perfeito do mundo. Eu a abraço com força. Em algum lugar em volta de nós, ouço assobios, e os trabalhadores na escada nos provocando gentilmente antes de caírem numa gargalhada amigável. Não me afasto. Mantenho os braços em volta de Pressa, apertando-a, sentindo segurança no nosso futuro pela primeira vez, me sentindo *mais feliz* do que em muito tempo.

O mundo muda, se inclina, às vezes desaba. Mas, às vezes, se vira na sua direção, e tudo parece certo.

✪ ✪ ✪

Quando volto para casa naquela noite, nosso apartamento já está cheio de caixas. Daniel caminha de um lado para o outro em estado inquieto, verificando nossas coisas e garantindo que tudo esteja guardado.

Quando me vê, ele se empertiga e tenta esconder a ansiedade.

— Está pronto pra voltar amanhã? — pergunta ele.

Vou até o sofá e me sento ali uma última vez.

— O tanto que dá — respondo, e ele vai se juntar a mim.

Na mesma hora, Daniel sorri.

— O que foi? — pergunto.

— Aconteceu alguma coisa muito boa com você — diz ele, observando meu rosto. — É a Pressa, né?

Dou uma risada. Como é bom ter um irmão que consegue entender

minhas emoções de novo, que me conhece. Eu faço que sim.

— Pressa também vai pra República. Ela está resolvendo toda a logística agora.

Daniel sorri e cutuca meu ombro.

— Que bom. Eu sempre achei que ela tinha potencial pra bem mais do que a Cidade Inferior. Que bom que vocês vão ter um ao outro.

Meus olhos pousam numa caixa pequena e quadrada em um dos bolsos dele.

— O que é isso?

Daniel hesita e seu sorriso murcha. Ele apoia a cabeça no encosto do sofá e fecha os olhos.

— Não é nada. Não sei — responde.

Agora, é minha vez de ler a mente dele. É a expressão que ele só faz quando pensa em June. Eu me pergunto se ele tem uma vida toda planejada, se se vê ao lado dela, segurando a sua mão. Fico pensando se ele tem medo da vida nessa visão, de como tudo poderia mudar facilmente dependendo das direções que o presente vai oferecer. De como as próximas semanas serão.

— Daniel — digo delicadamente, e ele se vira de novo para mim. — Ela é doida por você. E você é obcecado por ela desde que me lembro. É óbvio pra todo mundo.

Ele olha para as mãos. Estão agitadas e nervosas, os dedos se entrelaçando e se soltando. Ele ainda não parece ser capaz de dispensar o passado, a sensação de que talvez não tenha sido feito para ficar com alguém de status tão elevado quanto June.

Eu me pergunto se algum dia vamos deixar nossa história para trás. Mas cada passo adiante nos leva a um lugar melhor.

— Se precisar de ajuda com qualquer coisa relacionada a June — acrescento —, você sabe que tem um irmão com quem contar. — Eu dou de ombros. — Só para o caso de você já ter algo específico em mente.

Daniel me olha e sorri um pouco. Há esperança no olhar dele… mas, melhor do que isso, há confiança. Mesmo que estejamos sempre lutando com o passado, podemos também ter a convicção de que sempre teremos alguém a nos puxar para a frente. Nesse momento, pelo menos, o medo de

ir para a cama e enfrentar meus pesadelos de novo parece distante.

— Que bom que você falou isso — responde ele. — Acho que *vou* precisar da sua ajuda.

DANIEL

Houve uma época em que meu pôster de procurado estava espalhado pelos telões de toda Los Angeles. Ainda é estranho estar na República sem ver aqueles anúncios, saber que não estou mais andando pelas ruas como criminoso. Na verdade, é estranho andar por essas ruas e saber que não vou dormir encolhido junto a uma parede de beco, que não vou precisar vagar à procura da próxima refeição.

Éden e eu estamos de volta à República há pouco mais de duas semanas. Atrás de nós e com oceanos nos separando, a Antártida começou a primeira fase experimental de revisar o sistema de Níveis. Embora o Presidente não queira admitir, eles incorporaram muitas das mudanças que Éden tinha inserido. Maneiras para as pessoas da Cidade Inferior se redimirem, isenção de Níveis para coisas como remédio, comida e abrigo. Mais liberdade e menos punição para o que se pode dizer e expressar.

São pequenos passos, claro, assim como o progresso da República. No mundo inteiro, todos estão gradualmente tentando seguir em frente.

As ruas ainda estão molhadas de uma chuva leve que caiu de tarde, e o ar está com cheiro seco e frio, a brisa refrescando minhas bochechas. Não me apresso na caminhada até o complexo onde June mora e vou contando meus passos. Meus dedos roçam em uma caixinha guardada em um dos meus bolsos. Não a abro desde que a guardei. Tenho medo.

Chego à entrada do complexo dela e troco um aceno familiar com o segurança. June e eu saímos várias vezes desde que cheguei. Botamos as conversas em dia em jantares tranquilos em cantos de restaurantes e enquanto bebíamos na penumbra da sala dela, os rostos virados para as luzes da cidade. Falei com ela todos os dias. Ela me contou como Anden está obtendo fundos para a reconstrução da República. Eu contei sobre a rapidez com que Éden se adaptou ao estágio e à vida aqui.

Repasso mentalmente tudo o que quero dizer. Pode ser que ela me responda

que estou apressando demais as coisas. O pensamento gera um arrepio de incerteza em mim enquanto sigo pelo elevador até o andar dela. June é uma pessoa prática, afinal. Quanto tempo tem mesmo que nos reencontramos? Só alguns meses, com um monte de caos no meio.



Chego à porta dela. Lá, aperto a campainha e fico esperando, tentando controlar minha agitação.

Ainda estou em dúvida quando a porta se abre e revela June.

A visão dela interrompe o fluxo de perguntas nervosas que inundam meus pensamentos. O cabelo de June está caindo nos ombros hoje, escuro e ondulado, e ela prendeu um lado com uma fivela floral delicada. Está usando um vestido claro que cintila de leve na luz. Vê-la com traje militar completo sempre é impactante, mas é quando ela está assim, fora de serviço, com a guarda baixa e um sorriso no rosto, os olhos relaxados, que eu quase não consigo aguentar o quanto ela é deslumbrante. June está tão linda nesse momento que apenas a observo sem acreditar.

Ela ri de mim, dá um passo na minha direção e me beija.

— Boa noite — diz, erguendo uma sobrancelha. — É muito bom te ver também.

Ela desconfia de alguma coisa? Sorrio para ela, tentando ser casual, e ofereço o braço.

— Só para você saber — digo enquanto seguimos pelo corredor —, eu não fiquei totalmente embasbacado com o quanto você está linda. Isso seria idiotice.

— Certo. — Ela inclina a cabeça para mim. — Então por que você estava com aquela cara de perdido?

— Tinha uma aranha no seu cabelo.

Ela ri de novo, e percebo que nunca vou me cansar desse som.

— Obrigada por não me contar — diz ela.

Deixamos o complexo batendo papo, e saímos para a noite fresca e úmida. Eu a levo em volta das poças na calçada e vejo a luz dançar no cabelo dela. Nossas conversas são mais fáceis agora, e, de alguma forma, parece que voltamos no tempo para quando nos conhecemos.

— Você disse que descobriu um café novo que abriu perto da estação? —

pergunta ela com curiosidade enquanto a guio pela rua. — Como é que eu nunca ouvi falar do lugar?

Abro um sorrisinho.

— Éden que me contou. Acho que abriram as portas hoje e ainda não fizeram propaganda. Ele disse que parece perfeito para uma noite tranquila.

June franze a testa e se concentra mais em entender.

— Eu normalmente sei sobre tudo que abre por aqui. A licença tem que passar por uma verificação rigorosa, e se conseguiram aprovação, eu teria ouvido falar e mandado alguém inspecionar.

Dou um suspiro para ela e uma risada. Guardar segredo de June continua tão difícil quanto sempre foi.

— Confia em mim — digo, antes que ela se questione mais.

A estação de trem para onde a levo é a mesma em que a vi passar vários meses antes, pela primeira vez em dez anos. Fico quieto no caminho para o local. Está sereno agora, a área recém-pavimentada vazia, considerando que não tem mais trens saindo de lá hoje. Áreas de grama decoram os portões em volta da estação. A região é pouco iluminada, só alguns postes de luz na noite.

A lembrança daquele encontro se repete na minha mente. Éden caminhando ao meu lado depois da primeira entrevista para o estágio, animado e me contando o que queria fazer pela República, minhas mãos nos bolsos, um sorriso no rosto enquanto o escuto. A visão de June andando na minha direção do lado oposto dessa calçada. O jeito como parei quando ela passou por mim, como tudo nela, os olhos, o caminhar, a sensação dela lá, me pegaram como um anzol. Penso em como corri até ela, nos apresentamos depois de tanto tempo afastados.

Oi, meu nome é Daniel.

Oi, meu nome é June.

Agora, estou levando-a de volta. Olho para ela enquanto caminhamos, um caroço se formando na minha garganta. June também está pensando naquele momento? Ela está quieta e seus olhos parecem distantes.

Éden deve estar em posição, pronto para fazer a parte dele na minha surpresa. Olho para o peitoril do segundo andar da estação. Ele deve estar lá em cima. Meu coração dispara de expectativa.

É agora ou nunca.

De repente, quando estamos passando, luzinhas se acendem em fios sobre nossas cabeças. São milhares penduradas em arcos pelas árvores e postes, guiando nosso caminho.

June olha com surpresa. Um ofego baixo lhe escapa.

Aperto a mão dela e a puxo adiante. Enquanto caminhamos, mais luzes se acendem para guiar nosso caminho, uma após a outra, o brilho dourado e cintilante refletido na calçada molhada até parecer que estamos andando numa terra de fadas.

June me olha, as luzes cintilando nos olhos dela. Um sorriso curioso e intrigado surgiu em seu rosto.

— Isso é coisa sua? — pergunta, indicando as luzes, impressionada.

Eu sorrio e me inclino para perto dela.

— Só vem comigo — sussurro.

As luzes continuam a se acender para nós, uma fileira atrás da outra, nos guiando na direção do fim da calçada, onde há um pequeno parque cercado de árvores no canto. Quando chegamos lá, sinto um tremor no corpo de June. Seus passos hesitam por um momento.

O caminho levando até o espaço quadrado está todo iluminado por velas. Milhares de luzinhas brilham nas árvores acima. Esferas delicadas de vidro foram penduradas nos galhos, preenchidas por buquês intrincados de flores secas, e cestos de rosas cobrem a grama ao nosso redor em um padrão deslumbrante, o aroma adoçando o ar.

Guio-a para o centro do espaço e a viro para mim, meus olhos se encontrando com os dela. Uma brisa fraca sussurra pelas folhas. Estou tremendo agora também, sem saber se vou conseguir fazer isso.

— Cada lembrança que tenho de você, guardo em um lugar especial no meu coração — digo. — Este lugar é o de uma das minhas favoritas. Você também se lembra, né? Onde nos vimos de novo, pela primeira vez em uma década?

June está com os olhos arregalados agora, cheios de amor, medo e expectativa.

— Claro — sussurra ela.

Olho para baixo por um momento, acanhado demais para sustentar o olhar entre nós. Meu sorriso eleva um canto da minha boca.

— Eu pensei naquele encontro todos os dias nos últimos meses. Que neste

mundo enorme, de alguma forma, eu tenha acabado voltando pra esta cidade, pra este lugar e, de alguma forma, depois de tudo, o mundo ainda escolheu nos botar de volta na vida um do outro.

Olho para ela de novo, antes de prosseguir:

— A República é um lugar que abriga algumas das nossas piores lembranças, suas e minhas. Você passou por tanta coisa, e eu também. Nós passamos por tudo isso juntos e, de alguma maneira, conseguimos escapar do pior para estarmos aqui de novo, ao lado um do outro.

Ela sorri para mim. Há um brilho de lágrimas nos olhos dela agora, e neles há um milhão de estrelas.

— Foi por isso que a gente veio aqui? — murmura ela.

Eu me aproximo dela e olho para nossas mãos entrelaçadas.

— June — sussurro com voz rouca —, eu estou apaixonado por você. Sempre fui apaixonado por você, desde que nos conhecemos. Não tem nada que me pareça mais certo do que estar ao seu lado. E percebi que não conseguiria ter esse sentimento se ficasse na Antártida. Por isso, voltei pra procurar você.

Ela se inclina na minha direção e observa meu olhar.

— Obrigada por voltar — sussurra ela.

Eu olho de relance para as luzes cintilantes acima.

— Eu queria te trazer aqui porque acho que este lugar guarda minha lembrança favorita de nós dois. Do fato de ainda estarmos aqui. — Enfio a mão no bolso e tiro uma caixa pequena e polida. Passei tanto tempo me preparando para esse momento, repensando cada segundo... mas agora só posso seguir em frente. — Eu... queria te trazer aqui porque gostaria de ficar aqui, do seu lado, aconteça o que acontecer. Achei que este lugar poderia ser um bom começo para o próximo capítulo das nossas vidas. — Eu hesito, tímido agora. — Isso se você quiser ficar aqui comigo.

As mãos dela tremem nas minhas quando me ajoelho na frente dela e abro a caixa e mostro um anel.

É um aro simples de prata cravejado de brilhos pequenos e regularmente espaçados de diamantes, elaborado com um padrão retorcido intrincado que lembra o dos anéis de clipe de papel que trocamos anos antes. Trabalhei nisso com um artesão anos atrás, e guardei comigo na esperança de um dia poder dar de presente. É como dez anos perdidos desejando serem compensados com uma

vida juntos.

— Muito tempo atrás, eu te dei um anel que carregava meu coração — digo. — Mas ele representa um passado. Quero te dar uma coisa que é futuro. Possibilidade.

June me olha com expressão cheia de esperança e medo.

— E que futuro é esse? — pergunta ela.

Eu reúno toda a minha coragem.

E faço a pergunta na qual estou pensando há tanto tempo, à qual minha vida está me levando desde o momento em que a conheci, quando ainda éramos jovens demais, sem saber o que aconteceria no dia seguinte, agarrados um no outro em desespero, nos encontrando juntos. A pergunta que me trouxe de volta a ela aqui, o coração exposto, vulnerável, assustado e cheio de esperanças.

— Quer se casar comigo?

E, por um instante, acho que estou sonhando. Que vou acordar e tudo vai desaparecer. Ou talvez a gente não tenha sido feito para ficar juntos; ela vai dar meia-volta, ou vai balançar a cabeça, e esse futuro especificamente nunca vai acontecer.

Mas as lágrimas de June finalmente escorrem pelo rosto, e o sorriso dela é a luz mais forte que já vi, e logo ela está passando os braços pelo meu pescoço, chorando e rindo e tremendo, e fico tão tomado de alegria que por um momento só consigo abraçá-la de volta. Pego o novo anel e coloco no dedo dela, onde antes ela usava um aro de clipes de papel que representava nossa história.

Um passado. Um futuro. Uma coisa que pode ser nossa.

Percebo que também estou chorando, porque a peça final do meu coração se encaixou no lugar certo.

A resposta de June sobe no ar e ecoa pela paisagem, uma dentre milhões de coisas acontecendo em cada uma das nossas vidas, os pequenos passos que você dá que são imperceptíveis para todas as outras pessoas do mundo. Passos que, ainda assim, são os que mais importam.

Sim.

Sempre.

Pra sempre.

AGRADECIMENTOS

A ideia de *Rebel — Nunca subestime o rebelde* surgiu quando eu estava escrevendo *Champion*, mas veio fragmentada: uma sociedade gamificada, realidade aumentada e dois irmãos se curando depois de uma guerra. Tive que escrever uma duologia totalmente independente (*Warcross*) antes de entender o que queria para essa história final na linha do tempo da série Legend, e por um tempo achei que não conseguiria. Durante todos esses anos, fiquei voltando à ideia por causa dos leitores que queriam saber o que aconteceu depois do fim da trilogia original. Portanto, antes de mais nada, obrigada por serem um público maravilhoso. Vocês sempre me inspiram.

Agradeço a Jen Besser, que tem sido minha editora, defensora e amiga desde o começo. Não sou capaz de expressar como sou feliz por ter podido trabalhar nos quatro livros da série Legend com você. Você é uma em um milhão.

A toda a equipe da Macmillan Children's, que recebeu a mim e às minhas histórias de braços abertos, de forma tão calorosa e entusiasmada. É uma honra incrível trabalhar com vocês.

Kristin, não sei onde eu estaria sem você. Você é a melhor agente que uma escritora poderia desejar, e fico empolgada com todas as histórias em que vamos continuar trabalhando juntas.

Legend não teria conseguido ficar de pé sem o apoio de tantos bibliotecários de escola e professores. Sou eternamente grata a todos, por levarem meus livros para suas salas de aula e bibliotecas. Ouvir histórias suas a respeito de alunos lendo a série é uma honra. Obrigada.

Aos meus amigos maravilhosos, por me oferecerem apoio enquanto eu resolvia este livro. Tahereh, Leigh, Amie, Dianne, Sabaa e Renée: tenho tanta sorte de ter vocês na minha vida.

Finalmente, a Primo, meu eterno confidente e melhor amigo. Te amo sempre.

Título original
REBEL
A Legend Novel

Copyright © 2019 *by* Xiwei Lu

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra
pode ser reproduzida no todo ou em parte sob qualquer forma.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
VANESSA RAPOSO

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
CECÍLIA CAVALCANTI

Edição digital: novembro, 2019.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L96r
Lu, Marie
Rebel [recurso eletrônico] : nunca subestime o rebelde / Marie Lu ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2019.
recurso digital

Tradução de: Rebel
ISBN 978-85-7980-472-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil americana. 3. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

19-59709

CDD: 808.899283
CDU: 82-93(73)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

MARIE LU é autora bestseller #1 do *New York Times* das séries Legend, Jovens de Elite e Warcross. É formada pela University of Southern California e logo começou a trabalhar na indústria de videogames na parte da arte. Agora, é escritora em tempo integral e quando não está trabalhando ela lê, desenha, joga games e fica presa no trânsito. Ela mora em Los Angeles com seu marido autor/ilustrador e seu filho.

Siga Marie Lu no Instagram:
@marieluthewriter

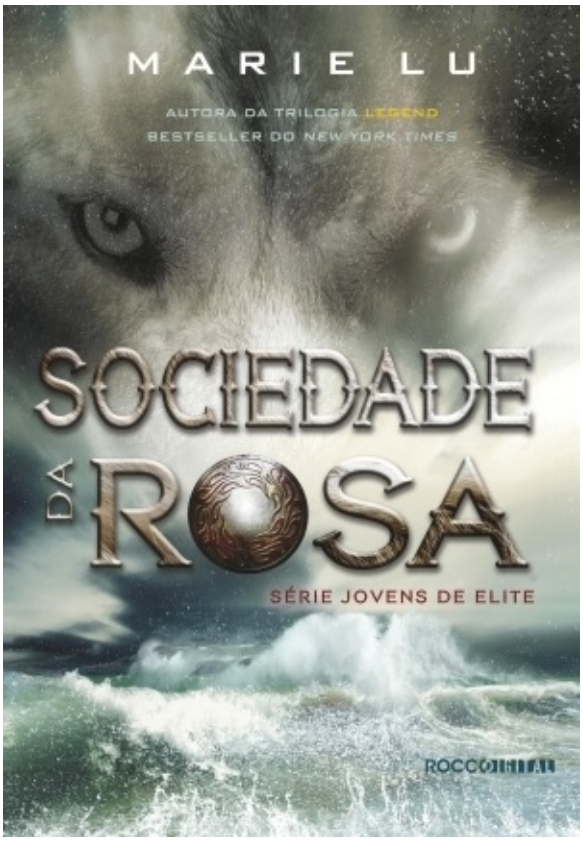
SÉRIE LEGEND

LEGEND

PRODIGY

CHAMPION

REBEL


MARIE LU
AUTORA DA TRILOGIA LEGEND
BESTSELLER DO NEW YORK TIMES
SOCIEDADE DA ROSA
SÉRIE JOVENS DE ELITE
ROCCO

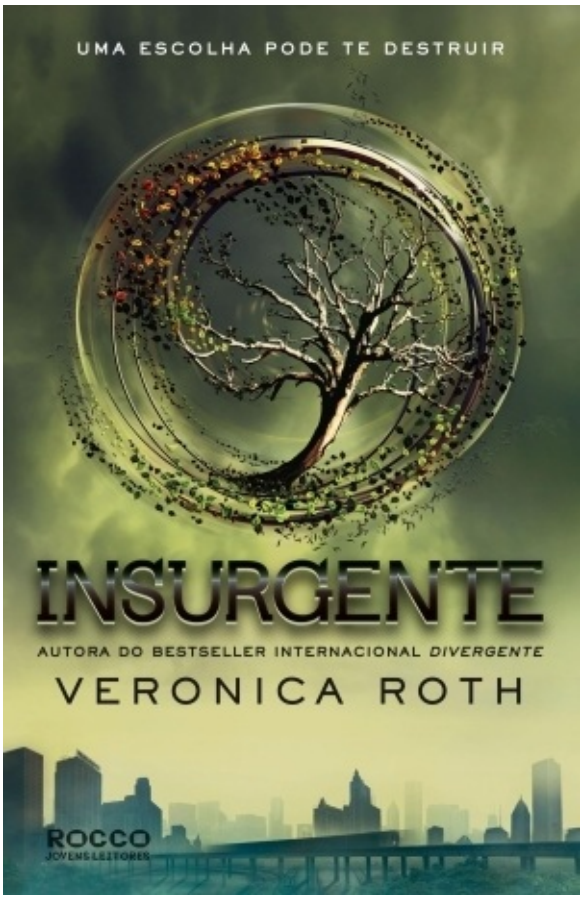
Sociedade da Rosa

Lu, Marie
9788579803093
336 páginas

Compre agora e leia

O medo motiva, mais do que o amor, a ambição ou a alegria.O coração de Adelina Amouteru foi despedaçado por familiares e antigos aliados, levando-a ao caminho amargo e sem volta da vingança. Após fugir de Kenettra com sua irmã em busca de outros malfettos - sobreviventes da febre do sangue que possuem dons fantásticos -, a Loba Branca agora pretende formar seu próprio exército de Jovens de Elite para atacar a Inquisição do Eixo, uma sociedade a serviço do rei cujo único objetivo é destruir pessoas como Adelina.A luta contra os responsáveis pela morte de seu grande amor pode parecer nobre, mas Adelina não é uma heroína. Seus poderes são alimentados por ódio e medo; suas escolhas, pontuadas por frieza e corrupção. Ao se ver perseguida por Teren Santoro, o líder da Inquisição, Adelina sente que não pode confiar nos novos aliados, nem nos velhos amigos da Sociedade dos Punhais. Poder e vingança se confundem em seus objetivos, obrigando-a a confrontar o lado mais sombrio de sua energia.Adelina se agarra ao que existe de bom dentro de si, mas uma oferta tentadora vai testar a verdadeira natureza de seus poderes e de sua personalidade. É possível ser benevolente quando sua própria existência depende da escuridão? Não preciso de nada, exceto a submissão que vem do medo. Não sei por que levei tanto tempo para aprender isso.

Compre agora e leia


UMA ESCOLHA PODE TE DESTRUIR
INSURGENTE
AUTORA DO BESTSELLER INTERNACIONAL DIVERGENTE
VERONICA ROTH
ROCCO
JOVENS LEITORES

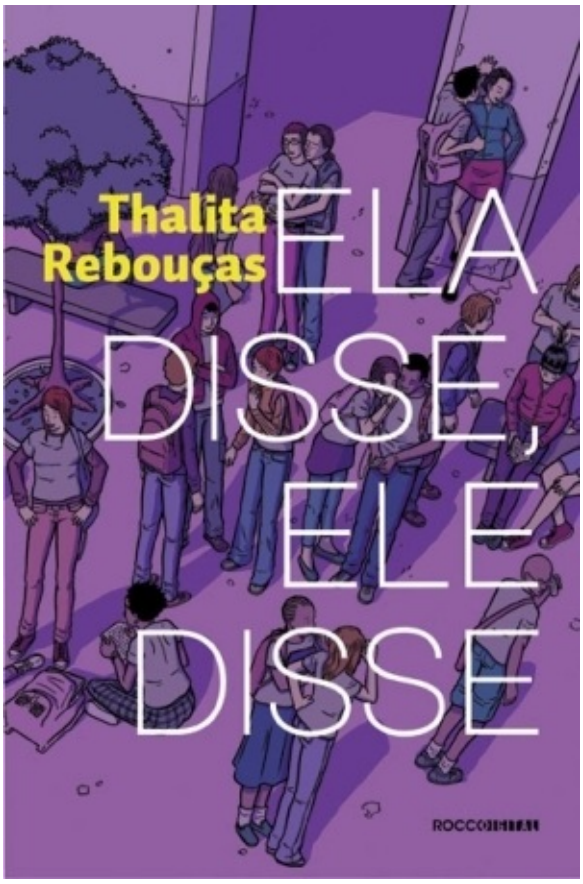
Insurgente

Roth, Veronica
9788581222233
512 páginas

Compre agora e leia

Uma escolha pode te destruirUma escolha pode te transformar - ou destruir. Mas toda escolha carrega consequências, e, enquanto uma sensação de inquietação assola as facções ao seu redor, Tris Prior precisa persistir em sua tentativa de salvar as pessoas que ama - e a si mesma - ao lidar com questões relacionadas à mágoa e ao perdão, à identidade e à lealdade, à política e ao amor.O fim da iniciação de Tris deveria ter sido marcado por celebração e vitória com sua nova facção; no entanto, o dia resultou em horrores inimagináveis. Agora, à medida que o conflito entre as facções e suas ideologias cresce, a guerra se aproxima. E, em tempos de guerra, partidos precisam ser tomados, segredos vão emergir e as escolhas se tornarão ainda mais irrevogáveis - e poderosas. Modificada por suas próprias decisões, mas também por uma devastadora sensação de mágoa e de culpa, descobertas radicais e relacionamentos em transformação, Tris precisa aceitar por completo a sua Divergência, mesmo que não saiba exatamente o que pode perder ao fazer isso.O aguardado segundo volume da série distópica Divergente, de Veronica Roth, apresenta mais uma inebriante e emocionante história, repleta de reviravoltas, corações partidos, romance e poderosas revelações sobre a natureza humana.Insurgente foi adaptado para cinema em 2015, estrelando Shailene Woodley, Theo James e Ansel Elgort.

Compre agora e leia


Thalita Rebouças
ELA DISSE, ELE DISSE

Ela disse, Ele disse

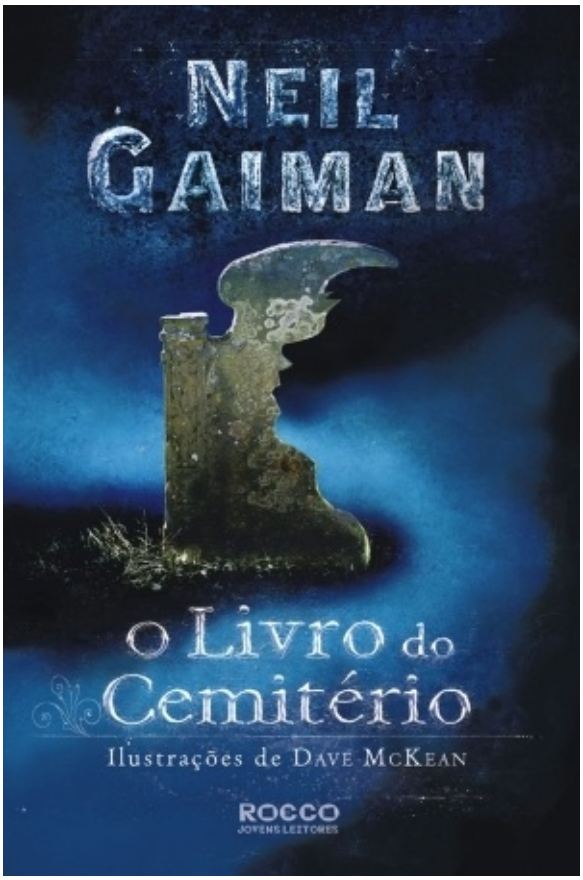
Rebouças, Thalita
9788564126695
192 páginas

Compre agora e leia

Coleção Rosa-Choque. Diversão e confusões no cotidiano das meninas.Primeiro dia numa escola nova é sempre complicado: a gente se sente um peixe fora d'água. Enquanto todos os outros alunos são (ou ao menos parecem ser) melhores amigos de infância, os novatos ficam pelos cantos, sem jeito, pensando em qual seria a melhor tática de aproximação.Alternando as vozes de Rosa e Leo, ambos adolescentes de 14 anos novos no mesmo colégio, Ela disse, ele disse é um divertido romance que mostra como meninos e meninas podem sentir as mesmas coisas, mas pensar e agir de modo muito diferente.Mas apesar de todas as diferenças, os olhares desses dois filhos únicos de pais separados insistem em se cruzar desde o primeiro dia de aula na escola Dinâmica. Ele foi logo puxando conversa com ela, deslocada no canto da sala. "Ai, que fofo"!, pensa Rosa, já certa de que Leo, além de muito educado, estava superinteressado nela; mas tão rápido e descolado quanto demonstra ser para se aproximar, não pensa duas vezes antes de dar as costas à garota e se juntar à ala masculina da turma para integrar o time de futebol na hora do recreio. "Garotos... humpf"!.Para Leo, no entanto, tudo é muito simples: "Tinha uma carteira vazia perto da janela e fui direto para lá. Para evitar ficar calado e com cara de desentrosado, puxei logo papo com uma menina que parecia estar sozinha". E quanto ao convite para o futebol, bem, existe outra resposta possível para um

garoto neste caso a não ser um objetivo e certeiro "Tô dentro"? "No vestiário, depois da pelada, eu já me sentia parte do grupo", revela.Abordando temas como amizade, bullying, respeito às regras e a relação entre pais e filhos, a narrativa se desenrola revelando, com ritmo e bom humor, os sonhos e angústias de meninos e meninas diante de cada situação, com direito a passagens hilárias causadas pela difícil comunicação entre os sexos.

Compre agora e leia


NEIL
GAIMAN
O Livro do
Cemitério
Ilustrações de DAVE MCKEAN
ROCCO
JOVENS LEITORES

O livro do cemitério

Gaiman, Neil
9788579804182
336 páginas

Compre agora e leia

Coleção PhobosGanhador da medalha Newbery (2009), do Prêmio Hugo de Melhor Romance (2009), do Locus Award de Melhor Romance Juvenil (2009) e da Medalha Carnegie (2010).Enquanto seus pais e irmã são impiedosamente assassinados por um misterioso homem chamado Jack, um bebê consegue escapar de seu berço e se aventurar pelo mundo. Uma série de coincidências, aliada a uma grande dose de sorte, salva o pequeno de ter um destino tão trágico quanto o de sua família.Com um começo sombrio e violento, diferente do seu habitual, o escritor inglês provoca arrepios no leitor. A história do bebê sortudo e fujão começa quando ele chega à rua e sobe a colina em direção ao velho cemitério. Ele é perseguido pelo assassino de seus familiares. Já dentro do cemitério o neném conhece os habitantes do local. Fantasmas de outras épocas que vivem em suas covas e mausoléus e que por circunstâncias do destino são forçados a adotar e batizar o bebê, agora chamado de Ninguém Owens, o Nin, para salvá-lo do seu perseguidor.Ninguém passa a viver no cemitério da colina, adotado por um simpático casal de fantasmas e amado pelos outros moradores do lugar. Um misterioso morador, Silas, assume a responsabilidade de ser o guardião do garoto. Único vivo que mora no cemitério, apesar dos seus hábitos nortunos e habilidades fantásticas, ele é o responsável por trazer comida, livros e tudo que o garoto precisa do mundo terreno dito

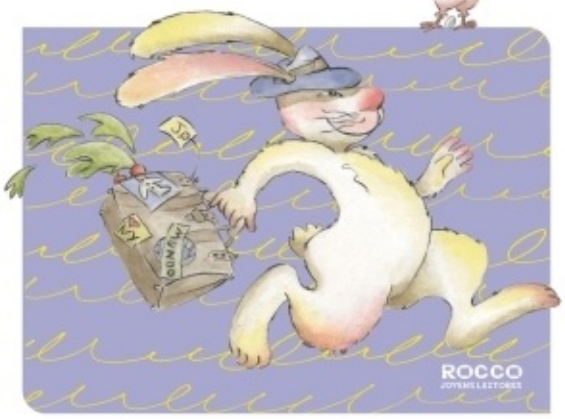
"normal".Com ternura e talento, Gaiman narra as aventuras de Ninguém pelos caminhos do cemitério, desde um pequeno bebê até um jovem adolescente. Mas mesmo depois de todo este tempo a sombra do seu perseguidor ainda paira sobre o jovem. E o destino caminha para um embate final entre os dois, quando Ninguém descobre muito mais do que esperava sobre o mundo e as pessoas.

Compre agora e leia

clarice lispector

o mistério do coelho pensante

e outros contos



ROCCO
JOVENS LEITORES

O mistério do coelho pensante e outros contos

Lispector, Clarice
9788581226071
80 páginas

Compre agora e leia

O que têm em comum um coelho, uma galinha, um cachorro e dois peixinhos vermelhos? Protagonistas dos livros infantis de Clarice Lispector, o coelho Joãozinho, a galinha Laura, o cão Ulisses e os "vermelhinhos", como eram conhecidos os peixes, estão agora reunidos no lançamento O mistério do coelho pensante e outros contos, que traz as quatro histórias escritas por Clarice especialmente para as crianças num único volume, delicadamente ilustrado pela artista plástica Flor Opazo.Reconhecida pela crítica literária brasileira e estrangeira como uma das maiores escritoras do século XX, Clarice Lispector deixou também um importante legado para a literatura infantil com a publicação de A mulher que matou os peixes, A vida íntima de Laura, O mistério do coelho pensante e Quase de verdade, histórias que seguem encantando gerações décadas após a sua publicação.Narradas em tom coloquial e muito próximo do cotidiano infantil, as histórias de Clarice Lispector revelam uma autora que, além de conhecer muito de perto o imaginário dos pequenos, é alguém que sabe conversar com crianças com extrema sensibilidade e perspicácia, tratando os sentimentos com delicadeza e falando direto ao coração.

Compre agora e leia